

“UM ÉPICO URBANO”
– JOYCE CAROL OATES

COMPANHIA DAS LETRAS

ZADIE SMITH

NW

Tradução

Sara Grünhagen



Para Kellas

Nos tempos de Eva e Adão,
quem era, de fato, o patrão?
John Ball

VISITAÇÃO

1.

O sol gordo demora-se nas torres de celular. Tinta antiescalada revela-se sulfurosa em portões de escola e postes de luz. Em Willesden as pessoas andam descalças, as ruas tornam-se europeias, há uma mania de comer fora. Ela mantém-se na sombra. Ruiva. No rádio: eu sou a única autora do dicionário que me define. Uma boa frase — escreva-a no verso de uma revista. Numa rede, no jardim de um apartamento-porão. Cercado, por todos os lados.

Quatro jardins adiante, no conjunto habitacional, uma garota triste no terceiro andar grita para ninguém em bom inglês. Sacada de Julieta, projetando-se por milhas. Não é bem assim. Não, não é bem assim. Nem comece. Cigarro na mão. Corpulenta, vermelho-lagosta.

Eu sou a única

Eu sou a única autora

Lápis não deixa marca em folha de revista. Ela leu em algum lugar que papel brilhante dá câncer. Todo mundo sabe que não deveria estar tão quente. Flor murcha e maçãzinhas amargas. Pássaros cantando as melodias erradas nas árvores erradas cedo demais no ano. Nem comece com essa porra! Olhe: a pança queimada da garota descansa na grade. Eis o que Michel gosta de dizer: nem todo mundo pode ser convidado para a festa. Não neste século. Opinião cruel — ela não compartilha dela. Nem tudo no

casamento é compartilhado. Sol amarelo alto no céu. Cruz azul numa haste branca, clara, definitiva. O que fazer? Michel está no trabalho. Ele ainda está no trabalho.

Eu sou a

a única

Cinza cai no jardim abaixo, depois vem a bituca, depois o maço. Mais alto que os pássaros e os trens e o trânsito. Único sinal de sanidade: um minúsculo dispositivo enfiado no ouvido dela. Eu disse pra ele parar de tomar liberdades. Cadê o meu cheque? E ela fica me enchendo o saco com besteira. Maldita liberdade.

Eu sou a única. A única. A única

Ela abre a mão, deixa o lápis rolar. Toma a sua liberdade. Nada mais pra escutar além dessa maldita garota. Pelo menos de olhos fechados há outra coisa pra ver. Manchas pretas viscosas. Percevejos aquáticos se lançando, ziguezagueando. Zigue. Zague. Rio vermelho? Lago de lava no inferno? As pontas da rede. Os papéis tombam no chão. Eventos mundiais e propriedade e filme e música caem na grama. E também esporte e as breves descrições dos mortos.

2.

Campainha! Ela vai descalça pela grama aos tropeções, aconchegada pelo sol, sonolenta. A porta dos fundos dá para uma cozinha pequena, brilhantemente azulejada segundo o gosto de um antigo inquilino. A campainha não está sendo tocada. Está sendo esmagada.

No vidro texturizado, um corpo, embaçado. Junção errada de pixels pra ser Michel. Entre seu corpo e a porta, o assoalho do hall de entrada, dourado pelo sol refletido. Este hall só pode levar a coisas boas. E, no entanto, uma mulher está gritando POR FAVOR e chorando. Uma mulher esmurra a porta da frente. Puxando a trava pro lado, ela descobre que ela para na metade, a corrente puxa com força, e uma mão pequena entra voando pela brecha.

— POR FAVOR — ah meu Deus me ajude —, por favor, minha senhora, eu moro aqui — eu moro logo ali, por favor, meu Deus — confere, por favor…

Unhas sujas. Estendendo uma conta de gás? De telefone? Empurrada pela abertura, depois da corrente, tão perto que ela precisa dar um passo para trás para focar no que está sendo mostrado. *Ridley Avenue, número trinta e sete* — uma rua na esquina com a sua. Isso é tudo o que ela lê. Ela tem uma rápida visão de como seria se Michel estivesse aqui, examinando a janela

de plástico do envelope, conferindo as credenciais. Michel está no trabalho. Ela solta a corrente.

Os joelhos da estranha cedem, ela cai para a frente, tombando. Garota ou mulher? Elas têm a mesma idade, trinta anos, trinta e poucos anos, por aí. Lágrimas fazem estremecer o pequeno corpo da estranha. Ela agarra suas roupas e geme. Mulher implorando testemunhas ao público. Mulher numa zona de guerra parada em meio aos escombros de sua casa.

— Você está machucada?

Ela está com as mãos no cabelo. Sua cabeça choca-se com o batente da porta.

— Não, eu não, minha mãe — eu preciso de ajuda. Já bati em todas as malditas portas — por favor. Shar — meu nome é Shar. Sou daqui. Moro aqui. Confere!

— Entre. Por favor. Sou Leah.

Leah é tão fiel no seu compromisso com estes cinco quilômetros quadrados da cidade quanto outras pessoas são com suas famílias ou seus países. Ela sabe como as pessoas falam por aqui, aquele *maldito*, aqui, é só um compasso numa frase. Ela harmoniza seu rosto de modo a expressar compaixão. Shar fecha os olhos, assente. Ela faz movimentos rápidos com a boca, inaudíveis, falando consigo mesma. Para Leah ela diz

— Você é tão boa.

O diafragma de Shar sobe e desce, mais devagar agora. As lágrimas de estremecer desaceleram.

— Obrigada, viu? Você é tão boa.

As pequenas mãos de Shar agarram as mãos que a apoiam. Shar é minúscula. Sua pele é seca e fina como papel, com manchas de psoríase na testa e no queixo. O rosto é familiar. Leah já viu esse rosto muitas vezes nestas ruas. Uma peculiaridade das regiões de Londres: rostos sem nomes. Os olhos são memoráveis, o branco ao redor do castanho-escuro é bem visível, acima e abaixo. Um ar de

avidez, de consumir o que ela vê. Cílios longos. Bebês são assim. Leah sorri. O sorriso oferecido em troca é vazio, sem reconhecimento. Docemente torto. Leah é apenas a boa estranha que abriu a porta e não a fechou. Shar repete: você é tão boa, você é tão boa — até que o fio de prazer que atravessa aquela frase (é claro que há um pequeno prazer para Leah) se rompe. Leah balança a cabeça. Não, não, não, não.

Leah conduz Shar até a cozinha. Mãos grandes nos ombros estreitos da garota. Ela observa o traseiro de Shar empinar e encostar na calça de moletom de cintura baixa, a entradinha com penugem nas costas, bem marcada, suada com o calor. A minúscula cintura abrindo-se em curvas. Leah não tem bunda, é desengonçada feito um garoto. Talvez Shar precise de dinheiro. Suas roupas não estão limpas. Há um rasgo grande no feio tecido atrás do joelho direito. Calcanhares sujos erguem-se em chinelos se desintegrando. Ela fede.

— Ataque cardíaco! Perguntei pra eles ela tá morrendo? Ela tá morrendo? Ela tá morrendo? Ela entrou na ambulância — ninguém me respondeu nada é claro! Tenho três filhos sozinho em casa né — eu preciso ir pro hospital — por que eles ficam falando de carro? Num tenho carro! Eu disse *me ajudem* — ninguém mexeu um maldito dedo pra me ajudar.

Leah pega Shar pela cintura, faz com que ela se sente numa cadeira da mesa da cozinha e lhe estende um rolo de papel-toalha. Ela coloca as mãos nos ombros de Shar mais uma vez. A testa delas está a centímetros de distância.

— Entendo, está tudo bem. Qual hospital?

— Tipo… não escrevi o nome… Em Middlesex ou — Mas é longe. Não sei bem qual é.

Leah aperta as mãos de Shar.

— Olha, eu não dirijo, mas…

Confere seu relógio. Dez pras cinco.

— Se você esperar, talvez vinte minutos? Se eu ligar pra ele agora, ele pode — ou talvez um táxi…

Shar puxa as mãos das mãos de Leah. Pressiona o nó dos dedos contra os olhos, soltando todo o ar dos pulmões: o pânico acabou.

— Preciso estar lá… sem números — nada — sem dinheiro…

Shar arranca com os dentes um pedaço de pele do polegar direito. Uma gota de sangue surge e se contém. Leah pega Shar pela cintura novamente. Tira os dedos dela da boca.

— Talvez *o* Middlesex? Nome do hospital, não do lugar. Lá pros lados de Acton, não?

A garota tem uma expressão sonhadora, lenta. Lesada, diriam os irlandeses. É possível que ela seja lesada.

— É… talvez… sim, não, sim é isso. O Middlesex. É isso.

Leah endireita-se, pega um telefone do bolso traseiro e disca.

— PASSO AQUI AMANHÃ.

Leah assente e Shar continua, sem fazer concessões por causa da ligação.

— TE PAGO DE VOLTA. RECEBO MEU CHEQUE AMANHÃ, TÁ?

Leah mantém o telefone no ouvido, sorri e assente, passa seu endereço. Ela faz uma xícara de chá com as mãos. Mas Shar está olhando para a flor de maçã. Ela seca as lágrimas do rosto com o tecido da camiseta imunda. Seu umbigo é um nó firme nivelado com a barriga, um botão costurado num divã. Leah fala seu próprio número de telefone.

— Feito.

Ela se vira para o aparador, pega a chaleira com a mão livre, dando uma balançadinha porque esperava que estivesse vazia. Um pouco de água espirra. Recoloca a chaleira no suporte e fica onde está, de costas para a hóspede. Não há um lugar natural para sentar ou ficar de pé. Na frente dela, no longo parapeito que se estende pela cozinha, algumas das coisas de sua vida — fotos, bugigangas, um pouco das cinzas do pai, vasos, plantas, ervas. No

reflexo da janela Shar está puxando os pequenos pés para o assento da cadeira, segurando os tornozelos. A emergência era menos embaraçosa, mais natural que isso. Este não é o país para se fazer chá a uma estranha. Elas trocam um sorriso no vidro. Há simpatia. Não há nada a dizer.

— Vou pegar xícaras.

Leah está nomeando todas as suas ações. Ela abre o armário. Ele está cheio de xícaras; xícaras sobre xícaras sobre xícaras.

— Bom lugar.

Leah vira-se rápido demais, faz movimentos irrelevantes com as mãos.

— Não é nosso — nós alugamos — o nosso é só isso — há dois apartamentos em cima. Jardim compartilhado. É um conjunto habitacional, então…

Leah serve o chá enquanto Shar olha em volta. O lábio inferior estendido, a cabeça assentindo suavemente. Apreciativa, como um corretor de imóveis. Agora ela vai até Leah. O que há para ver? Camiseta de flanela xadrez amassada, shorts jeans esfarrapados, pernas sardentas, pés descalços — uma pessoa ridícula, talvez, uma preguiçosa, uma mulher de lazer. Leah cruza os braços sobre a barriga.

— Bom pra um conjunto. Muitos quartos e tal?

O lábio permanece inclinado. Ele interfere um pouco na fala dela. Há algo errado com o rosto de Shar, Leah percebe, e fica com vergonha de ter percebido, e desvia o olhar.

— Dois. O segundo é um quartinho pequeno. Nós meio que o usamos como…

Enquanto isso Shar investiga algo completamente diferente; ela é mais lenta que Leah, mas ela está ali agora, elas estão no mesmo lugar. Shar aponta o dedo pra cara de Leah.

— Espera — você foi pra *Brayton*?

Ela balança-se na cadeira. Eufórica. Mas não pode ser.

— Juro que enquanto você tava no telefone eu tava pensando: eu te conheço. Você foi pra Brayton!

Leah apoia o traseiro no balcão e fala suas datas. Shar fica impaciente com a cronologia. Ela quer saber se Leah lembra quando o setor de ciências inundou, a vez em que colocaram a cabeça de Jake Fowler num torno. Em relação a essas coordenadas, como pousos na lua e a morte de presidentes, elas situam suas próprias épocas.

— Dois anos antes de você, né. Qual é o seu nome mesmo?

Leah luta com a tampa emperrada de uma lata de biscoito.

— Leah. Hanwell.

— Leah. Você foi pra Brayton. Ainda tem contato com alguém?

Leah lista nomes, com biografias superficiais. Shar toca um ritmo com os dedos no tampo da mesa.

— Você está casada faz tempo?

— Tempo demais.

— Quer que eu ligue pra alguém? Seu marido?

— Não… não… ele tá por aí. Não vejo ele faz dois anos. Grosso. Violento. Tinha uns conflitos. Um monte de problemas, na cabeça e tal. Quebrou meu braço, quebrou minha clavícula, quebrou meu joelho, quebrou minha maldita cara. Pra falar a verdade…

O que vem depois é dito meio de lado, com uma risadinha soluçante, e é incompreensível.

— Costumava me estuprar e tal… uma loucura. Ah bem.

Shar desliza para fora da cadeira e vai na direção da porta dos fundos. Olha para o jardim, o gramado amarelo e seco.

— Sinto muito mesmo.

— Não é culpa sua! É assim e pronto.

O sentimento de se sentir ridícula. Leah põe as mãos nos bolsos. A chaleira estala.

— Sinceramente, Layer, seria mentira dizer que tem sido fácil. Tem sido *difícil*. Mas. Escapei, sabe? Estou viva. Três filhos! O mais

novo tem sete. Então, trouxe algo de bom, entende?

Leah assente para a chaleira.

— Tem filhos?

— Não. Uma cachorra, Olive. Agora ela está na casa da minha amiga Nat. Natalie Blake? Na verdade na escola ela era Keisha. Natalie De Angelis agora. Do meu ano. Costumava ter um grande afro fofo como —

Leah faz um cogumelo atômico com as mãos atrás da cabeça. Shar franze o cenho.

— É. Cheia de si. Branca por dentro. Se achava o máximo.

Um olhar de evidente desprezo atravessa o rosto de Shar. Leah se deixa levar.

— Ela tem filhos. Mora logo ali, na parte chique, no parque. É advogada agora. De tribunal. Que diferença faz? Talvez nenhuma. Eles têm dois filhos. As crianças adoram Olive, a cachorra se chama Olive.

Ela está apenas soltando frases, uma depois da outra, elas não param.

— Estou grávida, na verdade.

Shar se encosta no vidro da porta. Fecha um olho, focando a barriga de Leah.

— Ah é recente. Muito. Na verdade descobri hoje de manhã.

Na verdade na verdade na verdade. Shar lida com a revelação numa boa.

— Menino?

— Não, quero dizer — ainda não está tão avançada.

Leah cora, sem haver tido a intenção de falar dessa coisa delicada e inacabada.

— Seu homem sabe?

— Fiz o teste esta manhã. Daí você veio.

— Reze pra que seja menina. Meninos são um inferno.

Shar olha de um jeito sombrio. Dá um sorriso diabólico. A gengiva em volta de cada dente é preta. Ela vai de novo até Leah e coloca a mão espalmada na barriga dela.

— Deixa eu sentir. Posso dizer coisas. Não importa se é cedo. Vem cá. Não vou te machucar. É tipo um dom. Minha mãe era igualzinha. Vem cá.

Ela se aproxima mais e puxa Leah. Leah deixa. Shar coloca as mãos de volta onde estavam.

— Vai ser menina, certeza. Escorpião também, uma verdadeira encrenca. Uma corredora.

Leah ri. Ela sente um calor subindo entre as mãos suadas da garota e sua própria barriga úmida.

— Tipo uma atleta?

— Não… do tipo que corre pra fugir. Você vai precisar ficar de olho nela, o tempo todo.

As mãos de Shar caem, seu rosto perde o brilho mais uma vez, entediado. Ela começa a falar de coisas. Todas as coisas são iguais. Leah ou chá ou estupro ou quarto ou ataque cardíaco ou escola ou quem teve um bebê.

— Aquela escola… era um lixo, mas aquelas pessoas que foram pra lá… até que bastante gente se deu bem, né? Como o Calvin — lembra o Calvin?

Leah serve o chá, assentindo energicamente. Ela não se lembra do Calvin.

— Ele tem uma academia na Finchley Road.

Leah gira a colher em seu chá, uma bebida que ela nunca toma, ainda mais nesse clima. Apertou o saquinho forte demais. As folhas escapam pelas bordas e se espalham.

— Não é gerente — é *dono*. Passo por ali às vezes. Nunca achei que o pequeno Calvin ia sair da merda — ele vivia com Jermaine, Louie e Michael. Essa turma era problema… Não vejo mais nenhum deles. Não preciso do drama. Ainda vejo Nathan Bogle. Costumava

ver Tommy e James Haven, mas não vi mais eles ultimamente. Já faz um tempo.

Shar continua falando. A cozinha se inclina e Leah se equilibra colocando a mão no aparador.

— Como, desculpe?

Shar franze a testa, ela fala em volta do cigarro aceso na boca.

— Eu disse: posso tomar este chá?

Juntas elas parecem duas velhas amigas numa noite de inverno, segurando suas canecas com as duas mãos. A porta está aberta, todas as janelas estão abertas. O ar está parado. Leah pega sua camiseta com a mão e a desgruda da pele. Uma passagem se forma, o ar atravessa. O suor acumulado embaixo de cada seio deixa seu rastro vergonhoso no algodão.

— Eu conhecia… quero dizer…

Leah insiste nessa falsa hesitação e olha de forma profunda para sua caneca, mas Shar não está interessada, está batendinho no vidro da porta, falando mais alto que ela.

— É, você era diferente na escola, definitivamente. Você está melhor agora, né. Você era só cabelo de fogo e osso. Toda comprida.

Leah ainda é todas essas coisas. A mudança deve estar nas outras pessoas, ou na própria época.

— Mas se deu bem. Por que você não tá no trabalho? O que você faz mesmo?

Shar já está assentindo quando Leah começa a falar.

— Liguei avisando que estava doente. Não estava me sentindo bem. É meio que uma administração geral, basicamente. Por uma boa causa. Distribuímos dinheiro. Da loteria pra instituições de caridade, sem fins lucrativos — pequenas organizações daqui da comunidade que precisam…

Elas não estão escutando a própria conversa. A garota do conjunto continua na sacada, gritando. Shar balança a cabeça e

assobia. Ela dá a Leah um olhar simpático de boa vizinha.

— Vadia gorda e idiota.

Leah traça com o dedo um movimento de cavalo no xadrez partindo da garota. Dois andares acima, uma janela do outro lado.

— Foi ali que eu nasci.

De lá pra cá, uma jornada mais longa do que parece. Por um segundo, esse detalhe local prende a atenção de Shar. Então ela desvia o olhar, deixando cair as cinzas do cigarro no piso da cozinha, embora a porta esteja aberta, e a grama, só a um passo de distância. Ela é lenta, talvez, e possivelmente desastrada; ou é traumatizada, ou distraída.

— Se saiu bem. Fazendo tudo certinho. Provavelmente tem um monte de amigos, sai na sexta, dança, coisa e tal.

— Na verdade não.

Shar solta um pouco de fumaça pela boca e faz uma espécie de som de lamento, assentindo de novo e de novo com a cabeça.

— Uma verdadeira esnobe, esta rua. Você foi a única que me deixou entrar. O resto não ia mijar em você se estivesse pegando fogo.

— Preciso subir ali. Pegar dinheiro pro táxi.

Leah tem dinheiro no bolso. No andar de cima ela entra na primeira porta, a do banheiro, fecha-a, senta no chão e chora. Com o pé estendido derruba o papel higiênico do suporte. Está puxando o rolo pra si quando a campainha toca.

— PORTA! PORTA! ATENDO?

Leah ergue-se, tenta esconder a vermelhidão na minúscula pia. Encontra Shar no hall de entrada, na frente de uma estante cheia de livros da faculdade, passando o dedo pelas lombadas.

— Você leu tudo isso?

— Não, na verdade não. Sem tempo ultimamente.

Leah pega a chave do seu lugar na prateleira do meio e abre a porta da frente.

Nada faz sentido. O motorista que está parado no portão faz um gesto que ela não entende, aponta para a outra extremidade da rua e começa a andar. Shar segue. Leah segue. Leah está desenvolvendo uma nova humildade.

— De quanto você precisa?

Há certa pena no rosto de Shar.

— Vinte? Trinta… pra garantir.

Ela fuma sem as mãos, soltando a fumaça por um canto da boca.

A intensa espumosidade da flor de cerejeira. Através de um corredor rosa, Michel aparece, subindo a rua, do outro lado. Quente demais — seu rosto está encharcado. A toalhinha que ele carrega em dias assim aparece em sua bolsa. Leah ergue um dedo no ar, um pedido pra que ele fique onde está. Ela aponta para Shar, embora o carro a esconda. Michel é míope; ele olha na direção delas com os olhos semicerrados, para, sorri de forma tensa, tira a jaqueta, joga-a sobre o braço. Leah consegue vê-lo bater a camiseta, tentando derrubar os restos do dia: inúmeros cabelinhos, aparas de estranhos, alguns loiros, alguns castanhos.

— Quem é aquele?

— Michel, meu marido.

— Nome de menina?

— Francês.

— Bonito né — bebês bonitos!

Shar pisca: um dos lados de seu rosto se comprime grotescamente.

Shar larga o cigarro no chão e entra no carro, deixando a porta aberta. O dinheiro continua na mão de Leah.

— Ele é daqui? Já vi ele por aí.

— Ele trabalha nos salões de cabeleireiro, perto da estação. De Marselha — ele é francês. Tá aqui desde sempre.

— Mas é africano.

— Tem origem. Olha — você quer que eu vá com você?

Shar não diz nada por um momento. Ela então sai do carro e aproxima-se do rosto de Leah com as duas mãos estendidas.

— Você é uma pessoa muito boa. Eu estava destinada a bater na sua porta. Sério! Você é uma pessoa espiritual. Há algo espiritual dentro de você.

Leah aperta a pequena mão de Shar e se submete a um beijo. A boca de Shar está levemente aberta na bochecha de Leah para o *muito* e agora fecha com o *obrigada*. Em resposta, Leah diz algo que nunca tinha dito na vida: Deus te abençoe. Elas se separam — Shar se afasta constrangida e se volta para o carro, quase o fim. Leah mete o dinheiro na mão de Shar desafiadoramente. Mas a grandeza da experiência já ameaça se reduzir ao convencional, à anedota: apenas trinta libras, apenas uma mãe doente, e não um assassinato, nem um estupro. Nada sobrevive à sua narração.

— Clima mental.

Shar usa o lenço na cabeça pra secar o suor do rosto e de jeito nenhum olha para Leah.

— Passo amanhã. Te pago de volta. Juro por Deus, tá? Obrigada, sério. Você me salvou hoje.

Leah dá de ombros.

— Não, não seja assim, eu juro… Vou vir, sério.

— Só espero que ela esteja bem. Sua mãe.

— Amanhã, tá? Obrigada!

A porta fecha. O carro dá a partida.

3.

É óbvio para todo mundo menos para Leah. Para a mãe dela é óbvio.

— Como é que você foi sair tão mole?

— Parecia desesperada. Ela estava.

— Eu estava desesperada na Grafton Street e eu estava desesperada na Buckley Road, estávamos todos desesperados. Não saímos roubando.

Nuvem estática de suspiro. Leah pode imaginar perfeitamente: a franja branco-neve esvoaça, o peito floral empina. Uma coruja irlandesa cheia de penas foi o que sua mãe se tornou. Ainda em Willesden, eternamente empoleirada ali.

— Trinta libras! Trinta libras num táxi para o Middlesex. Não sai isso nem até o Heathrow. Se você está distribuindo dinheiro pode mandar um pouco para cá.

— Talvez ainda volte.

— Cristo vai voltar mais rápido do que ela! Duas delas aqui no fim de semana. Eu vi as duas vindo pela rua, tocando campainhas. Sabia quem eram na hora. Crack. Hábito imundo! Vejo essa gente por essas bandas todo dia, perto da estação. Jenny Fowler, da esquina, abriu a porta pra uma delas — disse que estava alta feito uma pipa no céu. Trinta libras! Isso veio do seu pai. Ninguém com o

meu sangue ia cair numa bobagem dessas. O que o seu Michael acha disso?

Mais fácil, enfim, aceitar *Michael* do que ouvir *Meeee-Shell* passando pela boca como o gosto de algo suspeito.

— Ele acha que sou uma idiota.

— Bem, você não passa mesmo disso. Não consegue enganar a *gente dele* tão facilmente.

Todos eles são nigerianos, todos sem exceção, mesmo se são franceses, ou argelianos, eles são nigerianos, a África inteira sendo basicamente, pra Pauline, a Nigéria, e os nigerianos são astutos, possuindo aquelas coisas em Kilburn que antes eram irlandesas, e cinco das enfermeiras da própria equipe dela são nigerianas, e antes só havia irlandesas, ou pelo menos Pauline acredita que elas são nigerianas, e não há nada de errado com elas desde que você fique de olho o tempo todo. Leah coloca a unha do polegar na aliança de casamento. Empurra o anel com força.

— Ele quer passar por lá.

— E por que não? Você foi roubada por uma cigana na porta da sua própria casa, não foi?

Tudo traduzido nos devidos termos.

— Não. Do subcontinente.

— Da Índia, você quer dizer.

— Algum lugar naquela região. Segunda geração. Inglesa, na fala.

— Aham.

— Da escola! Chorando na minha porta!

Outra nuvem estática.

— Às vezes acho que é porque você é filha única. Se tivéssemos tido outros você poderia ter aprendido mais sobre as pessoas e sobre como elas realmente são.

Não importa por onde Leah tente começar, Pauline volta a esse ponto. A história toda é recordada: de Dublin a Kilburn, uma rara

crente alçando voo, lá no tempo em que a maioria tinha outra crença. Indo para as enfermarias, porém, como o resto das garotas. Flertou com os rapazes O'Rourke, os pedreiros, mas queria algo melhor, sendo tão ruiva e com traços tão finos e já uma parteira. Esperou tempo demais. Fez o ninho já no crepúsculo com um viúvo tranquilo, um inglês que não bebia. Os O'Rourke acabaram se tornando comerciantes de materiais de construção com metade da Kilburn High Road no bolso. Situação pela qual ela teria tolerado um pouco de bebida. Graças a Deus que ela se reciclou. (Radiologia.) Do contrário, onde estaria agora? Essa história, antes racionada, contada algumas vezes por ano, agora surge em todas as ligações, incluindo esta, que definitivamente não tem nada a ver com Pauline. O tempo está diminuindo para a mãe, ela tem uma curta distância a percorrer. Quer espremer o passado em algo pequeno o suficiente para levar com ela. É o trabalho da filha ouvir. Ela não é nada boa nisso.

— Éramos muito velhos? Você era muito sozinha?

— Mãe, por favor.

— Só quero dizer que você teria uma melhor compreensão da natureza humana. Bem, alguma novidade? Nesse departamento?

— Que departamento?

— No departamento vovó. No departamento tempo passando.

— Continua passando.

— Ah, bem. Não se preocupe demais, meu amor. Quando for pra ser, será. Mas, então, o Michael está aí? Posso falar com ele?

Entre Pauline e Michel não existe nada além de desconfiança e desentendimento exceto nessa concordância abençoada, antes rara, agora mais frequente, de que Leah agiu como uma idiota, e esse fato forma uma aliança entre inimigos naturais. Pauline empolgada e rosa e suando sem parar. Michel fazendo uso do seu pequeno estoque de coloquialismos duramente conquistados, o tesouro de qualquer imigrante: *no fim das contas, se é que você me*

entende, e como se não bastasse, e eu disse pro cara, e eu fiquei, tipo, essa foi boa, gostei, essa eu não esqueço mais.

— Inacreditável. Quem me dera eu estivesse aqui, Pauline, nem te conto. Quem me dera eu estivesse aqui.

Para não ter de ouvir essa conversa, Leah vai até o jardim. Ned do andar de cima está na rede dela, que é comunitária e, portanto, não é a rede dela. Ned compartilhando erva sob a macieira. Juba ficando grisalha agora, reunida num elástico ignóbil. Uma Leica matusalêmica descansa sobre sua barriga, esperando o pôr do sol em NW, pois o pôr do sol nesta parte do mundo é estranhamente intenso. Leah vai até a árvore e faz o sinal de paz e amor.

— Compre a sua.

— Eu parei.

— Claro.

Ned põe um cigarro entre os dedos abertos dela. Ela puxa com força, áspero na garganta.

— Maneira aí. Do Afeganistão. Psicotrópico!

— Já sou grandinha.

— Seis e vinte e três hoje. Tá demorando cada vez mais.

— Até demorar menos.

— Uau.

Em quase tudo o que Leah diz a Ned, não importa quão factual ou óbvio, ele acha algo de filosófico. Um fumante sério, o tempo congela ao seu redor. Coisas simples assumem um significado maior. Pra Leah parece que ele tem vinte e oito desde que eles se conheceram, há dez anos.

— E aí, sua visita voltou?

— Nada.

Isso vai contra a natureza otimista de Ned. Leah vê enquanto ele tenta e não consegue encontrar uma história que se encaixe.

— Na hora. Uma beleza realmente.

Leah olha para cima. O céu adquiriu um tom rosa. As rotas de voo de Heathrow ficam brancas contra ele. Na cozinha, Michel está se divertindo.

— Essa foi boa. Gostei, essa eu não esqueço. Jesus Cristo!

4.

O jovem sikh está entediado. De seu turbante escorre suor. Ele olha para o balcão do pai, onde um punhado de trocados está tentando virar dez Rothmans. Um ventilador barato zumbe inutilmente. Leah também está entediada, vendo Michel apertar folhados que nunca vão agradá-lo, que nunca serão tão bons quanto eram na França. Isso é porque eles são feitos nos fundos de uma confeitaria, passando a Willesden Lane. Croissants de verdade podem ser comprados na feira de orgânicos, num domingo, no parquinho da antiga escola de Leah. Hoje é terça. Através de seus novos vizinhos Leah ficou sabendo que a Quinton Primary é um lugar bom o suficiente pra se comprar um croissant, mas não bom o suficiente pros seus filhos estudarem. Olive recolhe as migalhas do chão da confeitaria. Olive é parte francesa, como Michel. O avô dela era um campeão em Paris. Ao contrário de Michel, ela não é tão exigente em termos de croissant. Laranja e branca, com orelhas sedosas estilo Restauração. Ridícula, adorada.

— e precisa ir a um médico de verdade. Uma clínica. A gente continua tentando. E nada. Você já está com trinta e cinco.

Dito francesamente: na*da*. Houve um tempo em que eles tinham a mesma idade. Agora Leah está envelhecendo em anos caninos. Seus trinta e cinco valem sete vezes mais que os dele, e são sete

vezes mais importantes, tão importantes que ele tem de ficar lembrando-a dos números, para o caso de ela esquecer.

— Não podemos pagar uma clínica. Que clínica?

A pequena figura do balcão se vira. Ela sorri para Leah antes de mais nada — pelo instinto que junta reconhecimento com alegria — e então, um momento depois, lembrando, morde o lábio e coloca a mão na porta, fazendo o sininho tocar.

— É ela. Foi ela. Comprando os cigarros.

Leah espera uma fuga tranquila. Shar está sem sorte. As duas estão. Uma mulher idosa e grandalhona chega enquanto Shar tenta sair. Elas fazem uma dancinha embaraçosa na porta. Michel é rápido e ousado e não há quem o impeça.

— Ladra! Você é uma ladra! Cadê o nosso dinheiro?

Leah agarra os dedos que estão apontando e os abaixa. Cada sarda vermelha pegou fogo e um rubor está subindo por seu pescoço, tomando conta do rosto. Shar para de dançar. Dá um empurrão com o ombro na velhinha, tirando-a do caminho. Corre.

5.

Leah acredita em objetividade entre quatro paredes:

Aqui estão deitados um homem e uma mulher. O homem é mais bonito que a mulher. E por essa razão houve momentos em que a mulher teve receio de que ama o homem mais do que ele a ama. Ele sempre negou isso. Ele não pode negar que é mais bonito. É mais fácil para ele ser bonito. Sua pele é muito escura e envelhece mais devagar. Ele tem uma boa estrutura óssea da África Ocidental. Aqui está um homem deitado na cama, nu. Brigitte Bardot em *O desprezo* fica deitada na cama, nua. Se ao menos o homem fosse como Brigitte Bardot, que nunca teve filhos, preferindo os animais. Mas daí também ela se tornou inflexível em outras áreas. A mulher tenta falar com o homem que é seu marido sobre a garota desesperada que bateu na porta. O que significa dizer que a garota mentiu? É mentira dizer que ela estava desesperada? Ela estava desesperada o suficiente para bater na porta. O marido não consegue entender a preocupação da mulher. Claro, falta-lhe uma peça vital de informação. É impossível para ele acompanhar a lógica feminina e oculta. Ele pode no máximo tentar escutar enquanto ela fala. Eu só quero saber se fiz a coisa certa, diz a mulher, eu simplesmente não consigo ter certeza se

Mas aí o homem a interrompe para dizer

— o plugue pro negócio do seu lado? O meu sumiu. Mas não podemos fazer nada. É o de sempre. Uma craqueira. Uma ladra. Não é tão interessante. Vem cá, e

Quando eles se conheceram, o homem e a mulher, a atração física foi imediata e avassaladora. Esse ainda é o caso. Por causa dessa atração incomum e intensa, a cronologia deles é peculiar. A questão física veio antes, sempre.

Antes de ele falar com ela ele já tinha lavado seu cabelo, duas vezes.

Eles fizeram sexo antes de saber o sobrenome um do outro.

Eles fizeram sexo anal antes de fazer sexo vaginal.

Eles tiveram dezenas de parceiros sexuais antes de se casarem. Romances de pista de dança, aventuras em Ibiza. Os anos 1990, uma década de êxtase! Estavam casados apesar de não precisarem ter casado, e apesar de os dois terem jurado que jamais se casariam. É difícil explicar — naquela dança das cadeiras — porque eles acabaram parando, enfim, um no outro. Bondade, enquanto qualidade, tinha algo a ver com isso. Muitas coisas eram fáceis de encontrar naquelas pistas de dança, mas bondade era algo raro. Seu marido era mais bondoso que todos os homens que Leah Hanwell tinha conhecido na vida, além de seu pai. E depois, claro, eles ficaram surpresos com sua própria convencionalidade. O casamento agradou Pauline. Acalmou as inquietações da família de Michel. Foi agradável agradar às famílias. Para além disso, os devidos nomes “esposa” e “marido” tinham um poder que nenhuma das partes esperava. Se foi vodu, eles ficaram gratos por isso. O casamento permitiu que parassem de dançar em volta das cadeiras sem jamais admitirem que estavam cansados daquilo.

As coisas andaram rápido.

Eles tiveram uma gravidez antes de se casarem, com dois meses de relacionamento, na qual puseram um fim.

Estavam casados antes de serem amigos, o que é outra forma de dizer:

O casamento foi o que permitiu sua amizade.

Estavam casados antes de perceberem várias pequenas diferenças em formação, aspiração, educação, ambição. Há uma diferença entre as ambições dos pobres da cidade e as dos pobres do campo, por exemplo.

Percebendo tais diferenças, Leah ficou de certa forma desapontada consigo mesma por elas não causarem um conflito real entre eles. Era difícil se acostumar com o fato de que o prazer que o seu corpo encontrava no dele, e vice-versa, anulava tão facilmente as muitas outras objeções que ela tinha, ou deveria ter, ou achava que deveria ter.

— A mãe dela pode ter morrido. Talvez ela estivesse lidando com isso e simplesmente esqueceu. Talvez o tenha passado por baixo da porta e se misturou com o lixo e Ned jogou fora. Talvez ela simplesmente não consiga um dinheiro desses no momento.

— Sim, Leah.

— Não faça isso.

— O que você quer que eu diga? O mundo é assim e pronto.

— Então por que a gente ainda tenta?

Sendo bem objetiva, a culpa por eles nunca terem falado sobre filhos é da mulher. Por algum motivo nunca lhe ocorreu que todas essas trepadas maravilhosas caminhavam na direção de um destino certo e perfeitamente óbvio. Ela teme esse destino. Seja objetiva! Esse medo é do quê? Tem algo a ver com morte e tempo e idade. Simplesmente: eu tenho dezoito na minha cabeça eu tenho dezoito e se eu não fizer nada se eu ficar parada nada vai mudar eu vou ter dezoito para sempre. Para sempre. O tempo vai parar. Eu nunca vou morrer. Muito banal, esse medo. Todo mundo o tem hoje em dia. O que mais? Ela se sente feliz o suficiente com o momento que eles estão vivendo. Ela sente que merece exatamente o que tem, nada

mais, nada menos. Qualquer mudança arrisca prejudicar fatalmente esse equilíbrio. Por que o momento deve mudar? Às vezes o marido da mulher corta uma pimenta-vermelha ao meio e empurra as sementes para uma bacia de plástico e lhe passa uma abobrinha para fatiar em cubos e diz:

Cachorro.

Carro.

Apartamento.

Cozinhando juntos, desse jeito.

Sete anos atrás: você estava recebendo seguro-desemprego. Eu estava lavando cabelo.

As coisas mudam! Estamos chegando lá, não?

A mulher não sabe onde é o lá. Ela não sabia que eles tinham partido, nem em qual direção o vento está soprando. Ela não quer chegar. A verdade é que ela acreditava que eles iam ficar nus nestes lençóis para sempre e nada jamais viria até eles, nada além de satisfação. Por que o amor deve “andar para a frente”? Pra que lado é a “frente”? Não dá pra dizer que ela não foi avisada. Não dá pra dizer isso. Uma mulher com trinta e cinco anos casada com um homem que ela ama sem sombra de dúvida foi avisada, deveria estar prestando atenção, deveria estar escutando, e não ficar nem um pouco surpresa quando seu marido diz

— muitos os dias em que a mulher está fértil. Só três, eu acho. Então não adianta dizer apenas “ah, quando for pra ser vai ser”. Não somos tão jovens. Então temos de ser um pouco mais, tipo, militantes em relação a isso, tipo planejar.

Objetivamente falando, ele tem razão.

6.

We are the village green preservation society. God save little shops, china cups and virginity! Sábado de manhã. TODO KINKS O DIA TODO. *Girl. You really got me going. You got me so I don't know what I'm doing.* Nas manhãs de sábado Michel ajuda as mulheres e os homens de NW a ficar com uma boa aparência para a noite de sábado, a ficar novos em folha e ajeitados, e ali, no salão, ele é livre pra botar seu R&B meloso no máximo, seu *oh baby oh shorty till six in the mawnin till the break a' dawn*. Nas manhãs de sábado ela é livre! *God save tudor houses, antique tables and billiards! Preserving the old ways from being abused. Protecting the new ways for me and for you. What more can we do?* Dançando com a calça do pijama, cantando desafinada. Ned está no jardim. Ned aprova a música alta de origem branca. Ele canta junto. *Well I tried to settle down in Fulham Broadway. And I tried to make my home in Golders Green.* Neste abandono de fim de semana há sempre algo de maníaco e melancólico: a contagem regressiva interna para a semana de trabalho já começou. No espelho ela é seu próprio par, nariz com nariz com o reflexo. A pessoa física está sorrindo e cantando. *Oh how I miss the folks back home in Willesden Green!* Enquanto isso, algo dentro dela estremece diante das novidades do espelho: os fios cinza no topo da cabeça, as rugas inchadas em

volta dos olhos, a barriga mole. Ela dança como uma garota. Ela não é mais uma garota. *YOU REALLY GOT ME. YOU REALLY GOT ME. YOU REALLY GOT ME.* Onde o tempo foi parar? Ela só percebe que a campainha está tocando quando Olive começa a latir furiosamente.

— Minha mãe teve um ataque — um ataque cardíaco? Cinco… libras.

A garota tem um cabelo liso de chapinha. Pode ser gorda ou estar grávida. Ela baixa os olhos devagar, intrigada com a frenética Olive passando entre suas pernas. Ela olha para Leah e ri. HA! Chapada demais para lembrar sua fala. Ela se vira abrupta e desajeitadamente, uma dançarina executando um passo tarde demais. Desce de volta pelo caminho que dá para a rua, balançando-se e rindo.

7.

Macieira, macieira.
Coisa que tem maçãs. Flor de maçã.
Tão simbólica. Rede de ramos, raízes. Túneis debaixo.
Quanto mais cheia, mais frutos.
Mais vermes. Mais ratos.
Macieira, macieira. Maçã. Macieira. Pra que lado é a frente? Tique, taque.
Três apartamentos. Uma macieira. Possuir, alugar. Inúmeras sementes.
Na copa da árvore. Quando o galho quebra, o bebê vai
As cinzas do falecido. Em volta das raízes, *nas* raízes?
Macieira centenária.
Sentar sobre seus louros. Sob uma macieira. Ter um *menininho*?
Galhos novos. Flores novas. Maçãs novas. Mesma árvore?
Nasceu e cresceu. Mesmas ruas.
Mesma garota? Próximo passo.
Maçãmacieiramaçã
Tronco, casca.
Alice, sonhando.
Eva, comendo.
Debaixo da qual garotas boas cometem erros.

Michel é um bom homem, cheio de esperança. Às vezes a esperança é extremamente cansativa.

— no que eu sempre acreditei. Olha: sabe qual é a verdadeira diferença entre essas pessoas e eu? Elas não querem andar para a

frente, elas não querem ter nada melhor que isso. Mas eu estou sempre andando para a frente, pensando na próxima coisa. As pessoas lá de casa, elas definitivamente não me entendem. Sou avançado demais pra elas. Então quando elas tentam entrar em contato comigo, eu não deixo isso — eu não deixo o drama entrar na minha vida desse jeito. De jeito nenhum! Trabalhei duro demais. Eu te amo demais, essa vida. Você é o que você faz. É assim que as coisas são. Vivo pensando: este sou eu? O que estou fazendo? Este sou realmente eu? Se sento e não faço nada eu sei que isso me torna um nada. Desde o dia em que pisei neste país eu coloquei a cabeça no lugar; pra mim estava muito claro: eu vou subir a escada, pelo menos um degrau. Na França, se você é africano, se você é argeliano, quem dá a mínima? Não há oportunidade, você não consegue sair do lugar! Aqui você consegue. Você ainda tem que trabalhar! Você tem que trabalhar muito duro pra se separar desse drama inferior! Essa é a questão pra mim: eu não gosto de deixar isso entrar. Mas isso é o que *você* faz, o exemplo perfeito, esta garota, *você* deixa ela entrar — não sei nem o que se passa na sua cabeça —, mas eu não permito que esse drama entre. Eu sei que este país tem oportunidades, e se quiser agarrá-las você consegue. Não coma esta aí — buraco de verme, bem ali, tá vendo? Veja o caso da sua mãe — nós não somos grandes amigos, mas por favor veja o que ela fez: ela te tirou daquele pesadelo lá, te levou pra um lugar decente, um apartamento decente, hipoteca… Claro, sua pele é branca, é diferente, é mais fácil, você teve oportunidades que eu não tive. As mais vermelhas não são muito gostosas. Estamos todos apenas tentando dar aquele próximo, aquele próximo, próximo, *passo*. Subindo aquela escada. *Brent Housing Partnership.* Eu não quero isso escrito na fachada do lugar onde eu moro. Passo na frente disso e me sinto, tipo, *putz* — é humilhante pra mim. Se algum dia tivermos um menininho eu quero que ele viva em algum lugar — viva *orgulhoso* — em algum lugar

que seja nosso. É bem isso! Essa grama não é minha! Essa árvore não é minha! Espalhamos seu pai em volta dessa árvore que nem nossa é. Pobre sr. Hanwell. Isso me deixa arrasado. Era o seu pai! É por isso que toda noite eu fico no laptop, estou tentando fazer isso — porque ali é puro mercado, nada de sua pele, nada de seu inglês é perfeito, você tem o papel de faculdade certo ou alguma merda do tipo. Posso negociar como qualquer outro. Tem dinheiro ali a ser ganho, sabe? O mercado está tão doido neste exato momento. É isso o que ninguém te diz. Não paro de pensar no que Frank disse no jantar: *os caras espertos voltam na hora pro jogo*. É loucura não tentar ganhar um pouco. Eu não sou como esses jamaicanos — essa garota nova, Gloria, qualquer que seja o nome dela, ali de cima, ela ainda não tem cortina. Dois bebês, nenhum marido, recebendo benefícios. Eu sou casado, cadê o meu benefício? Quando eu tiver filhos, eu sabia, eu disse pra mim mesmo: eu vou ficar ao lado dessa mulher que eu amo, que eu realmente amo tanto, eu vou ficar com ela pra sempre. Vem cá. O ponto principal é mais ou menos este: eu nunca fiquei satisfeito em simplesmente sentar sobre meus loros e aceitar caridade, isso nunca me interessou. Eu sou um africano. Tenho um destino. Eu te amo, e amo pra onde estamos indo juntos! Estou sempre andando para a frente na direção do meu destino, pensando na próxima conquista, na próxima coisa, subindo mais alto, pra que nós, pra que *nós dois*, possamos dar aquele próximo…

— Louros.

— Quê?

— Louros. E você descansa sobre eles, você não senta sobre eles. Você senta sobre a sua bunda.

— Você não está nem escutando.

É verdade: ela está pensando em maçãs.

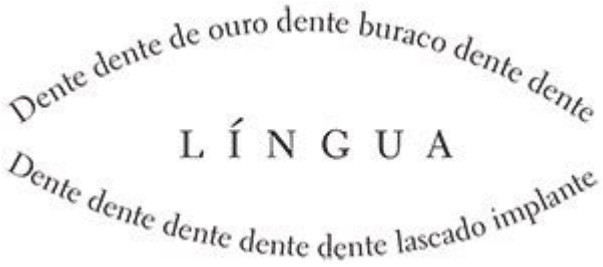
8.

Em outra parte de Londres, os escritórios são amplos/cercados por vidro/locais de sinergia/sem fios/brilhantes. Lá persiste uma crença na importância de uma mesa de pingue-pongue. Aqui não é lá. Aqui os escritórios são cubículos vitorianos apertados e úmidos. Cinco pessoas trabalham neles, o carpete está gasto, o furador jamais será encontrado.

— de dinheiro entrando. Pergunta: como é que isso chegou tão longe sem intervenção? Eu realmente gostaria de saber. Freios e contrapesos, gente! Porque quando vocês fazem isso desse jeito estão metaforicamente servindo nossa cabeça numa bandeja pra eles, ou seja, a minha cabeça também. E a próxima coisa que você escuta: racionalização. Isso não quer dizer reutilizar os saquinhos de chá. Quer dizer o seu emprego e o meu. E é justamente como

Aqui as más apostas de uma nação se transformam numa aparência de bem coletivo: atividades educativas para depois da aula, serviços de tradução, limpeza de jardim para idosos, colchas para presos. Cinco mulheres trabalham aqui, de costas uma pra outra. Seguindo pelo corredor, o boato de um homem — Leah nunca o viu. Esse trabalho requer empatia e, portanto, atrai mulheres, pois mulheres são o sexo empático. Essa é a opinião de Adina George,

Líder da Equipe, que fala, que não para de falar. A boca de Adina abre e fecha.



Antiga agente penitenciária, assistente social, membro do conselho da prefeitura. Como é que ela consegue fazer qualquer coisa com aquelas garras? Longas e curvas e pintadas com versões em miniatura da bandeira da Jamaica. Subiu na vida de garra em garra. Nasceu e cresceu aqui. É cautelosa com aqueles que, como Leah, chegaram a algum lugar graças ao diploma. Para Adina, um diploma universitário é como uma corda elástica, encolhendo e esticando com uma velocidade perigosa. Claro, você não vai ficar aqui por muito tempo. Olha, não quero te dar projetos que você não vai poder terminar…

Seis anos se passaram: essas coisas não são mais ditas. Ocorreu a Leah hoje, quando Adina se referiu a ela como “a formada”, que ninguém — nem a instituição que o entregou, nem suas companheiras, nem o mercado de trabalho em si — tem um conceito mais alto do valor de seu diploma que Adina.

— que é essencial para o bom funcionamento aqui. A tomada de decisão obviamente tem a ver com relacionabilidade e, sim, com empatia, e com uma ligação pessoal, mas também tem a ver com dar seguimento e visibilidade no sentido de custo-benefício, do qual nos tornamos conscientes por meio de um processo de papelada. Papeladapapeladapapelada. Na atual situação é necessário pôr todos os pingos nos is e todos os traços nos ts pra que quando eu for colocada numa posição, como Líder da Equipe, pelo pessoal de

cima eu possa dizer: aham, perfeitamente justificável. Aqui estão o x, o y e o z, perfeitamente justificáveis. Não é pra dividir o átomo, senhoras, assim espero.

Pergunta: o que aconteceu com os colegas dela, aqueles estudantes jovens e perspicazes, a maioria homens? Banqueiros, advogados. Enquanto isso Leah, um curinga de escola pública, sem latim, sem grego, sem matemática, sem língua estrangeira, se deu mal — segundo os padrões atuais — e agora se senta numa cadeira provisória, emprestada seis anos atrás da sala de descanso, cheia apenas de empatia. Pé direito dormente. Tela do computador congelada. TI sumido. Sem ar-condicionado. Adina sem parar, fazendo aquilo que ela faz com a linguagem.

— Esta era uma questão de comunicação? Um bloqueio entre as partes. Quem deveria ter uma percepção maior de como seu comportamento está impactando outros?

Isso também vai passar. Quatro e quarenta e cinco. Zigue, zague. Tique, taque. Às vezes a amargura agarra Leah. Puxa-a para baixo, segura firme. Pra que aquilo tudo no fim das contas? Três anos de estudo inútil. Fora das condições, fora da compreensão dela. Pra começo de conversa, ela só escolheu filosofia porque tinha medo de morrer e achou que isso poderia ajudar, e porque ela não sabia somar ou desenhar ou lembrar listas de fatos ou falar uma língua além da sua própria. No guia da universidade, uma frase em itálico sobre uma imagem do estuário do rio Forth: *Filosofia é aprender a morrer*. Filosofia é escutar garotos cheios da grana de fala embolada, é sentir o maior tédio da sua vida, mais tédio do que você achou que era possível sentir. É desejar estar em qualquer outro lugar, num local diferente em algum lugar do multiverso, que é um conceito que você nunca vai entender realmente. No final, somente uma ideia foi seguramente retida: o tempo como uma experiência relativa, diferente para o corredor, o amante, o torturado, o desocupado. Como agora, em que um minuto parece se estender e

virar uma hora. Do contrário, inútil. Uma dívida não paga e crescente. Junto com um sentimento de rancor: pra que se preparar pra uma vida que não foi feita pra ela? Anos desconectados demais de todo o resto para parecerem reais. As árduas subidas e os becos inesperados de Edimburgo, a sombra de castelo e a dose de uísque de cinquenta pence, a PedraWalterScott e a caça a empréstimos estudantis. Na boca dela: Sócrates, uma empresa de embalagem com duas sílabas, Antígona, um produto de limpeza com três sílabas. Nunca, jamais esqueceu: o filho da mãe naquela primeira aula, segurando o riso. ESTOU TÃO CHEIA DE EMPATIA, escreve Leah, e rabisca apaixonadamente em volta. Grandes arcos de fogo, sombreados longos e pontudos.

— Perguntas? Problemas?

Uma caneta quebra ruidosamente. Fragmentos de plástico, uma língua azul. Adina George olha em volta e encara, mas Leah não é responsável pelos albaneses. Ela está com a boca cheia de caneta, mas ela não é responsável pelos albaneses nem por sua apropriação indevida de fundos destinados a um abrigo de mulheres em Hackney. Isso era trabalho de Claire Morgan. Embora Leah esteja com a língua azul e tenha um diploma chique e um marido sexy e, sem ofensa, mas para as mulheres da nossa comunidade, da comunidade afrocaribenha, sem ofensa, mas quando vemos um dos nossos com alguém como você não é pouca coisa. É só uma coisa da qual você deve estar ciente. Sem ofensa. (Fim de semana em Brighton, treinamento de trabalho em equipe, bar do hotel, 2004.) Que tipo de coisa era exatamente nunca ficou claro. *Sweet Love,* cantou Anita Baker, e Adina caiu sobre uma cadeira tentando chegar à pista de dança. Bloqueio.

Leah cospe fragmentos de plástico nas mãos. Nenhuma pergunta ou problema. Adina suspira, sai. O fechar de pastas e arrumar de bolsas começa com uma ânsia em nada diferente da de quando todas elas tinham seis anos e o sinal tocava. Talvez aquela fosse a

vida real. Leah firma os pés no chão e se empurra pra trás na cadeira. Ergue-se e desliza até o fichário e isso é a coisa mais divertida que aconteceu hoje. Topada.

— Ei! Mas que porra, Leah. Cuidado!

A grande protuberância daquilo. Leah está de frente para o umbigo de Tori e observa como essa coisa íntima agora se projeta para fora, marcando um limite físico. Para além desse ponto não é possível continuar e ser humano.

— Só tome cuidado. Você vem ou não? Drinques de despedida. Você recebeu o e-mail?

Empilhado num canto da internet junto com os extratos bancários, os lembretes do empréstimo estudantil, os memorandos da gerência, as epopeias maternas, naquele lugar onde não ser aberto é não existir. Ela sabia perfeitamente bem que havia um e-mail e do que se tratava, mas está fugindo de pessoas na condição de Tori. Ela está fugindo dela mesma.

— Eu, Claire, Kelly, Beverley, Shweta. Você é a próxima!

Tori conta os nomes em dedos inchados. Ela está nos estágios finais. Seu rosto tem um aspecto leonino, as bochechas cheias, recém-proeminentes. Um largo sorriso de gato. Predadora. Leah olha para o polegar destinado a representá-la.

— Tentando. Não é tão fácil.

— Tentar é metade da diversão.

Uma sala cheia de mulheres rindo. Certo conhecimento compartilhado sobre o sexo delas que Leah não tem. Ela coloca as mãos uma de cada lado da protuberância e sorri, esperando que isso seja o tipo de coisa que mulheres normais fazem, mulheres para quem tentar é metade da diversão e “você é a próxima” não soa como o grito de um guarda num lugar escuro. Então elas continuam, uma ronda tradicional na qual nenhuma voz se separa da outra, e Leah deita a cabeça na escrivaninha e fecha os olhos e deixa que tirem sarro:

Principalmente quando ele é que nem o seu. E ele é tão encantador.

Ele é tão encantador o seu Meeshell. Há algo de encantador nele.

Bev, lembra quando a gente estava na casa de Leah aquela vez e a janela do meu carro não estava funcionando e Meeshell ficou de joelhos com um cabide de arame? Depois de eu já estar falando pro Leon há um MÊS.

Ele é bem sensível. Um cara bem família.

Toda vez que eu penso: pra onde foram todos os bons irmãos? Eu penso e digo: pelo menos existe o Meeshell.

Sim mas todos eles já têm dona!

HAHAHAHAHAHAHA

São das garotas brancas!

Não, não seja assim. Leah, ela só tá te provocando.

Não provoque a Leah! Não é culpa dela que o Leon é um coitado inútil.

O Leon é o.k.

(Um maldito inútil. “Leon, o que você vai fazer hoje à noite?” “Vou dar um relax com a minha turma.” Ele está sempre dando um maldito “relax”.)

O Leon é o.k. Mas é sério, você tem sorte.

E ela ainda ganha uma escova de brinde!

Um homem *que sabe arrumar seu cabelo*. Aquilo ali é o paraíso. Ele sabe fazer trança nagô, ele sabe botar aplique…

Kelly, pra que ela vai precisar de trança nagô?

Ela não é Bo Derek.

HA! (Não, Leah, sem ofensa — desculpe, mas é engraçado.)

Quero dizer que ele é profissional. Quero dizer que ele pode arrumar qualquer tipo de cabelo.

E ele é hétero! Né!

Né! Hahaha Né.

É. (É bom que ele seja!)

É isso que me mata! O melhor dos dois mundos! Mas você tem. Você não sabe a sorte que tem.

Ela não sabe, ela não sabe a sorte que tem.

Você não sabe a sorte que tem.

Você não sabe. Você não sabe a sorte que tem.

Finalmente, cinco horas. Leah ergue os olhos. Kelly bate no topo da sua escrivaninha.

— S'imbora dessa vida!

A mesma piada todo dia. Uma piada que você pode fazer se você não for Leah, se você não for a única garota branca na Equipe de Distribuição de Fundos. No corredor, as mulheres irrompem de cada sala, calor adentro, manteiga de cacau passada, prontas para uma noite quente lá fora na Edgware Road. Da Ilha de São Cristóvão, Trinidad, Barbados, Granada, Jamaica, Índia, Paquistão, com seus quarenta, cinquenta, sessenta anos e, no entanto, bustos, bundas e pernas brilhantes continuam abertos para a sensualidade de um início de verão de um jeito que as mulheres da família de Leah jamais poderão ficar. Para elas o sol é fatal. Tão vermelhas, tão pálidas. Leah veste só uma roupa de linho branca e comprida. Parece uma santa menor. Ela vai atrás. Passa pela cena do crime, um cesto de lixo cheio de vômito enfiado atrás de um vaso de planta na sala de descanso porque o banheiro ficava longe demais.

9.

De A a B:
A. Yates Lane, Londres NW8, UK
B. Bartlett Avenue, Londres NW6, UK

Direções a pé para Bartlett Avenue, Londres NW6, UK
Trajetos sugeridos

A5	*47min*
3,8 km	
A5 e Salusbury Rd	*50min*
4 km	
A404/Harrow Rd	*58min*
4,48 km	

1.	Vire à *esquerda* na *Yates Lane*	12 m
2.	Siga na direção *sudoeste* rumo à *Edgware Rd*	100 m
3.	Vire à *direita* na *A5/Edgware Rd* Continue na A5	2,56 km
4.	Vire à *esquerda* na *A4003/Willesden Ln*	1,12 km
5.	Vire à *esquerda* na *Bartlett Avenue*	160 m

O destino estará à esquerda

Bartlett Avenue, Londres NW6, UK

Estas direções destinam-se apenas para fins de planejamento. Você pode encontrar obras de construção, trânsito, condições climáticas ou outros eventos que façam com que as circunstâncias sejam diferentes dos resultados do mapa, pelo que deverá planejar o seu trajeto em conformidade. Você deve seguir todas as indicações ou instruções referentes ao seu trajeto.

10.

De A a B revivido:

O doce fedor de narguilé, cuscuz, kebab, gás do escape de um ônibus parado. Noventa e oito, dezesseis, trinta e dois, lotados — é mais rápido andar! Fugitivos do St. Mary, Paddington: homem fumante prestes a ser pai, velhinha girando a cadeira de rodas e fumando, sujeito duro na queda segurando um saco de urina, um saco de sangue, fumando. Todo mundo adora cigarro. Todo mundo. Jornal polonês, jornal turco, árabe, irlandês, francês, russo, espanhol, *News of the World*. Desbloqueie seu celular (roubado), compre um kit de baterias, um kit de isqueiros, um kit de perfumes, óculos de sol, três por cinco, um tigre de porcelana tamanho real, torneiras douradas. Cassino! Todo mundo acredita em destino. Todo mundo. Era pra ser. Simplesmente não era pra ser. Topa ou não topa? Telas de TV na loja de TV. Cabo de TV, cabo de computador, cabos de áudio e vídeo, faço um bom preço pra você, um bom preço. Folhetos, ligue pro exterior por menos de 4, aprenda inglês, sobrancelha com cera, Falun Gong, você já aceitou Jesus como seu plano de ligação pessoal? Todo mundo adora frango frito. Todo mundo. Banco do Iraque, Banco do Egito, Banco da Líbia. Táxis vazios por causa da luz do sol. Aparelhos de som portáteis pelo mesmo motivo. Italiano sozinho, mocassins, perdido, procurando

Mayfair. Cento e uma maneiras de se proteger: a tenda toda preta, a grade facial, na nuca, estampa Louis Vuitton, estampa Gucci, cordão amarelo, preso a óculos de sol, quase nunca colocados, listrados, rosa-choque; combinando com agasalhos, jeans coladíssimos, vestidos de verão, blusas, regatas, saias de cigana, calças boca de sino. Sem nenhuma relação com os debates nos jornais, no parlamento. Todo mundo adora sandálias. Todo mundo. Canto de passarinho! Centro comercial sujo e desonesto para apartamentos-mansões para a casa de um inglês é o seu castelo. Veículos sem teto, com teto, sem pressa, com hip-hop. Veja o dinheiro acumular. Nossa! Luzes de segurança, portões de segurança, muros de segurança, árvores de segurança, Tudor, modernista, pós-guerra, pré-guerra, abacaxis de pedra, leões de pedra, águias de pedra. Vire para o leste e sonhe com o Regent's Park, com St. John's Wood. Os árabes, os israelenses, os russos, os americanos: aqui unidos pela cobertura mobiliada, pela clínica particular. Se pagarmos o suficiente, se mantivermos os olhos meio fechados, Kilburn não precisa existir. Refeições gratuitas. Inglês como segunda língua. Aqui está a escola onde esfaquearam o diretor. Aqui está o Islamic Center of England frente a frente com o Queen's Arms. Ande no meio disso, seu juiz, você! Todo mundo adora o Grand National. Todo mundo. Já estamos mesmo em abril? E aí vão eles!

11.

Tão perto de casa, já na Willesden Lane. Estranha convergência. Ela está escorada numa cabine telefônica quebrada, mastigando o palito de um picolé. Vidro grosso quebrado, cacos cuboides, tudo em volta. A poucos metros do Empório da Massagem Cleópatra. Leah abre bem os olhos para guardar os detalhes para Michel, que é uma das coisas que o casamento significa. Atraída para os detalhes errados. Calça de moletom cinza e folgada, top branco-sujo. Mais nada, sem blusa. Sem sapato! Seios pequenos e rentes ao corpo. É difícil acreditar que ela já teve filhos. Talvez isso também tenha sido mentira. Uma cintura perfeita que você quer segurar. Ela é um pouco bonita sob a luz do sol, algo entre um garoto e uma garota, lembrando Leah de uma época de sua própria vida em que ainda não tinham exigido que ela tomasse uma decisão definitiva sobre tudo isso. O desejo nunca é definitivo, o desejo é impreciso e nada prático: você está indo na direção dela, em alta velocidade, você está indo na direção dela, e depois o quê? E depois o quê? Leah já está bem perto quando é vista também. Faz três semanas. Shar deixa cair o fone e tenta atravessar a rua. O trânsito tem a agitação da hora do rush. De início Leah fica feliz por não estar com Michel. Então seu rosto se transforma no rosto dele e

a voz dele sai por sua garganta ou essa é uma desculpa marital e é a sua própria voz em sua própria garganta:

— Orgulhosa de si mesma? *Ladra.* Quero o meu dinheiro.

Shar encolhe-se e escapa pelo trânsito. Ela corre na direção de dois homens, altos e encapuzados, com o rosto escondido, parados na soleira de uma porta. Shar se joga nos braços do mais alto. Leah apressa o passo até sua casa. Às suas costas ela consegue ouvir o ricochetear de xingamentos incompreensíveis, direcionados a ela, um linguajar que é como uma metralhadora.

37.

Deitada na cama ao lado de uma garota que ela amava, anos atrás, discutindo o número trinta e sete. Dylan cantando. A garota tinha uma teoria de que há algo de mágico no trinta e sete, somos impelidos a ele. Há sites dedicados ao fenômeno. As casas inventadas que vemos no cinema, na ficção, na pintura e na poesia — quase sempre trinta e sete. Peça pra escolher um número aleatório: geralmente trinta e sete. Preste atenção no trinta e sete, a garota disse, nas nossas loterias, nos nossos programas de televisão, nos nossos sonhos e piadas, e Leah fez isso, e Leah ainda faz. Mande lembranças a quem vive lá. Ela outrora foi o meu verdadeiro amor. Agora essa garota está casada também.

O número trinta e sete da Ridley Avenue está sendo ocupado. Invadido? A porta da frente está fechada com tábuas. Uma janela está quebrada. Barulho humano por trás das telas cinza rasgadas. Leah sai da sombra de uma cobertura e vai para o pátio. Ninguém a vê. Nada acontece. Ela fica parada com um pé pairando acima do chão. O que ela faria com trinta e sete vidas! Ela tem uma vida: está a caminho da casa de sua mãe, elas vão sair pra comprar um sofá. Se ficar aqui olhando por muito tempo vai se atrasar. Na grande janela da frente: Mickey, Donald, Bart, um urso sem nome, um

elefante com a tromba arrancada. Rostos de tecido contra o vidro sujo.

12.

— Você demorou. Tá se sentindo bem? Parece um pouco pálida. Vamos pegar a Jubilee, certo?

Pauline sai de costas pela porta da frente, puxando uma bolsa de compras tartan sobre rodas. Sempre um pouco mais velha do que o esperado. Menor, também. Vendo da rua deve dar a impressão de perfectibilidade humana: cada geração melhora em relação à anterior. Mais em forma, mais saudável, mais produtiva. Da coruja ergue-se a fênix. Ou ergue-se apenas para descer de novo? Demorando cada vez mais até demorar menos.

— Preocupada com você. Parece toda confusa.

— Estou bem.

— E se não estivesse não diria.

O que há para dizer? Ainda à procura dela, depois de quase um mês. Esperando que saia desta loja, vire aquela esquina, esteja perto daquela cabine telefônica. A garota é mais real para Leah em sua ausência do que a protuberância quase insignificante que está com ela o tempo todo, embora escondida por um blusão de moletom.

— Acabei de colocar esta blusa e já estou suando feito um porco. Isso não é normal.

O templo hindu tem as cores de um bloco de sorvete napolitano e praticamente o mesmo formato. Um bloco de sorvete napolitano com duas casquinhas viradas para baixo, uma em cada ponta. Hindus velhinhos descem pelos degraus da frente, hesitantes diante do clima quente. Eles vestem seus sáris com coletes e cardigãs e grossas meias de lã. Parecem ter vindo andando de Délhi a Willesden, acrescentando camadas de roupa conforme seguiam para o norte. Agora eles se movem como uma coisa só até o ponto de ônibus mais próximo, uma multidão que envolve Leah e sua mãe, carregando-as junto.

— Que sorte. Vamos no embalo. Poupar tempo.

— Qualquer um com mais de trinta anos pegando um ônibus pode se considerar um fracassado.

— Querida, esqueci meu passe! O que é aquilo, meu amor?

— Thatcher. Das antigas.

— Uma para a Kilburn Station, por favor. Duas libras! Ela era uma vaca horrível. Você não tem como lembrar, eu lembro. Hoje é Brent. Amanhã poderá ser a Grã-Bretanha!

— Mãe, senta ali. Eu sento aqui. Não tem espaço.

— Na capa do *Mail*. Hoje é Brent. Amanhã poderá ser a Grã-Bretanha! A cara de pau de algumas pessoas. A grosseria.

Sentada em frente, Leah fica olhando para um bindi vermelho até ele começar a embaçar, ficar enorme, tomando conta de toda a sua visão até ela sentir que entrou no ponto, atravessou-o, saindo num mundo mais delicado, paralelo ao nosso, onde as pessoas se conhecem plena e intimamente e não há tempo ou morte ou medo ou sofás ou

— e podemos até ter tido nossas diferenças, mas ele te ama. E você o ama. Você deve ir em frente. Vocês estão bem instalados no conjunto habitacional, têm um carrinho, vocês dois têm bons empregos. É a próxima coisa.

Você é a próxima. É a próxima coisa. Próxima parada Kilburn Station. As portas dobram-se para dentro, o inseto urbano fechando suas asas. Uma garota no celular coberta da cabeça aos pés entra enquanto elas saem e interrompe a narrativa rindo e comendo os agás e usando maquiagem, mas ainda assim Pauline é compelida a dizer o que ela sempre diz, com uma variação elegante, dependendo do ciclo de notícias.

— Só duas pessoas se beijando, é assim que é em Dubai — vão pegar doze anos cada uma. Simplesmente não é permitido, sabe. É sempre tão triste.

Mas essa tristeza é rapidamente substituída por outra tristeza, mais local. Uma cigana suja e um cara alto fazendo uma dancinha frenética perto das máquinas de autoatendimento. Pauline respira fundo no ouvido de Leah.

— Sou grata porque filho meu nunca fez nada disso na vida.

Um rápido desfile de delícias passadas atravessa a mente de Leah, lembrança esta que é quase insuportavelmente prazerosa: brancos e marrons, naturais e químicos, em pílulas e em pó.

— Não vejo nada de engraçado nisso. Afe, não consigo acreditar que deixei em casa. Sempre carrego neste bolso.

— Não estava rindo disso.

Bilheteúnicobilheteúnicobilheteúnico.

— O que ela está dizendo, amorzinho?

— Vendendo os bilhetes deles, eu acho.

Muito triste, mas também uma oportunidade para uma economia. Pauline aproxima-se para tocar no ombro do cara.

— Quantas zonas? Quanto você está pedindo?

— Bilhete único de um dia. Seis zonas. Duas libras.

— Duas libras! Como é que eu vou saber que não é falso?

— *Mãe*. O negócio traz a data. Jesus!

— Te dou uma libra, nada mais.

— Tudo bem, sra. Hanwell.

Olha. Uma forma sacolejante de viagem no tempo, movendo-se em duas direções: impondo a criança a este homem, este homem à criança. Um familiar, um desconhecido. O afro do homem é irregular e tem um minúsculo tufo de cabelo cinza. As roupas estão esfarrapadas. O dedão de um dos pés atravessa a borracha esfarelenta de um velho Nike Air com uma listra vermelha. O rosto é bem mais velho do que deveria ser, mesmo considerando o tratamento desagradável do tempo para com materiais humanos. Ele tem uma mancha esquisita de pele branca no pescoço. No entanto, o fio de beleza não tinha sido totalmente rompido.

— *Nathan*?

— Tudo bem, sra. Hanwell.

Bom ver Pauline desconcertada, as pontas suadas de seu cabelo cacheando seu rosto.

— Bem, como vai, Nathan?

— Sobrevivendo.

Os tremores. Levou um corte, profundo, na bochecha, não faz muito tempo. É um rosto aberto e franco ainda. Sem fingir nada. O que torna tudo muito mais difícil.

— Como está sua mãe, suas irmãs? Você se lembra de Leah. Ela está casada agora.

— Ah é. Que bom, é.

Ele sorri timidamente para Leah. Com dez anos ele tinha um sorriso! Nathan Bogle: a própria definição de desejo para garotas que até então só tinham se sentido assim em relação a certas borrachas perfumadas. Um sorriso que acabava com a resolução até dos mais rigorosos professores, dos pais de outras pessoas. Aos dez ela teria feito qualquer coisa, qualquer coisa! Agora ela vê os de dez anos e não consegue acreditar que eles têm dentro de si o que ela tinha dentro dela com a mesma idade.

— Quanto tempo.

— É.

Mais ainda para ele. Mais ou menos uma vez por ano ela o vê na avenida. Ela se esconde numa loja, ou atravessa ou pega um ônibus. Agora com um dente faltando aqui e ali e ali. Olhos arruinados. O que deveria ser branco é amarelo. Veias vermelhas por toda a parte.

— Aqui está aquela libra. Você se cuide, viu. Mande lembranças à sua mãe.

Rapidamente pela catraca, tropeçando uma na outra na pressa, e depois rapidamente escada acima.

— Aquilo foi horrível.

— A coitada da mãe dele! Eu devia dar uma passada lá qualquer dia desses. Tão triste. Eu fiquei sabendo, mas não tinha visto com meus próprios olhos.

O trem chega e Leah vê Pauline observá-lo calmamente, dar um passo à frente até a linha amarela. Este reino de Pauline — o reino do tão triste — é imutável e inevitável, como furacões e tsunamis. Nenhuma angústia em particular está ligada a ele. Normalmente, aquilo é suportável; hoje está obsceno. O tão triste é distante demais da existência de Pauline, que só é decepcionante. Faz com que o decepcionante pareça uma benção. Deve ser por isso que notícias de lá sejam sempre tão bem-vindas, tão gratificantes.

— Você tinha uma queda por ele, eu lembro. Continuou tendo por alguns anos depois, acho. Ele não é aquele que matou alguém, né? Não, foi outra pessoa. Ficou internado num sanatório, não ficou? Uma época? Espancou o pai até não poder mais, disso eu tenho certeza. Embora aquele homem estivesse pedindo pra isso ou algo assim acontecer.

Leah pega dois jornais gratuitos da pilha enquanto o trem começa a andar, pois ler é silencioso.

Ela tenta ler um artigo. É sobre uma atriz levando o cachorro para passear num parque. Mas Pauline quer ler um artigo sobre um

homem que não era realmente quem ele dizia ser, e ela quer conversar sobre isso, também.

— Bem, se você diz que é infalível! Pode falar o que for da nossa, mas pelo menos a gente não diz que é infalível. Homens de Deus, não são? Aquelas pobres crianças. Vidas arruinadas. E eles chamam isso de religião! Bem, vamos torcer pra que isso ponha um fim nesse negócio todo de uma vez por todas.

Uma vez que elas estão falando pro vagão todo, Leah prepara uma pequena defesa, pensando no cheiro de incenso, nos sensuais bebês putti, nos clarões de sol dourados, em piso de mármore frio, em madeira escura esculpida e trabalhada, em mulheres se ajoelhando, sussurrando ao acender velas, no mochilão pela Europa em 1993.

— Quem me dera se a gente tivesse confissão. Quem me dera se eu pudesse me confessar.

— Ah, vê se cresce, Leah, faz favor!

Pauline vira a página com violência. Na janela surge o horizonte de Kilburn. Não aburguesado, não aburguesável. Os picos e quedas de crescimento não chegam aqui. Aqui a queda é permanente. State Empire vazio, Odeon vazio, fachadas riscadas de grafite subindo e descendo como uma montanha-russa. Uma confusão de telhados e chaminés, alguns altos, alguns baixos, colados uns nos outros, cigarros chacoalhados numa carteira. Na janela oposta, Willesden em retirada. Número trinta e sete. Nos anos de 1880 ou por aí a coisa toda foi erguida de uma só vez — casas, igrejas, escolas, cemitérios —, uma visão otimista da Metroland. Pequenos terraços, velhas mansões em falso Tudor. Todos os confortos da modernidade! Banheiro dentro de casa, água quente. Moradia rural bem equipada para os que estão cansados da cidade. Avanço rápido. Cidade decepcionante para os que estão cansados de seus países.

— Pre-sen-ça de cin-zas vul-câ-ni-cas no ar?

Pauline enuncia cada sílaba cuidadosamente, duvidando da sua veracidade, e coloca a foto perto demais do nariz da filha. Leah consegue enxergar só um enorme redemoinho cinza. Talvez isso seja tudo o que há para ver. O assunto também é discutido pelos hipsters da frente. *A vingança de Gaia*, diz a garota para o garoto. *Dando por tempo suficiente pra pegar de volta.* Pauline, sempre sensível à possibilidade de uma conversa em grupo, inclina-se para a frente.

— Sem frutas ou vegetais nas lojas, estão dizendo. Faz sentido, se for pensar. Claro, estamos numa ilha aqui. Eu sempre me esqueço disso, vocês não?

13.

— Terminou no computador?

— Preciso esperar até eles fecharem.

— Já são quase sete horas. Preciso usá-lo.

— Não são sete on-line. Por que você não continua fazendo suas coisas?

— É por isso que eu preciso usá-lo.

— Leah, eu te chamo quando terminar.

Comércio de moedas. A exploração da volatilidade. Ela só consegue entender palavras, não números. As palavras são agourentas. Acrescente-as ao olhar que Michel está fazendo, agora mesmo, de atenção exclusiva. Tempo interno estendido e parado, desatento aos minutos e às horas fora de si. Cinco minutos! Ele diz irritado mesmo que tenham se passado trinta ou cem ou duzentos. A pornografia faz isso, também. A arte também, dizem.

Leah fica atrás de Michel na escuridão do quartinho. O brilho azul da tela. Ele está a meio metro dela. Ele está do outro lado do mundo. Por que você não continua fazendo suas coisas?

Ela tem a ideia de que há muitas coisas que há semanas ela anda esperando pra fazer e agora ela vai fazê-las com a brilhante rapidez da montagem, como a parte do meio de um filme. Na sala de estar a TV está ligada. Mais luz azul no corredor. No quartinho, o

computador toca um hip-hop raivoso, um sinal de que as coisas vão mal. Às vezes ela diz pra ele: você perdeu o dinheiro? Ele fica furioso, diz que não é assim que funciona. Alguns dias eu perco, alguns dias eu ganho. Como é que ele pode estar perdendo ou ganhando aquelas mesmas oito mil libras, de novo e de novo? A única herança que Leah recebeu de Hanwell, suas únicas economias. O dinheiro em si tornou-se nocional, uma noção que o Hanwell materialista — que guardava seu dinheiro de papel real numa caixa de papelão numa estante de mogno — jamais ia entender. Não mais do que Leah entende. Ela senta numa cadeira na porta aberta entre a cozinha e o jardim. Dedos dos pés na grama. O céu está vazio e silencioso. Indignação sai do programa de rádio do vizinho ao lado: Levei cinquenta e duas horas pra voltar de Singapura! Uma nova velha lição sobre o tempo. Os brócolis vêm do Quênia. Sangue precisa ser transportado. Soldados precisam de suprimentos. A maioria da melhor parte de NW foi viajar, por causa da Páscoa, com seus anjinhos. Talvez eles não voltem nunca. Um pensamento pelo qual se deixar levar.

Ned desce martelando os degraus de ferro batido, olhando o céu.

— Muito estranho.

— Eu gosto. Gosto do silêncio.

— Me apavora. Como *Cocoon*.

— Não acho.

— A cidade estava totalmente vazia. Arbus na Portrait Gallery sem multidões. Incrível. Uma experiência e tanto.

Leah submete-se à longa e animada descrição de Ned. Ela inveja o entusiasmo dele com a cidade. Ele não passa o tempo com seus ex-conterrâneos em seus enclaves suburbanos, abrindo garrafas de cerveja, vendo rúgbi: ele faz tudo o que pode para evitá-los. Admirável. Explorando a cidade sozinho, à caça de shows e palestras e mostras e exibições, parques distantes e piscinas misteriosas. Leah, nascida e criada aqui, nunca vai a lugar nenhum.

— se trata realmente de integridade a tipo, tipo, tipo uma ideia? Fiquei muito impressionado. Mas enfim. Estou morrendo de fome. Vou subir e fazer um macarrão ao pesto pra mim. Olha, vou te deixar uns dois pra você passar o tempo.

Ele coloca três no peitoril da janela, pré-enrolados. Ela olha para eles alinhados na palma aberta de sua mão. Ela fuma o primeiro rápido, até o toco de papel laranja. Olive persegue ruídos em meio às sombras. Depois o segundo. A janela do andar de cima está aberta: Gloria gritando com os filhos. Vocês num escutam! Num tenho o dia todo pra dizer a mesma porra pra vocês de novo e de novo! Leah chama Olive, que vem gingando. Leah a pega com os dois braços. Pele de camurça. Pequena e vulnerável caixa torácica com um espaço para cada dedo. É errado amar tanto um cachorro, diz Michel, que já torceu o pescoço de galinhas, cortou a garganta de uma cabra. A garganta de Olive entre as mãos de Leah — tem como segurar uma criança com ainda mais ternura? Depois de Olive é fácil acreditar na consciência dos animais. Até os caranguejos respirando bolhas na peixaria adquiriram um aspecto trágico. No entanto, ainda assim ela come todos. Que monstro ela é. Melhor num esperarem eu descer aí pra prender vocês! Ela fuma o terceiro.

Escurece devagar, depois de repente. Luzes natalinas estudadamente colocadas em volta da macieira. Lentes de contato tão secas que é difícil enxergar. Depois da árvore, a cerca, a estrada de ferro, Willesden. Número trinta e sete. É desta direção que seu pai vem, caminhando até ela. Ele vai só até a roseira inútil de Ned. Ele usa um chapéu.

Como está sua cachorrinha?, ele pergunta.

Leah descobre que consegue responder para ele sem abrir a boca. Ela lhe conta todas as coisas que Olive andou aprontando desde que ele morreu, em novembro do ano passado, cada coisinha, todas as coisinhas! Até o detalhe mais sem graça da cachorra o diverte. Ele diz, querida, ah, querida, e sacode as

migalhas de seu gasto cardigã azul, rindo. Ele está vestido exatamente do jeito com que eles o vestiram em Morehurst, com exceção deste fedora que ela nunca viu antes, que é o único termo que Leah conhece do velho estilo de chapéus. Ele tem uma mancha branca na coxa, como sêmen, uma crosta num relevo de sua desbotada calça de veludo cotelê marrom que ninguém se deu ao trabalho de limpar. Aquelas belas enfermeiras ucranianas que nunca se demoravam muito.

Atrás daqui não há nada além de raposas sangrando, diz Hanwell, com tristeza.

É realmente uma epidemia. Quer dizer, elas sempre estiveram ali, na mesma quantidade que estão agora, mas agora isso é chamado de epidemia. Uma manchete recente no *Standard*, EPIDEMIA DE RAPOSAS DE NORTH-WEST, e uma foto de um homem ajoelhado num jardim cercado pelos corpos de raposas que ele tinha matado. Dezenas e dezenas e dezenas delas. Dezenas e dezenas!, diz Leah, e é assim que a gente vive agora, defendendo o nosso pedacinho de terra, não costumava ser assim antes, mas tudo mudou, não mudou, é isso o que dizem, tudo mudou. Colin Hanwell tenta escutar. Ele realmente não está muito interessado em raposas e no que elas poderiam simbolizar.

Bem, entendo por que eles ficaram com essa impressão, diz Hanwell.

Como?

Eu disse que entendo por que eles ficaram com essa ideia, do jeito que você vive.

Como?

Se você me diz que é feliz, diz Hanwell, você é feliz e ponto final.

A conversa se volta para outros assuntos. Você nunca busca sua própria fronha na lavanderia. O que realmente importa é que o chef Maureen aceita suas lasanhas congeladas sem glúten, que você consegue comer essas coisas enquanto as necessidades

nutricionais dos outros são ignoradas e consequentemente eles cagam sangue e têm convulsões e ficam com soluços que não acabam nunca. Sim, cede Leah, sim, pai, talvez. Talvez cagar sangue seja pior do que símbolos e tristeza e a situação global. Você não pode falar assim com os médicos, sussurra Hanwell, eles podem te ouvir, você nunca sabe quando eles vão passar por aqui. Você precisa rezar pra que eles passem.

Leah começa a sentir que está no controle e talvez possa moldar o que resta deste encontro de acordo com sua própria satisfação. Ela começa a fazer seu pai dizer coisas, conduzindo-o, movendo seus braços e manipulando suas expressões, primeiro de forma inocente, e depois deliberadamente, de modo que ele diga eu te amo, sabe. E depois: meu amor, você sabe que eu sempre te amei. E: eu te amo não se preocupe está bom aqui. E até: vejo uma luz. Depois de um tempo ele parece estranho fazendo isso e Leah fica envergonhada e para. E ainda assim ele continua, e com isso mantém a deliciosa possibilidade da loucura, um prazer tão adorável. Se ela não tivesse essa rotina diária a cumprir com sua administração e aluguel e marido e trabalho ela poderia enlouquecer! Por que não enlouquecer?

E lembre-se de trancar o portão com a pressão da água onde o gás é quente no forno da tomada desligue quando sair usando somente cebolas vermelhas e uma pitada de canela depois volte antes de precisar pegar um táxi particular — *sem* beber, aconselha Hanwell.

Ela não consegue fazê-lo chegar mais perto. E, no entanto, a mão dele parece estar na dela e a bochecha dele na dela e Leah beija sua mão e sente a lágrima dele em sua orelha porque ele sempre foi um velho tolo e sentimental. Ela aperta as mãos dele entre as suas. Elas têm a secura do outono. Ela consegue sentir a contusão carnuda da ferida persistente, no meio da mão dele, ainda não sarada porque depois de certa idade essas coisas param de sarar.

Ela está roxa e agora se enche de sangue, raspada tão de leve, de forma tão insignificante, meses e meses atrás, na ponta da mesa de jogos no salão comunitário. A pele caiu. Eles a rolaram de volta e a colocaram no lugar. Mas durante todo o ano passado ela continuou roxa e cheia de sangue.

Leah diz: Pai! Não vá!

Hanwell diz: Eu preciso ir a algum lugar?

Michel diz: Computador liberado!

14.

Uma grande colina atravessa NW, erguendo-se em Hampstead, West Hampstead, Kilburn, Willesden, Brondesbury, Cricklewood. Ela é conhecida no mundo das letras. A Mulher de Branco sobe por um lado para encontrar o ladrão de estrada Jack Sheppard no outro. Às vezes o próprio Dickens vem a este extremo oeste e norte para uma cerveja ou para enterrar alguém. Olha, ali, no tapete da biblioteca entre Ficção Científica e História Local: uma camisinha com um nó, cheia de esperma. Houve um tempo em que isso eram só fazendas e campos com casas acenando umas para as outras ao longo do cume desta colina. Estações de trem as substituíram, em intervalos de menos de um quilômetro.

Faz pouco mais de um mês que a garota bateu à porta — fim de maio. Os castanheiros-da-índia parecem bem em sua plenitude frondosa, embora todo mundo saiba que eles estão tomados por praga. Leah está em um dos lados do cume de Brondesbury, subindo contra a luz do sol, sem saber quem ou o que a espera do outro lado. Ela fica tão surpresa que recorre a uma emoção instintiva: desprezo. Olha de esguelha para a garota do jeito que crianças costumam fazer na escola. Faz isso tão tarde e tão perto do rosto de Shar que o gesto acaba sendo mais violento que o pretendido. Se Michel estivesse aqui! Michel não está aqui. Leah

tenta um passo para o lado de última hora, esperando seguir adiante. Uma mãozinha agarra seu pulso.

— EI. VOCÊ.

A cabeça dela está descoberta. Cabelo negro e grosso cai solto por toda parte. Em meio à pele flácida que o encobria, Leah enxerga um catastrófico olho roxo e amarelo. Água escorre dele, lágrimas ou alguma outra coisa involuntária. Leah tenta falar, mas só gagueja.

— O que você quer de mim? O que quer que eu diga? Eu te roubei? Sou uma viciada. Roubei seu dinheiro. Tá bom? TÁ BOM?

— Deixa eu ajudar, talvez eu possa… há lugares que… que ajudam.

Leah estremece diante da própria voz. Quão débil ela é! Como uma criança implorando.

— Num tenho o seu dinheiro, tá? Eu tenho um problema. Tá me entendendo? NUM TENHO NADA PRA VOCÊ. Não preciso de você e do seu maldito amiguinho comigo todo maldito dia. Apontano, gritano. Pra falar a verdade não aguento mais isso. O que você quer de mim? Quer me ver de joelhos?

— Não, eu… Posso te ajudar, de alguma forma? Posso fazer alguma coisa?

Shar solta, dá de ombros e se vira, cambaleia, quase cai. Seus olhos reviram em sua bela cabeça. Leah levanta a mão para segurá-la. Shar empurra a mão para o lado asperamente.

— Pegue o meu número. Por favor. Vou escrever aqui. Eu trabalho com, eu estou ligada a, um monte de instituições de caridade, no trabalho, sabe, que poderiam talvez…

Leah coloca um envelope amassado no bolso de Shar. Shar aponta o dedo na cara de Leah.

— Não aguento mais. Não aguento.

Leah a observa sair tropeçando cume abaixo.

15.

No noventa e oito, uma mulher senta em frente com uma menininha no colo. Ela apresenta uma série de cartões ilustrados à criança com o propósito de estimulá-la. Elefante. Rato. Xícara de chá. Sol. Campina, com duas vacas mu-mus. A criança é estimulada especialmente pelo cartão com um rosto humano. É o único cartão que ela quer pegar, estendendo a mão e rindo. Lucia esperta! Seus dedos gordos o agarram. Então ela ergue os braços para o rosto da mãe com a mesma violência. Não, Lucia! A criança ameaça chorar. Algumas coisas são pessoas, explica sua mãe, e algumas coisas são imagens e algumas coisas são macias e algumas coisas são duras. Leah olha pela janela. A chuva é implacável. Os aviões estão de volta no céu. Trabalho é trabalho. O tempo deixou de ser misterioso. É apenas tempo outra vez. Ela trouxe alguma literatura do trabalho, do armário de literatura. Organizações profissionais que oferecem ajuda profissional. Isso é “o máximo que você pode fazer”. Agora é a vez de o viciado “tomar suas próprias decisões”. Porque “ninguém pode forçar ninguém a receber a ajuda de que precisa”. Todo mundo diz as mesmas coisas. Todo mundo diz as mesmas coisas do mesmo jeito. Leah desce na Willesden Lane e começa a caminhar rápido, mas o ônibus encosta do lado dela e para. Ela tem o primeiro andar como plateia enquanto se curva sobre uma cerca

do lado de fora de uma igreja. Um vômito que é principalmente água, indistinguível da chuva. Essa igreja de sua infância, na qual ela foi escoteira, foi transformada em apartamentos de luxo, cada um com sua própria seção de vitrais alegres. Do lado de fora, um ajuntamento de pequenos carros esportivos estacionados onde antes havia um pequeno cemitério. O ônibus sai pesadamente na direção da avenida. Ela endireita-se, limpa a boca com o lenço. Caminha energicamente com uma mão segurando um guarda-chuva que é insuficiente, com chuva escorrendo por sua manga direita. Número trinta e sete. Ela passa os olhos pelos folhetos rapidamente, como uma boa garota conferindo a correspondência na caixa de correio faria antes de enfiá-los ali.

37.

Ela esperava encontrar outro método. Algum remédio dos tempos da carochinha que pudesse ser discretamente aplicado em casa usando produtos do dia a dia do armário do banheiro. Qualquer outra coisa vai sair caro. Qualquer outra coisa vai aparecer na conta conjunta. Na internet ela só encontra moralistas e nenhum conselho prático sequer além das velhas histórias de terror do passado pré-moral: banhos de gim e alfinetes de chapéu. Quem tem alfinetes de chapéu? Em vez disso ela está aqui, com um velho cartão de crédito da época da faculdade. Lugar estranho. Lugar nenhum. Poderia ser um dentista, um quiroprático. Atendimento particular! Sofás macios, mesinhas de centro com tampo de vidro, privacidade. Nenhuma prancheta. Ninguém para perguntar:

a) Foi você mesma quem decidiu realizar o procedimento?
b) Você tem alguém pra te levar pra casa depois do procedimento?

Aqui está uma garota para perguntar se ela gostaria de um copo d'água, como ela gostaria de pagar. Isso é tudo. O dinheiro evita relacionamento, obrigação. É bem diferente. Tempos atrás, quando ela tinha dezenove anos, a enfermeira da universidade organizou

tudo. Ela sentou com uma espécie de ex-amante, as duas com suas saias de verão, na ponta da cama do hospital, as pernas balançando, como garotinhas repreendidas, e o que mais interessava a elas era como o anestésico funcionava.

— Pareceu que ele segurou meu pulso, disse dez, nove, oito e o segundo seguinte — *o segundo seguinte* — foi tipo agora, foi você beijando minha testa.

— Foram duas horas e meia!

À sua maneira, uma revelação maior do que as aulas confusas sobre consciência, sobre Descartes, sobre Berkeley.

Dez nove oito…

Foram duas horas e meia!

Nenhum livro poderia tê-la convencido como aquele dia fez. Dez nove oito… alheamento. Uma doce garota! Foi mais do que ela precisava fazer. Uma das vantagens de amar mulheres, de ser amada por mulheres: elas sempre vão fazer coisas muito além do que o dever pede. Dez nove oito. De volta à vida. Beijo na testa. E também um adesivo infantil, semilimpo, na parede diante de seus olhos. Tigrão e Cristóvão e Pooh, todos sem cabeça. Cama sobrando na ala das crianças? Ela só se lembra de dez nove oito — o ensaio indolor para a morte. Um episódio útil para lembrar em momentos de medo mortal. (Em aviões pequenos, em situações de aperto.) Naquela primeira vez, estava com dois meses. Na segunda vez, dois meses e três semanas. Essa é a terceira.

A recepcionista manca pela sala. Tornozelo torcido, curativo branco imundo pendendo. Leah cora. Ela se envergonha diante de um ninguém imaginado que não é real e, no entanto, monitora nossos pensamentos. Ela se repreende. Claro, isso tudo não era uma questão da sua própria não existência, claro, mas sim da não existência de outro. Claro. Sim, foi isso o que eu quis dizer, o que eu quis pensar, claro. O tipo de coisa que mulheres normais pensam.

— Sra. Hanwell? Quando você quiser.

16.

— Não é relevante? Como assim? Como você pôde me contar toda essa história e não mencionar o lenço na cabeça?

Natalie ri. Frank ri. Michel ri com mais vontade. Ligeiramente bêbado. Não só do prosecco em sua mão. Da grandeza dessa casa vitoriana, da extensão do jardim, de conhecer uma advogada e um banqueiro, de achar engraçadas as coisas que eles acham engraçado. As crianças giram freneticamente pelo jardim, rindo porque todo mundo está rindo. Leah olha para Olive e a afaga intensamente, até a cachorra ficar desconcertada e se esquivar para longe. Ela olha para sua melhor amiga, Natalie Blake, e a odeia.

— Leah… sempre tentando salvar alguém.

— Não é esse o seu trabalho?

— Defender alguém é muito diferente de salvá-lo. De qualquer forma, eu quase só faço empresarial hoje em dia.

Natalie cruza uma perna nua por cima da outra. Esculturas elegantes de ébano. Inclina a cabeça direto na direção do sol. Frank também. Eles parecem um rei e uma rainha de perfil numa moeda antiga. Leah precisa manter-se na sombra de algo que Frank chama de gazebo. As duas mulheres olham de soslaio uma para a outra por sobre uma extensão de gramado bem cuidado. Elas estão se provocando. Elas vêm se provocando a tarde toda.

— Eu vivo dando de cara com ela.

— Naomi, pare de fazer isso.

— Ela estudou com a gente. É difícil acreditar.

— Ah, é? Por quê? Pare, Naomi. Saia de perto da grelha. É fogo, quente, vem cá.

— Não importa.

— Desculpe, me diga de novo. Estou escutando. Shar. Realmente não me lembro do nome. Vai ver foi durante o nosso “rompimento”. Na época você andou com um monte de gente que nunca conheci.

— Não. Não cheguei a conhecê-la na escola.

— Naomi! Estou falando sério. Desculpe — então, espera: qual é o problema?

— Nenhum problema. Nada.

— É só que no fim das contas não é muito…

— “Disse ela, a voz sumindo.”

— Quê? Naomi, vem cá!

— Nada.

Frank se aproxima com a garrafa, tão expansivo com Leah quanto sua esposa é rude. Seu rosto está bem perto. Ele cheira a algo caro. Leah inclina-se para trás para deixá-lo servir.

— Por que é que todo mundo da escola de vocês é um craqueiro criminoso?

— Por que todo mundo da sua é um ministro tóri?

Frank sorri. Ele é bonito sua camisa é perfeita sua calça é perfeita seus filhos são perfeitos sua esposa é perfeita este é um copo de prosecco perfeitamente gelado. Ele diz:

— Deve ser reconfortante poder dividir o mundo em dois desse jeito na sua cabeça.

— Frank, pare de provocar.

— Leah não se ofendeu. Você não se ofendeu, Leah. Claro, eu já estou dividido no meio, então você entende que pra mim é difícil

pensar desse jeito. Quando vocês dois tiverem filhos, eles vão entender o que eu quero dizer.

Leah tenta olhar agora para Frank do jeito que ele parece querer: como uma projeção de certo futuro para ela própria e para Michel. A cor de café, aquelas sardas. Mas, para além dos acidentes da genética, Frank não tem nada a ver nem com Leah nem com Michel. Ela conheceu sua mãe certa vez. Elena. Reclamou do provincialismo de Milão e aconselhou Leah a pintar o cabelo. Frank é de uma fatia diferente do multiverso.

— Minha sogra em sua sabedoria disse que se você quer conhecer a verdadeira diferença entre as pessoas deve fazer o teste da enfermeira comunitária. Toque a campainha e, se elas deitarem no chão e apagarem as luzes, boa gente não são!

Michel diz:

— Não entendi. O que isso quer dizer?

Natalie explica:

— Às vezes as pessoas não querem abrir a porta para Marcia, elas têm receio de aquilo ter relação com o serviço social ou algo do gênero. Elas querem ficar fora do radar, basicamente. Então se algum dia minha mãe tocar sua campainha, pelo amor de Deus não deite no chão.

Michel assente com gravidade, levando esse conselho a sério. Ele não consegue perceber, do jeito que Leah percebe. O jeito com que Natalie fica batendinho o dedo na mesa do jardim e olha para o céu enquanto fala. Ele não consegue perceber que estamos entediando os dois, e que eles queriam se ver livre da gente, desta velha obrigação. Ele não consegue calar a boca, ele diz:

— Estas pessoas, elas iam deitar no chão. Estão na Ridley Avenue. E a gente conclui que estão todas morando numa casa ocupada, juntas, na Ridley Avenue, talvez quatro ou cinco destas garotas que estão trabalhando nas ruas, tocando campainhas, e há também alguns caras, a gente acha. Cafetões, provavelmente. Mas

este é o tipo de coisa com que você lida todo dia. Não preciso te dizer, você sabe. Você deve ver gente assim todo dia, todo dia, né? No tribunal.

— Michel, querido… É como perguntar pra um médico numa festa sobre uma pinta nas costas.

Michel sempre fala com sinceridade, e é estranho que justamente essa característica — muito valorizada por Leah em particular — a deixe constrangida em público. Nat está acompanhando o progresso de Spike conforme ele dá passinhos num canteiro de flores. Agora sua atenção se volta para Leah e Leah a avalia: serena, um pouco arrogante. Falsa.

— Não, estou interessada, continue, Michel, desculpe.

— Este outro, este cara, ele também é da escola de vocês. Pediu dinheiro pra ela algumas semanas atrás na rua.

— Não foi isso que aconteceu! Ele está falando de Nathan Bogle. Ele estava vendendo bilhetes únicos. Você sabe como ele faz isso, você já viu ele fazer isso, em Kilburn, às vezes em Willesden?

— Hummm.

É humilhante ser a causa de tanto e de tão extremo tédio em sua amiga mais antiga. Leah é rebaixada à posição de ficar trazendo esses velhos nomes e rostos numa tentativa de envolvê-la.

Frank diz:

— Bogle? Ele que foi pego por importar heroína?

— Não, esse foi o Robbie Jenner. Um ano abaixo. Bogle não estava naquela liga. Ele desistiu pra se tornar jogador de futebol. Spike, por favor, não faça isso, meu bem.

— E ele conseguiu? Se tornar um jogador de futebol?

— Hã? Ah — não. Não.

Talvez Brayton, também, não exista mais para ela. Foi-se, descartada. Ela provavelmente fica tão surpresa por ter saído de Brayton quanto Brayton fica surpresa por tê-la gerado. Nat é a garota que se deu bem saindo de seu hospício de mil crianças; que

se deu bem demais, talvez, pra se lembrar de onde veio. Pra viver desse jeito você precisa esquecer tudo o que veio antes. De que outra forma conseguiria?

— Ele era um amor de garoto. Sua mãe era santa-lucense. Santa-luciense? Todas as nossas mães se conheciam. Muito bonito, muito bagunceiro. Tocava bateria? Muito bem. Ele sentava perto de Keisha. Na época em que ela era Keisha. Eu morria de ciúme por causa disso, quando tinha oito. Né, Keisha?

Natalie rói uma unha, odiando ser provocada. Ela não gosta de ser lembrada de suas próprias incoerências. Leah se atreve a ir um pouco mais longe: hipocrisias. Leah passa pelo velho conjunto todos os dias a caminho da loja da esquina. Ela consegue vê-lo do jardim dos fundos. Nat mora longe o suficiente para evitá-lo. De qualquer forma todos os encontros acontecem aqui, na casa de Nat, pois por que não seria assim? Olhe só para esta linda casa! Leah cora enquanto uma expressão ilegal se enfia em sua mente, a expressão de Shar: branca por dentro. E então Michel fala, e a torna perfeita.

— Você mudou de nome. Eu esqueço que você fez isso. É tipo: “Vista-se para o trabalho que você quer, não para o que você tem”. E é a mesma coisa com nomes, acho eu.

Arruinada na opinião de Leah, porém, com este deprimente *acho eu*, que ele só fala aqui, nesta casa, e que é constrangedor. Natalie arregala os olhos; ela recorre a uma mudança de assunto, que as crianças parecem sempre proporcionar.

— Michel, você pode me ajudar: o que eu deveria fazer com isso?

Nat pega dois punhados do cabelo de Naomi e, enquanto a criança se contorce embaixo, ela passa os dedos pelo ninho que era aquilo para mostrar os nós.

— Ela não me deixa tocar nele, então eu deveria levar pra você raspar, certo? Ela pode ir no salão amanhã pra você raspar tudo.

Naomi dá um berro. Michel responde à pergunta, de forma gentil, cuidadosa, sincera. Sem aconselhar uma ação drástica, ele

recomenda hidratante capilar e óleo de coco. Mesmo depois de tantos anos neste país, o gosto inglês por torturar crianças com ironia continua sendo estranho para ele. Nat mantém seu sorriso luminoso preso ao rosto.

— TÁ BOM, TÁ BOM, Naomi. NAOMI. A mamãe estava só brincando… Ninguém vai… sim, trançá-lo à noite deve ajudar, Michel, obrigada…

Frank diz:

— Na minha escola não existia isso de “feriados escolares”. Minha mãe nunca me via antes do Natal.

Sua esposa sorri tristemente e lhe dá um beijo na bochecha:

— Ah, aposto que existia. Conhecendo sua mãe, ela provavelmente nunca foi te buscar.

Não tem graça, diz Frank. Tem sim, diz Natalie. Leah vê Nat aceitar uma corrente de margaridas que Naomi começou. Partir um caule com a unha do polegar, passar a margarida seguinte no meio.

— Não vou mandar meus filhos pra um internato. Completamente sozinhos numa turma com trinta crianças brancas. Seria loucura fazer isso.

— Nossos filhos. Vinte crianças brancas. Não me fez nenhum mal.

— Você está usando mocassins, Frank.

Não tem graça, diz Frank. Tem sim, diz Natalie. Muitas vezes Leah tenta diagnosticar uma doença aqui, entre estes dois — algo podre, algo virulento —, mas os pacientes insistem em ficar saltando pra fora da cama e fazendo piadinhas. Beijando a bochecha um do outro.

— Você está quebrando ela!

Leah olha para a corrente de margaridas. Naomi tem razão: Nat a quebrou. Agora Spike termina o serviço, pegando a corrente e espalhando os pedaços pelo gramado. A gritaria começa. Leah coloca o sorriso fraco de quem aprecia crianças. Frank ergue-se e enfia uma criança chutando debaixo de cada braço.

— Eles vão pra escola da igreja, pelos nossos pecados.

O modo padrão de Frank para com Leah é uma espécie de autoparódia. Leah o frustra fingindo inocência, forçando-o a dizer explicitamente o que quer que ele estivesse tentando dizer de forma oblíqua.

— Escola da igreja? Já?

Natalie diz:

— É tudo ridículo: é uma escola gratuita, mas aparentemente precisamos começar a frequentar a igreja. Nos esforçar agora. Do contrário eles não vão entrar. Algum lugar não muito estressante, espero. Qual é aquela que a Pauline frequenta?

— Minha mãe? Talvez ela vá uma vez por mês. Santa Alguma Coisa, não sei. Posso perguntar, se você quiser.

Frank solta os filhos e suspira.

— Não é a sua vez logo?

Michel responde essa. Seu tema, seu reino. Começa agora uma conversa sobre o interior do corpo de Leah e sobre como, se Michel tivesse sido ouvido, ele teria estado bem mais ocupado nos últimos anos. Leah se concentra em Natalie. Ela está aqui de corpo, mas onde está sua mente? No trabalho? Em alguma glamorosa paixão extraconjugal? Ou apenas desejando que estas pessoas vão embora para que ela possa voltar à sua vida real, à vida familiar?

— Merda! O pão de banana. Esqueci. Naomi, venha me ajudar a servir.

Leah vê Natalie dar uma corridinha até sua linda cozinha com seus lindos filhos. Tudo atrás daquelas portas francesas é pleno e significativo. Os gestos, os olhares, a conversa que não pode ser ouvida. Como é que você consegue ficar tão pleno? E tão pleno só de coisas significativas? Todo o resto Nat conseguiu de alguma forma descartar. Ela é adulta.

Como é que você faz isso?

— Então… Michel. Como é que tá indo, cara? Vamos dar uma atualizada. Como é que vai o negócio de cabelo? As pessoas ainda estão… numa economia ruim?

O rosto de Frank registra um leve pânico de ser deixado com os estranhos amigos da esposa.

— Na verdade, estou mudando pra sua área, Frank, em pequena escala.

— Minha área?

— Negociação diária. Na internet. Depois que conversamos da última vez, sabe, eu comprei um livro e…

— Você comprou um livro?

— Um guia… e eu mesmo tenho tentado um pouco, pequenas quantias, só pra começar.

O rosto de Frank sugere que uma explicação adicional se faz necessária, ele detecta uma improbabilidade em algum lugar. É uma forma muito sutil de humilhação, mas ainda vai ser passada de Michel para Leah em alguma forma convertida, como um líquido se transformando em gás, ainda hoje, ou amanhã, numa discussão, na cama.

— Bem, o pai de Leah deixou pra ela, pra gente, uma pequena quantia.

— Ah, certo! Bem, uma pequena quantia é um bom lugar pra começar. Mas, veja bem, eu não quero ser responsável por você perder tudo, Michel… Trabalho pra um dos grandes, sabe, e nós temos meio que uma garantia, mas quando se trata de investidores particulares, sabe, é bom lembrar que…

Leah suspira, ruidosamente. É infantil, mas ela não consegue evitar. Frank se volta para Leah com um sorriso cansado e pacificador. Ele coloca um dedo corretivo no ombro dela, um tapinha.

— Michel: só o que eu ia dizer é que vale a pena fazer uma assinatura num site, como o *Today Trader*, ou algo do tipo, e jogar

com dinheiro falso primeiro, pegar o jeito da coisa…

— Vocês me dão licença? Acho que Olive precisa cagar e eu não quero que ela faça isso no seu gramado perfeito.

— *Leah.*

— Não, não, não, tudo bem. Michel, já nos conhecemos há um bom tempo, a Leah e eu. Estou acostumado com as ideias engraçadas dela. Spike, por que a gente não leva Olive até a esquina e volta, antes de ela ir pra casa? Vamos lá pegar umas sacolas, sim?

Leah e Michel são deixados para trás sentados na grama, de pernas cruzadas, como crianças. Esta casa a faz se sentir uma criança. Ingredientes de bolo e tapetes cheios de fru-frus e almofadas decorativas e cadeiras estofadas com tecidos escolhidos. Nenhum futon a vista. De um dia para o outro todo mundo cresceu. Enquanto ela estava se transformando, todo mundo cresceu e se transformou.

— Por que você me trata feito um idiota o tempo todo?

— Quê?

— Eu te fiz uma pergunta, Leah.

— Não foi minha intenção. Simplesmente não consigo suportar ele te rebaixar daquele jeito.

— Ele não fez isso. Você fez.

— Quem é ela? Quem é esta pessoa? Essa existência *bourgeois*!

— *Bourgeois, bourgeois, bourgeois*. Acho que esta é a única palavra francesa que você conhece. Você se transformou num destes ingleses… que odeia todos os amigos.

Frank ressurge pelas portas francesas. Se ele fosse mais observador talvez percebesse o modo casal briguento Punch e Judy deles, paralisados em atitudes de repulsa e fúria. Mas Frank não é extremamente observador e quando ele por fim olha eles são o que sempre parecem ser: um casal feliz e apaixonado.

— Você sabe onde está a guia?

Atrás dele, Nat volta correndinho, parecendo serena, ilegível. Naomi está pendurada no seu quadril como o bebê que ela foi não faz muito tempo. Seu afro volumoso se lança para um milhão de direções. Leah observa Michel olhando para a criança. Ele tem uma expressão de anseio profundo no rosto.

17.

— Tia Leah! Tia Leah! Mamãe disse pra IR DEVAGAR.

Leah para, olha pra trás. Não há ninguém, e então Nat aparece dobrando a esquina, suspirando de forma dramática. O carrinho está vazio, Spike está nos braços dela, Naomi está puxando sua camiseta. Gulliver, prestes a ser amarrado no chão pelos liliputianos.

— Lee, tem certeza de que está certo? Não parece certo.

— Final desta rua. No mapa é meio que curvas dando voltas e voltas em si mesmas. Pauline disse que é difícil de achar.

— Estou vendo o tribunal dos magistrados e… uma rotatória? Crianças, fiquem perto, não se afastem. É como andar pelo acostamento da autoestrada. Pesadelo. Frango Frito do Kennedy. Bar e Piscina Polonês. Massagem Euforia. Que bom que a gente pegou a rota turística. Não é possível que aqui ainda seja Willesden. Parece que a gente já está em Neasden.

— A igreja é o que *faz* com que seja Willesden. Ela marca a paróquia de Willesden.

— Sim, mas onde fica? Como é que Pauline consegue chegar aqui?

— De ônibus, acho. Sei lá.

— Pesadelo.

A rua faz uma curva. Eles se veem diante de uma fina faixa de asfalto com um poste de bloqueio no final, segurando as crianças enquanto os carros passam voando dos dois lados. À direita, um centro comercial fechado e um edifício empresarial mal concebido, vazio, uma janela quebrada aqui e ali. À esquerda, uma ilha de grama ao lado de uma pista dupla. Pensada como um oásis verde, é uma zona de depósito ilegal de lixo. Um colchão encharcado. Um sofá virado com almofadas rasgadas, porcamente manchadas. Mais itens excêntricos, sugerindo vidas abandonadas na pressa: metade de uma lambreta, uma luminária Anglepoise decapitada, uma porta de carro, um porta-chapéus, um rolo de linóleo que é suficiente para um piso de banheiro.

Numa pausa entre os carros eles atravessam a rua movimentada, correndo como se fossem um só animal, e então se soltam, ofegantes, as mãos no joelho. Aconselhada a “pegar leve” por quarenta e oito horas, Leah sente uma leveza na cabeça. Ela se vira, erguendo a cabeça devagar, e é a primeira a ver: uma antiga torre com ameias, visível apenas através dos galhos de um alto freixo. Mais uns vinte metros e a total improbabilidade da cena é revelada. Uma igrejinha rural, uma igrejinha rural medieval, encalhada neste meio acre, no meio de uma rotatória. Deslocada no tempo, deslocada no espaço. Cercada por um campo de força de serenidade. Uma cerejeira na janela leste. Um murinho baixo de tijolos em volta marca os antigos limites, mais um anel de margaridas do que uma proteção. Portas arrombadas nas câmaras mortuárias familiares. Muitas tumbas brilhantemente pichadas. Leah, Nat e as crianças atravessam o portão coberto da entrada e fazem uma pausa debaixo da torre do sino. O mostrador azul do relógio brilha contra o sol. São onze e meia da manhã, em outro século, outra Inglaterra. Nat usa a fralda do bebê para limpar o suor da testa. As crianças, até então barulhentas e reclamando do calor, ficam quietas. Um caminho serpenteia pelo cemitério sombrio, as

pedras vitorianas indicando apenas a camada mais recente de mortos. Natalie manobra o carrinho pelo terreno irregular.

— Que loucura. Nunca a vi antes. Devo ter passado de carro por aqui centenas de vezes. Lee, você tá com aquele negócio de água? Provavelmente é por isso que Pauline gosta dela. Porque é tão velha. Porque nas antigas é que dá pra confiar.

Leah cruza os braços firmemente na frente do busto e se transforma na mãe, assume o rosto da mãe: boca meio caída, pálpebras tremendo contra as partículas do mundo e sua determinação em entrar nos olhos de Pauline. Natalie, servindo água, ri com força, derramando na blusa.

— Eu não ia gostar das igrejas mais novas, não. Eu não ia morrer de amores por elas. Porque nas antigas é que dá pra confiar, ah se dá.

— Para — eu vou engasgar. Morei aqui a vida toda, nunca soube nem que este lugar existia. Todos aqueles anos enfiada naquelas latas de sardinha pentecostais com Marcia, enquanto a gente podia estar aqui. Keisha, me escuta agora. Eu só quero que o espírito do Senhor esteja sobre nós.

Elas podem ridicularizar as mães, mas não conseguem quebrar o encanto sombrio do lugar. As crianças andam cautelosas entre os túmulos, querendo saber se há pessoas realmente e verdadeiramente mortas sob seus pés. Leah apressa o passo, saindo do caminho e pisando na grama alta, deixando Nat com eufemismos para explicar à sua prole a diferença entre os que morreram há pouco e os que morreram há muito tempo. Leah estende os braços dos dois lados do corpo. Seus dedos roçam nas pontas dos monumentos mais altos, uma urna de pedra quebrada, uma cruz em ruínas. Logo ela está atrás da igreja. O passado se amontoa, parcialmente legível em pedras desgastadas colocadas em ângulos decepcionantes. Mortalidade infantil e partos letais.

Guerra e doença. Placas enormes cobertas de hera, líquen, manchas de mofo amarelo e musgo.

Emily W— desta paróquia foi levada desta vida
Aos trinta e — anos de vida no ano de nosso Senhor de mil oitocentos e — sete
Deixando para trás seis filhos e o marido Albert
Que se juntou a ela logo depois nesta —

Marion — desta paró—
Morreu em 17 de dezembro de 1878 com 2— anos
E também Dora, fi— infante desta
Morreu em 11 de dezembro de 1878

Pegue leve por quarenta e oito horas.
Neste sol horrível.
Pegue leve, Leah Hanwell desta paróquia.
Filha única de Colin Hanwell, também desta paróquia.
Pegue leve pelo resto da sua vida.

Leah se encosta numa pedra da altura dela. Há três figuras em alto-relevo, quase totalmente apagadas. Ela coloca os dedos no meio das fendas musguentas. Uma mulher com uma saia drapeada segura algo firme contra o corpo, uma massa informe, algo que lhe deram, talvez, e dois meninos de sobrecasaca estendem os braços na direção dela, um de cada lado. Ela não é ninguém. O tempo devorou todos os detalhes: sem nome sem data sem rosto sem joelhos sem pés sem explicação do presente misterioso…

— Lee, você tá bem?

— Quente. Tá tão quente.

Eles entram por duas portas pesadas de madeira. Um culto está terminando. O cheiro esquisito de incenso de igreja alta anglicana

persiste. Eles dão uma volta pelo perímetro e evitam os olhos dos fiéis. Deliciosamente fresco aqui dentro, melhor que ar-condicionado. Natalie pega um folheto. Uma autodidata congênita, sempre querendo saber. Deve ter sido aquele rompimento. O rompimento fez a diferença. Ela se tornou Natalie Blake naquela breve pausa da longa história delas, entre os dezesseis e os dezoito. Instruiu-se no chão da Biblioteca Kensal Rise enquanto Leah fumava maconha o dia inteiro, todo santo dia. Natalie sempre pega os folhetos, os folhetos e todo o resto.

— Paróquia fundada em 938… nada da igreja original restou… a igreja atual data de cerca de 1315… buracos de bala cromwellianos na porta, original…

Naomi sai correndo na frente e sobe na pia batismal (*c.* 1150, mármore de Purbeck). Leah tenta escapar do alcance auditivo da aula de Natalie. O culto termina: os paroquianos começam a sair em fila. Na saída, o jovem vigário tenta chamar a atenção delas. Ele deixa uma mão na cintura mole como uma velhinha nervosa, uma mecha de cabelo castanho caindo sobre uma têmpora. Tem um rosto que espera agradar, mas que não consegue graças à falta de queixo. Ele é do jeito que teria sido em 1920 ou 1880 ou 1660. Ele é o mesmo, mas sua congregação é diferente. Poloneses, indianos, africanos, caribenhos. Os adultos rigorosamente vestidos com ternos reluzentes e vestidos colados, comprados no mercado. Os meninos com terno risca de giz de três peças, as meninas agarrando xales espanhóis minúsculos, o cabelo cuidadosamente alisado e com um cachinho grudado na testa. A congregação sente pena do vigário, que tem um monte de sugestões gentis. Vamos ver se conseguimos começar na hora na semana que vem. Qualquer coisa que vocês puderem doar. Qualquer coisa. Eles sorriem e assentem, sem levá-lo muito a sério. O vigário, também, não está escutando o que diz. Está atento a Leah, procurando-a por cima das cabeças de seu rebanho em fuga. Luz entra a leste. Leah vai

instintivamente para aquele lado, na direção de um monumento de mármore preto e branco pendurado na parede, com base no qual ela fica sabendo que FOI A SUA FELICIDADE FAZÊ-LO O ALEGRE PAI DE 10 FILHOS & 7 FILHAS E É A SUA DEVOÇÃO DEDICAR ESTE MONUMENTO À PRESERVAÇÃO DE VOSSA MEMÓRIA. ELE MORREU AOS 48 ANOS DE IDADE. 24 DE MARÇO DE 1647. Nada mais é dito sobre Ela. Leah fica tentada a colocar os dedos nas letras para avaliar sua frieza. Mas Natalie diz é melhor não, ela diz Spike não espirre a água benta UAU o mesmo escultor fez o túmulo da ELIZABETH I não querida não aquela ela foi uma rainha querida de MUITO TEMPO ATRÁS não querida de antes ainda mas você sabia que antigamente se chamava *WILSDON* que significa bem que significa nascente no pé de uma colina que é de onde esta água vem EU DISSE PARA DE ESPIRRAR. Subitamente Leah sente tanta sede, ela é feita de sede, ela é só sede. Ela se ajoelha para examinar a torneira, lê a placa. Não potável. É benta, mas não é potável.

— Mamãe!

— Não, não é a mamãe. É outra pessoa. “Considerada mais poderosa que a Madona tradicional, ela tem poderes miraculosos, incluindo: o dom da serendipidade, recuperar memórias perdidas, ressuscitar bebês mortos…” Marcia ia adorar isso — às vezes as pessoas têm visões dela no cemitério da igreja. Marcia vive tendo visões. Mas geralmente de Madonas brancas, com cabelo loiro e blusas bonitas da M&S…

Como é que ela foi passar direto? Às suas costas, uma Madona, feita de madeira azeviche. A Madona segura um bebê enorme enrolado em panos. *O Menino Jesus* diz a placa, seus braços estendidos para os dois lados, *suas mãos grandes de bençãos* diz a placa, mas para Leah não parece haver nenhuma benção ali. Parece mais uma acusação. O bebê está numa posição cruciforme; ele tem a forma da coisa que vai destruí-lo. Ele estende as mãos

para Leah. Estende as mãos para impedir qualquer fuga, para a direita ou para a esquerda.

— “tornando-se a famosa santa de Nossa Senhora de Willesden, ‘A Madona Negra’, destruída na Reforma e queimada, junto com as nossas senhoras de Walsingham, Ipswich e Worcester — pelo Guarda do Selo Real.” Um cromwelliano também. Outro cromwelliano? Não diz. É nessas horas que um ensino secundário decente de história seria útil… “é uma santa que está aqui desde…” espera, esta é a data original, então? 1200? Não pode ser. Muito mal escrito, não fica claro o que — NAOMI SAI DE PERTO DA

37.

“Como é que você passou a vida toda nestas ruas sem nunca me conhecer? Por quanto tempo você achou que conseguiria me evitar? O que te levou a achar que estava isenta? Você não sabe que estou aqui desde que as pessoas passaram a clamar por ajuda? Escuta aqui: não sou como aquelas Madonas pálidas e dissimuladas, aquelas virgens de sorriso bobo! Sou mais velha que este lugar! Mais velha até que a fé que toma o meu nome em vão! Espírito destes bosques de faias e cabines telefônicas, cercas vivas e postes de iluminação, nascentes de água doce e estações de metrô, teixos antiquíssimos e centros de serviços completos, pastos e complexos de cinema 3D. A Inglaterra desregrada da vida real, da vida animal! Da velha igreja, da nova, de um tempo anterior às igrejas. Você está com calor? É demais para você? Esperava algo mais? Estava mal informada? Há mais coisas em jogo? Ou menos? Se dermos outro nome, a sensação de leveza vai desaparecer? Seus joelhos estão cedendo? Quem é você? Gostaria de um copo d’água? O céu está caindo? As coisas poderiam ter sido feitas de um jeito diferente, numa ordem diferente, num lugar diferente?”

18.

— Ah, eu costumava desmaiar muito. Muito! Eles achavam que era sinal de uma constituição delicada, sensível, um pouco artística. Mas todo mundo acabava virando enfermeira ou secretária naquela época, sabe? As coisas eram assim, simplesmente. A gente não tinha oportunidades.

— Só estava quente.

— Porque você tinha muito potencial, não, escuta, você fez piano, flauta doce, dança, o negócio com o… o… como é que se chamava mesmo, ah você sabe — escultura — você gostou de escultura por um tempo, e violino, você era um prodígio no violino, e em um monte de coisinhas desse tipo.

— Eu trouxe um vaso pra casa da escola. Toquei violino por um mês.

— Nós garantimos que você fizesse todos os cursos, cinquenta pencezinhos aqui, cinquenta pencezinhos ali, no fim das contas é bastante! E nem sempre tínhamos isso! Isso era coisa do seu pai — que Deus o tenha —, ele não queria que você crescesse se sentindo pobre, embora *fôssemos* pobres. Mas você nunca se decidiu e ficou numa coisa só realmente, é o que eu quero dizer. Este gramado precisa ser regado.

Pauline se inclina subitamente, voltando com um punhado de grama e terra.

— Argila londrina. Muito seca. Claro, vocês garotas fazem tudo diferente hoje em dia. Esperam e esperam e esperam. Embora *o que* vocês estão esperando eu já não saiba.

Quase roxa com o esforço, a tigela de cabelo branco úmida e colada ao rosto. Mães vivem tentando dizer algo de forma urgente às filhas, e é precisamente essa urgência que repele as filhas, forçando-as a se afastar. Mães ficam abandonadas, segurando feito doidas um pedaço de argila londrina, um pouco de grama, alguns tubérculos brancos, um dente-de-leão, um verme gordo que faz o mundo passar por ele.

— Eca. Melhor deixar o barro pra lá agora, mãe.

Elas se sentam juntas num banco de parque que Michel encontrou alguns anos atrás. Alguém o tinha deixado no meio da rua, na Cricklewood Broadway. Tranquilo que só vendo! Simplesmente parado ali no trânsito! Parecia que tinha brotado do asfalto. Todos os outros carros desviavam dele. Michel parou seu Mini Metro, baixou os bancos, abriu o porta-malas e o enfiou ali dentro, com Pauline somando uma mão não prestativa ao coro de buzinas. Quando chegaram em casa, descobriram que ele tinha o selo dos Parques Reais. Pauline o chama de trono. Vamos ali sentar no trono um pouquinho.

— Foi o calor. Olive, vem cá, meu bem.

— Não deixa ela perto de mim! Não quero ficar com os olhos irritados! Essa aí é a minha neta. A única que vou chegar a ter se as coisas continuarem do jeito que estão. Sou alérgica à minha própria neta.

— Mãe, já chega!

Elas se sentam no trono em silêncio, olhando para direções diferentes. O problema parece ser duas concepções diferentes de tempo. Ela sabe que o impulso de sua natureza animal deveria, a

esta altura, estar tomando as decisões. Talvez ela tenha sido uma raposa da cidade por tempo demais. Cada nova chegada — as notícias parecem vir todo dia agora — soa como uma traição terrível. Por que todo mundo não fica parado? Ela forçou uma imobilidade nela mesma, mas isso não impediu que o mundo continuasse. E então as coisas que acontecem só servem para acabar horrivelmente com as possibilidades de todas as outras coisas que não aconteceram, e isso vale para o número trinta e sete, e isso vale para a porta abrindo no momento em que ela está ali, segurando um monte de folhetos, e Shar diz: deixa essas coisas pra lá, pegue a minha mão. Vamos fugir? Você está pronta? Vamos fugir? Deixe tudo isso! Vamos ser foras da lei! Dormir nas cercas vivas. Seguir o trilho do trem até alcançar o mar. Acordar com aquele longo cabelo preto nos olhos, na boca. Ligar para casa de cabines telefônicas imaginárias que ainda aceitam aqueles velhos dois pencezinhos. Estamos bem, não se preocupe. Quero ficar parada e me manter em movimento. Quero esta vida e outra. Não me procurem!

— e só tentando ajudar, mas não recebo nenhum obrigada por isso. Não sei nem se você está me escutando. Enfim. É a sua vida.

— Qual é a da santa pra você, no fim das contas?

— Como assim, santa? A Senhora? Ah, eu não me incomodo com ela. Ela é totalmente inofensiva. Está escrito anglicana na porta e faz mil anos que é anglicana. Pra mim já tá bom o suficiente. As pessoas das colônias, e a gente da Rússia, eles são supersticiosos, e dá pra julgá-los? Eles viveram coisas terríveis. Quem sou eu pra privar alguém de seus confortos?

Pauline olha acusadoramente para o antigo conjunto habitacional delas, cheio de pessoas das colônias e de gente da Rússia. Hoje, como acontece quase todos os dias desde que começou a fazer sol, a garota escandalosa está do lado de fora, presa numa discussão com quem quer que esteja do outro lado do seu dispositivo sem fio.

Tá me desrespeitando? Não me desrespeite! Acima de tudo, ela é claramente de origem irlandesa. Testa curta de criminoso, olhos bem destacados. Pauline guarda um desprezo especial para os membros caídos de sua própria tribo.

— Nem mesmo a virgem poderia ajudar gente como ela. Ah, oi, Edward, querido!

— Tudo bem aí sra. H?

— Ah, é bom te ver, Ned. Como você está, meu amor? Está com uma cara boa até. Não está mais fumando maconha, espero.

— Num posso negar, num posso negar. Gosto do sabor.

— Vai acabar com suas ambições.

— Mas só tenho uma ambição mesmo.

— E qual seria ela?

— Casar com você, é claro. Não tem como me roubar essa, tem?

— Ah, deixa de conversa.

Bem feliz, bem feliz realmente, e o sol diminui e arroxeia e dispõe-se em faixas por trás da água-marinha do minarete e o pouco de brisa que há agita a bandeira de São Jorge, no topo do velho conjunto habitacional, pendurada numa antena parabólica em preparação para o futebol. Talvez não importe que a vida nunca tenha florescido em algo maior do que ela própria. Atracada, como quase todas as mulheres estavam, na praia da qual ela outrora saiu.

— Leah, querida, é o seu telefone tocando.

Olha só isso: a cerca do lado direto quase totalmente destruída. A hera do conjunto invade pelas frestas e sufoca qualquer coisa que Michel tente cultivar, com exceção da própria macieira, que cresce apesar de tudo, sozinha. Ela escreve para a prefeitura, eles não dão ouvidos, Ned nunca escreve, nem Gloria, eles vivem como uma comunidade, mas ela é a única que pensa comunitariamente e ah meu Deus aquele pobre verme desabrigado e lívido no sol. Como um prepúcio indo pra frente e pra trás, pra frente e pra trás, sobre

ele mesmo. Ninguém me ama, todos me odeiam porque eu sou um verme contorcionista. Mas de quem é esta

esta voz

tão calma

e tão violenta, bem no ouvido dela, e ela acha que deve ter escutado mal, ela acha que deve estar ficando louca, ela acha

— Como?

— Tá me ouvindo? Não venha aqui.

— Como é que é? Como você conseguiu este número?

— Aquela garota é assunto meu. Não venha aqui enfiar merda pela porta, tá me ouvindo? Toma cuidado comigo. Eu te conheço. Você vem aqui de novo é melhor tomar cuidado comigo.

— Quem é que está falando?

— Maldita sapatão arregaçada.

O verme rói seu próprio meio, não tendo mais nada. Laje à esquerda, laje à direita.

— e aí na Poundland a mesma caixa — mesma marca, veja bem — custa só dois e quarenta e nove! Mas se você compra nestes lugares você está simplesmente fazendo papel de bobo, e isso é uma verdade. Leah querida? Leah? Leah? Quem era? No telefone? Está se sentindo bem?

19.

A honra da esposa precisa ser defendida. É uma coisa primitiva, ele explica, fazendo referência aos grandes símios de um documentário. Uma vez que a fêmea defende o bebê, então o macho protege sua fêmea. Michel está muito feliz em sua raiva, eles estão unidos sob seu dossel. É o melhor momento que estão tendo juntos em meses. Ela se senta à mesa da cozinha agarrando-se enquanto ele anda de um lado para o outro balançando os braços no ar como um grande símio. Ela é um bom símio também; quer contribuir para a felicidade geral de sua família de símios. É esse desejo perfeitamente aceitável que faz com que ela diga:

— É o que eu acho. Eu acho que era ele. É difícil saber só pela voz. Olha, faz quase vinte anos desde quando eu o conhecia bem. Mas eu diria: sim. Se você pergunta se eu tenho cem por cento de certeza, então não, não posso dizer isso, mas meu primeiro pensamento foi sim, é ele, é Nathan.

Tão pouca coisa acontece neste canto de NW. Quando há um drama, é bastante natural que alguém queira se colocar no meio da cena, bem no centro. Parecia ser ele. Parecia mesmo. Ela conta a Michel. Ela conta tudo a Michel exceto uma palavra.

20.

Voltando do supermercado de rede onde eles fazem as compras, embora tenha fechado a mercearia local e pague salários de escravos, com sacolas novas embora devessem ter levado sacolas velhas, saindo com brócolis do Quênia e tomates do Chile e café de comércio desleal e porcarias açucaradas e o jornal errado.

Eles não são boas pessoas. Não têm nem a integridade de ser o tipo de pessoa que não se preocupa em ser uma boa pessoa. Eles se preocupam o tempo todo. Estão no meio de um dilema de novo. Sempre compram pinot grigio ou chardonnay porque estas são as únicas palavras que sabem que têm a ver com vinho. Eles vão a um jantar e, portanto, precisam levar uma garrafa de vinho. Até aí eles aprenderam. Não compram coisas éticas porque não podem pagar por elas, Michel defende, e Leah diz: não, é porque você não quer se dar ao trabalho. Secretamente ela pensa: você quer ser rico como eles, mas não quer se dar ao trabalho de se preocupar com a moralidade deles, enquanto eu estou mais interessada na moralidade deles do que no dinheiro, e esse pensamento, essa oposição, faz com que ela se sinta bem. O casamento como a arte da comparação injusta. E merda é ele ali na cabine telefônica e se ela tivesse pensado no assunto por mais do que uma fração de segundo ela jamais teria dito:

— Merda é ele ali na cabine telefônica.

— É ele ali?

— Sim, mas — não, eu não sei. Não. Achei que era. Não importa. Esquece.

— Leah, você acabou de dizer que é ele. É ele ou não é?

Muito rapidamente Michel fica fora do alcance de sua voz e está lá, metendo-se em outra comparação injusta: sua estrutura compacta e bem distribuída de dançarino contra uma ameaça musculosa e alta, que se vira, e que não é Nathan, que certamente é o outro rapaz que ela viu com Shar, mas talvez não. O boné, a cabeça encapuzada, o jeans baixo, é um uniforme — eles parecem iguais. De qualquer modo, de onde Leah está tudo ainda é só uma pantomima, gestos de mãos e carrancas primitivas, e, claro, uma terrível notícia em potencial que explica tudo exceto a miséria e os detalhes: um jovem esfaqueou outro jovem, na Kilburn High Road. Eles tinham nomes e idades e é terrivelmente triste, um indício de uma coisa ou outra e também algo ruim para os preços dos imóveis. Leah não consegue respirar de medo. Ela está correndo para alcançá-lo, Olive acompanhando-a agitada, e enquanto corre ela se pega reparando em algo que não deveria importar: ela parece mais velha que os dois. O rapaz é um rapaz e Michel é um homem, mas eles parecem ter a mesma idade.

— Num sei do que você tá falando cara, mas é MELHOR NÃO SE METER COMIGO.

— Michel — por favor. Deixa pra lá, por favor.

— Diga pro seu homem sair de perto de mim.

— Não ligue mais pra minha casa, tá bom? Deixa a minha esposa em paz! Tá me entendendo?

— De que porra você tá falando? Tá querendo apanhar?

Eles se peitam como primatas; Michel é jogado para trás, tropeçando ignobilmente na calçada e caindo ao lado de sua cachorra ridícula, que o lambe na orelha. Agora seu oponente se

projeta acima dele e joga o pé para trás, preparando-se para uma cobrança de pênalti. Leah se coloca entre os dois, estendendo as mãos para separá-los, uma mulher implorando numa história antiga.

— Michel! Pare! Não é ele. Por favor — este é o meu marido, ele está confuso, por favor, não o machuque, por favor, deixa a gente em paz, por favor.

O pé, indiferente, vai ainda mais para trás, para um alcance maior. Leah começa a chorar. Pelo canto do olho ela vê um jovem casal branco de terno atravessando a rua para evitá-los. Ninguém vai ajudar. Ela junta as mãos em prece.

— Por favor, deixa ele em paz, por favor. Estou grávida — por favor, deixa a gente em paz.

O pé desiste. Uma mão paira sobre Michel enquanto ele se esforça para ficar de pé, uma mão em forma de arma, apontada para sua cabeça.

— Se mete comigo de novo — *bam bam!* — você já era.

— Vai se foder. Tá bom? Não tenho medo de você!

Num piscar de olhos o pé mais uma vez vai para trás e é lançado na barriga de Olive. Ela sai voando por vários metros, indo parar na porta de uma confeitaria. Ela faz um som que Leah nunca tinha ouvido antes.

— Olive!

— Você tem sorte que sua mina apareceu pra te ajudar cara. Do contrário.

Ele já está na metade da rua, gritando por cima do ombro.

— Do contrário o quê? Seu covarde de merda! Você chutou minha cachorra! Vou chamar a polícia!

— MICHEL. Não piore as coisas.

Ela está com uma mão no peito dele. Para qualquer observador pareceria que ela o detém. Só ela sabe que ele não está realmente tentando tirá-la do caminho. Desse jeito os dois homens se separam, xingando-se abertamente enquanto se afastam, brincando

com a ideia de que aquilo não acabou ainda, de que a qualquer momento eles podem se virar e se atirar um contra o outro. É só mais um faz de conta: a presença de uma mulher os liberou de sua obrigação.

21.

Leah acredita em objetividade. Ela está um pouco mais calma agora, eles estão quase chegando em casa. Quem era aquela mulher no momento da crise, gritando e chorando, implorando de joelhos na rua? É ridículo ter de admitir, mas ela pensava em si mesma como uma pessoa “corajosa”. Uma lutadora. Agora ela foi apresentada a uma negociante, uma suplicante, uma mentirosa tática. Por favor, não destrua a coisa que eu amo! E sua petição tinha sido ouvida, e um sacrifício menor feito no lugar, e na hora ela ficou simplesmente, pateticamente, grata pela concessão.

Depois do ocorrido ela, também, não conseguiu se recompor de imediato. É Michel quem carrega Olive nos braços e esmurra a porta da frente de sua própria casa enquanto Leah continua incapaz de descobrir em que sacola de compras está a chave.

— Ela está bem?

— Ela está bem. A não ser que tenha um machucado interno. Pra mim ela parece bem. Chocada.

— Você está bem?

A resposta está no seu rosto. Humilhação. Fúria. Claro, é mais difícil para um homem ser objetivo. Eles têm o problema do orgulho.

— Ned!

— Gente, vocês estão bem?

— Ajude Lee com estas sacolas.

Eles vão até a cozinha e deitam a amada cachorra em sua caminha. Ela parece bem. Dão comida pra ela? Ela come. Jogam uma bola? Ela corre. Talvez ela esteja bem, mas para os humanos ainda há muita adrenalina e trauma a superar. Leah conta a história para Ned, eliminando dela qualquer possível fúria ou humilhação. Michel, o corajoso! Michel, o defensor! Ela coloca a mão no braço do marido. Ele se esquiva dela.

— Ela fingiu que estava grávida. Ele ficou com pena da gente! Fiquei deitado no chão feito um idiota.

— Não. Você impediu que as coisas ficassem ainda piores do que precisariam estar.

Ela coloca a mão no seu braço de novo. Desta vez ele deixa.

— Você acha que a gente deveria deixá-la hoje à noite? Eu não sei. Ned, você poderia ficar de olho? Ligar se houver algum problema? Ou talvez a gente deva ficar. Cancelar.

É um jantar, diz Michel, não acho que podemos cancelar. Ela está bem. Você está bem, querida, não está? Você está bem? Os dois humanos olham nos olhos do animal procurando se tranquilizar. Leah luta para ser objetiva. Será que um dos humanos já não teria dito a palavra “veterinário” a esta altura se eles não temessem o quanto de dinheiro a palavra “veterinário” implicaria?

22.

Hanwell nunca dava jantares. Nem saía para jantar fora. Isso não é verdade: em ocasiões especiais ele levava a família para o Vijay, na Willesden Lane, onde eles pegavam uma mesa perto da porta, comiam rápido e ficavam cada vez mais autoconscientes de sua conversa. Nada na infância de Leah a preparou para a frequência com que ela iria a jantares, na maioria das vezes na casa de Natalie, onde ela e Michel são convidados para dar meio que uma cor local. Nenhum dos dois sabe o que dizer a advogados e banqueiros, ao juiz ocasional. Natalie não consegue acreditar que eles são tímidos. Ela sempre culpa algum erro de arranjo, mas toda vez o constrangimento permanece. Eles são tímidos, quer Natalie acredite, quer não. Não têm nenhum dom para anedotas. Olham para os pratos e cortam a comida com muito cuidado, deixando Natalie contar suas histórias por eles, assentindo para confirmar fatos, nomes, horários, locais. Oferecidas à mesa para a dissecação geral, essas anedotas ganham uma vida própria, separada, impressionante.

— ou simplesmente corrido. Eu teria corrido como o maldito vento e os deixado ali. Sem ofensa, Michel. Você foi muito corajoso.

— E então cada um simplesmente seguiu o seu caminho? “Obrigado, fui o seu assassino em potencial hoje, agora eu preciso

ir…”

— Ha!

— “Tenho um dia bem cheio de assaltos para fazer com minha arma de mentirinha.”

— Ha!

— Você me passa aquele molhinho? Vocês acham que se você faz um sinal de arma com os dedos significa que realmente tem uma arma ou que tipo essa é basicamente sua única arma? A recessão atinge todo mundo, imagino… por que os gângsteres estariam imunes? Olha, eu também tenho uma. Bam!

— Ha! Ha!

— Espere, mas, desculpe — você está grávida?

Doze pessoas na longa mesa de carvalho de Nat param de falar e rir e olham para Leah, pega lutando com um peito de pato.

— Não.

— Não, foi só uma coisa que ela *disse*, sabe, pra fazer o cara parar.

— Muito corajosa. Raciocínio rápido.

A versão de Natalie da anedota de Leah e Michel terminou. O bastão da conversa passa para outros, que contam suas anedotas com mais desenvoltura, relacionando-as a questões culturais mais amplas, às discussões dos jornais. Leah tenta explicar o que ela faz da vida para alguém que não dá a mínima. O espinafre veio direto do produtor. Todos se unem por um momento para reclamar dos males da tecnologia, que desastre, especialmente para os adolescentes, e, no entanto, quase todas as pessoas deixaram o celular na mesa, do lado do prato. Passe a cenoura sauté. Enquanto isso pais envelheceram e ficaram doentes no exato momento em que seus filhos quiseram ter seus próprios bebês. Muitos dos pais são imigrantes — da Jamaica, da Irlanda, da Índia, da China — e não conseguem entender por que ainda não foram convidados para ir morar com seus filhos, conforme o costume em seus países. A

tecnologia é oferecida como um substituto para esse pedido impossível. Elevadores. Marca-passos. Próteses de quadril. Máquinas de diálise. Mas nada os deixa satisfeitos. Eles trabalharam duro pra que nós filhos pudéssemos viver desse jeito. Eles *literalmente* não vão ficar felizes enquanto não se mudarem pras nossas casas. Nunca vão poder se mudar pras nossas casas. Passe a salada de tomate caseiro. O lance do islamismo. Deixa eu te falar uma coisa sobre o islamismo. O lance do problema com o islamismo. Todo mundo de repente é um expert em islamismo. Mas o que você acha, Samhita, é, o que você acha, Samhita, qual é a sua opinião sobre isso? Samhita, a advogada de direitos autorais. Passe o atum. Soluções são passadas por cima da mesa, estratégias. Enfermarias particulares. Cinemas particulares. Natal no exterior. Um restaurante com apenas cinco mesas. Sistemas de segurança, cercas. O transporte de um quatro por quatro que deixa você ficar sozinho acima do trânsito. Há um isolamento perfeito em algum lugar por aí, você pode consegui-lo, embora não seja barato. Mas Leah, alguém está dizendo, mas, Leah, no fim das contas, no fim do dia, você não quer apenas dar a seu filho individual as melhores oportunidades que você pode dar a eles individualmente? Passe as vagens com amêndoas laminadas. Defina melhor. Passe a torta de limão. O que quer que dê à criança a maior possibilidade de sucesso. Passe as frutas. Defina sucesso. Passe o *crème fraîche*. Você acha que a diferença entre mim e você é que você quer dar ao seu filho as melhores oportunidades? Passe a colher de sobremesa. É trabalho da anfitriã acalmar as coisas, salientar que estas discussões ainda são hipotéticas. Por que discutir sobre quem não nasceu? Só o que eu sei é que eu não quero forçar algo do tamanho de uma melancia por algo do tamanho de um limão. Enfermeira: traga as drogas! Você já pensou em fazer na água? Todo mundo diz as mesmas coisas do mesmo jeito. Conversas tingidas de terror. Animais em cativeiro, contemplando um retorno à natureza. Natalie

está calma, já tendo feito a viagem para o outro lado. Passe o laptop. Você precisa ver isso, são só dois minutos, é hilário.

Escassez de água. Guerras por comida. Gripe A(H_5N_1). Manhattan escorrega mar adentro. A Inglaterra congela. O Irã aperta o botão. Um tornado atravessa Kensal Rise. Deve haver algo de atraente na ideia de apocalipse. Bairros reduzidos a lixões. Fazer escolas em supermercados e igrejas abandonados. Novos agrupamentos, novas ligações, múltiplos parceiros, crianças livres de toda essa proteção chata. Em cada esquina, música saindo de gigantescos sistemas de som improvisados. Pessoas se movendo em grandes multidões anônimas, sem líderes, em formações de onda, mascaradas, procurando comida, armas. Caldwell “em ebulição”, num domingo, correndo pelos corredores em bandos, tocando todas as campainhas.

Aquela época que era boa. Não era, Leah? Aquela época que era boa realmente. Passe o uísque. Porque é uma comparação fácil: você não pode ser responsável por um complexo acontecimento econômico do mesmo jeito que você é responsável por sair na rua com a intenção de roubar. Passe o café. Não é qualquer café, é um café extremamente bom.

— É só que é frustrante.

— É tão frustrante.

— Ainda mais quando você realmente se esforça pra ajudar alguém e eles simplesmente jogam de volta na sua cara. É isso que eu não suporto. Como o que aconteceu de fato com Leah — Leah, conte a eles sobre a garota.

— Como?

— A garota com o lenço na cabeça. Que bateu na sua porta. É uma história realmente triste. Tá bom: eu conto…

É só quando eles já foram beijados nas duas bochechas, quando a pesada porta da frente fecha, quando eles são soltos mais uma vez na noite, que Leah e Michel ganham vida. Mas mesmo essa

camaradagem de desprezo pode rapidamente desmoronar. Já na entrada do trem, Leah de alguma forma tinha dito demais, reclamado demais, e o delicado nível de bolha da relação deles, o seu nós-contra-eles, escorrega, revelando um ângulo torto.

— Você não acha que eles estão tão entediados quanto você? Você acha que é alguém especial? Acha que eu acordo todo dia tão feliz de ver você? Você é uma esnobe, só que de outro jeito. Acha que é a única que quer algo mais? Outra vida?

Eles voltam para casa em silêncio, enfurecidos. Andam por Willesden em silêncio. Vão até a porta em silêncio, ambos estendendo chaves separadas ao mesmo tempo. Têm uma luta cômica no buraco da fechadura, e Leah é quem desiste. Quando chegam ao hall de entrada eles já estão rindo e, logo depois, se beijando. Se ao menos pudessem ficar sozinhos o tempo todo. Se ao menos o mundo fosse só eu e você, diz Leah, seríamos felizes o tempo todo. Você fala exatamente como eles, diz Michel, e coloca a língua na orelha da esposa.

Na manhã seguinte eles entram na cozinha com um humor alegre, de calça e camiseta, perambulando pela vasta expansão de uma manhã de sábado. Leah vai conferir a correspondência. Ela a vê primeiro. Inocente, amado animalzinho, gelado, mas não rígido, longe da cama, debaixo da mesa do quartinho, do seu lado. Espuma com sangue na boca. Michel! Michel! A voz não consegue sair alta o suficiente. Ou ele está no jardim, admirando a árvore. A campainha toca. É Pauline. Olive está morta! Ela está morta! Ah, meu Deus! Ela está morta! Onde?, diz Pauline. Me mostre. É a enfermeira dentro dela. E quando Michel chega e vê e fica tão histérico quanto Leah, Leah se surpreende com quão grata ela se sente com o jeito prático de estar no mundo de sua mãe. Leah quer chorar e só chorar. Michel quer repassar de novo e de novo a ordem dos acontecimentos. Ele quer estabelecer uma linha do tempo, como se isso fosse mudar alguma coisa. Pauline quer se certificar de que a

área debaixo da mesa fique limpa e que a caixa de sapato seja enterrada pelo menos trinta centímetros abaixo da grama comunitária. Não adianta perguntar pros outros, diz Pauline — querendo dizer os outros moradores —, eles só vão dizer não. Se apressem agora, ela diz, tratem de se recompor. Precisamos terminar isso. Tomar um pouco de chá. Nos acalmar. Ela pergunta: vocês não se deram conta de que ela não latiu quando vocês chegaram?

23.

Pode-se dizer que um dos sonhos de Michel se realizou: eles subiram um degrau, pelo menos na qualidade e na elaboração do seu medo. Está na natureza de Leah culpar Michel por isso — a nova cautela deles, a fechadura de segurança, o fato de que ele agora a busca na estação, o jeito com que eles atravessam a rua para evitar “certos elementos” e discutem continuamente sobre mudar dali. Michel fica mais tempo no computador, sonhando com um golpe de sorte que vai transportá-los para outro subúrbio urbano mais ao seu gosto, ou seja, mais africano, menos caribenho. Ao que Leah não diz nada. Ela está submersa, julho é um mês perdido. Ela deixa essas pequenas mudanças acontecerem, ali em cima, na superfície, enquanto anda no fundo do oceano. Ela está num luto terrível. Não está familiarizada com as regras sobre luto por animais. Para um gato: uma semana. Para um cachorro, duas serão toleradas, três já começa a parecer absurdo, especialmente no escritório onde — no espírito caribenho — todos os animais menores que um burro são considerados insetos. Ela está de luto por seu cachorro. Acha que a tristeza vai matá-la. Ao avistar um dos muitos irmãos gêmeos de Olive se arrastando pela Edgware Road, sofrendo com o calor, fica abalada. No trabalho, Adina olha de soslaio para seu rosto inchado e manchado de lágrimas. Não, é o

cachorro ainda. Ainda? E se de fato é uma falsa consciência, se o luto é por outra coisa que não seu cachorro, não faz nenhuma diferença prática para o enlutado: era Olive que ela conhecia, e é de Olive que ela tem saudade. Leah se tornou o tipo de pessoa doida que para os donos de outros cachorros na rua para lhes contar sua história infeliz.

Voltando a pé de um dia de treinamento em Harlesden, ela se vê perdida nas ruas secundárias. Faz uma série de curvas aleatórias à esquerda para não parar, para se perder de um estranho encapuzado certamente inocente, e então ali está aquela estranha igrejinha de novo, anunciando as seis horas. Ela entra. Meia hora depois ela sai. Não conta a Michel nem a ninguém. Ela começa a fazer isso quase todo dia. No fim de julho, Michel insiste: eles precisam seguir em frente. Leah concorda. São colocados na lista de espera do Serviço Nacional de Saúde. Mas, toda manhã, ela tranca a porta do banheiro e toma sua pequena pílula anticoncepcional. Caixas roubadas do armário do banheiro de Natalie, escondidas numa gaveta. Ela não quer “seguir em frente”. Para Leah, esse caminho não é a frente. Ela só quer ele e ela para sempre.

Agosto chega.

Agosto chega.

Carnaval! Garotas do trabalho, rapazes do salão, velhos amigos da escola, os primos de Michel da zona sul de Londres, todos andam pelas ruas com um milhão de outros. Procurando os bons sistemas de som, esfregando os corpos em completos estranhos e uns nos outros, comendo porcarias, indo parar em Meanwhile Gardens, chapados na grama. Geralmente. Não este ano. Este ano eles finalmente aceitam o convite anual de Frank de ir pra casa do

amigo de um amigo com “um incrível apê carnavalesco”. Um italiano. Eles aparecem cedo no sábado de manhã, conforme aconselhado, para conseguir chegar ali antes que a rua fechasse. Eles se sentem meio bobos, vagueando pelo apartamento vazio de gente que não conhecem. Nenhum sinal de Frank ou Nat. Michel vai ajudar na cozinha. Leah aceita uma cuba-libre e se senta numa cadeira de canto, olhando pela janela, vendo a polícia se enfileirar ao longo das barricadas. No canto da sala uma televisão fala. Ela fala por um longo tempo antes de Leah percebê-la, e isso só porque ela menciona uma rua local, a uma rua da dela.

— na Albert Road, em Kilburn, onde as esperanças de ontem à noite de um fim de semana tranquilo de carnaval foram frustradas por relatos de um esfaqueamento fatal, aqui, nas proximidades da rota do carnaval pela North West London, enquanto as pessoas se preparavam para as festividades de hoje —

Albert Road!, grita Michel, da cozinha. Leah grita em resposta:

SIM, MAS NÃO TEM NADA A VER COM O CARNAVAL — FOI ONTEM À NOITE. É SÓ —

Michel entra pela porta.

— é só uma típica notícia sensacionalista. Eles *querem* que exista lá—

— Posso escutar, por favor?

A televisão diz:

— O jovem rapaz, conhecido na região como Felix Cooper, tinha trinta e dois anos. Ele cresceu no famigerado projeto de habitação popular Casa Garvey, em Holloway, mas tinha se mudado com sua família para essa região relativamente tranquila de Kilburn, em busca de uma vida melhor. No entanto foi aqui, em Kilburn, que ele foi abordado por dois jovens na madrugada de sábado, a poucos metros de sua própria casa. Não se sabe se a vítima conhecia —

— Ele foi assassinado! Que diferença faz onde cresceu?

Coloquei música agora, diz um italiano, e desliga a televisão. Precisamos nos mudar, diz Michel. Eu não quero me mudar, é a minha casa, diz Leah. Ela aceita um beijo no pescoço. Sem discutir, diz Michel, tá bem? Vamos tentar nos divertir. Eu não estou discutindo, diz Leah. Tá bem, mas você está sendo ingênua.

Mal-humorados, eles se separam. Leah sobe um andar, até um terraço. Michel volta para a cozinha. Agora o apartamento enche muito rapidamente. A campainha toca o tempo todo. Seria mais fácil simplesmente deixar a porta da frente aberta, mas o anfitrião quer muito ver cada convidado no videofone antes de eles entrarem. Pessoas irrompem festa adentro como soldados entrando em enfermarias. Tá um inferno lá fora! Achei que não ia conseguir chegar. Todos se revezam pra ficar nas sacadas de estuque branco, dançando, soprando apitos pintados com cores rastafáris para as multidões carnavalescas, bem lá embaixo. Logo Leah está bêbada. Ela começou cedo demais. Não consegue encontrar Michel. Ela avista Frank, não é difícil encontrá-lo na multidão. Eles ficam no corredor. A música está tão alta, tanto do lado de fora quanto de dentro, que as informações precisam ser transmitidas aos poucos. Nat vem depois. Ela está com as crianças em um dos carros alegóricos da igreja de Marcia. Enroladinho de salsinha?

— Então, qual é o segredo?

— Quê?

— DA SUA FELICIDADE, FRANCESCO.

— NÃO CONSIGO TE OUVIR. VOCÊ TÁ BÊBADA?

Eles vão para a cozinha, onde o baixo não consegue encontrá-los. Ela repete a pergunta. Contamos tudo um pro outro, diz ele. Ponche?

A cozinha está lotada. Ela precisa de água. Tenta ir até as pias. Xícara, caneca ou copo limpo? Cigarros e comida no ralo. O tempo não parou durante esse procedimento. Frank está sumido. Michel está sumido. Quem são essas pessoas? Por que elas ficam o tempo

todo dizendo umas pras outras o quanto estão se divertindo? Sem precisar pegar fila pra ir ao banheiro, nada de sujeira de rua acumulada entre os dedos dos pés, nada de seis libras por uma lata de Red Stripe. Tá vendo? É o que eu venho te dizendo todos esses anos! Lugar perfeito. Você consegue ver tudo daqui. E de repente Nat está ali, parada na sacada, sozinha, observando. Ela se vira. Frank está na soleira da porta. Leah está num ponto intermediário entre eles, escondida pela multidão. Ela vê o marido olhar para a esposa, e a esposa olhar para o marido. Ela não vê nenhum sorriso, nenhum movimento de cabeça, nenhum aceno, nenhum reconhecimento, nenhuma comunicação, nada de nada. Tigelas com câmeras descartáveis em cores alegres são distribuídas. O anfitrião incentiva as pessoas a registrar a ocasião. Todos se revezam experimentando a peruca rasta. Leah se surpreende consigo mesma: ela se diverte muito.

37.

— Como assim elas não estão aqui? Deixei a câmera faz duas horas. O serviço é de uma hora.

— Sinto muito, senhora, não estou encontrando nada com esse nome.

— Hanwell, Leah. Por favor, verifique de novo.

Leah coloca as duas mãos no balcão da farmácia.

— Você tem certeza de que foi hoje?

— Não entendo. Você está dizendo que perdeu elas? Eu passei aqui faz duas horas. Hoje. Segunda-feira. Um homem me atendeu.

— Não tenho nenhum registro no nome que você está me dando. Acabei de chegar aqui, senhora. Você sabe quem te atendeu? Foi um rapaz jovem ou um homem mais velho?

— Não lembro quem me atendeu. Eu sei que vim aqui.

— Senhora, há outra farmácia na estação, você tem certeza de que não foi na outra?

— Sim, tenho certeza. Hanwell, Leah. Você pode olhar de novo?

Uma fila se forma atrás dela. Eles estão tentando decidir se ela é louca. A internação compulsória é um procedimento comum em NW, e nem sempre são as pessoas que você imaginaria. A mulher indiana de jaleco branco atrás do balcão folheia mais uma vez a caixa de envelopes amarelos.

— Ah — Hanwell. Não estava no H. Foi colocado no lugar errado, sabe? Peço desculpas, senhora.

Ela não é louca. Fotografias. É fácil esquecer as fotografias reais, seu brilho e seu prazer. Mas a primeira está totalmente preta, assim como a segunda; a terceira mostra só uma aura vermelha, como uma lanterna debaixo de um lençol.

— Olha, estas não são minhas, eu não quero estas…

A quarta é de Shar. Sem dúvida nenhuma. Shar sorrindo para quem quer que esteja tirando a foto, empurrando-se contra uma porta, segurando uma garrafinha de alguma coisa, vodca? Debaixo de um alvo de dardos. Nenhum outro móvel no quarto imundo. A quinta é de Shar, ainda rindo, agora sentada no chão, parecendo acabada. A sexta é de uma ruiva viciada, pele e osso e marcas de agulha, com um cigarro pendendo na boca, e se você olhar bem…

— Peço desculpas, senhora. Deixe-me pegar estas, de alguma forma elas se misturaram.

Michel, que até então estava vendo cremes de barbear, se aproxima. Ele não fica surpreso. Exasperadora, essa recusa perversa a ficar impressionado ou surpreso.

NW, um lugar pequeno.

Com duas farmácias.

Fotografias se misturam.

Parece razoável, mas ela não consegue aceitar aquilo de forma razoável. Está enfurecida com a possibilidade de que ele não acredita nela. Esta é a garota! Você não acredita em mim? É uma coincidência doida! As fotos dela estão no meu envelope! Você não acredita em mim? Mas por que ele deveria acreditar nela quando ela mentiu sobre tudo? A fila se mexe impaciente. Ela está gritando, e as pessoas olham para ela como se fosse louca. Michel a puxa na direção da saída, o sininho em cima da porta toca, tudo acaba muito rápido. Em alguma medida é a brevidade daquilo que confunde as coisas — aqueles demasiado poucos segundos, nos quais ela olhou

e viu o que estava ali. A garota. Suas fotos. Meu envelope. Foi isso que aconteceu. Como um enigma num sonho. Não há resposta. Assim como não é possível retirar o que ela disse tão alto, na frente de todas aquelas pessoas locais decentes, ou pedir para ver, de novo, fotos que claramente não são suas. O que as pessoas iam pensar?

HÓSPEDE

NW6

O homem estava nu, a mulher, vestida. Não parecia certo, mas a mulher tinha que ir a algum lugar. Ele ficou deitado na cama fazendo palhaçadas, segurando o pulso dela. Ela tentou colocar um sapato. Sob a janela eles escutaram portas de caminhão se abrindo, caixas de produto sendo colocadas no asfalto. Felix sentou e olhou para o estacionamento embaixo. Ele viu um homem de colete laranja, três caixotes de maçãs empilhados nos braços, fazendo o melhor que podia para entrar pelas portas automáticas. Grace deu uma batidinha na janela com uma longa unha postiça: “Benzinho, eles podem te ver”. Felix se espreguiçou. Ele não fez nenhum esforço para se cobrir. “Certas pessoas sem vergonha”, observou Grace, se espremendo até o outro lado da cama para arrumar as estatuetas no peitoril da janela. Era um lugar bobo para colocá-las — o homem tinha derrubado algumas princesas durante a noite, e agora a mulher queria saber onde a “Ariel” estava. O homem voltou-se para a janela. “Felix, estou falando com você: o que você fez com ela?” “Num encostei nela. Qual que é? A cabelinho de fogo?” “Para de falar cabelo de fogo — ela é ruiva. Ela tá presa atrás do negócio — tá nojento ali embaixo!” Era uma oportunidade para demonstrar virilidade. Felix enfiou o braço magro atrás do radiador e tirou dali uma ex-sereia. Ele a segurou contra a luz pelos pés duramente

conquistados: “Visivelmente. Cabelo de fogo”. Grace colocou a boneca de volta no lugar, entre a morena e a loira. “Vai rindo”, ela disse. “Você não vai rir quando eu te botar no olho da rua.” Verdade. Os lençóis estavam brancos e limpos, com exceção da mancha úmida que ele próprio tinha deixado, e o carpete estava fino de tanto ser aspirado. Na única cadeira, suas roupas da noite anterior já tinham sido dobradas e colocadas numa pilha. O telefone rosa sobre a cômoda de vidro brilhava, assim como a cômoda de vidro. Ele conhecera muitas mulheres: não achava que já tinha conhecido uma tão feminina. “Levanta!” Ele ergueu o traseiro pra que ela pudesse resgatar uma meia. Até o vidro de perfume na sua mão tinha a forma de uma mulher, uma imitação barata do mercado. Ele gostaria de poder comprar as coisas que ela queria! Havia tantas coisas que ela queria. “E se você passar pela Wilsons na avenida — Fee, me escuta. Se você passar por ali pergunta pro Ricky — sabe de quem eu estou falando? O garotinho de pele clara com trancinhas. Pergunta se ele pode passar aqui pra dar uma olhada naquela pia. Que horas são? Merda — Estou atrasada.” Ele ficou vendo ela se borrifar agora na cavidade do pescoço, na parte inferior do pulso, disfarçadamente, como se ele jamais devesse ficar sabendo que ela cheirava a outra coisa que não rosas e sândalo. “Cartão do metrô?” O homem colocou as mãos atrás da cabeça num másculo dar de ombros. A mulher suspirou e saiu para procurar na minúscula sala de estar. Era difícil permanecer másculo sozinho. Ele fez todas aquelas abdominais. Todas aquelas abdominais! Sua barriga ficou côncava, uma cortina sugada por uma janela aberta. Ele pegou o jornal de ontem do chão. Talvez o segredo fosse se esforçar menos. Os homens que ela mais tinha amado não se importavam menos? “Fee, você trabalha hoje?” “Não, esta semana eles só precisam de mim na sexta.” “Eles precisam te garantir os sábados. É quando o trabalho entra. É desrespeitoso. Você é treinado. Tem seu diploma. Você tem que parar de deixar as pessoas te desrespeitarem desse

jeito.” “Verdade”, disse Felix, e virou para a página três. A mulher foi direto para perto do homem e fez uma frase de palavras e beijos, alternando. “Nunca. Ignorantes. Conseguem. Alcançar. Objetivos.” Ela franziu a testa, distraída, diante dos mamilos da mulher branca no jornal, os quais Felix — embora certamente mais familiarizado com esses mamilos do que Grace — também achou curiosos, tão rosa e pequenos, como os de um gato. “Você nem terminou aquele negócio, né? Fee? Terminou?” “Que negócio?” “A lista! Você nem terminou, né?” Felix fez um som evasivo, mas a verdade é que ele não tinha feito a lista de coisas que ele queria do universo e secretamente duvidava que aquilo ia mudar alguma coisa no trabalho. Não havia trabalho suficiente para justificar cinco homens trabalhando cinco dias por semana. Ele era o menos experiente, o último que entrou. “Felix!” O amado rosto apareceu junto ao batente da porta: “Olha aqui, acabou de chegar! Preciso ir — deixei no sofá. Leva lá pro seu pai, tá?”. O homem queria objetar, ele tinha suas próprias coisas pra fazer, mas eram coisas secretas e então ele não disse nada. “Vamos lá, Fee. Ele ia gostar. Não se mete em encrenca. E escuta, tá? Vou ficar na casa da Angeline hoje e sair pro carnaval de lá. Então me liga pra avisar que horas você chega.” Felix fez uma cara de protesto. “Não, Felix, eu prometi pra ela que a gente ia se arrumar juntas. É tradição. Ela está sozinha agora, né. Você e eu podemos sair pra festejar a qualquer momento. Não seja egoísta. Podemos ir na segunda. Nós temos um ao outro — Angeline não tem ninguém. Vamos lá, não seja assim.” Ela beijou a ponta de dois dedos e os apontou para o coração dele. Ele sorriu de volta para ela. “É isso. Até mais.” Tem como esconder a felicidade? Ele escutou a porta da frente fechar com um clique, o estardalhaço de quatro lances de tábuas podres sendo golpeadas com saltos.

“Felix! Felix Cooper. E aí, cara?”

Um garoto gigante, com um sorriso banguela bobo, um monocelho e um cabelo preto e grosso colado à parte de trás da camiseta. Felix enfiou o pesado envelope debaixo da axila e se submeteu a um aperto de mão laborioso e complicado. Ele estava parado só a meio metro da porta de sua própria casa. “Quanto tempo… Você não se lembra de mim, né?” Felix descobriu que não gostava de ser socado daquele jeito, forte demais e no ombro, mas ele esboçou um sorriso e mentiu: “Claro que lembro, cara. Quanto tempo”. Isso deixou o garoto satisfeito. Ele socou Felix de novo. “Bom te ver, cara! Pra onde você tá indo?” Felix esfregou os olhos. “Coisa de família. Ver meu velho. Num tem como escapar.” O rapaz riu: “Lloyd! Costumava vir comprar seus cigarros Rizlas. Num vejo ele faz *tempo*”. Sim, o velho Lloyd. Sim, o velho Lloyd estava bem, continuava no velho conjunto habitacional, em Caldwell, é, nunca saiu. Continua rasta, é. Continua com sua barraquinha em Camden. Vendendo suas bugigangas. Continua fazendo tudo isso. Felix riu, conforme ele achou que deveria, a esta altura. Juntos eles olharam para os prédios de Caldwell, a menos de quinhentos metros dali. “Realmente a fruta num caiu longe do pé, cara”. Essa dica revelou ao menos o sobrenome: Khan. Do mercadinho do Khan, em Willesden. A família toda parecia igual, muitos irmãos, dirigindo o lugar para o pai. Este deve ser o mais novo. Garotos de Caldwell de tempos atrás, dois andares abaixo dos Cooper. Ele não se lembrava de eles serem lá muito amigáveis. Felix tinha chegado tarde demais em Caldwell para fazer bons amigos. Para fazer o que era preciso para se tornar um deles. “Bons tempos”, disse o garoto Khan. Para ser educado, Felix concordou. “E você tá morando aqui agora?” “Minha namorada mora logo ali.” Ele apontou para a placa do supermercado com o queixo. “Felix, cara, você é realmente *local*. Lembro quando você tava trabalhando ali. Lembro que quando te vi no caixa aquela vez eu fiquei tipo…” “É, mas num estou mais ali.” Felix olhou por cima da cabeça do garoto para a quadra de

basquete vazia do outro lado da rua onde ninguém nunca tinha jogado basquete nem ia jogar. “Estou em Hendon agora, sabe”, disse o garoto, um pouco acanhado, como se aquilo fosse muita boa sorte para se confessar. “Estou adorando. Casado. Boa garota, tradicional. Uma pequena a caminho, Inshalá.” Ele estendeu um dedo anelar cintilando para que Felix inspecionasse. “A vida é boa, cara. A vida é boa.” As pessoas tem que ter suas pequenas vitórias. “E aí, Felix, vai pro carnaval?” “Sim. Mas provavelmente só na segunda. Estou ficando velho, cara.” “Talvez eu te veja lá.” Felix deu um sorriso simpático. Apontou seu envelope na direção de Caldwell.

NADA DE CAMPAINHA.

Ele já tinha visto CAMPAINHA QUEBRADA muitas vezes antes, e também MANTENHA DISTÂNCIA. NADA DE CAMPAINHA sugeria um novo nível de rendição. Onde o papelzinho post-it estava saindo Felix fixou de volta com o dedão. Ele bateu por um tempo, sem resultado: o reggae estava alto o suficiente pra chacoalhar a caixa de correio nas dobradiças. Ele se aproximou da janela da cozinha e pôs a boca na abertura de dez centímetros. Lloyd apareceu distraído, descalço e sem camisa, mastigando preguiçosamente uma torrada. Seus dreads estavam presos num coque, uma colher de madeira enfiada neles como um palito de cabelo de gueixa.

“Lloyd — eu estava batendo. Me deixa entrar, bicho.”

Lloyd pegou uma única chave pendurada num cadarço outrora branco em volta de um cacto morto no peitoril da janela e estendeu pro filho.

“Tá uma sauna aqui dentro!” Felix deixou cair o casaco no chão e tirou o tênis sem as mãos. No estreito corredor ele se lembrou de manter uma boa distância do primeiro de muitos radiadores fundidos, os quais, caso você tivesse o menor contato com eles, queimavam sua pele. Seus pés afundaram no tapete, de pelo sintético roxo e grosso, o mesmo há vinte anos.

“Escuta, não vou ficar. Tenho que estar na cidade ao meio-dia. Só trouxe uma coisa pra te mostrar.”

Felix se espremeu pra entrar na cozinha de navio atrás do pai. Até esse ambiente era uma zona de máscaras e tambores africanos e todo o resto daquele patrimônio. Mais a cada visita, aquilo estava acumulando. Uma enorme panela, fervendo amarela pela borda, estava sobre uma boca do fogão. Felix ficou vendo Lloyd enrolar um pano na mão e erguer a tampa.

“Chegou aquele livro — que Grace encontrou?” Ele estendeu o envelope. “Você devia levar todas estas coisas pra barraquinha, cara. O clima tá bom pra isso. Você podia vender no carnaval.”

Lloyd dispensou o filho com a mão. “Sem tempo pra essa besteira. Aquela não é mais a minha música. É só barulho.”

As louças formavam uma pilha alta na pia, e uma pequena montanha de roupa de cama tinha sido deixada num canto, ainda não levada pra lavanderia. Uma lâmpada pendia nua. Metade de um baseado queimava no cinzeiro.

“Lloyd, cara… Você precisa dar uma limpada. Por que o aquecedor tá ligado? Cadê a Sylvia?”

“Não tá aqui.”

“Como assim ‘não tá aqui’?”

“A mulher não tá aqui. A mulher foi embora. Ela saiu faz uma semana, mas você num liga faz uma semana — é novidade pra você. Num é novidade pra mim. Ela foi embora faz tempo. *Isso significa liberdade, isso significa li-ber-da-de*!” As últimas frases saíram da música tocando, por acaso, no momento. Lloyd dançou um passo duplo tonto na direção de Felix.

“Ela me devia quarenta paus”, disse Felix.

“Olha pra isso. Grisalho!” Lloyd passou a mão com força no próprio couro cabeludo e puxou: um pequeno ninho de cabelos brancos saltados. Havia apenas dezessete anos de diferença entre

os dois homens. “A mulher me deixou de cabelo *grisalho*. Em três meses ela me transformou num velho.”

Mantinha seu apartamento limpo. Escondia o beck até o meio-dia. Te dava um dinheirinho pra que você não fosse implorando pra cima de mim. Felix olhou para os dedos.

“É isso, Fee, é isso: como é que você vai impedir as pessoas de partirem quando elas querem partir? Como é que vai impedir? Você não tem como. Escuta: se não consegue impedir uma mulher adulta com quatro filhos, então não tem como impedir uma garota idiota como Sylvia, que não tem nada. Ela não tem *ninguém*.” Esta ênfase puxou seus lábios para trás por um momento e ele ficou parecendo um cachorro, sem tirar nem pôr. “As pessoas precisam seguir seu próprio caminho, Felix! Se você ama alguém, liberte essa pessoa! Mas nunca saia com uma garota espanhola, sério, esse conselho é sério. Elas não batem bem da cabeça. De verdade! O cérebro delas não tem uma fiação normal.” Alguma coisa úmida caiu no ombro de Felix. O aquecimento central constante, o fogão ligado, a falta de ventilação fizeram com que grandes flores de mofo brotassem no teto. Fragmentos caíam aqui e ali, como pétalas. “Escuta, eu me virei sem a sua mãe. Consigo me virar agora. Não se estressa, cara — vou ficar bem. Fiquei bem esse tempo todo.”

“O que aconteceu com o abajur?”

“Acordei e ela tinha feito uma limpa no lugar. Juro por Deus, Felix. Eu devia ter ligado pra polícia. Ela provavelmente já tá de volta naquela porra de Madri a esta altura. Aparelho de DVD. Tapete do banheiro. Torradeira. O que não estava aparafusado, pode crer — ela levou. Levou a van. Como é que eu vou poder vender alguma coisa sem a van? Me diz.”

“Ela me devia quarenta paus”, disse Felix novamente, embora fosse inútil. Lloyd deu uma batidinha afetuosa no rosto do filho com as duas mãos. Felix estendeu o envelope com o livro dentro.

“Por que sua bela mulher não vem e vê com os próprios olhos?”, disse Lloyd, pegando o pacote do filho. “Quero impressionar ela, não você! É essa a ideia, não? É essa a ideia desse exercício todo! Ela quer conhecer um homem real da Casa Garvey. Você só nasceu lá. Eu vivi lá, cara. Não, estou brincando contigo. Deixa eu ir mijar antes. Tem chá de gengibre em algum lugar.”

Na sala de estar, Felix rasgou mal o envelope: uma nuvem de poeira cinza explodiu sobre o tapete. Em pequenos retratos enferrujados em forma de coração, seus irmãos ficaram em cima da TV vendo-o fazer um péssimo trabalho com aquilo. Devon com mais ou menos seis anos, na neve, na Casa Garvey, e as gêmeas, Ruby e Tia, mais recentemente, sentadas em degraus de concreto diferentes numa escada em algum lugar do conjunto Caldwell. Qualquer que fosse o jeito como ele rasgasse, a bagunça piorava. Felix respirou fundo e soprou, limpando a brilhante quarta capa. Vinte e nove paus! Por um livro! E quando lhe pagariam de volta? Nunca. De capa dura, grande como um atlas. *CASA GARVEY: Um retrato fotográfico*. Felix virou aleatoriamente até uma página, roleta-russa. Nenhuma bala: um casal tímido, recém-casado, magricela, jeito do interior, com afros irregulares e cicatrizes de acne, vestindo os trajes de casamento grandes demais de outra pessoa. Nenhum convidado, ou ao menos nenhum convidado na foto. Eles celebravam sozinhos com uma garrafa semivazia de Martini Rosso. Felix mordeu o lábio e folheou adiante. Quatro irmãs bonitas com lenço na cabeça, cobrindo um tanto de grafite com um balde de tinta fresca. (Cor desconhecida. Estava tudo em preto e branco.) Nos fundos, cadeiras quebradas, um colchão e um garoto fumando um baseado. Felix ouviu a descarga do banheiro. Lloyd voltou, fungando, animado de um jeito suspeito. Ele tirou um baseado

recém-enrolado da calça do pijama e acendeu. “Vamos, então. Vamos nessa.”

Este é um registro fotográfico de um período fascinante da história de Londres. Uma mistura de ocupação, metade lar e metade comuna, a Casa Garvey acolheu jovens vulneráveis das margens da

“Não me leia essas merdas que eu já sei. Num preciso desse sujeito aí me dizendo o que eu já sei. Quem estava lá, eu ou ele?” As páginas do livro vão passando até aquela que Felix tinha acabado de ver. “Eu conhecia todas essas garotas, cara. Esta é Anita, Prissy, esta aí é Vicky, de Rainha Vicky a gente chamava ela; ela eu não conheço — bonita mulher! Aquele filho da mãe miúdo ali atrás é o Denzel Baker. Patife. Eu conhecia todos eles! O que é que diz aqui? Estou sem meus óculos.”

Maio, 1977. As jovens decoravam e redecoravam. Às vezes os rapazes chegavam tarde da noite e destruíam o lugar, talvez por tédio, ou na esperança de que o irmão Raymond pagasse para que eles arrumassem o lugar mais uma vez.

“É, era mais ou menos isso. O irmão Raymond conseguiu fazer com que a prefeitura de Islington financiasse isso, e a gente realmente sacaneou os caras um pouco, isso é verdade. Os rapazes faziam bagunça, e as garotas tentavam arrumar, ha! — não posso negar. A não ser a sua mãe. Ela também fazia bagunça. Isso foi na onda de calor. A gente simplesmente arrancou a porta. Era quente demais! Onde é que eu estou? Devia aparecer nesta aqui. Ali está Marilyn! E — aquele é o irmão Raymond. Virado pro lado errado, mas é ele.”

Felix olhou mais de perto. A Casa Garvey esparramada no quintal de concreto. Crianças descalças, os próprios pais parecendo crianças. Afros, lenços de cabeça, tranças nagô, perucas rígidas bizarras, um rasta alto, magricela e com cara de espiritual se apoiando numa grande bengala. Ele não conseguia saber ao certo

se tinha uma lembrança disso ou se a própria fotografia estava criando uma lembrança para ele. Quando a prefeitura realojou os Cooper, ele tinha apenas oito anos de idade. “Fee, olha como a gente era original! Olha essa camiseta! Os jovens não são mais originais desse jeito. Só com a calça baixa e a bunda de fora. Nós era original!” Felix tinha de admitir: estilo sem dinheiro, sem nenhum recurso que seja. Meias-calças de brechós de caridade extremamente gastas. Clarks gastos, usados como se fossem os sapatos italianos mais finos. BLACK POWER pichado em letras de um metro de altura na parede do jardim. Estranho ver aqui, confirmado em preto e branco, o que ele em toda a sua vida tinha considerado um exagero interesseiro. “Deixa eu encontrar pra você uma decente do irmão Raymond. Quantas vezes eu te falei de Raymond! Ele era o motivo.” Lloyd folheou descuidado as páginas brilhantes, deixando passar montes de fotos de uma só vez. Estendeu o beck pra Felix; Felix recusou em silêncio. Nove meses, duas semanas, três dias. “Se não fosse pelo irmão Raymond, eu estaria dormindo na King’s Cross até *hoje*. Ele era um bom homem. Ele nunca…” “Espera!” Felix meteu a mão no meio do livro.

Página trinta e sete. Lloyd deitado num colchão manchado lendo a *Autobiografia de Malcolm X*. Calça boca de sino larga e óculos pequenos, sem camisa aqui também. Mal tinha ganhado forma. Sem os conhecidos dreads, mas com um afro bem cuidado, cerca de dez centímetros em volta de toda a cabeça. “Tá vendo? Você nunca acreditou em mim: sempre lendo, eu estava sempre lendo. Foi de mim que vocês garotos tiraram seus cérebros. Eles me chamavam de ‘professor’. Todo mundo. Foi por isso que Jackie me perseguiu no começo. Ela queria entrar *aqui*.” Lloyd deu uma batidinha na própria têmpora e fez uma cara que sugeria que os mistérios dali de dentro eram assustadores em sua intensidade, até para seu dono. “Coisa de vampiro. Ela estava sugando o conhecimento.” Felix assentiu. Tentou olhar mais atentamente para

a fotografia. Perguntou o nome de outros três caras na foto — sentados em volta de uma mesa, fumando e jogando Vinte e Um. “Dois dos rapazes entraram em cana por assassinato. Aquele ali de rosto pequeno, não consigo lembrar o nome dele, e este, Antoine Greene. Tempos difíceis! Muita coisa você nem sabe. As pessoas agora… Aquele idiota do Barnes. Do que ele fica falando? ‘A luta!’ Ele é quem tem o apartamento de três quartos, não é? Aposentadoria integral chegando pelo correio daqui a uns dois anos. Não preciso de nenhuma lição daquele idiota. Eu *vi* a luta.” Lloyd bateu o punho na parede para dar ênfase, e os pensamentos de Felix acompanharam a reverberação até a porta vizinha: “Barnesy é gente boa, cara. Ele é um bom homem”, disse, de um jeito automático, para defender determinado conjunto de memórias. Brincando com as filhas de Phil perto das lixeiras, examinando os fósseis de Phil, cultivando agrião no algodão na sacada de Phil. Quando era menor, Felix tinha imaginado que o mundo adulto seria cheio de homens como Phil Barnes. Que eles eram tão comuns na Inglaterra quanto flores silvestres. “Ele é um idiota”, disse Lloyd, encontrando os óculos entre duas almofadas no sofá.

Felix assumiu o controle do virar de páginas e rapidamente parou no irmão Raymond, visto claramente desta vez, ajudando a reconstruir a parede da frente. “Sabe a Holloway Road, né? Onde fica o Posto de Atendimento ao Trabalhador agora — era ali que ficava.” O irmão Raymond revelou-se um homem pequeno, com uma barba trotskista bem cuidada. “Você disse que ele era padre.” “Ele era!” Felix passou o dedo sob a legenda: “‘Assistente social autonomeado’”. “Escuta, o irmão era padre. Em espírito ele era padre.” Felix bocejou, sem muita discrição. Lloyd foi ficando cada vez mais irritado com as legendas. “Sim, claro, tá, aquela é a Ann. E daí? Ann alguma coisa — faz trinta anos, cara! Todo mundo ficou com a Ann. Ela era liberal! E daí? Quem disse que podia tirar um monte de fotos? A gente não estava no zoológico!” Felix reconheceu

a fase mal-humorada da maconha. Na porta ao lado, na cozinha, uma chaleira de estanho fora de moda assobiava no fogão. “Fee, vai fazer um pouco de chá pra gente.”

Abrindo os armários, Felix encontrou o pote de mel virado de lado, deixando a caixa de chá grudada na prateleira. Ele foi pegar um pano de prato úmido pra limpar. Lloyd gritou pra ele através da fina parede: “Aquele sujeito branquelo, pequeno — eu me lembro dele! Clique clique clique, incomodando a gente, sabe? Um daqueles que quer se envolver na luta quando a luta nem dele é. Aquele idiota da porta ao lado é a mesma coisa — mesma mentalidade. Nós estava tentando cuidar da própria vida. Tinha vezes que ele tinha sorte de sair dali vivo, entende? Os caras lá não estavam de brincadeira, eles não estavam de brincadeira mesmo. Mas ninguém falou nada sobre um livro, nada sobre dinheiro. A prefeitura ia querer saber disso, entende? Se você tira uma foto, Felix, tá? Se você tira uma foto de um homem, certo? Aquilo tem direitos autorais!” Lloyd apareceu na porta da cozinha, os olhos injetados de sangue. “Aquela é a alma dele de certa forma. Como é que você vai simplesmente vender isso segundo a lei inglesa? Sem chance. Num prédio público da prefeitura? Não mesmo. Vá até a biblioteca, veja os livros de direito. Cadê o meu dinheiro? Ele tá vendendo a minha imagem nas internets? A *minha* imagem? Não mesmo. Cadê os meus direitos segundo a lei inglesa? Põe um pouco de mel no meu.”

Da soleira da porta, Felix viu Lloyd se ajeitar com o livro no velho sofá de veludo cinza, colocar uma pequena pilha de biscoitos Hobnobs na mesinha de vidro de canto, o chá do lado, segurando cuidadosamente o baseado num ângulo refinado, de forma que a mesa fosse salva enquanto a cinza caía no tapete. Ele pensou em perguntar ao pai quando tinha sido a última vez que falara com

Devon, mas escolheu, em vez disso, o caminho da autopreservação. “Lloyd, vou nessa.” “Você acabou de chegar!” “Eu sei — mas tenho que ir nessa. Tenho umas coisas pra fazer.” Felix bateu no batente da porta de um jeito que ele esperava ser alegre e decidido. “Pra quem?”, disse Lloyd friamente, sem erguer os olhos. “Pra você ou pra ela?” Era aquele tom específico, inquiridor e chapado — e subitamente jamaicano —, enroscando-se em Felix como uma cobra saindo da cesta. Ele tentou desconversar rindo — “Fala sério, nem começa, cara” —, mas Lloyd sabia soltar seu veneno com precisão: “Estou tentando te ensinar, tá? Não é que você não me escuta, Felix, a questão é que você não quer me escutar. Você é o bambambã ultimamente. Mas deixa eu te perguntar uma coisa: por que você ainda tá correndo atrás de mulher como se elas pudessem salvar sua vida? Sério. Por quê? Veja a Jasmine. Você num aprende. O homem num consegue satisfazer a mulher, tá? Não importa o quanto ele dê. A mulher é um buraco negro. Eu pesquisei a fundo na literatura, Felix. Biológica, social, histórica, tudo o que é tipo de oráculo. A mulher é um buraco negro. Sua mãe era um buraco negro. Jasmine era um buraco negro. Esta que você tem agora é a mesma coisa, e ela é bonita também, então ela vai te sugar *totalmente* antes de você perceber que ela sugou até sua última gota de sangue. Quanto mais bonitas elas são, pior é.” Lloyd tomou um gole grande e reconfortante de seu chá. “Você me faz rir”, disse Felix, fracamente, prestes a conseguir sair da sala.

No corredor, forçando os pés de volta no Nike, Felix ouviu Lloyd deitar a mão com força numa página. “Felix: venha!” Ele voltou e encontrou o pai forçando a lombada do livro para trás, pressionando a dobra entre as duas páginas até deixá-lo plano. “Bem aqui, na ponta: com o vestido florido — eu me lembro das flores, era tudo roxa. Cento e vinte por cento de certeza. Sério! Por que você sempre duvida de mim? Esta é Jackie. Escuta, quando ela era

popular entre as garotas ela usava sapatos baixos, né? Sempre. Nunca usava sapato baixo a não ser que precisasse, né? Vaidosa demais.” Lloyd estendeu a mão pra pegar o cigarro, satisfeito com essa lógica. Felix sentou no braço do sofá e olhou para o suposto cotovelo e o pé esquerdo da mãe. Algum músculo esperançoso nele tentou se flexionar, mas já estava fraco de uso indevido no passado. Ele se recostou na parede. Lloyd mudou de posição para aproximar o livro do rosto de Felix. O lugar estava que era uma estufa, insuportável. As paredes suavam! Lloyd bateu na página de novo. “Esta. É. Jackie. Cento e vinte por cento de certeza.” “Preciso ir nessa”, disse Felix, dando um beijo rápido na bochecha de Lloyd e escapando.

O ar do lado de fora estava fresco em comparação; ele secou o rosto e se concentrou em respirar como uma pessoa normal. Enquanto fechava a porta, no apartamento seguinte se fazia a mesma coisa. Phil Barnes. Com sessenta, agora? Estava tentando erguer o pesado vaso de flores que ficava do lado de fora da porta da frente. Ele examinou Felix, que sorriu e empurrou o boné pra trás do rosto.

“Tudo bem, Felix?”

“Tudo bem, sr. Barnes.”

“Segurei o garoto no meu colo. Agora ele me chama de sr. Barnes.”

“Tudo bem, Barnesy.”

“Assim tá melhor. Jesus, isso é pesado. Não fica aí simplesmente parado com cara de moleque, Felix. Com cara de MOLEQUE que não presta pra nada. Dá uma mãozinha aqui, faz favor?” Felix ergueu o vaso. “É assim que se faz!”

Felix ficou vendo enquanto Phil Barnes olhava de um lado e do outro da passarela como um agente secreto, deixava a chave cair

no chão e a chutava para baixo.

“Terrível, não? Eu, preocupado com a minha propriedade feito uma velhinha. Feito um PLUTOCRATA. Logo vou estar falando coisas do tipo ‘Cuidado nunca é demais!’. Me mate quando eu chegar a esse ponto, tá bom, Felix? Meta uma bala no meio dos meus olhos.” Ele riu e tirou seus pequenos óculos redondos de John Lennon para limpá-los com a camiseta. Olhou de modo penetrante para Felix, subitamente com cara de informante e vulnerável. “Vai pro carnaval, Felix?”

“Sim. Provavelmente. Amanhã. Mas hoje é sábado, né?”

“Ah, sim, ah, sim. Meu cérebro anda me deixando na mão. Como tá o seu pai? Não tenho visto muito ele por aí, ultimamente.”

“Lloyd tá bem. Lloyd é Lloyd.”

Comoveu Felix o fato de Phil Barnes ser gentil o suficiente para fingir, para Felix, que ele, Barnes, e seu vizinho há trinta anos estavam se falando. “Isso é eloquência, Felix! ‘Uma palavra vale mais que mil imagens!’ Bem, ela vale, não vale? Embora pensando bem, não seria o contrário, se for ver? Uma imagem vale mais que mil palavras?”

Felix deu de ombros gentilmente.

“Me ignore, Felix! Eu me tornei um daqueles velhos caducos. Deve te entediar até não poder mais escutar gente como eu. Lembro quando eu era jovem, não conseguia aguentar gente velha reclamando, sem parar. Deixem os jovens seguir em frente! Tenham um pouco de fé neles! Deixem fazer o que querem! Sou um pouco antissistema, sabe, mas aí também eu era um Mod, né. Ainda sou, à minha própria maneira. Mas hoje em dia”, disse Phil, e colocou uma mão na grade da sacada, “bem, eles simplesmente não têm esperança, os jovens, Felix, não têm esperança, nós usamos todos os seus recursos, não é? Esgotamos tudo, bem, esgotamos! E agora eu estou te dando outro sermão, não estou? Fuja! Fuja! Eu sou como o Tsunami Prateado! Você leu aquilo? Saiu no *Guardian*

esses dias. Tsunami Prateado. Esse sou eu, aparentemente. Nascido entre 1949 e 1900 e alguma coisa. Um baby boomer egoísta. A gente pegou todos os recursos, sabe. Eu disse isso pra Amy e ela disse: 'Bem, e que porra a gente tem pra mostrar agora?!' Isso me fez rir. Ela não é muito politizada, a Amy, sabe, mas ela é bem-intencionada. Ela realmente é bem-intencionada", disse Phil, e pareceu aflito, pois tinha se desviado demais da conversa mole e entrado bem no âmago das coisas — acontecia com cada vez mais frequência ultimamente —, e agora devia tentar voltar para as coisas que não importavam. "Com quantos anos você tá agora, Felix?"

Felix socou um punho na outra palma à espera. "Trinta e dois. Estou ficando *velho*. Nem mais graça isso tem."

"Bem, nunca tem, né? É por isso que eles reclamam o tempo todo, os velhos. Estou começando a sentir um pouco de empatia por eles, te digo isso — incômodos e dores. Você aperta aquele botão, faz favor? Quebrado? Ah, bem, vamos descer pela escada — melhor pra você. Aqueles elevadores são mesmo uma desgraça." Felix abriu bem a porta de incêndio e a segurou para Barnesy. "Por outro lado eles não têm mais nada pra fazer, têm, esses garotos? É isso que mexe comigo. É isso que alguém deveria dizer."

Juntos eles descem pela estreita escada de blocos de concreto, Barnesy na frente, Felix atrás. Olhar para ele de trás era uma espécie de viagem no tempo, nem mais gordo nem mais magro, nenhuma mudança nas roupas, nenhum sinal dos vinte anos de distância entre o antes e o agora. Seu belo cabelo claro estava ficando branco de um jeito sutilmente prateado, então parecia que ele estava simplesmente ficando mais loiro, e o cabelo ainda caía, no estilo de um rapaz novo, nos ombros, que eram arredondados e meio ursídeos e macios como sempre foram. Ele ainda usava um colete preto, aberto, com o símbolo da CND na lapela, sobre uma enorme camiseta branca, e um jeans com elástico de um tom azul-

claro lavado. Nos bolsos de trás deixava um par de pantufas macias, para colocar quando suas voltas terminassem. Você podia vê-lo no café Rose's na avenida, de pantufa, almoçando. Felix chegara a achar que isso era um tanto excêntrico, até ele mesmo entregar a correspondência por apenas cinco meses, na virada do século, e descobrir que esse era o trabalho mais cansativo que já tinha feito na vida.

"Eles sempre falam 'moleques', não falam?", disse Phil e parou mais uma vez, na metade da escada, numa pose pensativa. Felix recostou-se no corrimão e esperou, embora tivesse escutado esse discurso muitas vezes. "Nunca os meninos da parte chique lá no parque, eles são só meninos, mas os nossos são 'moleques', nossos rapazes da classe trabalhadora são 'moleques', é terrível demais, não é mesmo? Eles vêm pra essas bandas, Felix — eu estava tentando dizer pro seu pai, mas ele não deu a mínima, você conhece ele, geralmente pensando mais em mulheres do que em qualquer outra coisa —, a polícia vem pra essas bandas fazendo perguntas sobre os nossos garotos (não os nossos garotos literalmente, óbvio que os nossos garotos já se foram faz tempo), mas os garotos da comunidade, buscando informações, sabe? Proteger suas grandes casas no parque dos nossos garotos! É uma vergonha, realmente é. Mas você não liga pra todo esse lixo, né, Felix, sua turma? Só quer se divertir. E por que não deveria, né? Deixem os garotos em paz, eu digo. É a minha opinião — a mulher acha que eu tenho opiniões demais, mas aí é que tá. Essa nova geração aqui, eles simplesmente não querem saber. Me deixa arrasado. Só assistem a todos aqueles reality shows, leem jornais que são uma porcaria, todo aquele lixo de merda, só cale a boca e compre um celular novo — é assim que as pessoas são por aqui hoje em dia. Elas não são organizadas, elas não são politizadas — bem, eu costumava ter umas boas conversas com a sua mãe antigamente. Conversas muito boas, muito interessantes. Ela tinha

um monte de ideias interessantes, sabe? Claro, eu percebi que ela tinha problemas, sérios problemas. Mas ela tinha aquela coisa que a maioria das pessoas não tem: curiosidade. Ela podia até não ter sempre as respostas certas, mas queria fazer as perguntas. Valorizo isso nas pessoas. A gente costumava se chamar de ‘camarada’ — pergunta pro seu pai! Ela era uma mulher interessante, a sua mãe, eu podia conversar com ela — é muito difícil, Felix, veja, se você está interessado em ideias e tal, ideias e filosofias do passado —, é muito difícil encontrar alguém por aqui com quem realmente conversar, é esse o drama da coisa, sério, quero dizer, se for pensar bem. Com certeza eu não consigo encontrar ninguém por aqui com quem conversar. E pra uma mulher é ainda mais difícil, sabe? Elas podem se sentir muito presas. Por causa do patriarcado. Realmente acho que todo mundo precisa bater uns papos desses de vez em quando. Sim, uma mulher muito interessante, a sua mãe, muito sensível. É difícil pra alguém assim.”

“É”, disse Felix.

“Você não me parece muito seguro. Claro, eu não conhecia sua mãe muito bem, tenho certeza… sei que seu pai não tem muitas coisas boas a dizer sobre ela. Não sei. Complicado, né? Famílias. Você está perto demais, é difícil ver. Vou fazer uma analogia pra você. Sabe aquelas pinturas que seu pai vende às vezes, os pontos, com a imagem secreta? Se você fica perto demais, não consegue ver. Mas eu estou do outro lado da sala, não estou? Perspectiva diferente. Quando meu velho ficou no asilo — uma espelunca, uma espelunca horrível —, mas te digo uma coisa, algumas daquelas enfermeiras lá me contaram coisas sobre ele que eu simplesmente não fazia nem ideia. Nem ideia. Conheciam ele melhor do que eu. Em certos aspectos. Não em todos. Mas. Você entende o que estou tentando dizer, de qualquer forma. É uma questão de contexto, realmente.”

Eles então saíram para a grama comunitária, sob o sol forte, enorme e laranja no céu.

“E suas irmãs, elas estão bem, não? Ainda não dá pra dizer quem é quem, aposto.”

“Aquelas garotas, cara. Tia não passa de uma mané. Ruby é insanamente preguiçosa.”

“Palavras suas! Não minhas! Que fique registrado!”, disse Phil, rindo e erguendo as mãos no ar como um homem inocente. “Agora deixa eu ver se entendi direito: ‘mané’ sempre significa ‘lerdo’, não? Acho que você me disse naquela última vez. Tá vendo? Ainda estou em forma. Acompanho a gíria. E ‘insano’ quer dizer ‘muito’ ou ‘demais’ ou ‘realmente’. É um intensificador, mais ou menos. Eu acompanho. Ajuda a morar aqui, você escuta os garotos falando, para e pergunta pra eles. Eles olham pra mim como se eu fosse um doente mental, como você pode imaginar.” Ele suspirou. Em seguida veio a difícil transição, sempre difícil da mesma forma.

“E o mais novo? Devon? Como é que ele tá?”

Felix assentiu, para expressar seu respeito pela pergunta. Phil era a única pessoa em todo o conjunto habitacional que chegava a perguntar sobre o irmão.

“Ele tá bem, cara. Tá indo bem.”

Atravessaram o gramado em silêncio.

“Se não fosse por isso, nem te falo Felix, às vezes eu acho que já estaria longe daqui, eu realmente estaria. Mudar pra Bournemouth com todos os outros velhos filhos da mãe.” Ele deu uma batidinha na árvore com o nó de um dedo e fez Felix parar debaixo dela e olhar pra cima: um dossel fechado de densa folhagem; era como ficar debaixo das saias de uma princesa da Disney. Felix nunca sabia o que dizer sobre a natureza. Ele esperou.

“Um pouco de verde é algo muito poderoso, Felix. Muito poderoso. Principalmente na Inglaterra. Até nós londrinos que nascemos e crescemos aqui, a gente precisa disso, a gente vai até

o Heath, não vai, a gente anseia por isso. Até o nosso pequeno parque aqui é importante. Um pouco de verde. *Em algum ponto melodioso, de faias verdes e inúmeras sombras*… Diga que poema é esse. ‘Ode a um rouxinol’! Um poema muito famoso, este. Keats. Ele era londrino, sabe? Mas por que você deveria saber disso, né? Quem teria te ensinado isso? Você tem sua música, não tem, seu hip-hop, seu rap — qual a diferença entre os dois? Eu nunca soube direito. Devo dizer, Felix, que não consigo entender mesmo o lance de joia pra cá, joia pra lá — parece uma coisa muito atrasada pra mim, todo esse foco no dinheiro. Talvez seja um símbolo de alguma coisa — não saberia dizer. Mas enfim, tenho os meus poemas, pelo menos. Mas tive de aprendê-los sozinho! Antigamente, você reprovava no exame dos onze anos e pronto — se manda. Era assim que as coisas eram. Tudo o que eu tenho de educação tive de aprender sozinho. Cresci com raiva disso. Mas era assim que as coisas eram na Inglaterra pro nosso tipo de gente. É a mesma coisa hoje, mas com outro nome. Você devia ter raiva disso também, Felix, você devia!”

“Sou mais ligado no hoje.” Felix cutucou Phil Barnes de lado. “Você é um perfeito velho esquerdista, Barnesy, um perfeito comunistazinho.”

Risadas de novo, curvados de tanto rir, as mãos nos joelhos. Quando se reergueu viu lágrimas nos olhos dele.

“Eu sou! Você deve pensar metade do tempo: do que é que ele tá falando? Propaganda! Do que é que ele tá falando?” Ficou com o rosto frouxo e sentimental. “Mas eu acredito nas pessoas, sabe, Felix? Acredito nelas. Não que isso tenha me feito algum bem, mas eu acredito. Realmente acredito.”

“Sim, Barnesy. Se mata”, disse Felix, dando um soco nas costas do velho amigo.

Eles continuaram até sair do conjunto, colina acima, em direção à rua.

“Estou indo pro depósito, Felix. Turno da tarde. Separação. Pra onde você tá indo? Vai pegar a avenida?”

“Não. Estou atrasado — vou pra cidade. Melhor pegar o trem. Talvez pegue o ônibus primeiro.”

O ônibus estava bem na frente deles, abrindo as portas. A sra. Mulherne, outra moradora de Caldwell, arrastava uma sacola de compras enquanto saía pela porta errada, as costas curvadas, a meia-calça enrugada em seus frágeis tornozelos — Barnes adiantou-se para ajudá-la. Felix achou que devia ajudar também. Ela parecia leve, quase como se fosse sair voando. As mulheres envelhecem de um jeito diferente. Quando ele tinha doze anos, Mulherne parecia só um pouco velha demais pra ficar saindo com seu pai; agora ela parecia ser mãe de seu pai. Um vislumbre de manhã seguinte de um par de pernas rosas e robustas, enroladas numa toalha de banho esfarrapada, correndo pelo corredor para o único banheiro. Também não foi a única. “Tão corajoso, cuidando sozinho dos quatro pequenos. Ela não serve pra você, querido. Você merece coisa melhor. Todo mundo acha uma pena mesmo.” As senhoras de Caldwell expressando sua solidariedade. Em pontos de ônibus, em salas de espera de médico, no Woolworths. Como uma música de sucesso que te segue de loja em loja. “Faz tudo por aquelas crianças. Morreria por aquelas crianças. Já dela eu não poderia dizer isso.” Uma delas, a sra. Steele, era a moça da cantina na escola dele. Um enorme rubor toda vez que o via — e batatas fritas extras. Engraçado o que você lembra depois — o que você percebe.

“Grace o quê?” “Grace. Ponto.” “Você não tem sobrenome?” “Não pra você.” Neste mesmo ponto de ônibus. Olhos nos tornozelos de seu jeans escuro, endireitando as bainhas de novo e de novo pra que ficassem certinho sobre as botas pretas de salto alto. Cachinho

cimentado na testa. Ele achou que nunca tinha visto algo tão lindo. “Ah, o que é isso, não seja assim. Escuta: sabe o que ‘Felix’ significa? Feliz. Eu trago felicidade, né? Mas posso te perguntar uma coisa? Te incomoda se eu sentar aqui? Grace? Posso falar com você? Os dois esperando pelo mesmo ônibus, né? Por que não? Mas te incomoda se eu sentar aqui?” Ela finalmente tinha olhado para ele, com olhos fabricados, do tipo castanho-claro que você compra na avenida. Ela parecia sobrenatural. E ele soube na hora: esta é a minha felicidade. Esperei a vida toda neste ponto de ônibus e minha felicidade finalmente chegou. Ela falou! “Felix — é este o seu nome, certo? Você não tá me incomodando, Felix. Você teria de importar pra mim pra me incomodar, tá entendendo? Sim. É bem isso.” O ônibus dela estava vindo pela colina. Então. Agora. “Não, espera, não seja assim, me escuta: não estou tentando te passar uma cantada. É só que você mexeu comigo. Quero te conhecer, só isso. Você tem um rosto que é muito… intensificado.” Erguida de sobrancelha de estrela de cinema: “Ah, é. Você tem o rosto de alguém que fica passando cantadas em garotas em pontos de ônibus.”

Cinco e inocente neste ponto de ônibus. Catorze e bêbado. Vinte e seis e chapado. Vinte e nove em total alheamento, fora de si com cocaína e ketamina: “Você não pode dormir aqui, jovem. Ou sai ou a gente vai ter que te levar pra delegacia pra você dormir até passar o efeito”. Você mora muito tempo no mesmo lugar, suas lembranças começam a se misturar. “Obrigada por me ajudar, Felix, querido. Bom te ver. Passa lá em casa quando quiser. Mande um abraço pro Lloyd. Estou logo ali no andar de baixo e você é sempre bem-vindo.” Felix saltou de volta para o ônibus. Acenou para Phil Barnes, que respondeu com dois joinhas. Ele acenou para a sra. Mulherne enquanto o ônibus subia pela colina e a ultrapassava. Apertou uma

mão contra o vidro. Grace com setenta. A tatuagem de Sininho na base das costas, enrugada, ou alargada. Mas como é que Grace poderia chegar a ter setenta anos? Olha pra ela. (“E, Fee, lembra? Eu não devia nem *estar* lá. Eu devia estar na casa da minha tia em Wembley. Lembra? Era nesse dia que eu devia ficar cuidando dos filhos dela, mas ela quebrou o pé, ficou em casa. Então eu fiquei tipo: por que não pegar o ônibus pra cidade, fazer umas compras? Felix, por favor, não tente me dizer que aquilo não foi o destino. Não ligo pro que dizem, tudo claramente acontece por um motivo. Não tente me dizer que o universo não queria que eu estivesse lá, naquele momento!”)

Cuidado com o vão entre o trem e a plataforma. Felix entrou no penúltimo vagão e olhou para um mapa de metrô como um turista, ficando um tempo a se convencer de detalhes que nenhum londrino de toda a vida precisaria verificar: Kilburn para Baker Street (Jubilee); Baker Street para Oxford Circus (Bakerloo). Outras pessoas confiam nelas mesmas. Uma variação do mesmo instinto levou sua mão a ficar no fundo do bolso segurando um papel com um nome. Um trem passou a toda do lado, derrubando-o no assento para o qual estava se dirigindo. Logo os dois trens pareceram ficar emparelhados, andando devagar. Ele olhou para fora para o seu duplo, no outro trem. Uma mulher pequena, que ele teria julgado judia sem ser capaz de articular nenhum motivo muito específico do porquê disso: escura, bonita, sorrindo consigo mesma, com um vestido azul da década de 1970 — colarinho grande, estampa de minúsculos passarinhos brancos. Ela estava franzindo a testa diante da camiseta dele. Tentando entendê-la. Ele teve vontade: ele sorriu! Um sorriso largo que destacava as covinhas e revelava três dentes de ouro. A garota fechou a cara escura com força, como um saco. O trem dela arrancou, depois o dele.

(W1)

“Você é o Felix? Oi! Que bom! Você é o Felix!”

Ele estava parado do lado de fora da Topshop. Um rapaz branco, alto e magrelo, com uma franja castanha vasta caindo no rosto. Calça jeans colada, óculos quadradões com armação preta. Parecia precisar de um momento para reorganizar o cérebro, o qual Felix lhe deu, pegando seu tabaco e começando a enrolar enquanto o rapaz dizia: “Tom Mercer — está logo depois da esquina; bem, algumas ruas depois”, e riu para disfarçar a surpresa. Felix não sabia por que sua própria voz causava com tanta frequência uma impressão enganosa por telefone.

“Podemos ir? Quero dizer, você consegue fazer isso e andar?”

“Com uma mão e correndo, cara.”

“Ah. Muito bem. Por aqui.”

Mas ele parecia não saber como contornar a aglomeração na esquina entre as ruas Oxford e Regent; depois de algumas tentativas frustradas, estava uns quinze centímetros pra trás de onde estivera um momento antes. Felix lambeu um Rizla e ficou vendo o rapaz dar espaço pra um peruano segurando um banner de três metros e meio: SUPERPROMOÇÃO DE CARPETE 90 METROS. Não era de Londres, não de nascença, pensou Felix, que tinha ido uma vez pra Wiltshire e voltado impressionado. Felix entrou na frente e

assumiu o controle, atravessando uma multidão de garotas indianas com rabos de cavalo pretos e exuberantes e pequenos crachás dourados da Selfridges presos à lapela. Foram andando no contrafluxo, o rapaz branco e Felix — precisaram de cinco minutos para atravessar a rua. Felix diagnosticou uma ressaca. Lábios rachados e olhos de panda. Uma reação sensível à luz.

Felix tentou: “Você tá com ela faz tempo ou…?”.

O rapaz pareceu sobressaltado. Colocou a mão na franja.

“Se eu estou…? Ah, sim. Não. Quero dizer, foi um presente faz alguns anos, nos meus 21, passado pelo meu pai — ele já estava com ela há um bom tempo… Um presente não muito prático. Mas você é um especialista, claro — não vai ter o mesmo tipo de problema.”

“Mecânico.”

“Isso. Meu pai conhece sua oficina. Ele já tem esses carros faz trinta anos — mais até —, conhece todas as oficinas especializadas. Kilburn, não é?”

“É.”

“É meio que na direção de Notting Hill, não?”

“Não, na verdade não.”

“Ah, agora, Felix? A gente pega à esquerda aqui. Fugir deste caos.”

Eles desviaram para uma rua transversal com calçamento de pedras. A quarenta e cinco metros dali, na Oxford Street, pessoas espremidas umas contra as outras, apertado como no carnaval, quase tão barulhento quanto. Aqui atrás tudo era quieto, vazio. Portas pretas e lisas, maçanetas de bronze, caixas de correio de bronze, postes de luz saindo de contos de fada. Pinturas antigas em molduras douradas e ornamentadas, colocadas em cavaletes, viradas para a rua. PREÇO SOB CONSULTA. Chapéus de senhoras, cada um no seu poleiro, cheios de penas, prontos para sair voando. TOQUE PARA SER ATENDIDO. Loja após loja sem uma alma viva. No final

desta pequena travessa, Felix entreviu um cliente através de uma brilhante janela com pinázios, sentado num pufe de couro, experimentando uma daquelas jaquetas verdes, cerosas como uma toalha de mesa, com o xadrez por dentro. Da metade pra cima, o vidro da janela ficava livre, revelando um grande rosto rosado, com tufos de cabelo branco aqui e ali, principalmente nas orelhas. O tipo que Felix via o tempo todo, principalmente nesta parte da cidade. Uma grande tribo deles. Não se misturavam muito — ficavam com sua própria gente. THE HORSE AND HARE.

“Bom bar, aquele”, disse Felix. Era algo a se dizer.

“Meu pai adora. Quando ele está em Londres é sua segunda casa.”

“Ah, é. Eu costumava trabalhar nessas bandas, antigamente. Um pouco com cinema.”

“Sério? Pra que empresa?”

“Pra todas. Na Wardour Street e tal”, acrescentou Felix, se arrependendo na hora.

“Tenho um primo que é vice-presidente da Sony, será que você chegou a topar com ele algum dia? Daniel Palmer. Na Soho Square?”

“É, não… Eu era só um garoto de recados, na verdade. Aqui e ali. Lugares diferentes.”

“Entendi”, disse Tom, e pareceu satisfeito. Um pequeno quebra-cabeça tinha se resolvido. “Eu me interesso muito por cinema — costumava explorar um pouco aquilo tudo, sabe, a forma como a narrativa funciona, como eles podem contar uma história por meio de imagens…”

Felix vestiu o capuz. “Você tá na indústria, é?”

“Não exatamente, quero dizer, não, não agora, não. Quero dizer, tenho certeza de que eu poderia estar, mas é um negócio muito instável, o cinema. Quando eu estava na faculdade era realmente um cara ligado em cinema, do tipo fanático. Não, eu estou meio que

na indústria criativa. Uma espécie de indústria criativa relacionada à mídia. É difícil explicar — trabalho pra uma empresa que cria ideias para a consolidação de marcas. Pra que marcas possam direcionar melhor a receptividade de seus produtos — manipulação de marcas de ponta, basicamente."

Felix parou de andar, forçando o rapaz a parar. Ele olhou distraído para seu cigarro apagado.

"Tipo publicidade?"

"Basicamente, sim", disse Tom irritado, e então, quando Felix não o seguiu: "Precisa de fogo?".

"Não. Tenho aqui em algum lugar. Tipo campanhas publicitárias?"

"Bem, não, na verdade não, porque — é difícil explicar — basicamente a gente não vê mais campanhas como uma forma de avançar. É mais uma questão de integrar marcas de luxo à consciência cotidiana."

"Publicidade", concluiu Felix, tirando o isqueiro do bolso e fazendo uma cara de inocente.

"É só a próxima à direita, se você for…"

"Logo atrás de você, cara."

Eles atravessaram uma grande praça, depois entraram numa rua transversal, embora as casas aqui não fossem menos grandiosas: com fachadas brancas e vários andares. Em algum lugar sinos de igreja soaram. Felix puxou o capuz pra trás.

"Aqui estamos nós — aqui está ela. Quero dizer, óbvio que este não é o tipo de coisa onde — desculpe, Felix, você me dá licença um momento? Preciso atender."

O rapaz colocou o celular no ouvido e sentou nos degraus de azulejos preto e branco da casa mais próxima, bem no meio de duas laranjeiras em vasos. Felix traçou um semicírculo até a rua. Agachou-se. Ela estava sorrindo para ele, mas elas sempre fazem isso, não importa em que estado estejam. Faróis tipo olho de sapo, sorriso gradeado maníaco. Caolha nesse caso. Ele tocou no ponto

onde o símbolo deveria estar. Quando chegasse a hora seria um octógono prateado, com as duas letras de costas uma para a outra, dançando. Nada de plástico. Metal. Aquilo ia ser bem-feito. Ele se endireitou. Passou a mão pelo talho gigante na capota e esfregou o tecido entre os dedos: uma trama de poliéster fina e desbotada. A janela de plástico já era, de qualquer forma. Na ferrugem ele não precisava tocar; podia ver quão ruim estava. Pior na lateral traseira esquerda — aquilo estava que era um continente —, mas também bem drástico em todo o capô, o que significa que a ferrugem provavelmente atravessava. Ainda assim: o vermelho certo. O vermelho original. Bom arco nas rodas dianteiras, quadrado como deveria ser nas traseiras, e um para-choque de borracha perfeito — tudo isso marcava a autenticidade do que ela alegava ser, pelo menos. M DGET. Fácil de consertar, como todas essas coisas externas — cosméticas. Debaixo do capô era onde estariam as novidades realmente. De uma forma engraçada, quanto piores as novidades, melhor para ele. Barry, na oficina: “Se ela se move, filho, você não tem como pagar”. Ele ia fazê-la se mover. Talvez não neste mês nem no outro, mas por fim. Um pouco impaciente, tentou uma maçaneta. Ansiava por arrombar a janela quebrada, fechada com papelão e fita-crepe.

“Não é uma questão de quem sente mais”, disse o rapaz. Ele arrastava um pedregulho para a frente e para trás no azulejo com o pé. Felix recostou-se no carro. “Soph? Soph? Olha, não posso falar agora. Claro que não! Minha bateria tinha acabado. Não, agora não. Por favor se acalme. Soph, estou no meio de uma coisa. Soph?” O rapaz tirou o celular do ouvido e olhou pro aparelho com curiosidade por um momento. Ele o enfiou de volta no bolso do casaco. Felix assobiou.

“Noventa e nove problemas. Estou vendo, cara.”

“Desculpe — como?”

“O carro. Tem alguns problemas.”

“Bem, sim”, disse Tom Mercer, fazendo um gesto expansivo que pretendia abarcar todo o veículo. “Claro, certamente é um carro pra um projeto de restauração. Não é algo que você vai simplesmente sair dirigindo. Por isso o preço. Do contrário estaríamos falando em muitos milhares. Claramente um carro pra projeto. Vou abrir, deixar você fazer o tour completo.”

Felix ficou vendo Tom lutar com a chave.

“Posso fazer isso se…”, começou Felix. A porta estalou.

“Só precisa de um empurrãozinho. Carro pra projeto, como eu disse. Mas executável.” O tour revelou-se um tanto quanto limitado. “Pedal de embreagem”, disse Tom, e “Marchas”, e “Volante”, esfregando distraidamente esses objetos com a mão, e então, enquanto os dois olhavam com pesar para o carpete mofado saindo e para o assoalho enferrujado, para a lã e os fios rebentando do estofado manchado, para o buraco onde o rádio deveria estar, ele murmurou o ano de fabricação.

“Ano em que eu nasci”, disse Felix.

“Então é o destino.”

Em seguida o garoto leu uma série de fatos escritos numa folha que tirou do bolso: “MG Midget, mil e quinhentas cilindradas, motor Triumph de quatro cilindros em linha, cento e sessenta mil quilômetros rodados, manual, gasolina, roadster de duas portas, o sistema de transmissão requer…”

Felix não conseguiu resistir: “Duas portas, sério? Entendi”.

Tom corou, suplicante. “Lista do meu pai. Eu mesmo não sou um cara muito ligado em carros.”

Felix sentiu-se impelido a dar um tapinha amigável nos ombros altos e ossudos dele. “Brincadeira. Podemos dar uma olhada debaixo do capô?”

Ele abriu com um rangido. Debaixo estavam todas as más notícias que poderia ter esperado. A bateria tomada por ferrugem, o cilindro rachado. Pistões no nível do bloco do motor.

“Tem salvação?”, perguntou Tom. Felix parecia perplexo. Tom tentou de novo: “Tem como salvar?”.

“Depende. De quanto estamos falando realmente?”

Tom olhou mais uma vez para sua folha.

“Fui instruído a ficar na casa dos mil.”

Felix riu e estendeu a mão para encostar no motor. Ele arranhou a ferrugem com a unha.

“Pra falar a verdade, Tom, eu vejo carros assim chegarem todo dia, em condições melhores, muito melhores — por seiscentos. Ninguém vai pagar seiscentos por este. Você não vai conseguir vender pra ninguém que não seja mecânico, eu te garanto.”

O sol batia agora direto no carro: o capô reluzia. Um calhambeque radiante! Tom ergueu os olhos, piscando.

“Que bom que você é um mecânico, então, né?”

Havia algo de engraçado na forma como ele disse isso. Os dois homens riram: Felix com seu jeito expansivo de engolir ar, Tom cobrindo a boca com as mãos feito uma criança. O celular começou a tocar no bolso dele.

“Ah, meu Deus — olha, eu realmente não ligo, mas se eu disser pro meu pai que aceitei menos que setecentos ele vai ficar me enchendo o saco pro resto da vida. Pessoalmente eu preferia mil vezes estar na minha cama. Me dê licença um segundo — Soph, te ligo de volta em um minuto—” Mas ele continuou com o celular no ouvido e Felix ouviu mais do que queria enquanto Tom fazia mímicas de desculpe para ele. No final da rua, um estrondo alegre irrompeu de um enorme grupo em uma das mesas ao ar livre do bar. Tom ergueu uma sobrancelha de forma interrogativa para Felix e fez o gesto de “tim-tim”; Felix assentiu.

“Vai querer o quê?”

“Cerveja sem álcool, obrigado.”

“Cerveja sem álcool e?”

“Não, só isso.”

“Olha, pra mim isso é pra ajudar na ressaca — o mínimo que você pode fazer é se juntar a mim.”

“Não, não quero nada. Só cerveja sem álcool.”

“Meu pai diz que só há duas respostas aceitáveis nesta situação pra um inglês que se preze: *Estou tomando antibióticos* e *Sou alcoólatra*.”

“Sou alcoólatra.”

Felix ergueu os olhos das ripas da mesa de madeira. Tom limpou o suor da testa, abriu a boca, mas não disse nada. Felix parou um pouco para apreciar o fato de que sua própria pele não tinha como transmitir embaraço tão rapidamente nem tão bem. O celular de Tom começou a tocar de novo.

Felix ergueu-se do banco. “Não se preocupe, amigo, atenda a ligação. Eu busco. Chope, né?”

Lá fora estava um meio-dia glorioso de sábado de fim de verão; dentro eram dez horas da noite numa terça de outubro. O teto preto e entalhado formando hexágonos, o carpete verde-escuro absorvendo luz. Mobília de madeira de caixão, antiga e pesada. Um senhor velho sentado no canto perto da jukebox, vestindo uma jaqueta gasta, com uma pele branca feito papel e cabelo e unhas amarelos, enrolando um cigarro — ele *parecia* um cigarro. Na mesa do bar, uma mulher velha e de pernas finas empoleirada num banquinho contava e recontava quatro pilhas de moedas de vinte pence. Ela interrompeu essa atividade para encarar Felix abertamente, o qual apenas sorriu de volta. “Certo”, disse ele, voltando-se para a garçonete. A mulher velha separou de repente as torres de moedas com o lado da palma. Os reflexos de Felix foram rápidos; ele impediu que uma pilha caísse completamente da mesa. Em sua visão periférica viu Tom indo na direção do banheiro. A garçonete balbuciou um “desculpe” mudo e comprimiu um dedo na

têmpora. “Sem problema”, disse Felix. Ele pegou um copo gelado em cada mão. Deixou a garçonete colocar um pacote de batatas fritas temperadas entre seus dentes.

“Quantos anos você tem, Felix?”

“Trinta e dois.”

“Mas por que você parece mais novo que eu?”

Felix abriu o pacote de batatas pela ponta da embalagem e as espalhou na mesa.

“Ah, é. Quantos anos você tem?”

“Vinte e cinco. Já estou perdendo meu maldito cabelo.”

Felix mordeu seu canudo e sorriu em volta dele: “Meu velho é a mesma coisa. Nenhuma ruga. Genética”.

“Ah, genética. Explicação pra tudo hoje em dia.” Tom protegeu os olhos com a mão, para fingir que era o sol que o estava incomodando. O olhar de Felix era intenso — ele encontrava seus olhos não importava o quanto você tentasse evitar —, e Tom não estava acostumado a olhar nem para os amigos mais próximos daquele jeito, quanto mais para um total desconhecido a quem ele esperava vender um carro. Pegou um óculos de sol do bolso e colocou. “E como é que você saiu do cinema e foi parar na mecânica, se me permite a pergunta?”

“Fiz tudo que é tipo de coisa, Tom”, disse Felix, animado, e colocou os dedos em posição para contá-las. “Chef de cozinha, foi assim que comecei — eu consegui um certificado GNVQ em serviço de bufê —, progredi bastante nisso quando era mais novo; chef principal uma época num pequeno restaurante tailandês em Camden, lugar bacana; abandonei isso, trabalhei um pouco com pintura e decoração, um pouco com segurança, sabe, nas boates, um pouco com varejo, dirigia um caminhão e saía entregando esses chips aí que você come lá pros lados da M25, trabalhei pro Correio

Real”, disse Felix, com um sotaque tão peculiar que era difícil imaginar quem ele estava imitando. “Costumava fazer estas aqui.” Ele apontou para o peito. “Então tive sorte, entrei num negócio — sabe o Cot-tes-low?”, perguntou Felix, devagar, de forma a marcar todos os Ts vitais. “É um teatro”, explicou ele, deixando a ênfase nos Ts pra lá e colocando um I no lugar do E, “perto daqui. Trabalhei com o público por um ano, ou seja, na bilheteria. Depois fui assistente nos bastidores, colocando os acessórios onde deveriam ficar, aquela coisa toda — foi assim que entrei no negócio de cinema. Tive muita, muita sorte. Sempre tive. Mas daí eu me envolvi pra valer mesmo no lance da droga, pra falar a verdade, Tom, e desde então eu venho basicamente juntando os cacos nos últimos anos.”

Tom ficou esperando a parte sobre mecânica — ela não veio. Como um homem no qual jogaram um monte de objetos de formas estranhas, ele agarrou a primeira que o atingiu.

“Você costumava fazer camisetas?”

Felix franziu a testa. Não era isso que geralmente interessava as pessoas. Ele ergueu-se e esticou a camiseta para que sua mensagem desbotada pudesse pelo menos ser lida corretamente, sem vincos.

“Me desculpe, eu não falo — é polonês?”

“Isso mesmo! Está escrito: *Eu amo as polonesas*.”

“Ah. Você é polonês?”, perguntou Tom, duvidando.

Felix achou aquilo muito engraçado. Caiu pra trás na cadeira e ficou um bom tempo repetindo a pergunta, batendo na mesa e rindo, enquanto Tom tomava goles silenciosos do colarinho do seu chope como um passarinho dando rasantes numa poça.

“Não, Tom, não, não sou polonês. Nascido e criado em Londres. Estas eu fiz faz um tempão — um novo empreendimento. Cinco anos atrás — nada, sabe o quê? Sete anos. O tempo voa, né? Na verdade foi ideia do meu velho, eu era mais tipo… o cara do

dinheiro”, disse Felix meio embaraçado, pois era uma forma ousada de descrever sua participação de cem libras. “Cada uma estava na sua própria língua. Eu amo as espanholas em espanhol, eu amo as alemãs em alemão, eu amo as italianas em italiano, eu amo as brasileiras em brasileiro…”

“Português”, disse Tom, mas a lista continuou.

“Eu amo as norueguesas em norueguês, eu amo as suecas em sueco, eu amo as galesas em galês — essa foi mais uma piada, sabe como é? —, não, é maldade, mas sabe do que eu estou falando —, eu amo as russas em russo, eu amo as chinesas em chinês. Mas existem dois tipos de chinês — muita gente não sabe disso, meu amigo Alan que me disse. Você precisa ter os dois. Eu amo as indianas em hindi, e a gente tinha um monte de modelos diferentes em árabe, eu amo as africanas acho que em iorubá ou algo assim. Conseguimos as traduções na internet.”

“Sim”, disse Tom.

“Fiz três mil delas e levei pra Ibiza, pra vendê-las, né? Imagina sair andando por Ibiza com uma camiseta que diz eu amo as italianas em italiano! Você tá rico!”

Repetindo a ideia, com o entusiasmo de Lloyd, conforme Lloyd tinha lhe transmitido pela primeira vez, Felix quase conseguiu esquecer que eles não tinham ficado ricos, que ele tinha perdido seu investimento, junto com o bom emprego no restaurante tailandês, do qual ele tinha desistido, por insistência de Lloyd, pra poder ir a Ibiza. Duas mil e quinhentas camisetas ainda estavam guardadas em caixas na garagem de Clive, primo de Lloyd, sob os arcos ferroviários da King’s Cross.

“Mas e você, Tom?”

“E eu o quê?”

Felix abriu um largo sorriso: “Ah, não seja tímido. Qual será que é a sua praia? Todo mundo tem um tipo. Deixa eu adivinhar: aposto que você curte um pouco as brasileiras!”

Tom, um tanto quanto ofuscado pelo equipamento reluzente na boca de Felix, disse: “Eu diria as francesas”, e ficou se perguntando qual seria a verdadeira resposta, e a achou perturbadora.

“As francesas. Certo. Vou incluir uma delas no negócio. Ainda tenho algumas.”

“Não sou eu que estou fazendo o negócio?”

Felix estendeu a mão por sobre a mesa e deu um tapinha no ombro de Tom.

“Claro que sim, Tom, claro que sim.”

A frase “o lance da droga” ainda pairava sobre a mesa. Tom a deixou pra lá.

“E você é casado, Felix?”

“Não ainda. Com planos de. Aquela que fica te ligando é a sua patroa?”

“Jesus, não. A gente só tá saindo há nove meses. Eu só tenho vinte e cinco!”

“Eu tinha dois filhos com a sua idade”, disse Felix, mostrando rapidamente a tela do celular pra Tom. “Estes são eles com a roupa de domingo. Felix Jr.; ele próprio já é um homem, quase catorze. E Whitney, ela tem nove.”

“São lindos”, disse Tom, apesar de não ter visto nada. “Você deve ter muito orgulho deles.”

“Eu não vejo eles muito, pra falar a verdade. Moram com a mãe. A gente num tá mais junto. Pra ser sincero, eu e a mãe deles não nos damos muito bem. Ela é uma daquelas mulheres realmente… do contra.”

Tom riu, e então percebeu que Felix não estava sendo engraçado.

“Desculpe — eu só — bem, é uma boa frase pra isso. Acho que talvez seja com isso que estou lidando agora. Uma mulher do contra.”

“Olha, se eu disser pra Jasmine que o céu é azul, ela vai dizer que é verde, sabe como é?”, disse Felix, arranhando o rótulo da

garrafa de cerveja sem álcool. “Tem um monte de problemas mentais. Cresceu num orfanato. Minha mãe passou por orfanato — mesma coisa. Isso mexe contigo. Mexe contigo. Conheço Jasmine desde que ela tinha dezesseis e ela tá assim faz *tempo*. Depressiva, não sai do apartamento por dias, não limpa, o lugar é um chiqueiro, aquela coisa toda. Ela passou por maus bocados. Enfim.”

“Sim, deve ser difícil”, disse Tom, baixinho, tomando outro grande gole do chope.

Depois disso eles ficaram sentados em silêncio, ambos olhando pra rua, como se só por acaso estivessem sentados juntos.

“Felix, posso te incomodar e pedir um desses? Sou péssimo pra enrolar.”

Felix acendeu o seu, assentiu e começou a trabalhar silenciosamente em outro. Seu celular vibrou no bolso. Leu a mensagem e meteu o aparelho mais uma vez na cara de Tom.

“Ei, Tom, você é publicitário — o que você acha disso?”

Tom, que não enxergava bem de perto, afastou-se da tela para conseguir lê-la: “Constatamos que você ainda não reivindicou uma compensação por seu acidente. Você pode ter direito a até três mil, seiscentas e cinquenta libras. Para reivindicar gratuitamente responda com ‘REIVINDICAR’. Para deixar de receber estas mensagens responda com ‘PARAR’.”

“Fraude, né?”

“Ah, acho que é, sim.”

“Pois como é que eles vão saber que eu sofri um acidente? Do mal. Imagina se você é velho, ou doente, e recebe isso.”

“Sim”, disse Tom, não acompanhando o raciocínio realmente, “acho que eles só têm… bancos de dados.”

“Bancos de dados”, disse Felix, balançando a cabeça em desespero, “e você responde e cinco paus surgem na sua conta. Mas é assim que as pessoas são hoje em dia. É cada um por si.

Minha garota me deu um livro, *Dez segredos dos líderes bem-sucedidos*. Você já leu?"

"Não."

"Devia ler. Ela ficou tipo: 'Fee, sabe quem leu este livro? Bill Gates. A Máfia. A família real. Banqueiros. Tupac leu. Os judeus leram este livro. Se instrua'. Ela é esperta, esta garota. Eu nem sou de ler, mas esse livro abriu meus olhos. Aqui está."

Tom pegou o cigarro e acendeu, inalando-o com o alívio profundo de um homem que tinha desistido de fumar completamente apenas algumas horas antes.

"Escuta — Felix, isso é um pouco estranho", disse Tom, apontando com a cabeça para o pacote de Amber Leaf entre eles, baixando o tom de voz. "Mas por acaso você não teria algo mais forte? Não pra comprar, só pra uma tragada. Acho que ajuda a amenizar os efeitos."

Felix suspirou, recostou-se no assento e começou a murmurar. Que Deus me dê serenidade para aceitar as coisas que não posso mudar, coragem para mudar as que posso e sabedoria para que saiba a diferença.

"Ah, não", disse Tom. Ele encolheu-se para a direita, depois de alguma forma inverteu a posição do corpo e encolheu-se para a esquerda. "Eu não quis…"

"Tudo bem. Minha garota acha que eu tenho uma tatuagem invisível na testa: POR FAVOR ME PEÇA MACONHA. Devo ter uma daquelas caras."

Tom ergueu o copo e terminou a bebida. Será que isso significa que havia maconha ou não? Ele examinou um Felix distorcido pelo fundo do seu copo de chope.

"Bem, ela parece sensata", disse Tom por fim.

Felix estendeu-lhe o cigarro pronto.

"Como?"

"A garota que você mencionou, sua namorada e tal."

Felix deu um grande sorriso. “Ah. Grace. É. Ela é. Nunca estive tão feliz na minha vida, Tom, pra falar a verdade. Mudou minha vida. Eu digo pra ela o tempo todo: você é uma salvadora. E ela é.”

Tom ergueu seu celular tocando e olhou feio pra ele.

“Parece que estou preso a uma destruidora.”

“Ninguém pode fazer isso, Tom. Só *você* tem o poder de fazer isso.”

Felix foi sincero, mas viu que tinha provocado uma espécie de sorrisinho debochado em Tom, o que por sua vez provocou em Felix a necessidade de insistir no ponto com mais veemência: “Escuta, esta garota mudou totalmente a minha perspectiva. De um modo global. Ela vê meu potencial. E, no fim das contas, você simplesmente tem que ser o melhor que pode ser. O resto virá naturalmente. Já passei por isso, Tom, certo? Então eu sei. O pessoal é eterno. Pense nisso.”

Quão perto do supérfluo seu trabalho estava atualmente! Os slogans vinham pré-embutidos na alma das pessoas. Um pensamento inteligente: Tom discretamente se congratulou por tê-lo tido. Assentiu para Felix profundamente, de um jeito satírico, estilo samurai. “Obrigado, Felix”, disse ele, “vou me lembrar disso. O melhor que você pode ser. O pessoal é igual ao eterno. Você parece ser um sujeito que já tem tudo resolvido.” Ergueu o copo vazio para brindar com Felix, mas Felix não era imune à ironia e deixou seu próprio copo onde estava.

“Parecer não é ser”, ele disse, baixinho, desviando o olhar. “Escuta…” Ele pegou um envelope dobrado no bolso traseiro. “Tenho umas coisas pra fazer, então…”

O rapaz percebeu que tinha passado dos limites: “Claro. Olha — onde estávamos? Você precisa me fazer uma proposta”.

“Você precisa me dar um preço razoável, amigo.”

Foi só então que Tom percebeu que, no fim das contas, não desprezava o hábito de excesso de familiaridade de Felix. Pelo

contrário, ser chamado de “amigo” nesta altura final da relação superficial deles provocou uma sensação melancólica de cair na real. Por que só consigo apreciar as coisas depois que elas acabam, Tom se perguntou, e tentou botar um dedo mental numa citação de um livro francês, que tratava exatamente disso, e utilmente também dava a resposta. *Candide*? Proust? Por que ele não continuou com o francês? Pensou em *père* Mercer, no telefone, esta manhã: “O problema é que você não vai até o fim, Tom. Esse sempre foi o seu problema.” E é claro que Sophie estava falando basicamente a mesma coisa. Certos dias têm uma coerência temática deprimente. Talvez a próxima coisa fosse uma nuvem no céu se abrir e uma enorme mão de desenho animado sair dela, apontando para ele, acompanhada por uma voz autoral trovejante: TOM MERCER. DESASTRE ÉPICO. Mas já lhe tinham mostrado — também nesta manhã! — que esta abordagem era apenas outro tipo de armadilha: “Tom, querido, de fato é terrivelmente narcisista achar que o mundo todo está contra você”. Ao escutar a voz da mãe pelo telefone, ele ficou impressionado com quão calma e amável ela soava e quão satisfeita estava com seu diagnóstico da personalidade dele. Graças a Deus por sua mãe! Ela não o levava a sério e ria quando ele estava sendo engraçado, mesmo quando não entendia, como quase sempre era o caso. Eles eram gente do interior, seus pais, e com idade de avós, pois este era um segundo casamento para ambos. Não conseguiam conceber como era a vida diária dele, não escreviam e-mails, jamais tinham ouvido falar na Universidade de Sussex até ele estudar lá, não tinham nenhuma experiência com um “vizinho de baixo”, um “ônibus noturno”, a realidade de um “estágio não remunerado” (“Simplesmente vá lá e apresente algumas ideias, Tom, mostre a eles o seu valor. Pelo menos Charlie vai dar ouvidos. Pelo amor de Deus, trabalhamos juntos por sete anos!”) ou o tipo de boate onde você deixa suas roupas — e muito mais — na porta de entrada. Eles não tinham uma vida dupla, até onde ele sabia.

Bebiam no jantar, nunca em excesso. Naquilo que para seu pai era exasperador e inexplicável em Tom, sua mãe pegava um pouco mais leve, dando margem pelo menos para a possibilidade de que ele realmente estivesse sofrendo de alguma variação do enfado intelectual do século XXI que fazia com que fosse impossível para ele tirar proveito da sorte com a qual tinha nascido. Mas havia limites. Ninguém devia ter de fingir que Brixton era um lugar para se viver. “Mas Tom: se você está triste, o número vinte da Baresfiel está vago pelo menos até julho. Não sei o que você tem contra Mayfair. E vai ter um lugar pra estacionar o carro sem precisar ter medo de que ele seja totalmente queimado em alguma revolta.” “Isso foi há vinte anos!” “Tom, estou me referindo à fábula de Esopo: leopardo, manchas.” “Aquilo não é uma fábula!” “Sinceramente, não sei por que você não se mudou pra lá já no início.” Porque às vezes você pode querer ter a ilusão de que está construindo sua própria vida, com seus próprios recursos. Ele não disse isso. Ele disse: “Mãe, sua sabedoria excede todo o entendimento”. Ao que ela respondeu: “Não dê uma de engraçadinho. E não estrague tudo!”. Mas ele estava estragando tudo. Com esta garota. Tudo era um terrível estrago.

“Um preço razoável”, repetiu Tom, e tocou o lado da cabeça, como se os estranhos pensamentos fossem uma sinapse falha e um tapinha na têmpora pudesse colocá-los de volta no lugar.

“Porque você realmente tá falando num valor absurdo”, disse Felix, começando a guardar seu tabaco e seus Rizlas e seu celular de um jeito que parecia, para Tom, expressar decepção perfeitamente, não só para com o fracasso do negócio, mas para com o próprio Tom.

“Mas você não pode estar seriamente pedindo que eu a dê pra você por menos de seiscentos!”

No meio desta frase Tom se deu conta do tom de súplica estranho e inapropriado de sua própria voz.

“Quatrocentos já faz mais sentido, cara. Minha turma vai rebocá-lo. É uma oferta generosa! Você não conseguiria isso tudo por ferro-velho. Provavelmente teria de pagar esse valor todo pra conseguir rebocá-lo.”

A audácia disso fez Tom sorrir: “Sério? Que é isso. Vamos falar sério”.

Felix manteve a cara de paisagem. Tom, ainda sorrindo, colocou a mão no queixo e “pensou”, como um desenho de alguém “pensando”.

“Quinhentos? Daí nós dois podemos ir pra casa. Eu realmente não posso baixar mais que isso. É um MG!”

“Quatrocentos e cinquenta. Não dou mais que isso.”

O celular de Tom começou a tocar mais uma vez. A expressão dele era inconclusiva: lembrava Felix dos atores andando de um lado pro outro nos bastidores depois da matinê, com a apresentação da noite ainda pela frente. Sem estarem totalmente dentro do personagem, mas também não livres dele.

“Destruidora na linha um. Você não é fácil, Felix. Já vi que não deixa passar nada.”

Felix tirou as notas amassadas e começou a contá-las devagar, empilhando-as metodicamente.

Então a oficina te emprestou um MG.

Não, bicho, eu comprei.

Ah, é. Você deve estar bem.

Não saiu tão caro. Andei economizando. Vou reformá-lo sozinho como ~~um presente para Grace~~ um projeto pessoal meu. Um projeto de restauração.

Mas você sabe por que comprou isso, não sabe? Você sabe? Você não sabe, né? Você quer saber? Vou te passar um pouco de

sabedoria, mano, se prepara. Você acha que sabe o porquê, mas não sabe…

Felix ouviu tudo tão claramente quanto qualquer conversa real com o pai: aquilo parecia existir no mesmo plano da realidade. Talvez fosse apenas como avistar um trem muito cedo, lá longe, no trilho. Era pros rapazes da oficina pegarem o carro hoje mais tarde e o deixarem nas vagas de estacionamento dos moradores de Caldwell. Para isso eles iam ter de pedir a seu pai um cartão de estacionamento. Logo depois seu pai ia ligar pra ele. A perspectiva disso tirou o brilho do triunfo que deveria acompanhar a compra. Quanto mais ele descia pela Regent Street, pior ficava.

Felix, escuta: você não pode comprar uma mulher. Não pode comprar o amor dela. Ela vai te deixar, assim. O amor vai te deixar de um jeito ou de outro, então o melhor é você nem se incomodar com os carros e as joias. Sério.

Felix passou na frente do garoto do Dia de São Valentim com a perna no ar e a flecha a postos. Quem ia ficar feliz por ele? Seu polegar pairava sobre o botão de rolagem do celular, movendo-o pra frente e pra trás pelos vários dígitos de seus irmãos, mas relacionando a cada um uma potencial dor de cabeça que o fez hesitar e por fim guardar o celular de volta no bolso. Tia teria os filhos atrapalhando, e sua solidão e seu tédio facilmente se transformavam em inveja, mesmo em coisas para as quais ela não dava a mínima, como carros. Ruby só ia querer saber o que o carro poderia fazer por ela — quando ela poderia pegá-lo emprestado, onde poderia dirigi-lo. Ela morava no quarto de visita da irmã gêmea, não tinha nada nem ninguém, e morria de pena de si mesma. Sempre esperava caridade, ao mesmo tempo que queria o melhor de tudo. Por que você foi comprar essa lata-velha? Idiota. Ambas as gêmeas tinham horror a produtos de segunda mão. Grace também. Ele não ia dizer nada a ela até o carro ficar com cara de que tinha acabado de sair da linha de montagem. Devon era o único

que talvez fosse se interessar, mas você não podia ligar pra ele, tinha de esperar ele ligar.

Do bolso de Felix uma orquestra digital tocou uma música clássica de uma propaganda de loção pós-barba de sua infância. Ele atendeu alegremente, mas seu amor parecia estressado e pulou os ois. “Você foi ver o Ricky?” “Não, desculpe — esqueci. Ligo pra ele.” “Como é que você vai ligar pra ele? Eu não tenho o número dele — você tem?” “Quando eu voltar eu passo lá.” “O vizinho de baixo ligou. O vazamento já atravessou o piso.” “Vou falar com ele, relaxa.” “Onde você tá?” “Na casa do meu pai.” “Mostrou pra ele? O que ele disse? Diga pra ele que posso encomendar mais algumas cópias pela internet. Na verdade, deixa eu falar com ele.” “Sim, cara. Ele tá olhando tudo. Tá adorando. Contou um monte de histórias — você conhece ele. Sessão nostalgia, né. Escuta, preciso ir.” “Passa pro Lloyd…” Uma ambulância passou por Felix na rua. “Estou na sacada — ele tá no banheiro. Escuta, eu te ligo de volta daqui a pouco. Tenho que ir.” “Você tem que ir! Eu tenho que trabalhar.” “Verdade!” Eles passaram pro nível de falar com voz de bebê e depois, por um breve momento, a conversa ficou explícita. Grace adorava anunciar sua “safadeza”, embora na cama ela fosse recatada, quase pudica, e em seus seis meses juntos Felix ainda não tinha conseguido realmente juntar a garota no telefone com aquela nos seus braços. “Te amo, benzinho”, disse ela, e Felix repetiu apaixonadamente, tentando recuperar o ânimo daquele momento de otimismo antes de atender o celular. Estranho pensar que ela estava a apenas algumas ruas dele, neste momento. O gerente dela disse nos fundos alguma coisa sobre uma reserva das doze até as duas — ela se foi de novo sem dar tchau. Como um fantasma que está no seu ombro e depois some, o milagre cotidiano. Ele se lembrou de quando se girava o disco do telefone

com o dedo. Às vezes as linhas se cruzavam e quatro fantasmas falavam. E agora Felix Jr. e suas sobrinhas se falavam através de vídeos. Se você espera o suficiente, os filmes se tornam realidade — e todo mundo age como se aquilo não fosse nada de mais. Ainda assim, ele estava feliz por poder ver o futuro. Incerto e arriscado por um tempo. Um leitor de quadrinhos, um fã de ficção científica, sempre fora óbvio, para Felix, que o futuro lhe cairia bem. Hollywood não era em nada melhor que Felix quando se tratava de imaginar o futuro. Ele não precisava nem ir ao cinema mais, podia apenas caminhar pela rua assim e ver todo o maldito espetáculo passando por sua mente. Roteiro de Felix Cooper. Dirigido por Felix Cooper. Estrelando Felix Cooper.

Anflex, meu bem, como você vai voltar pra casa?

Transferência de partícula. Te vejo em um segundo, minha querida Graciana. Em um nanossegundo.

Merdas assim. Simplesmente rodando na sua mente. Às vezes ele pegava e contava um filme inteiro pra Grace, e ela adorava, e não era só porque o amava: o fato é que os filmes da mente de Felix eram flagrantemente melhores do que qualquer coisa que as pessoas pagavam um bom dinheiro pra ver. Agora Felix chocou-se contra um jovem real saindo de uma videolocadora envidraçada, andando de costas pelas portas duplas enquanto acenava um tchau para os amigos, ainda lutando com seus joysticks. Felix tocou gentilmente nos cotovelos do rapaz, e o estranho, com o mesmo cuidado, estendeu a mão também e segurou Felix no ponto onde a cintura encontra as costas; os dois deram uma risadinha e se desculparam, chamando-se de “chefe” antes de rapidamente se separarem, o estranho voltando a passos largos na direção de Eros, e Felix seguindo adiante para o Soho.

* * *

Na rua dela, ele colocou a mão no bolso, tirou o celular e escreveu: **Na sua rua. Tah livre?** A resposta veio: **Porta aberta.** Fazia três meses que ele não parava nesta rua. Seu celular apitou de novo: **Cinco minutos pfv. Pq nao compra cigarro?** Esse acréscimo foi irritante: colocou-o de volta na posição errada. Ele se dirigiu até a loja não ventilada da esquina e passou dez calorentos minutos na fila, tentando refinar o breve discurso sobre o qual achava que tinha se decidido, percebendo que na verdade não tinha decidido quase nada. Por que é que ele precisava vir até aqui e dizer qualquer coisa que fosse? Ela não importava mais. Notícias da sua irrelevância deveriam chegar a Soho sem nenhum esforço da parte dele; ela deveria simplesmente sair pela porta da frente e sentir isso no ar. “Não precisa disso”, disse a mulher no balcão. Ela lhe devolveu cinquenta pence. Alguém atrás dele suspirou; ele deu um passo pro lado rápido com a vergonha de um londrino que foi inconveniente, ainda que por um breve momento, para com outro londrino. Os cigarros estavam no seu bolso. Ali estava o troco na sua mão. Ele não conseguia lembrar nada da transação. Suava feito um idiota.

Do lado de fora ele tentou se acalmar e se reajustar ao humor exuberante da rua. O sol era um estímulo, transformando o dia em noite. Irmãos jovens exibiam o peito nu como se já estivessem numa boate. Os garotos brancos usavam chinelos e bermuda cargo e bebiam cervejas importadas direto da garrafa. Um pequeno grupo estava dançandinho na porta do G.A.Y., no piloto automático da noite anterior. Felix riu consigo mesmo e recostou-se num poste de luz pra enrolar um cigarro. Ele tinha a sensação de que alguém estava observando e anotando tudo (“Felix era um sujeito forte, com o coração no devido lugar, que gostava de ver o mundo passar”), mas quando essa fantasia acabou não teve mais nada pra fazer. Um carro com os vidros pintados passou por ele. Ele demorou um pouco pra juntar a criança temerosa do reflexo passando com o que ele conhecia de seu próprio rosto. Ergueu os olhos e olhou para a porta

dela. Estava aberta; duas das garotas estavam paradas na entrada conversando amigavelmente com os motoristas somalis na porta ao lado. Felix estufou o peito, colocou um molejo animado no andar. (“Às vezes você tem que fazer o que tem que ser feito!”) Mas não havia nenhum tipo de sorriso que você poderia levar a estas garotas pra fazê-las pegar leve contigo. Chantelle já estava olhando de esguelha pra ele quando ele ainda estava a vinte metros de distância. Quando por fim ele a alcançou, ela já tinha, até onde ela sabia, passado da parte dos cumprimentos; agarrou a fina blusa com capuz dele entre dois dedos, examinou o material brevemente e depois o soltou de novo, como uma coisa imunda tirada do chão.

“Tá bem vestido pro verão, hein? Jesus amado. Sr. Verão.”

“Mas isso num é quente pra mim. Sou magro — preciso das camadas.”

“Quanto tempo”, disse a branca de cara azeda, Cherry.

“Andei ocupado.”

“Não me incomodaria com a Vossa Majestade ali de cima, se eu fosse você: melhor ficar aqui embaixo.”

“Sei, sei, sei”, disse Felix, mostrando os dentes de ouro, mas ele nunca teve certeza se o ali em cima era realmente um mundo à parte. Vossa Majestade ali de cima jurava que era. Eles costumavam discutir por causa disso. Não importava agora.

“Posso entrar?”

As duas eram grandalhonas e não lhe dar espaço para passar nunca perdia a graça para elas; ele tinha de se espremer entre as duas. Felix foi com os ombros ossudos à frente.

“Igual osso de galinha!”

“Costela pura!”

Cherry beliscou o traseiro dele — três andares acima ele ainda podia ouvir as gargalhadas. Contornou o último corrimão. Violinos clássicos tocavam incansáveis, dava pra escutar torneiras bem abertas no banheiro. Na soleira da porta ele foi envolvido por vapor.

“Felix? Querido, é você? A porta tá aberta! O Karenin tá aí fora? Traga o filho da mãe pra dentro.”

Karenin estava no capacho. Felix o ergueu nos braços, descuidado. O enorme peso do gato não parava de se deslocar: era impossível segurar o traseiro, a barriga e o pescoço ao mesmo tempo; alguma coisa sempre escapava. Ele sussurrou no ouvido dele — “Certo, K” — e entrou. Este mesmo gato gordo nos braços, os velhos cartazes de teatro e fotos amarelando na parede, as caixas cheias de partituras para um piano inexistente, vendido pra uma casa de penhores antes ainda da época de Felix. O estilo antigão de tudo. Ele conhecia aquilo bem demais. O encardido constante, o jeito com que nada nunca era renovado. Ela chamava essas coisas de antiguidades. Outra forma de dizer que não havia mais dinheiro. Cinco anos! Ele soltou o gato na poltrona: sem as molas, o assento afundado para recebê-lo. Como é ele chegou ao ponto de conhecer este lugar? Desconhecê-lo seria a exata restauração das coisas ao seu estado natural e saudável.

“Annie? Tá saindo?”

“No banho! Tá divino! Entre!”

“Não, tudo bem. Eu espero.”

“Quê?”

“EU ESPERO.”

“Não seja ridículo. Traga um cinzeiro.”

Felix olhou em volta. Num cabide de roupas pendurado no caixilho da janela, um conjunto pendia sem um corpo e inundado de luz. Jeans roxo, uma blusa complicada com alfinetes de segurança na frente, uma espécie de capa xadrez e embaixo, no chão, um par de botas de couro amarelas com saltos entre dez e treze centímetros, todas as coisas que ninguém ia ver com exceção do garoto da loja de bebidas que entregava os “mantimentos”.

“Não estou vendo nenhum cinzeiro.”

Empilhados sobre vários envelopes e páginas de jornais, viam-se pequenos montinhos de cigarros usados e cinzas. Era difícil se mexer — alguma tentativa de reorganização estava a caminho. Torres de papel jaziam espalhadas pelo chão. Era pior que a situação de seu pai, mas ele via agora que o espírito era praticamente o mesmo: uma grande vida encolhida num espaço pequeno. Nunca tinha visitado um lugar e depois outro numa rápida sucessão como desta vez. A sensação de sufocamento e impaciência era idêntica, o anseio que ele tinha por se ver livre.

“Deus amado — perto das *pavlovas*. ‘O pássaro russo de cara triste.’ Abaixo dela.”

Ele jamais teria de fingir novamente que estava interessado em coisas que em nada lhe interessavam. Bailarinos, romances, a longa e torturante história da família dela. Ele passou por cima de uma mesa de centro de vidro e foi até onde oito fotos de *pavlova* formavam um diamante na parede, ecoando a pirâmide de cigarros abaixo, o único enfeite numa pequena mesa de canto.

“Se estiver cheio, use o saco plástico na maçaneta”, disse Annie. “Esvazie ali.”

* * *

Ele fez o que lhe fora dito. Entrou no banheiro, colocou o maço de cigarros no cinzeiro e o cinzeiro na borda da banheira.

“Por que você tá usando isso?”

Ela passou os dedos por um par de óculos de sol vintage em madrepérola. “Este banheiro é terrivelmente claro, Felix. De cegar. Você poderia? Minhas mãos.”

O que parecia ser um único grão de aveia de café da manhã estava grudado no lábio inferior dela, pintado de escarlate. Felix pôs um cigarro na boca dela e o acendeu. Mesmo nos poucos meses desde a última vez em que estivera aqui, as linhas sob os olhos dela

pareciam ter se alongado e aprofundado, espalhando-se para fora dos óculos. O pó que ela tinha passado no rosto se amontoava aqui e ali de um jeito bizarro, piorando tudo. Ele recuou até o vaso sanitário. Era a distância certa. Ela fez um pequeno ajuste no figurino — soltando a grande pilha de cabelo castanho e deixando os fios molhados caírem em volta de seu rosto maquiado, emoldurando-o. Seus ombros estreitos apareciam entre as bolhas, e ele conhecia cada veia azul e pinta marrom. Ela estava sorrindo de orelha a orelha de um jeito que tinha começado a coisa toda, no dia em que ele a viu trazer uma bandeja de chá para a equipe de filmagem no seu telhado, o cabelo preso num lenço como uma daquelas mulheres na guerra. Os finos lábios puxados para trás e dois centímetros e meio de gengiva brilhante em volta.

"Como é que você tá, Annie?"

"Perdão?" Ela jocosamente colocou a mão em concha atrás da orelha.

"Como é que você tá?"

"Como é que eu estou? É essa a pergunta?" Ela recostou-se de volta pra dentro das bolhas. "Como é que eu estou? Como é que eu estou. Bem, eu estou desolada pra cacete, na verdade." Ela bateu as cinzas, não acertando no cinzeiro, sujando as bolhas. "Não só por causa do seu desaparecimento, não fique se achando. Alguém da prefeitura de Westminster se encarregou de reavaliar minha reivindicação. Porque outro alguém, algum *cidadão*, se encarregou de notificar a prefeitura. Congelaram meu dinheiro, fui obrigada a entrar numa dieta bastante trágica de sardinhas assadas. E várias outras coisas indispensáveis foram drasticamente reduzidas…" Ela fez uma cara infeliz de criança. "Adivinha quem foi."

"Barrett", disse Felix, emburrado; ele a aguentaria com qualquer humor, menos neste. Discretamente deu uma olhada em volta e logo encontrou o que procurava: a nota de vinte enrolada e o

espelho de maquiagem, aparecendo por trás de uma das pernas da banheira antiquada.

“Ele está tentando me levar à falência, imagino. Pra que possam simplesmente continuar cobrando…”

“Mil por semana de um russo”, murmurou Felix, falando igual a ela, palavra por palavra.

“Me desculpe se eu sou tão chata.”

Ela se ergueu. Se aquilo era um desafio ele estava à altura dele. Ficou vendo a espuma deslizar pelo corpo dela. Ela tinha uma constituição de dançarina, com todas as curvas atrás. Aquilo com que ele estava sendo confrontado agora tinha só uma fraca utilidade nesse sentido: seios, como dois músculos, colocados no alto de um veículo de roldanas e alavancas rigorosas, tudo projetado para uma vida que nunca aconteceu.

“Você poderia passar uma toalha pra garota aqui.”

Um trapo encardido estava pendurado na porta. Ele tentou chegar perto dela de modo a jogar a toalha castamente sobre seus ombros, mas ela afundou no seu corpo, encharcando-o.

“Brrrr. Aqui é quentinho.”

“Mas que porra!”

Ela sussurrou no ouvido dele: “A boa notícia é que se eles dizem que eu fico saindo por aí eu posso muito bem ficar saindo por aí. *Nós* podemos muito bem.”

Felix deu um passo para trás, ficou de quatro e estendeu um braço até a banheira.

“De acordo com eles eu já cheguei a sair. Estou no Céu toda noite dançando com os Twinks, sem o meu conhecimento. Vivo dormindo. Talvez este seja o começo de toda uma nova vida pra mim! Pelo amor de Deus, o que você está fazendo aí embaixo? Ah, não seja tão chato, Felix. Deixa isso aí…”

Felix ressurgiu segurando um espelho com cabo de prata saído de um conto de fadas, com quatro carreiras grossas de pó em cima,

atravessadas por um canudo, como um brasão. Annie estendeu os braços na direção dele com os punhos virados pra cima. As veias pareciam maiores, mais azuis.

“Não tá nem na hora do almoço.”

“Pelo contrário, isso *é* o almoço. Você faria o grande favor de colocar isso de volta onde encontrou?”

Eles ficaram um de cada lado do vaso: o gesto óbvio se insinuava. Seria uma forma de dizer o que ele tinha de dizer.

“Coloque. De. Volta. Por favor.” Annie sorriu com todos os seus dentes de dançarina de cabaré. Alguém estava batendo na porta. Felix captou um tremor rebelde na pálpebra dela, uma luta entre a pretensão de leveza e o peso da realidade. Ele sabia tudo sobre essa luta. Colocou de volta. “Estou indo!”

Ela tirou uma coisa de seda japonesa de um gancho na porta e se enfiou naquilo, dobrando um lado em cima do outro de modo a esconder um rasgo gigantesco. Nas costas havia um bando de andorinhas, dando um rasante no pescoço dela, passando pela espinha e indo em direção ao chão. Ela saiu correndo, deixando Felix ali dentro. Por força do hábito, ele abriu o armário envidraçado embaixo da pia. Empurrou a primeira fileira pro lado — Pond’s Cream, Elizabeth Arden, um frasco vazio e histórico de Chanel № 5 — para alcançar os remédios atrás. Pegou um frasco de poxycumequichamarendridina, o de tampa vermelha que, se misturado com álcool, dava um prazer maníaco e relaxante, como ecstasy com uma dose de ketamina. Funcionava muito bem com vodca. Ele o segurou na mão. Colocou de volta no lugar. Do outro quarto ele a escutou, subitamente estridente: “Bem, não… eu realmente não acho isso…”.

Entediado, Felix saiu e se estacionou numa cadeira desconfortável de madeira com encosto alto que outrora enfeitou a antecâmara do Castelo de Wentworth.

“Quase não uso as escadas. Pode até ser uma ‘área comum’, mas eu não uso. Minha única movimentação é do entregador ou amigo ocasional que sobe. Muito ocasional. Eu não desço, não posso. Certamente as pessoas com quem você devia estar falando são as moças lá de baixo, que, como nós dois sabemos — suponho que você seja um homem vivido —, têm visitas subindo e descendo o tempo todo. Subindo, descendo, subindo, descendo. Como se fosse a maldita Piccadilly Circus.”

Ela deu um passo para a frente para mostrar, com um dedo, a popular passagem pública, e Felix teve um vislumbre do homem na porta: um loiro grande, com corpão de academia, vestindo um terno azul-marinho, segurando um fichário com a inscrição Google.

“Srta. Bedford, por favor, só estou fazendo o meu trabalho.”

“Me desculpe — qual é o seu nome? Posso ver algum tipo de credencial…?”

O loiro estendeu um cartão para Annie.

“Você recebeu instruções para vir me assediar? Recebeu? Acho que não, sr. — não consigo pronunciar este nome de jeito nenhum —, acho que não, Erik. Porque sinto dizer que não respondo ao sr. Barrett. Respondo ao *verdadeiro* senhorio — sou parente do *verdadeiro* senhorio, ou seja, o senhor do lugar. Ele é um parente próximo, e eu tenho plena certeza de que não gostaria que eu fosse assediada.”

Erik abriu seu fichário e o fechou novamente. “Somos os subcorretores e fomos instruídos a informar todos os inquilinos de que as áreas comuns devem receber melhorias e o custo ser dividido entre os apartamentos. Enviamos várias cartas para este endereço e não recebemos nenhuma resposta.”

“Que sotaque engraçado você tem. É sueco?”

Erik ficou quase em posição de sentido: “Sou da Noruega”.

“Ah, norueguês. Noruega. Encantador. Nunca fui pra lá, óbvio — nunca vou a lugar nenhum. Felix”, ela disse virando-se, com uma

inclinada provocativa no batente da porta, “Erik é norueguês.”

“Ah é”, disse Felix. Ele moveu a mandíbula rigidamente numa imitação da dela. Ela estirou a língua pra ele.

“Bem, Erik, foi a Suécia que teve todos aqueles problemas recentes?”

“Como?”

“Quero dizer, a Noruega. Ah, você sabe, com dinheiro. Difícil acreditar que uma nação inteira possa ir à falência. Aconteceu com a minha tia Helen, mas é claro que ela estava realmente pedindo isso. Um país inteiro parece algo um tanto… descuidado.”

“Você está falando da Islândia, acho.”

“Estou? Ah, talvez esteja. Com os nórdicos eu sempre acabo meio que fazendo…” Annie entrelaçou os dedos.

“Srta. Bedford…”

“Olha, a questão é: ninguém quer ver este lugar ajeitado mais do que eu — quero dizer, a gente não tem uma equipe de filmagem aqui desde — sei lá quando foi — e aquele telhado está implorando pra que filmem dele, está mesmo, é simplesmente absurdo deixá-lo abandonado. É uma das melhores vistas de Londres. Realmente acho que seria do interesse de vocês tornar o lugar mais atraente para investimento externo. Vocês têm sido bem negligentes em se tratando de investimento externo.”

Erik encolheu-se um pouco em seu terno barato. Não importava qual fosse a besteira que saísse da boca dela, seu sotaque lançava um feitiço. Felix tinha visto aquilo fazê-la sair magicamente de alguns apuros nada promissores, mesmo quando o pessoal da assistência social aparecia, mesmo quando a polícia fazia uma batida no bordel lá embaixo enquanto um saco considerável de heroína ficava guardado logo ali no criado-mudo dela. Ela conseguia persuadir qualquer um a sair de sua porta. Podia cair e cair e cair e ainda assim nunca bater no chão realmente. Seu tio-avô, o conde,

era dono do terreno embaixo desse prédio, embaixo de todos os prédios da rua, do teatro, das cafeterias, do McDonald's.

"A *ideia* de que uma mulher vulnerável que mora sozinha e mal sai de seu apartamento deve pagar o mesmo tanto que um grupo de mulheres de 'negócios' que entretêm seus visitantes masculinos a cada oito minutos aproximadamente — acho que é incrível. Bam bam bam", gritou ela, marchando ritmadamente à porta. "É isso que está desgastando o maldito carpete. Bam bam bam. Clientes respeitáveis na escada." Erik olhou — um pouco desesperado — para Felix. "Aquele ali", disse Annie, apontando, "não é um cliente respeitável. É o meu namorado. Seu nome é Felix Cooper. Ele é cineasta. E ele *não* mora aqui. Mora em North West London, numa parte de lá da qual você provavelmente nunca ouviu falar chamada Willesden, e agora eu posso te dizer que seria um erro seu fazer pouco caso de lá porque na verdade é um lugar muito interessante, muito diversificado. Jesus, que palavra. E o fato é que nós dois somos pessoas independentes de origens bem diferentes e simplesmente preferimos manter nossa independência. De fato não é algo tão incomum, não é mesmo, ter…"

Aqui Felix levantou num salto, colocou as mãos em volta da cintura de Annie e a puxou de volta pra sala. Com um suspiro ela caiu murcha na poltrona e dedicou toda a sua atenção a Karenin, que parecia achar que aquilo não passava de um direito seu. Erik abriu seu fichário, destacou um maço de folhas e os empurrou na direção de Felix.

"Preciso que a srta. Bedford assine isso. Isso a obriga a pagar sua parte das obras que…"

"Você precisa disso agora?"

"Preciso disso esta semana, com certeza."

"Vamos fazer o seguinte. Deixe isso aqui, tá bem? Volte pra buscar no final da semana — vai estar assinado, prometo."

"Enviamos muitas cartas…"

“Eu agradeço — mas — ela não tá bem, chefe. Ela não tá com a cabeça… ela sofre deste lance de agrofobia”, disse Felix, um velho erro que nem os inúmeros revirar de olhos de Annie foi capaz de corrigir, talvez porque sua versão palavra-valise expressava uma verdade mais profunda: ela não tinha realmente medo de espaços abertos, ela tinha medo do que poderia acontecer entre ela e outras pessoas neles. “Volte outra hora, vai estar assinado. Vou fazer com que esteja.”

“Bem, isso foi chato”, disse Annie, antes de a porta ter se fechado totalmente. “Andei pensando, Felix — desde que o sol apareceu —, vamos gastar o que resta deste verão no meu telhado. Costumávamos amar matar o tempo lá em cima. Neste fim de semana, fique aqui — segunda é feriado! Fim de semana prolongado.”

“É carnaval neste fim de semana.”

Mas isso ela pareceu não escutar. “Não com um monte de gente. Só nós. Vamos fazer aquele negócio de frango que você gosta, churrasco lá em cima. Estilo jamaicano. Frango estilo jamaicano. Dois desse pra nós.”

“Você tá comendo agora também?”

Annie parou de rir, estremeceu, virou o rosto. Cruzou as mãos delicadamente no colo. “É sempre bom ver outras pessoas comendo. Eu como cogumelos. Poderíamos comprar um pouco daqueles cogumelos legalizados. Você lembra? Tentar ir só daqui até ali” — ela apontou da cadeira para a poltrona — “levou cerca de um ano. Por algum motivo, eu estava convencida de que isso era a França. Achava que precisava de um passaporte para atravessar a sala.”

Felix foi pegar seu tabaco. Ele não ia se deixar levar por lembranças queridas.

“Não dá mais pra comprá-los. O governo proibiu. Faz alguns meses.”

“Ah é? Que chato da parte deles.”

“Algum garoto em Highgate achou que era uma TV e se desligou. Pulou daquela ponte. Hornsey Lane Bridge.”

“Ah, Felix, essa é tão velha quanto eu — escutei isso no parquinho da Escola Camden para Garotas lá por volta de 1985. ‘Ponte do Suicídio’. É o que chamam de lenda urbana.” Ela foi até ele, tirou seu boné e esfregou sua cabeça raspada. “Vamos subir ali agora mesmo e nos bronzear. Bem, eu vou me bronzear. Você pode suar. Inaugurar o verão.”

“Annie, cara: o verão tá quase acabando. Eu estou trabalhando. O tempo todo.”

“Você não parece estar trabalhando agora.”

“Geralmente eu trabalho no sábado.”

“Bem, vamos fazer outro dia então, você escolhe, tornar isso regular, digamos assim”, disse Annie, com sua ideia de sotaque do Norte.

“Não posso.”

“São aos meus encantos que ele não consegue resistir” — um sotaque americano — “ou ao meu telhado?”

“Annie — senta aí, quero conversar com você. Sério.”

“Converse comigo no telhado!”

Ele tentou agarrar o pulso dela, mas ela foi rápida e passou direto por ele. Ele a seguiu até o quarto. Ela puxara a escada do alçapão e já tinha subido até a metade.

“Nada de espiar!” Mas ela subiu de um jeito que tornava isso impossível, inclusive no caso da pequena cauda branca de rato de um fio de absorvente interno. “Tome cuidado — vidro.”

Felix saiu para a luz — demorou um pouco para enxergar claramente. Apoiou um joelho com cuidado — entre uma garrafa de cerveja quebrada e outra — e pegou impulso para subir. Suas mãos ficaram cobertas de flocos brancos de madeira ressecada pelo sol e arruinada pela chuva. Ele tinha ajudado a instalar esse deque e o

pintara, junto com alguns técnicos e até um dos produtores, porque o tempo e o orçamento estavam apertados demais. Tudo coberto por uma grossa tinta brilhante branca para maximizar a luz. Foi feito muito rapidamente, para servir a uma ficção. Jamais foi pensado para ser usado no mundo real. Agora ela pegava um maço de cigarros amassado e uma garrafa de vodca vazia, enfiando-as escrupulosamente numa lixeira transbordando, como se retirar estes dois itens pudesse fazer uma grande diferença no mar de lixo por todo o lugar. Felix passou por cima de um saco de dormir encharcado, pesado por causa da água e com alguma coisa dentro, não uma pessoa, graças a Deus. Tinha chovido na noite passada — havia um frescor de orvalho —, mas um cheiro forte estava impregnando o ar, e a cada minuto o sol o deixava um pouco mais forte. Felix dirigiu-se para o canto mais ao leste, perto da chaminé, por sua sombra e por sua relativa impopularidade. As tábuas sob seus pés rangiam desesperadas.

“Isso tudo precisa ser refeito.”

“Sim. Mas você simplesmente não consegue mais arranjar ajuda pra isso hoje em dia. Houve um tempo em que acontecia de uma equipe de filmagem jovem e encantadora dar as caras, te pagar duas mil libras por semana, instalar um deque, pintá-lo, te foder apaixonadamente e dizer que te ama — mas temo que esse tipo de serviço seja coisa do passado.”

Felix colocou a cabeça entre as mãos.

“Annie, cara. Você me faz rir, sério.”

Annie sorriu com tristeza: “Fico feliz por ainda poder te fazer alguma coisa, pelo menos…” Ela endireitou uma espreguiçadeira virada de ponta-cabeça. “Parece um pouco ruim agora, eu sei… Mas andei recebendo gente — tive uma das minhas supernoites na última sexta, foi tão divertido, você devia ter vindo. Eu te mandei uma mensagem. Você dá um jeito de não ver minhas mensagens.

Um grupo encantador, as pessoas mais queridas. Quente igual Ibiza aqui em cima."

Ela fazia aquilo parecer uma festa da sociedade, cheia do bom e do melhor. Felix ajuntou uma garrafa vazia de sidra Strongbow que tinha sido reutilizada como bongo.

"Você precisa parar de deixar as pessoas se aproveitarem de você."

Annie bufou: "Que besteira!". Ela sentou com as pernas arreganhadas na pequena ponte de tijolos entre as chaminés. "É pra que isso que as pessoas servem. Elas se aproveitam umas das outras. Pra que mais elas serviriam?"

"Elas só ficam de bobeira contigo porque você tem algo que elas querem. Parasitas do Soho. Só querem um lugar pra dormir. E se tem merda grátis — bônus."

"Que bom. É isso que eu tenho. Por que as pessoas não deveriam se aproveitar de mim se o que eu tenho é útil pra elas?" Ela cruzou uma perna sobre a outra como uma professora chegando ao âmago de sua aula. "Acontece que nesta questão de propriedade e drogas eu sou forte e elas são fracas. Em outras coisas é o contrário. O fraco deve se aproveitar do forte, você não acha? Melhor do que o contrário. Quero que meus amigos se aproveitem. Eu quero que eles se alimentem de mim. Quero que eles bebam meu sangue. Por que não? São meus amigos. O que mais eu ia fazer neste lugar? Construir uma família?"

Felix sabia que esta linha de raciocínio era uma armadilha. Ele desviou para evitá-la.

"Só estou dizendo que eles não são seus amigos. São usuários."

Annie olhou-o fixamente por cima dos óculos de sol: "Você parece ter muita certeza. Está falando por experiência própria?".

"Por que você tá tentando torcer minhas palavras?" Ele facilmente ficava agitado e isso era mal interpretado como raiva. As pessoas achavam que ele estava prestes a bater em alguém quando só

estava nervoso, ou um pouco irritado. Annie ergueu um dedo trêmulo no ar.

“Não erga a voz pra mim, Felix. Espero que não tenha vindo aqui pra brigar porque eu realmente estou me sentindo bem sensível.”

Felix soltou um gemido e sentou ao lado dela na ponte de tijolos. Ele colocou a mão delicadamente no joelho dela, fazendo-o como um pai ou um amigo, mas ela a agarrou e a segurou firme entre as suas.

“Consegue ver? Logo ali? A bandeira tá hasteada. Tem alguém em casa. Melhor vista da cidade.”

“Annie…”

“Minha mãe foi apresentada no palácio, sabe. E minha avó.”

“Ah, é.”

“Sim, Felix, sim. Certamente eu já te contei isso antes.”

“Pois é, você contou, sim.”

Ele conseguiu soltar sua mão e ergueu-se de novo.

“Fogem de mim os que antes me procuravam”, disse Annie, baixinho, tirando o robe e deitando nua no sol. “Tem um pouco de vodca no congelador.”

“Eu te disse que não bebo mais.”

“*Ainda*?”

“Eu te disse. É por isso que não tenho aparecido. Não só por isso, por outros motivos também. Estou limpo. Você deveria pensar nisso também.”

“Mas, querido, eu estou limpa. Dois anos limpa.”

“Exceto coca, maconha, bebida, balas…”

“Eu disse que estou limpa, não que virei uma maldita mórmon!”

“Estou falando de fazer isso direito.”

Annie apoiou-se nos cotovelos e empurrou os óculos até o cabelo. “E ficar todos os dias ouvindo pessoas matraqueando sobre o tempo em que elas se viram numa lixeira, cobertas de vômito? E fingir que todo momento bom que eu já tive na vida foi algum tipo de

ilusão de adolescência estendida?” Ela deitou de volta e recolocou os óculos. “Não, obrigada. Você poderia buscar uma vodca pra mim, por favor? Com limão, se conseguir encontrar.”

Do outro lado da rua, na diagonal, em outro terraço, uma japonesa austeramente vestida — calça preta justa e blusa preta com gola V — deixou cair uma bandeja que estava carregando. Um copo quebrou e um prato de comida saiu voando; o outro ela conseguiu de alguma forma segurar. Ia na direção de uma pequena mesa de ferro forjado na qual estava sentado um francês magrelo, com um suspensório vermelho paródico e a calça arregaçada até a panturrilha. Agora ele levantou num salto. Na mesma hora a menininha correu para fora, olhou para esta tragédia doméstica e pôs a mão na boca. Todos os três não eram estranhos para Felix; ele os tinha visto muitas vezes ao longo dos anos. Primeiro ela sozinha; depois ele se mudou. Então veio a bebê, que agora parecia ter quatro ou cinco anos de idade. Para onde o tempo tinha ido? Com muita frequência, com tempo bom, ele tinha visto a mulher tirar fotos da família com uma máquina sobre um tripé.

“Ops”, disse Annie. “Problemas no paraíso.”

“Annie, escuta: lembra aquela garota da qual eu estava te falando? A séria.”

“Temo que realmente seja perfeito pra eles. Não poderiam simplesmente comer no apartamento. Seria penoso demais. Em vez disso têm que trazer cada prato de filé de bacalhau com missô e balsâmico numa bandeja, pra que possam comer na porra do terraço, sem dúvida dizendo o tempo todo para si mesmos: que sorte nós temos de comer no terraço! Ora, poderíamos estar na Toscana! Experimentou este, querido? É tempurá de flores de abobrinha. Fusão Itália-Japão! Eu mesma que inventei. Devo tirar uma foto? Podemos colocar no nosso *blog*.”

“Annie.”

“Nosso blog chamado *Jules et Kim*.”

“Eu e aquela garota. Grace. É sério. Não vou mais ficar vindo aqui.”

Annie ergueu uma mão no ar e pareceu examinar as unhas, embora todas estivessem abaixo da ponta dos dedos, com a pele ferida dos dois lados e velhos rastros de sangue em volta de toda a cutícula. “Entendo. Ela não tinha outro amante também?”

“Isso acabou.”

“Entendo”, disse Annie de novo, ficando de barriga para baixo e chutando os pés com seus arcos extraordinários no ar. “Idade?”

Felix não pôde deixar de sorrir. “Vinte e quatro, vai fazer, eu acho. Em novembro. Mas nem tem a ver com isso.”

“E nada de vodca *ainda*.”

Felix suspirou e começou a voltar na direção do alçapão.

“Vou pensar no outro amante!”, escutou Annie lhe dizer enquanto ele descia. “Vou ter pena dele! É tão importante que tenhamos pena uns dos outros!”

Marlon. Tinha finalmente acabado num sábado de fevereiro enquanto Felix estava sentado na escada de Grace, enrolando um cigarro e tremendo, espiando pela cortina de filó. O homem ficara vendo enquanto o outro homem se arrastava pelo apartamento, recolhendo um cadeado de bicicleta, algumas roupas feias, uma caixinha de som para iPod, uma máquina de cortar cabelo. Ele era pesado, o Marlon, não necessariamente gordo, mas flácido e deselegante. Ficou um bom tempo no banheiro, ressurgindo com vários potes de cera e tubos de creme, um dos quais pelo menos era de Felix — mas Felix tinha ganhado a mulher e concluiu que podia viver sem seu Dax. Depois de Marlon terminar de recuperar suas coisas, Felix viu enquanto ele segurava as mãos de Grace entre as suas como um homem prestes a realizar algum ritual religioso, dizendo: “Sou grato pelo tempo que passamos juntos”. Pobre Marlon. Ele realmente não fazia a menor ideia. Chegou até a aparecer algumas vezes depois disso — com compilações de

música soca e bilhetes escritos à mão e lágrimas. Nada disso lhe serviu. No fim das contas, todas as coisas que Grace dizia gostar em Marlon — que ele não era um playboy, que era amável e desajeitado e não estava interessado em dinheiro — foram os motivos por que ela o deixou. Sendo tão amável, demorou um tempo até ele captar a mensagem. Finalmente levou sua rotina de "Eu-sou-um-enfermeiro-homem-eu-acho-o-hip-hop-negativo-demais-eu-sei-fazer-curry-de-cabra-eu-quero-me-mudar-pra-Nigéria" de volta para South London, onde, na opinião de Felix, era seu lugar.

"Geladeira", disse Felix para si mesmo agora e a abriu — duas garrafas tamanho família de Coca, três limões e uma lata de cavala —, e então ele lembrou e abriu o congelador em vez disso. Tirou a garrafa de vodca. Voltou à geladeira e pegou o limão menos branco. Deu uma olhada em volta. A cozinha era um minúsculo armário com uma pia Belfast rachada e nenhum espaço para guardar nada e nenhuma lixeira. A pia estava cheia; não havia copos limpos. Uma cortina-trapo esvoaçava na janela semiaberta. Uma fila de formigas marchava solenemente da pia à janela e da janela à pia, carregando pedacinhos de comida nas costas, com uma confiança que sugeria que elas não esperavam ver a água da torneira em toda a sua existência aqui. Felix encontrou uma caneca. Cortou o limão com uma faca cega. Serviu a vodca. Pôs a tampa de volta, recolocou a garrafa no congelador e pensou em como ia descrever esta cena de sobriedade na terça-feira às sete da noite para um grupo de companheiros de viagem que ia apreciar o heroísmo da história.

De volta ao telhado, Annie tinha mudado de posição — uma pose de ioga com as pernas cruzadas, os olhos fechados — e agora estava vestindo um biquíni verde. Ele colocou a caneca na frente dela e ela assentiu, como uma deusa aceitando uma oferta.

"Onde é que você arranjou este biquíni?"

"Perguntas, perguntas."

Sem abrir os olhos, ela apontou para a família no terraço. “Agora só o que resta a eles é juntar os cacos. O almoço está arruinado, o vinho Sancerre acabou, mas de alguma forma, de alguma forma, eles vão encontrar um jeito de seguir em frente.”

“Annie…”

“E o que mais? Não faço ideia do que você anda fazendo. Algum progresso na área cinematográfica? Como tá o seu irmão?”

“Eu saí daquele lugar faz tempo. Sou aprendiz numa oficina agora, eu te disse.”

“Carros antigos são um bom hobby.”

“Não é um hobby — é o meu trabalho.”

“Felix, você é um cineasta muito talentoso.”

“Ah, cara, fala sério. Qual era o meu trabalho? Pegar café, pegar coca. Esse era o meu trabalho. Era isso. Eles não iam me deixar ir mais longe que isso, acredite. Por que você sempre fica falando de merdas que nem sequer são reais?”

“Acontece que eu sinto que você é muito talentoso, só isso. E que cometeu o crime de se vender por pouco.”

“Esquece isso, cara!”

Annie suspirou e tirou o grampo do cabelo. Ela o dividiu e começou a fazer duas tranças longas e infantis. “Como vai o pobre Devon?”

“Bem.”

“Você está me confundindo com uma daquelas pessoas que fazem perguntas só por educação.”

“Ele está bem. Tem uma data de soltura provisória: 16 de junho.”

“Mas isso é maravilhoso!”, gritou Annie, e Felix sentiu um calor enorme e nada razoável para com ela. Na companhia de Grace, Devon raramente era mencionado. Ele era uma das “fontes negativas de energia” de suas vidas que precisavam purificar.

“Por que ‘provisória’?”

“Depende de como ele agir. Não pode irritar ninguém nesse meio-tempo.”

“Pra mim, parece que ele meio que pagou mais do que precisava da sua dívida com a sociedade por um pequeno ‘mãos ao alto’ com uma arma de brinquedo.”

“Não era de brinquedo. Só estava descarregada. Ainda assim eles chamam de assalto à mão armada.”

“Ah, mas na sexta alguém me contou uma piada superengraçada — você ia gostar. Ah, minha nossa: como é que era? Algo do tipo: sabe como as pessoas pobres…? Não. Desculpe, deixa eu começar de novo. As pessoas pobres — ah, meu Deus. ‘Nas regiões pobres as pessoas roubam seu celular. Nas regiões ricas as pessoas roubam sua pensão.’” Felix esboçou um sorriso. “Só que foi muito melhor do que isso.”

Ela estava gritando, sem perceber. No outro terraço ali perto, a japonesa virou-se e olhou educadamente para o horizonte, na direção deles.

“Quero dizer, olha pra esta mulher: ela está *obcecada* por mim. Olha pra ela. Quer me fotografar desesperadamente, mas se recusa a pedir. É muito triste, na verdade.” Annie acenou para a mulher e sua família. “Comam seu almoço! Continuem cuidando das suas vidas!”

Felix se colocou entre Annie e a vista. “Ela é metade jamaicana, metade nigeriana. Sua mãe dá aula na William Kable, lá pros lados de Harlesden — uma mulher séria. É como a mãe dela, tem aquela coisa da educação nigeriana: focada. Você ia gostar dela.”

“Hummm.”

“Sabe aquele lugar na Monmouth Street, York’s?”

“Claro. As pessoas costumavam ir lá na década de 1980.”

“Ela acabou de ser promovida”, disse Felix, orgulhoso. “É tipo a garçonete principal, como é que se chama isso mesmo? Não atende mais nas mesas. Como que é que chama isso?”

“Maître.”

“Isso. Provavelmente vai acabar na gerência. Tá cheio todo dia — um monte de gente vai lá.”

“Sim, mas que *tipo* de gente?” Annie levou o drinque aos lábios e bebeu de um só trago. “Mais alguma coisa?”

Felix ficou agitado de novo: “Temos muita coisa em comum, tipo… um monte de coisas.”

“Longas caminhadas no campo, vinho tinto, as óperas de Verdi, senso de humor…” Annie estendeu os braços e juntou os dedos como se fosse cantar um mantra de ioga.

“Ela sabe o que quer. É consciente.”

Annie olhou pra ele de um jeito esquisito: “Isso é nivelar bem por baixo, não acha? Quero dizer, que bom pra você que ela não está em coma…”.

Felix riu e viu que ela sorria com prazer, mostrando a gengiva.

“Consciente em termos políticos, consciente em termos raciais, no sentido de que ela entende a luta. Consciente.”

“Ela está acordada e ela entende”, Annie fechou os olhos e respirou fundo. “Que bom pra você.”

Mas certa sombra de superioridade que atravessou o rosto dela tirou Felix do sério. Ele começou a gritar:

“Só o que você sabe fazer é zombar. É só o que sabe. O que você tá fazendo que é tão incrível? O que conquistou?”

Annie abriu um olho surpreso: “O que eu — de que diabos você tá falando? Pelo amor de Deus, eu estava brincando. O que exatamente eu deveria estar conquistando?”.

“Estou falando de quais são seus objetivos. O que você quer que sua vida seja?”

“*O que eu quero que a minha vida seja?* Me desculpe, estou achando essa pergunta extremamente peculiar em termos gramaticais.”

“Vá se foder, Annie.”

Ela riu procurando fazer pouco caso disso também e tentou pegar o pulso dele, mas ele a repeliu. “Não, mas com você tudo é inútil, né? Estou tentando te dizer que rumo estou tomando na minha vida, e você fica simplesmente zombando. Ridículo. Você é ridícula.”

Aquilo saiu mais brutal do que ele tinha pretendido. Ela estremeceu.

“Acho que você está sendo muito cruel. Só estou tentando entender.”

Felix baixou a bola. Ele não queria ser cruel. Não queria ser visto como alguém cruel. Sentou ao lado dela. Ele tinha o discurso preparado, mas tinha a sensação de que os dois estavam recitando falas, de que ela estava tão preparada quanto ele.

“Estou cansado de viver do jeito que tenho vivido. Ando sentindo como se estivesse num jogo, nesta fase, e eu vivi bons momentos nesta fase — mas, vamos lá, Annie: até você concordaria que é uma fase com um monte de demônios. Um monte de demônios. Demônios e…”

“Com licença — você tá falando com uma boa garota católica que…”

“Deixa eu terminar de falar! Pelo menos uma vez!”

Annie assentiu em silêncio.

“Perdi o fio da meada agora.”

“Demônios”, disse Annie.

“Isso. E eu matei eles. E foi difícil, e agora eles estão mortos e eu terminei a fase, e é hora de passar pra próxima fase. Não é nem uma questão de levar você pra próxima fase. Você claramente não quer ir.”

Este era o discurso que ele havia preparado. Agora que já tinha saído de sua boca, não parecia ter a sutil profundidade que assumira em sua mente, mas ainda assim Felix viu que tinha tido algum efeito: os olhos dela estavam abertos e sua pose de ioga

tinha se desfeito, os braços descruzados, as mãos apoiadas no chão.

“Tá me escutando? Próxima fase. As pessoas podem passar a vida toda simplesmente *obcecadas*. Eu poderia passar a vida toda obcecado por algumas das merdas que aconteceram comigo. Fiz isso. Agora é hora da próxima fase. Estou avançando no jogo. E estou pronto pra isso.”

“Tá, tá, entendi a metáfora, não precisa ficar repetindo.” Annie acendeu um cigarro, deu um trago profundo e soltou a fumaça pelo nariz. “A vida não é um video game, Felix — não existe um número certo de pontos que mandam você pra próxima fase. Na verdade não existe nenhuma próxima fase. A má notícia é que todo mundo morre no final. Fim de jogo.”

As poucas nuvens que restavam no céu iam na direção de Trafalgar. Felix olhou para elas com o que esperava ser uma expressão espiritual no rosto. “Bem, essa é a sua opinião, né? Todo mundo pode ter uma opinião.”

“A minha, a de Nietzsche, a de Sartre, de um monte de gente. Felix, querido, agradeço por você vir até aqui pra ter esta ‘conversa séria’ e compartilhar suas ideias sobre Deus, mas agora eu já estou bem cansada de falação e pessoalmente gostaria mesmo é de saber: vamos transar hoje ou não?”

Ela puxou provocativamente a perna dele. Ele tentou se levantar, mas ela começou a beijar seus tornozelos e ele logo se deixou cair de volta, de joelhos. Era uma derrota, e ele a culpava. Ele a pegou pelos ombros, nada delicado, e juntos foram engatinhando até o canto da parede, onde disseram a si mesmos que não podiam ser vistos. Com um punhado do cabelo dela na mão, ele tentou lhe tascar um beijo grosseiro, mas ela tinha a mania de transformar qualquer golpe malévolo em paixão. Eles se encaixaram. Eles sempre se encaixaram. Mas de que adiantava se encaixar dessa forma e em nenhuma outra? Ele sentiu as mãos dela nos seus

ombros, empurrando-o para baixo, e logo ele estava na altura da sua cicatriz no apêndice. Ela ergueu o bumbum. Ele o agarrou com as duas mãos e pôs a cara na sua virilha. Tinha catorze quando Lloyd explicou pela primeira vez que chupar uma mulher era algo anti-higiênico, uma humilhação. Só sob a mira de uma arma, era a opinião do seu pai, e ainda assim só se não houvesse nem sombra de pelo. Com Annie foi a primeira vez. Anos de condicionamento violados numa única tarde. Ele ficou se perguntando o que Lloyd pensaria dele agora, com o nariz metido naquele monte de pelo liso e abundante, e com esse estranho gosto na boca.

"Se tá atrapalhando tira de uma vez!"

Ele agarrou a cauda de rato com os dentes e puxou. Saiu com facilidade. Deixou-a de lado como uma coisa morta, vermelha sobre o deque branco. Voltou-se para ela e cavoucou com a língua. Parecia que ele estava escavando freneticamente um túnel para algum lugar, esperando alcançar o outro lado. Ela tinha gosto de ferro, e quando ele saiu para respirar, cinco minutos depois, imaginou um anel de sangue ao redor da boca. Na verdade havia só uma manchinha, que ela removeu com um beijo. O resto foi rápido. Eram antigos amantes e tinham suas posições conhecidas. De joelhos, olhando para a cidade ao longe, eles logo chegaram a conclusões certamente prazerosas, certamente independentes, que ainda assim eram de alguma forma um anticlímax se comparado àqueles cinco minutos, aqueles cinco minutos atrás, em que parecia ser possível entrar em outra pessoa, a cabeça primeiro, e desaparecer completamente.

Depois disso ele ficou em cima dela sentindo a proximidade desagradável e suada, perguntando-se quando seria educado se mover. Não esperou muito tempo. Rolou para fora, deitando de costas. Ela puxou o cabelo para um lado e apoiou a cabeça no peito dele. Os dois ficaram observando um helicóptero da polícia passar por eles a caminho de Covent Garden.

“Sinto muito”, disse Felix.

“Pelo quê, meu Deus?”

Felix abaixou-se e vestiu a calça de volta. “Você continua tomando seu negócio?”

Felix viu um lampejo de fúria atravessar o rosto dela, e também viu como ela o reteve e o fez desaparecer no gesto de abrir o maço de cigarros, tirar um, acendê-lo, sorrir tristemente, rir.

“Não preciso. É mais provável que um raio caia na minha cabeça. O sangue corre praticamente normal ainda, mas acredite: o poço está quase seco. A natureza, essa carrasca. Essa destruidora! Falando nisso, meu querido irmão James pretende me levar a The Wolseley para uma celebração da nossa mútua decrepitude — ele me ligou ontem, completamente natural no telefone. Como se a gente se falasse dia sim, dia não. Ridículo. Mas eu entrei no jogo, disse: ‘Oi, meu gêmeo querido!’. Ele sugeriu um almoço de aniversário — veja bem, nosso aniversário é só em outubro —, e eu disse ótimo, mas é claro que eu sei exatamente o que ele está aprontando; ele quer que eu assine a maldita escritura pra que ele possa se livrar de mim e vender de uma vez. Ele parece não entender que independentemente do que ele acha uma parte daquele lugar é minha, e vai saber o quanto ele já não hipotecou para pagar os estudos das suas queridinhas, já foi tudo, tenho certeza, duvido que ainda reste um centavo ali, e todos nós sabemos que ele queria é ter me devorado no útero, mas temo que não tenha conseguido isso e enquanto a nossa mãe vive eu realmente não entendo por que o lugar deveria ser vendido — pra onde é que ela iria se vendessem? E quem ia pagar por isso? Esse tipo de assistência custa dinheiro. Mas ele sempre foi assim: James sempre agiu como se fosse filho único e eu nem sequer existisse. Sabe como ele e meu pai costumavam me chamar pelas minhas costas? A placenta. Vamos tomar outra bebida? Está tão abafado.”

Ela recostou-se de novo no peito dele. Beijou a pele em volta da gola de sua camiseta. Ele pôs os dedos no cabelo dela.

“Você deveria tomar uma daquelas outras pílulas — aquelas que se toma depois. Pra garantir.”

Annie bufou, exasperada.

“Não quero os seus bebês, Felix. Posso te garantir que não estou aqui sentada como uma trágica mulher decaída que sonha toda noite em ter seus bebês.” Ela começou a traçar um oito com a unha na barriga dele. Parecia ser um movimento à toa, mas a unha pressionava com força. “Você percebe, é claro, que se fosse o contrário seria uma transgressão, seria uma transgressão de fato: John versus Jen no supremo tribunal. E John ia dizer a Jen que ela o fodera deliberadamente durante cinco anos e então lhe dera um fora sem aviso no crepúsculo do seu período procriador, juntando-se depois com o jovem Jack-garanhão, com apenas vinte e quatro anos e um pau do tamanho do meu braço. O tribunal decide a favor de John. Sempre. Jen deve pagar uma indenização. Somas altas. Mais seis meses de cadeia. Não — nove. Justiça poética. E você não ia conseguir…”

“Quer saber? Tenho que ir nessa.” Ele deslizou a cabeça dela para fora do seu corpo, puxou a camiseta para baixo e ficou de pé. Ela sentou e cruzou os braços sobre o peito. Olhou na direção do rio.

“Sim, por que não se manda?”

Ele abaixou-se para lhe dar um beijo de despedida, mas ela virou a cabeça bruscamente feito uma criança.

“Por que você está agindo desse jeito? Preciso ir, só isso.” Felix sentiu que alguma coisa estava errada: ele olhou para baixo e viu que o zíper estava aberto. Fechou-o. Ocorreu-lhe que ele tinha dito e feito exatamente o contrário de tudo o que tinha pretendido dizer e fazer desde que entrara por aquela porta.

“Sinto muito”, disse.

“Não precisa. Estou bem. Da próxima vez traga sua mulher, Grace. Gosto de gente consciente. São tão mais animadas. Acho que a maioria das pessoas vive num estado semivegetativo.”

“Realmente sinto muito.” Felix beijou-a na testa.

Ele começou a ir na direção do alçapão. Depois de um momento, ouviu passos atrás de si e teve um rápido vislumbre do robe dela, algumas andorinhas de seda voando, depois sentiu uma mão apertando seu ombro.

“Sabe, Felix” — uma vozinha delicada, como uma garçonete relacionando as promoções do dia — “nem todo mundo almeja essa vidinha convencional na qual você quer amarrar seu barco. Eu gosto do meu rio de fogo. E quando chegar a minha hora, certamente pretendo lançar meu bote de uma pessoa nas chamas e ser consumida. E não tenho medo! Nunca tive medo. A maioria das pessoas tem, sabe. Mas não sou como a maioria das pessoas. Você nunca fez nada por mim e não preciso que faça.”

“Nunca fiz nada por você? Quando você estava deitada neste telhado, com baba escorrendo, os olhos revirando sem parar, quem é que estava aqui, quem pôs os dedos…”

Annie bufou pelas narinas e seu rosto se contorceu numa expressão cruel: “Felix: que necessidade patológica é esta que você tem de ser o mocinho? É muito chato. Francamente, você era mais divertido quando era meu traficante. Não precisa salvar a minha vida. Ou a vida de quem quer que seja. Estamos todos bem. Não precisamos que você venha cavalgando num cavalo branco. Você não é o salvador de ninguém”.

Eles estavam falando num tom relativamente baixo, mas pondo as mãos um no outro, com uma violência cada vez maior, e as repelindo, e Felix percebeu que estava acontecendo, que era tão ruim quanto poderia ser, a temida cena que o mantivera longe deste lugar durante meses, e o estranho era o quanto ele sabia exatamente como era estar na pele de Annie neste momento — ele

estivera no papel de Annie muitas vezes, com a mãe, com outras mulheres —, e quanto mais ele entendia isso mais ele queria escapar dela, como se perder do jeito que ela estava perdendo agora fosse uma espécie de vírus, e a forma de contágio fosse digna de pena.

“Você age como se estivéssemos num relacionamento, mas isso num é um relacionamento. Eu estou num relacionamento — foi isso que vim aqui te dizer. Mas isso? Isso num é merda nenhuma, num é nada, é…”

“Jesus, outra palavra medonha! Deus me livre de ‘relacionamentos’!”

Desesperado agora para ir embora, Felix soltou o que acreditava ser seu trunfo. “Você tem quarenta e não sei quantos anos. Olha pra você. Continua vivendo desse jeito. Eu quero ter filhos. Quero crescer na vida.”

Annie forçou-se a soltar algo parecido com uma risada: “Você quer dizer ‘mais filhos’, né? Ou você é uma daquelas almas otimistas que acha que se torna uma nova pessoa a cada sete anos, assim que as células se regeneram — uma página em branco, um novo começo —, não importa quem você tenha machucado, não importa o que aconteceu antes? Agora é hora para meu novo *relacionamento*.”

“Vou nessa”, disse Felix, começando a se afastar.

“Que palavra patética e hipócrita, ‘relacionamento’. Pra gente que não tem a coragem de viver, que não tem imaginação suficiente para preencher seus setenta anos com qualquer outra coisa além de…”

Felix sabia o quanto não valia a pena levar isso adiante: ele não tinha mais cartas na manga, e de qualquer forma ela estava jogando sozinha. Quando ficava desse jeito, ela era capaz de discutir com um cabideiro, com uma vassoura. E vai saber o quanto ela já tinha

cheirado antes de ele aparecer? Ele então deu as costas para ela, abriu a porta do alçapão e desceu, mas ela foi atrás dele.

“É o que as pessoas fazem hoje em dia, né? Quando não conseguem pensar em mais nada pra fazer. Nenhuma política, nenhuma ideia, nenhuma coragem. Elas se *casam*. Mas eu já superei isso. Há muito tempo. Eras atrás. Essa ideia de que toda a sua felicidade está naquela outra pessoa. Essa ideia de felicidade! Estou num outro plano de consciência, querido. Tenho mais colhões do que sonha a sua filosofia. Fiquei noiva aos dezenove, fiquei noiva aos vinte e três, eu podia estar mofando em alguma mansão de Hampshire neste exato momento, renovando e reformando sofás com algum barão numa perfeita harmonia assexuada. É isso que a minha gente faz. Enquanto a sua tem um monte de bebês que não consegue sustentar ou cuidar. Tenho certeza de que é tudo uma maravilha, mas posso te garantir que estou fora!”

No corredor entre o quarto e a sala de estar, Felix virou-se de repente e agarrou os pulsos dela. Ele tremia. Até então não tinha se dado conta do que queria. Não só que ela perdesse, mas que ela não existisse.

“Você tem sorte por achar que a vida é fácil, Felix. Você tem sorte por ser feliz, por saber como ser feliz, por ser uma boa pessoa — e você quer que todo mundo seja feliz e bom porque você é, e que todo mundo ache que as coisas são fáceis porque você pensa assim. Alguma vez já passou pela sua cabeça que outras pessoas podem não achar a vida tão fácil quanto você acha que ela é?”

Ela parecia triunfante. Ele ficou vendo-a ranger os dentes incontrolavelmente, como uma boa usuária.

“A minha vida? A minha vida é fácil?”

“Não disse que era fácil. Disse que você acha fácil. É diferente. É por isso que eu gosto do balé: ele é difícil pra todo mundo. Felix, me solta, tá machucando.”

Felix soltou. Tendo se tocado por tanto tempo, ainda que com raiva, tornou a raiva insustentável, e os dois amolecerem, e baixaram o tom de voz, e desviaram o olhar.

“Estou no caminho, já entendi. Certo. Tudo bem. E com isso eu quero dizer: não está nada bem.”

“Toda vez que venho aqui é o mesmo drama. Mesmo drama.” Felix balançou a cabeça para o chão. “Não entendo. Sempre fui bom com você. Por que você está tentando arruinar minha vida?”

Ela lhe lançou um olhar penetrante.

“Que engraçado”, disse ela, “mas é claro que essa deve ser a sua impressão.”

Depois disso, eles foram até a porta com uma relativa calma, o homem ligeiramente à frente. Um estranho que visse tal cena acharia que o homem tinha tentado vender uma bíblia para a mulher, ou uma série de enciclopédias, sem sucesso. De sua parte, Felix sentia que tinha certeza absoluta de que esta era a última vez — a última vez que ele fazia parte desta cena, a última vez que ele via aquela rachadura no gesso —, e mentalmente ele fez uma curta oração de agradecimento. Quase desejou poder dizer à mulher que amava tudo naquilo, sendo um exemplo tão bom de tudo o que ela tinha lhe ensinado. O universo quer que você seja livre. Você precisa se libertar do que é negativo. O universo quer apenas que você peça, e com isso receberás. Atrás de si, ele ouviu agora a mulher chorar baixinho. Era a deixa para Felix se virar, mas ele não o fez, e na soleira da porta o choro se transformou em soluços. Ele correu para as escadas, e já tinha descido alguns degraus quando ouviu um baque no tapete acima enquanto ela caía de joelhos, e ele sabia que devia se sentir pesado, mas a verdade é que se sentia como um homem passando por um processo ainda não inventado chamado transferência de partículas, maravilhosa e abençoadamente leve.

NW6

Felix avançou mais para o interior do vagão. Agarrou-se ao balaústre. Avaliou o mapa do metrô. O mapa não expressava sua realidade. O centro não era “Oxford Circus”, mas as luzes brilhantes da Kilburn High Road. “Wimbledon” era o interior, “Pimlico”, pura ficção científica. Pôs o indicador da mão direita sobre o traço azul de Pimlico. Aquilo não era nada. Quem morava lá? Quem sequer passava por lá?

Dois assentos vagaram num banco de quatro. Felix despertou de seus devaneios e se sentou. O cara em frente balançava a cabeça para um ritmo alto de break-beat. Seu amigo do lado pôs os pés no banco. Pupilas enormes, rindo para si mesmo ora ou outra, divertindo-se com algum delírio só seu. Felix estabeleceu seu próprio espaço particular, abrindo bem as pernas e se sentando largado no banco. Na Finchley Road, quando o metrô saía para a superfície, seu celular reviveu, apitando para avisar que havia uma chamada perdida. Seu dedão foi passando esperançoso pela lista. Mesmo número, três vezes. Havia uma única referência física no mundo para esse número: um telefone público detonado, cravado numa parede, no meio de um corredor de concreto. Ele o vira muitas vezes através do vidro reforçado da sala de visitas. Guardou o celular de volta no bolso.

* * *

O problema com Devon é que você queria falar com ele, mas ao mesmo tempo não queria. Na verdade, não era mais Devon, mas um estranho com uma voz dura, que ligava e dizia coisas duras, que machucavam. Jackie falando, pela boca de Devon. Ela estava mandando cartas para Devon. Felix soube disso por Lloyd (Devon não dissera; Felix não perguntara). A mãe deles tinha um estranho poder sobre as pessoas — Felix não descartava a bruxaria. (Jackie dizia que sua avó era de Gana. Essas coisas não eram incomuns por lá.) Ela certamente teve poder sobre Felix, no passado. Poder sobre as meninas. Mas ela era uma pessoa com quem sempre haveria uma "gota d'água". Devon teria de aprender isso, assim como Felix e as meninas aprenderam. O fim para Felix estava claramente marcado. Na ocasião, fazia oito anos desde a última "visita" dela. As meninas recusaram-se a vê-la. Sempre sentimental, Felix deixou-a entrar, cauteloso, sem prometer nada. Para dar apoio moral, ele pediu que o irmão viesse. Devon começou a noite do outro lado da sala, as costas contra a parede, encarando. Terminou a noite aconchegado no sofá, aceitando os beijos molhados de Jackie por todo o seu rosto. Felix amoleceu também. Pegou o rum branco de uma prateleira alta. Idiota. Tia tinha ligado antes, assim como Ruby. Lloyd. Todo mundo ligou. A irmã de Jackie, Karen, disse: "Escuta o que estou falando: põe ela pra fora da sua casa e troca as fechaduras". Mas na época pareceu que a condescendência de Devon permitia — exigia — a de Felix. Ele tinha sofrido muito mais que Felix ao longo dos anos e ainda assim não guardava nenhum rancor.

Ela viera em pleno verão. Foram muitos dias fumando maconha juntos em Hampstead Heath, rindo loucamente, rolando na grama como jovens amantes. Jackie, Devon, Felix. À noite eles se sentavam para beber. "Não posso acreditar em como este garoto é

amarelo! Olha pra esses cachos!” Saindo da cozinha com um pacote de biscoitos, ela comentou muito casualmente que o pai do pobre Devon tinha morrido, alguns anos atrás — afogado. Para Felix, aquilo cheirava a conversa fiada. Ele ficou quieto. Afinal, eles eram meios-irmãos: não era da sua conta. Ele tinha o seu próprio pai, seus próprios problemas. Madrugada adentro ela ficou no meio da sala, como se num palco, falando do quão solitária e infeliz tinha sido sua vida na Inglaterra quando era jovem. Isso Felix nunca tinha ouvido; ele percebeu que queria ouvir, embora soubesse perfeitamente bem que ela poderia ter substituído esta história de vida por qualquer outra narrativa e ele teria aceitado com a mesma prontidão. Ele queria amá-la. Tentou imaginar a vida na famosa Casa Garvey, quando “crianças com neurofibromatose cuspiam em você nas mercearias”. Ela defendeu suas várias teorias conspiratórias. Nesse ponto Felix não interrompeu. Ele queria ser feliz. Havia uma sobre as torres. Havia uma sobre os pousos na Lua. A Virgem Maria era negra. O planeta estava esfriando. O ano de 2012 seria o fim de tudo. Ela parecia ter passado os últimos anos em cibercafés ao redor do país, reunindo essa informação. Devon acompanhou cada ponto de bom grado. Felix, mais cético, deixou as palavras dela entrarem por um ouvido e saírem pelo outro, sem fazer comentários. Seu cabelo estava preso em duas tranças grossas, como uma índia americana, com uma fina faixa dourada em volta da testa. E eis que haveria um mundo perfeito no futuro, sem dinheiro e sem lojas, apenas depósitos no meio da cidade, com tudo o que você precisasse e nenhuma tranca nas portas. Pessoas vivendo todas juntas sem nenhuma religião. O olhar dela, ele sabia, tinha o brilho da loucura.

No dia seguinte ela se fora, com o cartão de saque de Felix, seu relógio, todas as suas correntes. Dois meses depois Devon entrou na Khandi’s Gem Express and Jewelry, na avenida, com um garoto de South Kilburn, Curtis Ainger, e uma arma. Sorria, você está

sendo filmado. Tinha dezenove quando entrou. Vai fazer vinte e três neste verão.

“Com licença, você poderia pedir para o seu amigo tirar os pés?”

Felix tirou os fones de ouvido. Uma mulher branca, enormemente grávida e suada, estava de pé perto dele.

“Eu gostaria de sentar”, ela disse.

Felix olhou para seu “amigo” imóvel do outro lado e achou que era melhor falar com o outro cara. Ele inclinou-se para a frente. O sujeito estava com a cabeça apoiada no vidro, alheio a tudo e parcialmente escondido pelo capuz, balançando a cabeça com a música. Felix tocou-o de leve no joelho.

“Ô, irmão — acho que a senhora quer sentar.”

O sujeito tirou um dos enormes fones do ouvido.

“Como?”

“Acho que a senhora quer sentar.”

A mulher grávida deu um sorriso forçado. Era um dia quente para se estar naquele estado. Só de olhar para ela Felix sentiu o suor brotar no nariz.

“Ah, é? Mas por que você tá pedindo pra mim? Por que você tá me tocando?”

“Como?”

“Por que você tá pedindo pra mim? Por que ela não pede pra mim?”

“Seu amigo aí tá com os pés no banco dela, irmão.”

“Mas isso é da sua conta, por acaso? Por que você tá se metendo? Quem você tá chamando de irmão? Num sou seu irmão.”

“Eu não disse que era da minha…”

“É da sua conta, por acaso? Você tá sentado — levanta você, porra.” Felix tentou se defender; o rapaz balançou uma mão na sua cara. “Cala a boca — idiota.”

O outro sujeito abriu um olho e riu baixinho. Felix ergueu-se.

“Sente no meu — já vou descer.”

“*Muito obrigada*.” Felix viu que ela tremia muito e seus olhos estavam cheios d’água. Ele moveu-se para lhe dar passagem, sentindo a pele úmida dos braços dela roçando nos seus. Ela se sentou. Olhou diretamente para os dois homens. Falou com uma voz trêmula: “Vocês deveriam se envergonhar”.

Eles estavam entrando na Kilburn Station. Não se ouvia um pio no vagão. Ninguém olhava — ou as pessoas olhavam tão rápido que seus olhares não eram detectáveis. Felix sentiu uma grande onda de aprovação, sufocante e indesejada, dirigida a ele, tão certo quanto o desprezo e o asco que envolviam os dois homens e os separavam de Felix, do resto do vagão, da humanidade. Eles pareciam sentir isso também: os dois se levantaram de supetão e foram abrindo caminho bruscamente até a porta, onde Felix já estava parado, esperando. Ele podia ouvir a ladainha inevitável de palavrões, dirigida a ele. As portas abriram abençoadamente; Felix sentiu um deles lhe dar um empurrão com o ombro; ele pisou tropeçando na plataforma, feito um palhaço. Risos, perto, depois sumindo. Ergueu os olhos para ver as solas dos tênis deles enquanto eles subiam de dois em dois degraus, pulavam a catraca e desapareciam.

Árvores desgrenhadas por cima. Sebes tomando conta de cercas. Cada rachadura na calçada, cada raiz de árvore. O jeito com que o sol bate no andar de cima do noventa e oito. Os muros em torno da escola judaica estão mais altos, assim como os da escola muçulmana. A Kilburn Tavern foi repintada, um preto brilhante com letras douradas. Se ele for rápido, talvez consiga até chegar em casa antes dela. Deitar naquele quarto limpo, naquele lugar bom. Puxá-la para dentro do seu corpo. Começar tudo de novo, fresco.

Do lado de fora da Tavern, Felix avistou Hifan e Kelly comendo uma porção de batatinhas numa mesa de piquenique, ambos do seu ano na escola — ele careca, ela ainda bonitinha. Para arrancar uma risada, Felix fez um toca aqui com Hifan, beijou Kelly na bochecha, roubou uma batatinha e continuou andando, como se tudo fosse um movimento só, uma forma de dança. “Por que você tá tão feliz?”, gritou Kelly atrás dele, ao que Felix respondeu: “É o amor, gata, o A.M.O.R. O AMOR!”, sem se virar, e fez seu passo mole de gângster e apreciou a risada atrás de si enquanto desaparecia dobrando tranquilamente a esquina. Ninguém para vê-lo colidir com as lixeiras cinza depois da curva. Ele se firmou, apoiando uma mão na porta dos fundos da Tavern: um vidro colorido extravagante agora e uma nova maçaneta de latão. Piso de madeira onde costumava haver carpete, comida de verdade em vez de batata frita e torresmo. Quase seis libras a taça de vinho! Jackie não ia reconhecer o lugar. Talvez a essa altura ela fosse um desses exilados nos degraus da casa de apostas, com uma lata de Special Brew na mão, enxotada dos pubs pelas reformas. Talvez ela nunca tenha sido tão ruim assim. Era impossível saber, com Lloyd, o quanto era verdade, o quanto era puro veneno. Felix espiou o interior pela janela: não havia mais a mesa de canto aveludada. Onde ele se sentara com as irmãs, seis pezinhos que não conseguiam nem tocar o chão, ouvindo atentamente enquanto Jackie fazia seu discurso de despedida. Algum outro homem que ela tinha conhecido e que a fazia se sentir livre. Morava em Southampton, um cara branco. Aos sete não dá para saber. Ele não sabia que a liberdade era algo que você podia sentir. Achava que era algo que você simplesmente era. Não sabia onde ficava Southampton. Amava seu pai e não queria ir morar com um cara branco estranho. Só quando a conversa já estava quase acabando ocorreu a Felix que ela não estava pedindo para ele ir a Southampton. Dois anos depois, ela apareceu em

Londres com um bebezinho moreno-claro. Deixou Devon com Lloyd e foi embora — sabe-se lá para onde. Para onde quer que ela fosse.

* * *

Na Albert Road, Felix foi acompanhando os passos de uma garota alta com um jeans vermelho apertado e uma blusa preta de alcinha. Ela tinha ombros largos e um tronco quadradão. Tinha mais músculos que Felix, e enquanto caminhava seus músculos se moviam junto, fluidos e complicados: do jeito que os braços se ligavam às costas, ao traseiro e ao quadril. Em nada semelhante a Grace, que era mais baixa, mais cheia de curvas e mais macia. Essa mulher podia pegar Felix no colo e levá-lo correndo para a casa dele, deixando-o na soleira da porta como um bebê. Ela usava um monte de anéis de prata baratos, verdes nas bordas, e descendo por um dos antebraços havia uma tatuagem de flor com um caule longo e sinuoso. Seus calcanhares estavam secos e rachados. A etiqueta da blusa estava para fora. Será que ele devia enfiá-la de volta? Um fio de suor escorria pela orelha dela, passando pelo pescoço e entrando nas costas, bem naquela divisão musculosa — muito bem definida — entre o lado esquerdo e o direito. O celular dela tocou. Ela atendeu e chamou alguém de “Meu bem”. Ela virou à direita. Outra vida. Felix sentiu alguém meter dois dedos com força nas suas costas.

“Passa o dinheiro. O celular. Agora.”

Ficaram um de cada lado dele. Ambos com o capuz, mas perfeitamente visíveis. Os mesmos dois do metrô. Não eram muito mais altos que ele. Nem muito maiores. Eram seis horas em ponto.

“AGORA.”

Ele sentiu que era empurrado, golpeado com violência. Olhou para o rosto deles. O tagarela, o que soltava todos os palavrões, não era nada mais que um garoto; o outro, quietão, tinha mais ou

menos a idade de Felix e já estava velho demais para essas besteiras. Suas mãos tinham um aspecto cinza, como as do próprio Felix, e ele tinha o mesmo brilho opaco no rosto. Uma cicatriz atravessava sua bochecha. Ele não era estranho, devia ser dessas bandas. Felix tentou se virar, mas eles o puxaram de volta. Ele os xingou demoradamente, com criatividade, e olhou para a direita: quatro casas adiante a garota alta colocava uma chave na porta e entrava.

"Olha, num vou dar nada pra vocês. Nada!"

Ele se viu caído na calçada. Enquanto se punha de joelhos, ouviu um deles dizer: "Era o bambambã no metrô. Não é o bambambã agora". E, em vez de medo, um sentimento de pena o invadiu; ele lembrou quando ser o bambambã era só o que importava. Pôs a mão nos bolsos. Podiam ficar com seu celular. Podiam ficar com a solitária nota de vinte no seu bolso se fosse o caso. Ele tinha sido assaltado muitas vezes e sabia como funcionava. Se fosse mais jovem, eles poderiam ter ferido seu ego; agora a velha raiva e humilhação se foram — eles podiam ficar com tudo. Tudo o que importava para ele estava em outro lugar. Tentou tirar um sarro deles enquanto lhes passava seus escassos bens: "Devia ter me pegado duas horas atrás, irmão. Duas horas atrás eu estava cheio da grana". O garoto lhe lançou um olhar sem vida, o rosto fixo num amuo violento. Era uma máscara necessária, sem a qual ele não poderia fazer o que estava fazendo. "E as pedras", disse o garoto. Felix tocou as orelhas. Zircônias preciosas, um presente de Grace.

"Vai sonhando", disse.

Felix virou-se mais uma vez na direção da rua. Uma brisa passou pelos três, enchendo seus capuzes e levantando uma nuvem de folhas de sicômoro, a girar na calçada. Ele sentiu um soco forte no lado. Um soco? A dor rasgou para a esquerda, profunda e cortante. Um líquido subiu quente pela garganta. Chegou aos lábios. E, no entanto, ele não poderia estar alheio enquanto fosse capaz de

nomear as coisas, e tendo isso em mente disse em voz alta o que fizeram com ele, o que estavam fazendo com ele, tentou dizer, não disse nada. Grace! Mais adiante, na Willesden Lane, um ônibus surgiu pesadamente; no mesmo momento em que Felix teve um vislumbre do cabo e da lâmina, viu o noventa e oito reabrir suas portas para receber a última alma a vista — uma moça com um vestido de verão amarelo. Ela correu com a passagem erguida acima da cabeça, como se fosse a prova de alguma coisa, alcançou-o bem na hora, gritou “Obrigada!” e deixou as portas se fecharem cuidadosamente atrás de si.

ANFITRIÃ

1. As tranças ruivas

Houvera um acontecimento. Para falar dele era necessário o mais-que-perfeito. Keisha Blake e Leah Hanwell, as protagonistas desse acontecimento, tinham quatro anos de idade. A piscina ao ar livre — era na verdade uma vala rasa no parque, com trinta centímetros de profundidade máxima — estava cheia de crianças, "espirrando água para todos os lados, deixando as pessoas malucas". Não havia salva-vidas na época do acontecimento, e cabia aos pais ficar de olho o melhor que podiam. "Tinham um salva-vidas pra eles lá na colina, em Hampstead. Pra nós, nada." Esse era um detalhe interessante. Keisha — agora com dez anos de idade e curiosa sobre as tensões entre os adultos — tentou apreender seu significado. "Para de encarar. Levanta o pé", disse sua mãe. Elas se sentaram num banco de uma loja de calçados na Kilburn High Road, tirando as medidas para um sapato marrom sem graça com uma tira fininha na frente que não expressava nem um pingo da alegria que certamente deveria existir no mundo, apesar de tudo. "Cheryl estava toda agitada num canto, Jayden berrava no meu colo, e eu ficava tentando ver onde você estava, tentando acompanhar tudo ao mesmo tempo…" Foi nessa elipse que aconteceu: uma criança quase se afogou. Mas o significado desse acontecimento estava em outra coisa. "Você voltou à tona com umas tranças ruivas na mão. Você a arrastou para cima. Você foi a única que percebeu que ela estava em apuros." Depois disso, a mãe da criança, uma mulher irlandesa, agradeceu Marcia Blake muitas vezes, e esse fato em si foi uma espécie de acontecimento. "Eu conhecia Pauline de vista, mas não de conversar. Ela era meio esnobe comigo na época." Keisha não podia nem negar nem confirmar esse relato — ela não se lembrava de nada. Entretanto, era de se desconfiar desse prenúncio todo. As celebradas

determinação e visão dela tão bem estabelecidas, e Cheryl já agitada e não confiável. Além disso, era impossível que Jayden já tivesse nascido na época do acontecimento, sendo cinco anos mais novo que Keisha. “Fique parada agora”, murmurou Marcia, encaixando o bico de aço nos dedos do pé da filha.

2. Kiwi

No silêncio mortal do apartamento dos Hanwell, um ponto alto era a hora do lanche. Ela era levada a sério pela sra. Hanwell, que tinha um carrinho para tanto. Três andares com rodinhas de bronze. Ele era tão baixo que a pessoa precisava se curvar toda para empurrá-lo, e era o que eles faziam na época. “Não faz sentido trazê-lo quando estamos só em duas, mas quando estamos em três gosto de usá-lo.” Keisha Blake sentou de pernas cruzadas na frente da televisão com sua grande amiga Leah Hanwell, com quem estabelecera uma ligação por meio de um acontecimento dramático. Ela se virou para monitorar o progresso do carrinho: comida era algo que encantava Keisha e ansiava por ela mais do que tudo. Bloqueando a visão das meninas, a sra. Hanwell agora fez uma pergunta à televisão: “Quem são estes caras com pinta de perigosos na van?”. Leah aumentou o volume. Ela apontou para a TV, para o brilhante cabelo branco de Hannibal, e depois para a mãe, na vida real. “Esse cabelo te deixa bem velha”, disse. Keisha tentou se imaginar dizendo algo dessa natureza para sua própria mãe. Ela lamentou em silêncio a perda do prato de biscoitos e de toda a novidade que aqueles ovos marrons e peludos podiam conter. Juntou os pés, pronta para se levantar e ir para casa. Mas a sra. Hanwell não começou a gritar ou a bater. Ela apenas tocou no seu cabelo-tigela e suspirou. “Ficou dessa cor quando eu tive você.”

3. Buracos

O pedaço de pau obstruiu as portas do elevador — esse fora o objetivo de toda aquela ação. Um alarme soou. As três crianças saíram gritando e rindo escada abaixo, declive acima e por sobre o muro, para sentar na calçada do outro lado. Nathan Bogle ergueu os joelhos até o queixo e pôs os braços em volta delas. “Quantos buracos vocês têm?”, ele perguntou. As duas meninas ficaram em silêncio. “Quê?”, disse Leah por fim. “Aí embaixo” — ele cutucou a virilha de Keisha com um dedo para indicar. “Quantos? Você nem sabe.” Keisha ousou erguer os olhos da rua e encarar a amiga. Leah estava com o rosto todo vermelho. “Todo mundo sabe disso”, retrucou Keisha Blake, tentando juntar a coragem extra que sentia que era necessária. “Você devia é tomar no cu e descobrir.” “Você nem sabe”, concluiu Nathan, e Leah levantou-se de repente e deu-lhe um chute na canela e gritou: “Mas ela sabe, sim!”, e pegou a mão de Keisha e voltou correndo para o apartamento de mãos dadas durante todo o caminho, porque elas eram melhores amigas ligadas para sempre por um acontecimento dramático e era bom mesmo que todo mundo em Caldwell soubesse disso.

4. Incerteza

Elas encontraram Cheryl vendo televisão, fazendo tranças no próprio cabelo, da parte de trás da cabeça para a frente. Keisha Blake desafiou a irmã mais velha a dizer quantos buracos havia. Não era bom ter Cheryl rindo de você. Era uma risada alta, impiedosa, alimentada pela humilhação da outra pessoa.

5. Discordância filosófica

Keisha Blake estava ansiosa para reproduzir alguns dos costumes que ela tinha observado na casa dos Hanwell. Xícara, saquinho de chá, depois água, depois — e só depois — leite. Numa bandeja de chá. Sua mãe era da opinião de que qualquer um que fosse com tanta frequência ao apartamento de outra pessoa quanto

Leah Hanwell ia abre mão do direito de ser um hóspede e deve ser simplesmente tratado como membro da família, com todas as dispensas e liberdades que isso implicava. Cheryl tinha uma terceira opinião: “Ela vive aqui. Num gosta da própria casa? O que ela fica aprontando com a minha maquiagem o tempo todo? Quem ela pensa que é?”.

“Mãe, você tem uma bandeja de chá?”

“Leva pra ela assim e pronto. Deus do céu!”

6. Algumas respostas

Keisha Blake	*Leah Hanwell*
Roxo	Amarelo
Cameo, Culture Club, Bob Marley	Madonna, Culture Club, Thompson Twins
Prefiro ter dinheiro	Ser realmente famosa
Michael Jackson	Harrison Ford
Ninguém. Se eu tiver de, Rahim	Ultrassecreto: Nathan Bogle
Não sei	Margaridas ou botões-de-ouro
Médica ou missionária	Gerente
Leah Hanwell	Keisha Blake
Paz mundial na África do Sul	Fim das bombas
Ficar surda	Ficar surda
Hurricane	*O Leão, a feiticeira e o guarda-roupa*
E.T.	*E.T.*

7. McFish, batata grande, torta de maçã

Os Caldwell tinham a crença de que encanadores se saíam muito bem trabalhando por conta. Keisha via pouca evidência disso. Ou a riqueza pessoal dos encanadores era um mito ou seu pai era incompetente. No passado ela tinha orado por um emprego para Augustus Blake, sem resultado. Agora já era quase meio-dia num sábado e nenhuma notícia de canos vazando ou vasos entupidos havia chegado. Durante períodos de estresse, Augustus Blake ficava na sacada fumando Lambert & Butlers, e era isso que ele estava fazendo agora. Keisha não sabia se Leah sentia a ansiedade

no apartamento pelo telefone não tocar como o resto deles sentia. As duas meninas estavam deitadas de bruços na frente da televisão. Elas assistiram a quatro horas de programas e desenhos matinais. Ridicularizaram cada um deles alternadamente e estragaram a programação para Jayden, mas não havia nenhuma outra forma de explicarem uma para a outra por que deveriam querer assistir às mesmas coisas que um garoto de seis anos. Quando o jornal do almoço começou, Gus entrou e perguntou onde Cheryl estava.

"Fora."

"Azar o dela."

Gritinhos e uma dancinha de apertos de mão. Com exceção de Marcia tirando uma casquinha da situação — "Estão vendo como vocês se arrumam rápido quando vão pra um lugar que querem?" —, a alegria era evidente, e tudo conspirava para aumentá-la; Marcia não os fez parar para conversar com cada mulher da igreja que encontravam na avenida e Gus chamou Keisha de "Madame Um" e Leah de "Madame Dois" e não ficou bravo quando Jayden saiu correndo na frente na direção dos dois arcos do M dourado.

8. Radiologia

Mas no caminho de volta para casa eles toparam com Pauline Hanwell, sozinha, puxando um carrinho de compras. Era verdade que ela se parecia com o ator George Peppard. Jayden ergueu o brinquedo do seu McLanche Feliz para inspeção da sra. Hanwell. A sra. Hanwell não o viu — ela estava olhando para Leah. Keisha Blake olhou para sua amiga Leah Hanwell e viu o rubor subindo por seu rosto. A sra. Blake perguntou à sra. Hanwell como ela estava e a sra. Hanwell disse que bem e a pergunta foi devolvida, com o mesmo resultado. A sra. Hanwell era enfermeira-geral no The Royal Free Hospital, e a sra. Blake, uma enfermeira comunitária ligada ao St. Mary's, em Paddington. Nenhuma das duas mulheres era de

forma nenhuma membro da burguesia, mas também não se consideravam totalmente parte da classe trabalhadora. Falaram brevemente sobre o Serviço Nacional de Saúde, com um misto de queixa e orgulho. A sra. Hanwell disse aos Blake que estava se reciclando para se tornar técnica em radiologia, e Keisha ficou sem saber se a sra. Hanwell percebeu que tinha dito exatamente a mesma coisa alguns dias atrás na frente das lixeiras. “Pois então, Augustus: Colin disse que, se você ainda quer aquelas permissões de estacionamento pra sua van, ele pode te ajudar.” O sr. Colin Hanwell trabalhava na prefeitura. Sua principal responsabilidade era a segurança dos ciclistas, mas ele também tinha um poder mínimo na área de estacionamento. Keisha pensou: agora ela vai dizer que está indo para a Marks & Sparks, e quando ela disse exatamente isso Keisha experimentou uma sensação inesquecível de onipotência autoral. Talvez o mundo realmente estivesse ali para que ela o moldasse. “Leah”, disse a sra. Hanwell, “você vem?” O intervalo entre a colocação dessa pergunta e sua resposta foi vivido por Keisha Blake com uma tensão insuportável que ia muito além de sua capacidade de suportá-la e que foi quase infinita na sua duração.

9. Lançada

Estava claro que Keisha Blake não podia começar alguma coisa e não terminá-la. Se escalava o muro de Caldwell, ela se sentia compelida a andar pelo muro todo, não importa quais fossem os obstáculos no caminho (latas de cerveja, galhos). Essa compulsão, aplicada a outras áreas, se manifestava como “inteligência”. Cada palavra desconhecida a fazia ir ao dicionário — em busca de algo como “completude” — e cada livro levava a outro livro, um processo que, é claro, jamais poderia ser completado. Como era de esperar, não foi pouca a alegria que esse percurso lhe trouxe ao longo da vida, e de fato parecia a princípio que seus desejos e suas

capacidades estavam basicamente alinhados. Ela queria ler coisas — não conseguia resistir ao desejo de ler coisas —, e ler era fácil de fazer e relativamente barato. Por outro lado, receber qualquer elogio por tais hábitos reflexivos desnorteava a menina, pois ela sabia que era incrivelmente burra em relação a muitas coisas. Será que o que os outros confundiam com inteligência não era na verdade apenas uma espécie de mutação da determinação? Ela podia ficar sentada num mesmo lugar por bem mais tempo que outras crianças, ficar entediada por horas sem reclamar, e se dedicava totalmente à tarefa de preencher cada último cantinho dos livros de colorir que Augustus Blake às vezes trazia para casa. Não havia nada que ela pudesse fazer sobre sua determinação modificada — assim como não havia o que fazer em relação ao formato dos seus pés ou à rua na qual ela tinha nascido. Ela era incapaz de sentir real satisfação com o acaso. Na mente da criança uma brecha surgiu: entre o que ela acreditava que sabia de si, *essencialmente*, e sua essência conforme vista pelos outros. Ela começou a existir para outras pessoas, e se alguma vez lhe faziam uma pergunta para a qual ela não sabia a resposta ela costumava cruzar os braços na frente do corpo e olhar para cima. Como se a pergunta em si fosse óbvia demais para realmente preocupá-la.

10. Fale, rádio

Uma coincidência? As coincidências têm suas limitações. O DJ no rádio da cozinha de Colin Hanwell não podia estar sempre entre duas faixas. Ele não podia estar sempre entre duas faixas bem no momento em que Keisha Blake entrava na cozinha dos Hanwell. Ela investigou. Mas o pai de Leah, que estava no balcão tirando ervilhas de vagens, pareceu não entender a pergunta.

“O que você quer dizer? Não tem nenhuma música. É a Rádio 4. Eles só falam.”

Um exemplo precoce da máxima: “Às vezes a verdade é mais estranha que a ficção”.

11. Push it

Jamais tinha ocorrido a Keisha Blake que sua amiga Leah Hanwell possuía um tipo particular de personalidade. Como a da maioria das crianças, a relação delas era baseada em verbos, não em substantivos. Leah Hanwell era uma pessoa disposta e disponível para fazer uma série de coisas que Keisha Blake estava disposta e disponível para fazer. Juntas elas correram, pularam, dançaram, cantaram, tomaram banho, coloriram, andaram de bicicleta, enfiaram um cartão de Dia dos Namorados por baixo da porta de Nathan Bogle, leram revistas, dividiram batatinhas, surrupiaram um cigarro, leram o diário de Cheryl, escreveram a palavra TREPAR na primeira página de uma Bíblia, tentaram alugar *O exorcista* na videolocadora, viram uma prostituta ou uma mulher indecente ou apenas uma garota loucamente apaixonada fazer um boquete em alguém numa cabine telefônica, encontraram a maconha de Cheryl, encontraram a vodca de Cheryl, rasparam o antebraço de Leah com a gilete de Cheryl, fizeram o moonwalk, aprenderam a obscena dança popularizada por Salt-N-Pepa e muitas outras coisas dessa natureza. Mas agora elas estavam saindo da Quinton Primary para a Brayton Comprehensive, onde todo mundo parecia ter uma personalidade, e sendo assim Keisha observou Leah e tentou determinar o contorno de sua personalidade.

12. Retrato

Uma pessoa generosa, bem aberta ao mundo todo — com a possível exceção de sua própria mãe. Parou de comer atum por causa dos golfinhos, e agora qualquer tipo de carne por causa dos animais em geral. Se acontecia de haver um desabrigado sentado

no chão do lado de fora do supermercado em Cricklewood, Keisha Blake tinha de esperar até Leah Hanwell terminar de conversar, agachada, com o desabrigado, e não simplesmente perguntar se ele precisava de alguma coisa, mas entabular conversa. Se ela falava mais secamente com sua própria família do que com um desabrigado, isso só podia sugerir que a generosidade não era infinita e tinha de ser estrategicamente empregada onde se fazia mais necessária. Em Brayton ela era amiga de todo mundo, sem distinção ou fronteira, mas os casos perdidos não a alienavam dos populares e vice-versa, e Keisha Blake não fazia ideia de como ela conseguia isso. Um pouco dessa simpatia universal se estendeu a Keisha por associação, embora ninguém jamais tenha confundido a teimosia cerebral de Keisha com a generosidade de espírito de sua amiga.

13. Cascalho

Voltando a pé da escola com uma garota chamada Anita, Keisha Blake e Leah Hanwell viram-se ouvindo uma história terrível. A mãe de Anita tinha sido estuprada por um primo em 1976, e esse homem era o pai de Anita. Ele tinha sido preso e depois solto, e Anita nunca o conhecera nem queria conhecê-lo. Alguns membros da família achavam que seu pai tinha estuprado sua mãe, outros não. Era um drama familiar, mas também uma espécie de terror de dar calafrios, porque vai saber se o pai estuprador de Anita não estava morando justo em NW e/ou vigiando-as de certa distância nesse exato momento? As três garotas pararam no pátio de cascalho de uma igreja e sentaram num banco. Anita chorou e Leah também. Anita perguntou: “Como vou saber que parte de mim é maléfica?”. Mas o legado dos pais pouco significava para Keisha Blake; ela tinha a forte impressão de que em nenhum aspecto era criação dos pais, e sendo assim não podia acreditar seriamente que qualquer outra pessoa fosse criação dos seus. De fato, um pai e/ou uma mãe

inexistente era uma constante fantasia dela, e os livros infantis de que mais tinha gostado sempre começavam com o protagonista herdando uma terrível liberdade depois de algum tipo de apocalipse parental. Ela desenhou um oito no chão com o tênis esquerdo e pensou nas duas páginas que tinha de escrever sobre as Leis do Milho de 1804 até a manhã seguinte.

14. Esse obscuro objeto do desejo

A tecnologia de ar vermelha e branca da deusa grega da vitória. Keisha Blake pôs a mão contra o vidro reforçado da fachada da loja. Separada da felicidade. Ele estivera por toda parte, o ar, livre para que o pegassem, mas ela só chegou a desejá-lo agora que o viu assim definido, extraído, tornado visível. A coisa infinitamente disponível, agora encerrada na sola de um tênis! Há que se admirar a audácia. Noventa e nove libras. Talvez no Natal.

15. Evian

Tinham conseguido fazer exatamente a mesma coisa com a água. Quando Marcia Blake viu a garrafa escondida debaixo de um pacote de cenouras, ela xingou Keisha Blake, tirou o troço do carrinho e colocou-o de volta na prateleira errada, junto com as geleias.

16. O horário novo

"Olha. Ele está na sua turma de francês. E na de teatro."

"Quem?"

"Nathan!"

"Bogle? E daí?"

"!"

"Ah, meu Deus, Keisha. Nós éramos *bebês*. Você é tão boba às vezes."

17. Exames

No escritório do coordenador da turma de Keisha Blake, bonés de beisebol e joias inapropriadas confiscados estavam pendurados em ganchos na parede. Keisha Blake não tinha sido chamada para levar uma advertência; ela tinha vindo discutir suas opções para uma série de testes que teriam lugar só dali a três anos. No fundo ela não queria discutir esses testes, simplesmente queria que vissem que ela era o tipo de pessoa que pensava três anos à frente sobre as coisas importantes da vida. Enquanto levantava para sair, reparou numa corrente de prata da qual pendia uma minúscula pistola com strass que não lhe era estranha. “Aquilo ali é da minha irmã”, disse ela. “Ah, é?”, disse o professor, olhando para fora da janela. Keisha insistiu: “Ela não estuda mais aqui. Foi expulsa”. O professor franziu o cenho. Pegou o colar da parede e o entregou a Keisha. Disse: “É até difícil acreditar que você e Cheryl Blake são parentes”.

18. Walkman da Sony (emprestado)

O fato de Keisha ser capaz de escutar Rebel MC e ao mesmo tempo descer pela Willesden Lane era uma espécie de milagre e êxtase moderno, e no entanto havia muito pouco espaço no dia para qualquer coisa da ordem de um êxtase ou de uma entrega ou de uma simples preguiça, pois tudo o que você fizesse na vida teria de fazer duas vezes melhor do que eles só pra conseguir “ficar no mesmo nível”, um princípio perturbador no qual acreditava tanto a mãe de Keisha Blake quanto seu tio Jeffrey, conhecido por ser “talentoso”, mas também por “passar dos limites”.

19. Desvio para o pretérito perfeito

(Às vezes Jeffrey — que não era membro da igreja — encurralava a sobrinha de treze anos e lhe dizia coisas desconcertantes. “Informe-se! Informe-se!”, ele tinha dito ontem, no casamento do primo Gale. Keisha só podia supor que ele estava se referindo a

outra conversa que eles tinham tido várias semanas antes. Sendo assim ele quis dizer: “Informe-se sobre a prática da CIA de inundar bairros de negros pobres com crack e você vai ver como eu tenho razão”. Como? Onde?)

20. Walkman da Sony — o retorno

O fato de duas figuras tão diferentes como sua mãe e tio Jeffrey terem uma mesma opinião dava certa credibilidade a ela. Mas certamente ninguém julgaria Keisha Blake por esse atual prazer de desviar o pensamento para a música. Ah, essa trilha sonora ao ar livre! Ah, essa existência orquestral!

21. Jane Eyre

Quando era maltratada por algum valentão, Keisha Blake achava útil lembrar que se você lesse a literatura relevante ou assistisse aos filmes pertinentes logo descobriria que ser maltratada era praticamente um sinal de uma personalidade superior, e quanto maior a intensidade dos maus-tratos maior a probabilidade de ser vingada na outra metade da vida, quando qualidades como as que Keisha Blake tinha — inteligência, força de vontade — se tornavam “sua própria recompensa”, e que isso não deixava de ser verdade mesmo se as pessoas na literatura e nos filmes não se parecessem em nada com você, viessem de um universo socioeconômico e histórico diferente e — se algum dia chegassem a te conhecer — muito provavelmente te escravizariam ou, na melhor das hipóteses, te maltratariam tanto quanto Lorna Mackenzie, que se incomodava com seu jeito de atuar, como se você fosse melhor que todo mundo.

22. Citação

Outra confirmação desse princípio se encontrava na própria Bíblia.

23. Spectrum 128k

No seu aniversário de catorze anos Leah ganhou um computador. Keisha Blake leu o manual que vinha junto de capa a capa e conseguiu descobrir como programar uma série básica de comandos de forma que, em resposta a determinados prompts, um texto surgia na tela como se o próprio computador estivesse "falando". Elas fizeram uma para o sr. Hanwell:

>> QUAL É O SEU NOME?

"Devo digitar aqui? Me sinto bobo."

>> COLIN ALBERT HANWELL

>> MUITO PRAZER EM CONHECÊ-LO, COLIN

"Minha nossa! Você fez isso, Keisha? Como é que você faz estas coisas? Não consigo mais te acompanhar. Pauline, venha ver isso, você não vai acreditar."

Depois de terem deslumbrado os Hanwell, elas fizeram uma para sua própria diversão:

>> QUAL É O SEU NOME?
>> LEAH HANWELL
>> AH É MESMO? GRANDE MERDA

24. O número trinta e sete

Aos domingos, Keisha Blake ia à Pentecostal de Kilburn com a família, menos Cheryl, e Leah com frequência ia junto, nem de longe porque era crente, mas sim motivada pela generosidade de espírito previamente descrita. Agora uma nova política se revelava. Quando elas chegaram à esquina do McDonald's, Leah Hanwell disse para Keisha Blake: "Na verdade, acho que estou pensando em pegar o trinta e sete e ir até Lock, encontrar aquela turma". "Entendo", disse Keisha Blake. Houve uma tentativa ao longo do verão de juntar aquela turma de Camden Lock com esta de Caldwell, mas Keisha Blake não tinha nenhum interesse especial por Baudelaire ou Bukowski ou Nick Drake ou Sonic Youth ou Joy Division ou meninos que pareciam meninas ou vice-versa ou Anne Rice ou William

Burroughs ou *A metamorfose* de Kafka ou CND ou Glastonbury ou situacionistas ou *Acossado* ou Samuel Beckett ou Andy Warhol ou um milhão de outras coisas de Camden, e quando Keisha levou um sete polegadas maravilhoso de Monie Love pra tocar no alta-fidelidade de Leah houve algo de desagradável no jeito com que Leah corou e admitiu que provavelmente não havia problema em dançar aquela música. Só lhes restara Prince, e ele já estava cansando.

25. Vivre sa vie

Essa súbita e violenta divergência nos gostos delas era um choque para Keisha, e ela teimou em acreditar que os novos gostos de Leah eram uma afetação, sem nenhuma relação com qualquer aspecto substancial de sua essência e assumidos em grande parte para irritar sua mais antiga amiga. “Me liga depois”, disse Leah Hanwell, saltando para a porta traseira aberta do ônibus. Keisha Blake, cuja aclamada determinação e foco não deixavam muito espaço para angústia, ficou vendo a amiga subir até o andar de cima com sua nova maquiagem de olhos de panda e teve um *mauvais quart d’heure* de divagações sobre se ela tinha uma personalidade ou era na verdade a mera acumulação e reflexo de todas as coisas que tinha lido em livros e visto na televisão.

26. Tempo relativo

Uma série de fatores — estilo modesto ao se vestir, maturação física precoce, óculos — contribuía para fazer com que Keisha Blake parecesse consideravelmente mais velha do que era de fato.

27. 50 ml de vodca

Em vez de ser conhecida como uma “personalidade”, Keisha Blake agora se tornou indiretamente popular como uma função. Ela comprava álcool para um monte de gente que acreditava parecer nova demais para adquiri-lo por conta própria, e a crença irracional

no “talento” de Keisha nessa área tornou-se autorrealizável, uma vez que, investida de toda essa crença em sua infalibilidade, ela própria passou a acreditar nisso. Ainda assim, era estranho comprar bebida para Leah. “Precisa ser de um tamanho que caiba no bolso da minha calça.” “Por quê?” “Porque vai ter duzentas pessoas dançando loucamente e não dá pra ficar azucrinando os outros com uma garrafa de vinho.” Como o evento começava tarde, Leah veio primeiro para o quarto de Keisha Blake para matar o tempo, beber e bater papo até chegar a hora de ela ir. Provavelmente mais tarde ela ia conhecer alguém com cabelo caindo no olho e fazer sexo. “Vi Nathan na lanchonete ontem”, disse Keisha. “Nossa, Nathan”, disse Leah Hanwell. “Ele não vai voltar no semestre que vem”, disse Keisha Blake. “Eles acabaram decidindo expulsá-lo.” “Era uma questão de tempo”, disse Leah Hanwell, e abriu uma janela pra fumar um cigarro. Leah bebeu um pouco mais e passou um bom tempo girando o botão do rádio à procura de uma estação pirata que não encontrou. Por volta de dez e quinze da noite, Leah Hanwell disse: “Não acho que as mulheres realmente conseguem ser lindas. Acho que elas podem ser tão atraentes e você pode querer fazer amor com elas e coisa e tal, mas acho que no fim das contas realmente só os homens conseguem ser totalmente lindos. “Ah, é?”, disse Keisha, disfarçando a confusão com um longo gole de sua xícara de chá. Ela não tinha nenhuma certeza quanto a quem o *você* estava se referindo.

28. Coelho

Na véspera do seu aniversário de dezesseis anos, um presente foi deixado para Keisha Blake, no corredor do lado de fora do apartamento. O papel de presente era todo decorado com um padrão de borboletas. O cartão, não assinado, dizia ABRA SOZINHA, mas a inclinação do b e o z pontudo lhe revelou a letra de sua boa amiga Leah Hanwell. Ela refugiou-se no banheiro. Um vibrador, rosa

neon com esferas giratórias na ponta gigante. Keisha sentou na tampa fechada do vaso e fez alguns cálculos estratégicos. Enrolando o brinquedinho numa toalha, ela o escondeu no quarto que dividia com Cheryl, depois desceu com a caixa e o papel de presente para o pátio e foi até as lixeiras públicas perto do estacionamento. Na manhã de sábado seguinte ela começou a demonstrar os primeiros sinais de um resfriado, e no domingo alegou uma forte tosse e dor de estômago. Sua mãe pressionou a língua dela com um garfo e disse que era uma pena, o pastor Akinwande ia falar sobre Abraão e Isaac. Da sacada Keisha Blake ficou vendo a família ir para a igreja, não sem pesar: ela estava sinceramente interessada no tema Abraão e Isaac.

29. Coelho corre

Mas ela também tinha decidido secretamente que era um tipo de fiel diferente da mãe e poderia sobreviver à ocasional aventura antropológica no pecado. Voltou para dentro e saqueou as baterias de um despertador e de uma calculadora. Não se utilizou de nenhuma luz ambiente ou música suave ou velas aromáticas. Não tirou a roupa. Três minutos depois ela já tinha constatado várias coisas que até então desconhecia: o que era um orgasmo vaginal, a diferença entre um orgasmo clitoridiano e um vaginal e a existência de um material viscoso, produzido pelo seu corpo, que ela teve depois de lavar das saliências ao longo da ponta do vibrador na pequena pia do canto do quarto. Ficou com o vibrador só por umas duas semanas, mas nesse período o usou regularmente, chegando a várias vezes por dias em dadas ocasiões, com frequência sem lavá-lo depois e sempre desse jeito profissional, como se estivesse delegando uma tarefa a outra pessoa.

30. Mais-valia, esquizofrenia, adolescência

“A gente devia fazer assim aqui”, disse Layla, cantando uma nova nota, e Keisha anotou. “Exemplos”, cantou Layla na nova escala, “levando a verdade, levando a luz.” Keisha fez outra anotação. “Fazendo a coisa certa”, disse Layla, e depois repetiu as mesmas palavras, mas cantadas em música, e Keisha assentiu e anotou de novo. Layla era genuinamente musical e tinha uma voz linda. Sua mãe era uma cantora bem conhecida em Serra Leoa. Keisha não sabia cantar e tocava flauta doce bem mal. Ela tinha aprendido a notação musical sozinha em poucas semanas usando partituras de piano arranjadas na igreja. Como era com tudo que envolvia símbolos e/ou significação, Keisha não tinha tido dificuldades para fazer isso e não sabia por que era assim ou o que tal facilidade significava, nem por que sua irmã Cheryl não tinha sido abençoada do mesmo jeito ou o que ela deveria fazer a respeito disso ou com isso, ou se “isso” era um substantivo ou um verbo ou sequer tinha alguma realidade material, fora de sua própria mente. As duas garotas estavam compondo uma música para o grupo de fé com menos de doze anos que se reunia nesta sala dos fundos nas quintas depois do culto. Eram boas amigas, Keisha e Layla, embora não tão próximas quanto Keisha e Leah. O fato é que elas não estavam ligadas por um acontecimento dramático, embora na mente da igreja elas tinham, natural e inevitavelmente, sido feitas uma para a outra. “Mostrando a direção”, cantou Layla. Keisha fez uma anotação. Ela podia sentir o cheiro da própria vagina nas mãos. Layla então voltou a falar: “Ou algo do tipo ‘Irmãs de coração mostrando a direção’.” Keisha anotou isso e colocou a frase entre parêntesis para indicar que ainda não se tratava de uma letra definitiva. Se eram “talentos” — a capacidade de cantar ou de rapidamente compreender e reproduzir notação musical —, que tipo de coisa é um “talento”? Uma mercadoria? Um dom? Um prêmio? Uma recompensa? Pelo quê? “Seguimos a verdade, seguimos a luz!”, cantou Layla, o que já tinha sido tornado definitivo tanto

musical quanto liricamente. Sem nada para anotar, Keisha ficou ansiosa. Do outro lado da sala havia um espelho. Duas jovens irmãs admiráveis, o cabelo ainda trançado pelas mães, estavam sentadas na ponta de um palco improvisado, uma cantando e a outra transformando a música na sua própria sombra, a notação musical. Aquela é você. Aquela é ela. Ela é real. Você é uma falsificação. Olhe melhor. Desvie o olhar. Ela é consistente. Você vai inventando conforme prossegue. Ela jamais deve descobrir. “E então daqui para lá”, cantou Layla, cantando essas palavras e com isso colocando a própria instrução em música. Keisha anotou.

31. Permissão para entrar

Embora fossem cinco, os Blake ocupavam um apartamento de três quartos com banheiro, no qual apenas o mais novo, Jayden, tinha seu próprio quarto. Até onde Keisha podia supor, seu irmão não parecia dar nenhuma importância para a privacidade, ele tinha onze anos, e ainda era propenso a arroubos de nudez doméstica, mas quanto à sua própria pessoa se tratava de uma necessidade ainda maior a cada dia que passava, e a chegada do vibrador levou-a a reabrir um velho debate com a mãe.

“É um direito humano!”, gritou Keisha Blake. História, módulo B16: *Movimento dos direitos civis americanos*. Módulo D5: *Os cartistas*.

“Se houvesse um incêndio você ia queimar no seu quarto”, disse a mãe. “Isso foi ideia de Cheryl? Pessoas que querem trancas têm algo a esconder.”

“Pessoas que querem trancas querem apenas um direito humano básico, que é a privacidade. Informe-se”, disse Keisha, embora com menos ardor desta vez, alarmada por sua mãe ter, recorrendo medianamente a um clichê maternal, alcançado a verdade com tanta precisão. Ela debandou para o quarto e pensou em Jesus, outra pessoa profundamente devota que não era compreendida tão devotamente pelo tipo de pessoa clichê que se considera devota,

embora, sendo justa, essas pessoas provavelmente às vezes eram devotas à sua própria maneira ignorante, mas só por acidente, e só um pouquinho.

32. Diferença

Um orgasmo clitoridiano é um fenômeno localizado restrito ao clitóris em si. De forma perversa, a estimulação direta do clitóris tende a não provocá-lo, causando em vez disso dor e incômodo, e às vezes um tédio profundo. Uma manipulação vigorosa e circular do clitóris e dos lábios juntos, com a mão, é o caminho mais direto. O espasmo resultante é forte, intensamente prazeroso, mas breve, como o orgasmo masculino. Na controversa questão orgasmo clitoridiano versus vaginal, Keisha descobriu-se agnóstica. Dava na mesma que perguntarem se o azul é uma cor superior ao verde.

Um orgasmo vaginal pode ser provocado por penetração, mas também por simplesmente se mover a pélvis para a frente e para trás num pequeno movimento enquanto se pensa em algo interessante. Esse último método é especialmente eficaz num ônibus ou num avião. Parece que há um pequeno pedaço de carne protuberante — mais ou menos do tamanho de uma moedinha de dez pence — na metade de cima da parede do canal vaginal, no lado mais perto do umbigo, que é estimulado por esse “vaivém”, mas se é isso o que se quer dizer com a expressão “ponto G” e se isso é a causa da sensação quase insuportavelmente prazerosa, Keisha Blake não conseguiu de jeito nenhum verificar. Independentemente de como seja alcançado, o que é perceptível a respeito do orgasmo vaginal é sua duração e intensidade. Ele é sentido como uma série de espasmos, como se a própria vagina estivesse se abrindo e fechando como um punho. Talvez esteja. Mas se é isso o que se quer dizer com a expressão “orgasmos múltiplos” também não ficou claro para Keisha Blake, embora pareça típico das modestas tendências das descrições femininas

aceitar uma “fechada do punho” como um orgasmo em si. Talvez seja simplesmente um problema fenomenológico. Se Leah Hanwell diz que a flor é azul e Keisha Blake diz que a flor é azul, como elas poderiam ter certeza de que com a palavra azul elas estavam apreendendo o mesmo fenômeno?

33. Acusação

Marcia encontrou o presente de Leah durante uma de suas batidas de rotina. Essas batidas tinham na verdade Cheryl em vista — ela tinha começado a desaparecer nas sextas e voltar na segunda —, e nada teria sido mais fácil para Keisha do que acrescentar posse de vibrador à reputação já arruinada de sua irmã mais velha. Incapaz de continuar olhando para Marcia brandindo a sacola plástica, Keisha Blake jogou-se de bruços na cama para dar início a um choro falso, mas no meio desse processo viu-se presa num conflito genuíno, incapaz de tolerar ter de culpar tanto sua irmã quanto Leah, mas igualmente incapaz de imaginar a segunda opção — seu pai ser informado — que lhe estava sendo apresentada agora. Keisha Blake pensou para a esquerda e pensou para a direita, mas não havia saída, e essa foi muito provavelmente a primeira vez que ficou ciente do problema do suicídio.

“E não venha me dizer que o comprou”, disse sua mãe, “porque não sei onde você pensa que teria arranjado o dinheiro.” Ao longo desse interrogatório, Marcia passou pela maioria das garotas do conjunto habitacional antes de encarar a dolorosa possibilidade de Leah e encontrar a confirmação no rosto da filha.

34. Rompimento

Seguiu-se um afastamento entre Leah Hanwell e Keisha Blake, forçado por Marcia, seguido por uma esfriada que não poderia ser culpa só de Marcia. As garotas tinham dezesseis. Esse período durou um ano e meio.

35. Angústia!

Na ausência de Leah — na escola, nas ruas, em Caldwell —, Keisha Blake sentiu-se revelada e exposta. Até o rompimento ela não tinha percebido que o estado "ser amiga de Leah Hanwell" era uma espécie de passaporte, dando a Keisha uma forma protegida de acesso na maior parte das situações. Agora ela estava rebaixada ao campo conceitual de "aqueles garotos da igreja", a maioria dos quais era nigeriana ou de outro lugar da África e não compartilhava da curiosidade antropológica de Keisha Blake pelo pecado nem de seu amor pelo rap. Para os de seu próprio meio rejeitado ela acreditava, acertadamente ou não, ser uma anomalia, e para os festeiros e indies ela tinha certeza de que era o tipo errado de excluído. Não ocorreu a Keisha Blake que tais sentimentos de alienação fossem a sina banal dos adolescentes de todos os lugares. Ela se considerava particularmente afligida, e não é exagero dizer que se esforçava para pensar em alguém além de talvez James Baldwin ou Jesus que tenha experimentado o profundo isolamento e solidão que agora ela sabia ser a única e verdadeira realidade deste mundo.

36. O inimigo do seu inimigo

Devemos admitir que, no rompimento de Keisha Blake com Leah Hanwell, Marcia Blake viu uma oportunidade. O rompimento coincidiu com o problema do sexo, que de todo modo não podia mais ser ignorado. Com uma simples proibição o tiro sairia pela culatra — eles já tinham passado por tudo isso com Cheryl, agora com vinte anos e grávida de seis meses. Empurrar Keisha Blake para Rodney Banks era a solução elegante da sra. Blake: no exato momento em que sua filha estava prestes a detonar, ela era desativada. Rodney morava no mesmo andar, estudava na mesma escola. Era um dos poucos adolescentes caribenhos da igreja. Sua mãe, Christine, era uma amiga íntima. "Você devia passar um tempo

com Rodney", disse Marcia, estendendo um prato para Keisha Blake secar. "Ele é como você, está sempre lendo." Era precisamente por esse motivo que Keisha sempre fora cautelosa em relação a Rodney e queria muito evitá-lo — tanto quanto isso era possível num lugar como Caldwell —, com base no princípio de que a última coisa que uma pessoa se afogando precisa é de outra pessoa se afogando agarrada a ela.

38. Por outro lado

De cavalo dado não se olham os dentes.

39. Lendo com Rodney

Keisha Blake se sentou na cama de Rodney Banks, os pés enfiados debaixo dela. Ela já estava com um metro e setenta e dois, enquanto Rodney tinha parado de crescer no último verão. Para ser cristã em relação a Rodney Banks, Keisha Blake tentava sentar na maior parte das situações. Rodney segurava uma cópia abreviada de biblioteca de um livro infame de Albert Camus. Tanto Keisha Blake quanto Rodney Banks pronunciavam o T e o S do nome, por pura ignorância: tais são os riscos do autodidatismo. Rodney Banks lia o texto em voz alta, emendando-o com seus céticos comentários. Ele chamava isso de "pôr a fé à prova". O pastor gostava de recomendar essa abordagem mais ofensiva ao seu rebanho adolescente, embora ao fazê-lo fosse pouco provável que tivesse Camus em mente. Rodney Banks tinha um quê de Martin Luther King: o mesmo rosto redondo e bondoso. Quando tirava alguma conclusão que lhe interessava, fazia uma pequena anotação ilegal na página, que Keisha lia e tentava admirar. Ela achou difícil se concentrar no livro porque estava muito preocupada com quando e como os amassos iam começar. Tinha acontecido na última sexta e na sexta anterior, mas até o último minuto ela não previra que ia acontecer, uma vez que ambos eram em alguma medida incapazes

de verbalmente aludir a isso, ou chegar lá aos poucos, de uma forma natural. Em vez disso ela tinha se jogado pra cima de Rodney nas duas vezes e torcido por uma resposta, que recebeu, mais ou menos. “Temos o hábito de viver antes de adquirir o de pensar”, leu Rodney, e então fez uma anotação ao lado da frase: “E daí? (argumento falacioso)”.

40. Rumpole

O período de esfriada entre Keisha Blake e Leah Hanwell continuou ao longo dos testes finais na escola, e isso foi, em parte, uma decisão pragmática tomada por Keisha Blake. A essa altura Leah Hanwell estava tomando ecstasy, a popular anfetamina de boate, na maioria dos fins de semana, e Keisha não acreditava que ela própria conseguiria estar metida nessa vida e ainda assim passar nos testes que estava começando a perceber que seriam imprescindíveis. Percepção esta tida em parte graças aos esforços de uma orientadora vocacional visitando a escola. Leitor: acompanhe! Uma jovem mulher, de Barbados, nova no trabalho, otimista. Nenhum nome importante. Ela ficou impressionada, sobretudo com Rodney, levando-o a sério e ouvindo-o enquanto falava sobre o Direito. De onde Rodney Banks sequer tinha tirado essa ideia de “o Direito” era difícil saber. Sua mãe trabalhava na cantina. Seu pai era motorista de ônibus.

41. Parentético

(Só bem mais tarde, enquanto fazia uma longa caminhada por North West London, ocorreu a Keisha Blake que o rapaz que ela tinha transformado numa anedota cômica a ser contada em jantares era em muitos aspectos ele mesmo um milagre da autoinvenção, um jovem com uma tremenda determinação, muitíssimo superior à dela.)

42. Bom lugar/ Lugar nenhum

A barbadiana disse a Keisha Blake e Rodney Banks que eles precisavam de um plano. Os três estavam cientes de que Marcia Blake tinha seu próprio plano: matrícula num curso de administração de empresas de um ano na “Coles Academy”, no fundo nada mais que um corredor de escritórios em cima da velha Woolworths na Kilburn High Road. Um caça-níqueis, uma instituição não reconhecida, onde algum amigo nairobiano do pastor Akinwande ensinava e que não exigia nenhuma mudança para longe de casa.

43. Contra

A orientadora vocacional de Barbados escolheu cinco instituições para Keisha Blake e Rodney Banks — as mesmas cinco; eles tinham decidido que não podiam se separar — e mostrou-lhes como preencher os formulários necessários. Ela escreveu para Marcia em favor de Keisha. Não ia custar nada. Ela vai conseguir uma bolsa integral da prefeitura. Há uma igreja. O trem vai direto pra lá, ela estará segura, ela não será a única. Keisha Blake foi aconselhada a continuar com essa campanha de tranquilização ao longo do inverno. Rodney foi instruído a fazer o mesmo com sua mãe, Christine. Keisha não achava que essas campanhas iam funcionar. Marcia tinha estado no “campo” e não o considerava um ambiente seguro, preferindo Londres, onde pelo menos você sabia contra o que estava lutando. Então em abril aquele “pobre garoto indefeso” — Marcia sempre o chamava assim — foi esfaqueado num ponto de ônibus de Eltham, derrubado por um “bando de animais”. Keisha Blake, Marcia Blake, Augustus Blake, Cheryl Blake e Jayden Blake se amontoaram em volta da televisão para assistir aos garotos brancos saírem livres do tribunal, ameaçando socos nos fotógrafos. O corpo do garoto foi levado para a Jamaica, enterrado na paróquia de Marcia.

44. Brideshead Unvisited

A porta da frente estava só encostada. Rodney entrou e foi direto para o quarto de Keisha e Cheryl Blake e disse: “Cadê?”, e Keisha disse: “Na cama”, e Rodney disse: “Posso ver?”, e Keisha lhe mostrou a estranha carta com um brasão de armas estampado e disse: “Mas, se você não vai, eu não vou”, e Rodney disse: “Só me deixa ler a carta”, e Keisha disse: “É só um convite pra uma entrevista. Eu não vou. De qualquer forma, deve custar um dinheirão”, e Rodney disse: “Se você entrar, o governo paga. Não sabia disso?”, e Cheryl disse: “Vocês dois tratem de calar a boca, meu, o bebê tá dormindo!”, e Keisha disse: “Eu nem quero ir mesmo!”, e Rodney disse: “Posso só ler, por favor?”, e depois que ele leu não falou mais sobre isso, nem Keisha Blake. Naquela noite eles foram para o Odeon Swiss Cottage para ver um filme sobre um homem que se vestia de mulher pra poder ficar de olho nos filhos por motivos diante dos quais Keisha estava distraída demais até para tentar entender.

45. Economia

As entrevistas para a Manchester estavam marcadas entre dez e onze da manhã. Para chegar lá partindo da estação londrina de Euston era necessário pegar um trem que saía bem antes de nove e meia. A passagem de ida e volta custava cento e três libras. Um problema semelhante — ainda mais caro — descartava Edimburgo.

46. Pausa para uma ideia abstrata

Nas famílias de todo o mundo, em diversas línguas, uma hora ou outra essa frase geralmente surge: “Não te reconheço mais”. Ela sempre esteve ali, se escondendo em algum canto secreto da casa, esperando o momento certo. Empilhada com as xícaras ou espremida entre DVDs ou outro formato terminal. “Não te reconheço mais!”

47. Outra pausa

Em revistas de divulgação científica dá-se o exemplo biológico, a regeneração das células. Muitos anos depois dos acontecimentos sendo agora narrados, num jantar na casa de nossa heroína, um filósofo sentado à sua direita sugeriu que ela realizasse um experimento mental: e se as células de seu cérebro fossem individualmente substituídas pelas células do cérebro de outra pessoa? Em que momento você deixaria de ser você mesma? Em que momento se tornaria outra pessoa? A respiração dele era desagradável. Ele pôs a mão no joelho dela, a qual ela não afastou, não querendo fazer uma cena na frente da esposa dele. A essa altura a sra. Blake tinha se tornado uma pessoa extraordinariamente bem-comportada. A esposa do filósofo era uma advogada grisalha com o título de Conselheira da Rainha. Na brilhante mente do filósofo ela estava velha demais para que ele ainda a concebesse como esposa. E ainda assim.

48. Reunião de moradores

Numa reunião do comitê de moradores de Caldwell — na qual Leah e Keisha, forçadas pelos pais, eram os únicos jovens presentes —, Keisha viu um assento livre ao lado de Leah, mas não se dirigiu até lá. Mais tarde, ela tentou escapar sem ser vista, mas Leah Hanwell a chamou do outro lado do salão e Keisha se virou e deparou com o conhecido rosto aberto sorrindo para ela, não afetado pelas tentativas da própria Keisha Blake de difamá-lo na imaginação.

“E aí?”, disse Leah Hanwell.

“Tudo bem”, disse Keisha Blake.

Elas falaram sobre a chatice da reunião e sobre o bebê de Cheryl, mas o outro assunto não podia ser evitado por muito tempo.

“O que você achou de Manchester? Encontrou Michael Konstantinou? Ele estava no mesmo dia que você. Mas tá tentando Estudos de Mídia.”

“Não vamos mais pra lá”, disse Keisha Blake. Ela deu uma ênfase deliberada ao pronome do plural. “Vai ser ou Bristol ou Hull.”

“Vejo Rodney na aula de história. Nunca fala nada.”

Keisha, recebendo esse comentário como um insulto pessoal, começou a defender Rodney energicamente. Leah pareceu confusa e ficou mexendo nas três argolas penduradas na cartilagem superior de sua orelha.

“Não, eu quis dizer: ele não tem dúvidas, já sabe tudo. Silencioso, mas mortal. Vocês dois vão passar fácil, certeza. Pelo menos dá pra ter um C em matemática. Estou com U. Muitos deles não vão nem considerar suas notas A se você reprovou em matemática. Estou na corda bamba com isso.”

Keisha tentou compensar sua reação exagerada sugerindo que sua velha amiga Leah Hanwell se juntasse a ela e seu novo namorado em sessões de estudo.

“Acho que só preciso entrar de cabeça nisso e me concentrar. Vai dar tudo certo. Mas ia ser bom te ver logo, antes da mudança. Pauline está adorando. Eu não ligo, de qualquer forma já vou estar em Edimburgo lá por setembro — oremos pra que sim. Ela age como se estivesse me dando um grande presente. Uma nova vida. ‘É praticamente Maida Vale. Antes tarde do que nunca, acho’.” Esse final foi falado na voz de Pauline.

49. Mobilidade

Os Hanwell estavam se mudando para um duplex. Praticamente em Maida Vale. Keisha já tinha ficado sabendo de tudo por Marcia; o jardim comum, os três quartos. Alguma coisa chamada “estúdio”.

50. Rodney faz uma anotação

“Nossa preeminência: vivemos na era da comparação” (Nietzsche).

51. Disfarce

Rodney Banks não fazia bagunça na sala nem falava, e essa combinação o tornava invisível, anônimo. Keisha Blake perguntou por que ele nunca falava com os professores. Ele disse que era uma estratégia. Rodney, como Keisha, era fã de estratégias. Essa era uma das coisas que eles tinham em comum, embora deva ficar claro que a essência de suas estratégias era bastante diferente. Keisha almejava chegar até a porta da frente usando charme. Rodney pretendia entrar escondido pelos fundos, despercebido. Rodney Banks destacou tantas passagens de *O príncipe*, de Maquiavel, que o texto se transformou numa única coisa amarela, e ele não arriscou devolvê-lo à biblioteca. “A difícil situação e a novidade do meu reino me obrigam a proteger até minhas últimas fronteiras.” Ele parecia estar sempre com esse livro, junto com a Bíblia, uma combinação na qual não via nenhuma contradição.

52. Nirvana

Leah certamente estaria no quarto, agarrada à foto dele, chorando. Keisha achou difícil reprimir um sentimento de prazer diante desse cenário imaginado. Então, no meio da reportagem, Marcia disse algo incrível, citando um médico da clínica como fonte, e na manhã seguinte Keisha foi direto até a biblioteca para investigar. Ela ficou furiosa ao descobrir que estatisticamente falando Marcia estava correta ao se gabar: nossa gente raramente faz isso.

53. Paridade

Lá por julho, Leah Hanwell e Keisha Blake já tinham recebido convites de universidades. Ambas tinham amantes. (O amante de Leah tocava baixo numa banda chamada No No Never.) Ambos os amantes e as universidades estavam no mesmo nível, apesar de suas muitas diferenças. Ambas as garotas tinham se tornado mulheres de boa aparência, sem nenhum problema de saúde ou

mental grave. Nenhuma das duas tinha nenhum interesse em se bronzear. O plano de Leah era passar boa parte desse último verão em NW sob a sombra de um carvalho em Hampstead Heath, com um monte de amigos, um piquenique, muito álcool, um pouco de maconha. Ela vivia convidando Keisha, que queria muito ir. Mas Keisha estava trabalhando meio período numa padaria na Kilburn High Road, e quando não estava na padaria estava na igreja, ou ajudando Cheryl com o bebê. Na padaria lhe pagavam três e vinte e cinco a hora. Ela tinha de usar sapatos-padrão pretos e sem salto, com bico arredondado e sola grossa, além de um uniforme listrado marrom e branco e uma "touca de padeiro" com elástico, debaixo do qual até o último fio de cabelo tinha de ser colocado. Aquele elástico marcava a testa dela. Ela tinha de lavar as formas de croissant e tirar o açúcar de donut que grudava na fina fenda entre a bandeja da vitrine e o vidro. E muitas outras coisinhas enfadonhas. Achou que preferiria isso a vender roupa, mas no fim das contas nem mesmo seu enorme entusiasmo por enroladinho de salsicha e pão doce lhe dava forças. Ela manteve o guia da universidade no armário e muitas vezes passava a hora do almoço folheando lentamente as páginas brilhantes.

A cada dois sábados ela tinha um período de folga, e em algumas ocasiões dava um jeito de escapar para o Heath, sozinha. Rodney não ia gostar da cena no Heath e não havia como lhe contar aquilo de forma razoável, pois isso traria perguntas sobre as duas contas diversas que Keisha estava acostumada a manter. Num dos lados do livro-caixa ela colocava Rodney, Marcia, seus irmãos, a igreja e o próprio Jesus Cristo. No outro, Leah estava preguiçosamente deitada na grama alta bebendo sidra e perguntando para sua boa amiga Keisha Blake se ela ia aproveitar a oportunidade para matar P.W. Botha se acontecesse de ele surgir na sua frente. "Não sou capaz de cometer assassinato", protestou Keisha Blake. "Todo mundo é capaz de tudo", insistiu Leah Hanwell.

54. Formação complementar

Naquele outono, Keisha Blake e Rodney Banks começaram a frequentar uma igreja nos subúrbios de Bristol, a Ministério do Espírito Santo, idêntica em espírito à Pentecostal de Kilburn — veio com uma recomendação do pastor. Foi ali que eles mais se socializaram, naquele primeiro período, com várias pessoas gentis, todas com seus sessenta e setenta anos. Com gente jovem de sua própria idade eles não tiveram tanto sucesso. Rodney deixou folhetos da igreja debaixo da porta de cada apartamento no andar de Keisha, e depois disso eles passaram a ser evitados por outros estudantes e por sua vez também os evitaram. Parecia não haver nenhuma brecha. Os estudantes estavam cansados de coisas das quais Keisha nunca tinha ouvido falar e tinham horror à única coisa que ela conhecia bem: a Bíblia. À noite Rodney e Keisha se sentavam cada um numa ponta da pequena escrivaninha no quarto de Keisha e estudavam, como tinham feito para os testes da escola, com fones de ouvido e escrevendo tudo à mão, primeiro em folhas de rascunho, depois nas “oficiais” — um hábito adquirido na escola dominical. Havia uma sala de informática recém-montada no porão do prédio de Keisha que poderia ter facilitado a vida deles: foram até lá na primeira semana para dar uma olhada. Um garoto com um largo chapéu fedora com uma tira de couro pendendo da aba estava sentado jogando “Doom”, aquele escuro corredor abrindo-se sobre si mesmo de novo e de novo. O resto ou estava programando ou usando alguma forma primitiva de e-mail interno da universidade. Keisha Blake olhou de relance por cima de um ombro para uma tela toda caótica.

55. A primeira visita de Keisha

Suas circunstâncias materiais eram bastante diferentes. Keisha morava num alojamento construído nos anos 1960 com um projeto arquitetônico medíocre. Leah, numa casa geminada do século XIX,

com uma lareira inativa em cada quarto e outras nove pessoas. Em vez de um espaço comum, uma “sala pra relaxar”. Enormes alto-falantes, nenhum sofá. Keisha não contava com uma festa na sua primeira noite nem estava vestindo o tipo certo de saia para se sentar num pufe. O volume da música tecno ou do que quer que aquilo fosse tornava a conversa um desafio. Todos eram brancos. Leah estava fazendo um discurso e segurando a porta aberta da geladeira. Aquilo estava deixando toda a cozinha gelada. Ela já estava com a porta aberta há um bom tempo. Parecia ter esquecido por quê.

“Tipo, digamos que você é Einstein e tá só pensando, momento a momento, e de repente você tem seu superpensamento, sobre a natureza do universo, sei lá. Tipo, *esse* pensamento, ele não é como os outros momentos, porque, embora você tenha tido o pensamento dentro do tempo normal, o pensamento em si é basicamente sobre a natureza do universo, que é meio que infinito. Daí que esse é um tipo diferente de momento. Daí que Kierkegaard chama isso de ‘instante’. Não é parte do tempo normal como os outros. É um monte de coisa desse tipo. Tenho que me beliscar na aula. Tipo: o que estou fazendo aqui, com todos esses nerds filhos da mãe? Alguém cometeu um erro em algum lugar?”

Keisha passou um pouco de homus num pão pita e olhou para dentro das pupilas dilatadas da amiga.

“Cheguei a pensar em fazer filosofia uma época”, disse Keisha, “mas daí me falaram de toda a matemática.”

“Ah, não tem matemática”, disse Leah.

“Sério? Achei que tivesse matemática.”

“Não”, disse Leah, dando as costas para Keisha para finalmente pegar uma garrafa de cerveja. “Não tem.”

O garoto que estava dormindo com Leah também era esquisito. Se você não ficasse fazendo perguntas sobre ele próprio, ou sobre seus curtas, ele parava de falar e ficava encarando o vazio.

“Sobre o tédio”, ele explicou.

“Parece interessante”, disse Keisha Blake.

“Não. Pelo contrário. Esta festa, cheia de gente interessante, é um exemplo perfeito. Ela é totalmente desinteressante.”

“Ah.”

“Todos tratam do tédio basicamente. É o único tema que resta. Estamos todos entediados. Você não está entediada?”

“No direito”, disse Keisha Blake, “há muita memorização entediante. Como na medicina.”

“Acho que estamos falando de duas coisas diferentes”, disse o garoto que estava dormindo com Leah.

56. Romance familiar

O telefone no hall comum tocou. Rodney assentiu. Keisha se levantou. Quando o telefone tocava geralmente era para Rodney ou Keisha — de Marcia ou Christine —, e eles se revezavam para atender essas ligações. Eram como irmãos em todos os aspectos, com exceção do fato de fazerem sexo um com o outro de vez em quando. O sexo em si era terno e familiar, sem nem um pingo de erotismo ou orgasmos vaginais ou clitoridianos. Rodney era um rapaz cuidadoso, preocupado com camisinhas, com pavor de gravidez e doenças. Quando finalmente permitiu que Keisha Blake fizesse sexo com ele, acabou sendo uma transição técnica. Ela não aprendeu nada de novo sobre o corpo de Rodney, ou sobre Rodney, só um monte de fatos sobre camisinhas: sua relativa eficácia, a grossura da borracha, o momento certo — o momento mais seguro — para tirá-la depois que acabava.

57. Ambição

Eles iam ser advogados, as primeiras pessoas de ambas as famílias a terem diploma profissional. Achavam que a vida era um problema que poderia ser resolvido através da profissionalização.

58. A terceira visita de Leah

Primavera. Flores no alto. A srta. Blake ficou esperando no terminal da ansiedade e da esperança, incapaz de lembrar por que já tinha chegado a experimentar qualquer tensão que fosse em relação à sua mais querida amiga de casa, Leah Hanwell. O ônibus chegou, as portas se abriram. Figuras humanas com rostos surgiram à sua frente, e o cérebro da srta. Blake procurou uma correspondência entre uma lembrança recente e uma realidade material. Seu erro era se apegar a ideias que em regra pertenciam a visitas anteriores. Ideias como “cabelo vermelho” e “jeans preto/botas pretas/camiseta preta”. As modas mudam. A universidade é uma época de experimentação e metamorfose. A pessoa que a agarrou pelo braço não poderia mais ser confundida com um membro de uma banda de *riot girrrl* ou com uma artista menor de Berlim. Agora ela era uma espécie de guerreira do planeta, com um cabelo loiro escuro que estava se torcendo sozinho em dreadlocks e uma calça camuflada que não passaria numa inspeção do exército.

59. Nomes próprios

Não é que a srta. Blake não tinha reparado na gente branca andando por aí com equipamento de escalada, ou nos brancos amontoados em escadarias discutindo o melhor método para se acorrentar a um carvalho? Ela tinha experimentado sua curiosidade antropológica costumeira em relação a esses assuntos. Mas tinha achado que era mais uma estética do que uma forma de protesto. Os detalhes do projeto estavam confusos para ela. “Este é Jed”, disse Leah, “e esta são Katie e Liam e este é Paul. Gente, esta é Keisha, ela…” “Não: Natalie.” “Desculpe, esta é Natalie, fomos pra mesma escola”, disse Leah. “Ela estuda aqui, ela é advogada. Cara, é tão estranho ver vocês!” Quando Leah depois ofereceu uma rodada a essas pessoas — “Não, sentem aí, a gente pega” —,

Natalie Blake entrou em pânico, seu orçamento apertado e rigorosamente administrado sem nenhum espaço para rodadas de bebidas para maloqueiros imundos com quem nunca tinha falado na vida. Mas no bar Leah estendeu uma nota de vinte e o trabalho de Natalie foi só arranjar seis cervejas numa bandeja redonda mais adequada para cinco.

“Lee, mas de onde você conhece essa gente?”

“Newbury!”

60. E as escamas caíram dos olhos dela

Aparentemente era importante “manter a pressão” se eles iam impedir o governo de construir essa via secundária. Rodney escutou, mas apenas apontou para os livros em cima de sua escrivaninha, que tinham o peso imponente da lei, milhares de páginas com capas grosseiras e funcionais. Leah tentou uma tática diferente: “É basicamente uma questão legal — agora mesmo há um monte de gente do direito lá embaixo. É uma boa experiência, Rodney, até você ia concordar, até o juiz Rodney do tribunal do mundo”. Natalie Blake percebeu-se sorrindo. Nesse momento ela não conseguia pensar em nada mais maravilhoso do que se sentar numa árvore com sua boa amiga Leah Hanwell a centenas de quilômetros deste quarto claustrofóbico. Rodney desgrudou os olhos do seu compêndio com casos de atos ilícitos. Sua expressão era cruel. “Não ligamos para árvores, Leah”, ele disse. “Esse é um luxo seu. Não temos tempo para nos preocuparmos com árvores.”

61. Coup de foudre

“Sr. De Angelis, continue por favor de ‘o poder do hábito’ em diante — no topo da segunda página”, disse o professor Kirkwood, e um extraordinário rapaz ergueu-se na primeira fila. Ele não era aluno de direito, mas estava ali, numa aula sobre filosofia do direito. Ele era feito de partes que Natalie considerava mutuamente

excludentes, e ela achou difícil entendê-las em conjunto. Tinha uma série de sardas inesperadas. Seu nariz era bem longo e dramático num estilo sobre o qual ela não sabia o suficiente pra chamar de “romano”. Seu cabelo estava dividido em dreadlocks que eram o oposto dos de Leah, impecáveis demais. Emolduravam seu rosto perfeitamente, terminando logo abaixo do queixo. Ele usava calça chino sem meia e aqueles sapatos que têm cordas nas laterais, um blazer azul e uma camisa rosa. Um sotaque indescritível. Como se tivesse nascido num iate em algum ponto do Caribe e sido criado por Ralph Lauren.

62. Montaigne

Em dado país, virgens exibem abertamente suas partes íntimas enquanto mulheres casadas as cobrem. Em outro, existem bordéis masculinos. E em outro ainda se usam pesadas peças de ouro nos seios e nas nádegas, e depois de comer os homens limpam as mãos nos testículos. Em alguns lugares se comem pessoas. Em outros os pais decidem, quando os bebês ainda estão no útero, com qual eles vão ficar e qual vai ser morto ou abandonado. Kirkwood ergueu a mão para interromper essa narrativa. “Naturalmente”, disse, “todas essas pessoas acreditam que não há nada de extraordinário nos seus hábitos.” Alguns alunos riram. Natalie Blake e Rodney Banks tentaram encontrar o ensaio entre as capas da edição barata que dividiam (eles costumavam comprar uma cópia de um livro-texto e então, quando o terminavam, imediatamente o vendiam num dos sebos perto da biblioteca da universidade). O título não parecia constar do sumário ou do índice remissivo, e o fato de eles ainda não estarem se falando tornava a cooperação difícil. “Qual é a lição aqui para um advogado?”, perguntou Kirkwood. A mão do notável rapaz surgiu. Mesmo de onde Natalie Blake estava sentada dava para ver as joias nos seus dedos morenos, além de um relógio elegante com uma pulseira de couro

de crocodilo que parecia mais velha que Kirkwood. Ele disse: “Embora você possa chegar no tribunal armado de razão, não vivemos num mundo racional”. Natalie Blake ficou tentando descobrir se aquela era uma resposta interessante. Kirkwood fez uma pausa, sorriu e disse: “Você tem muita fé na razão, sr. De Angelis. Mas pense no exemplo da semana passada. Centenas de testemunhas estão no banco dos réus: amigos próximos, ex-professores, ex-babás, ex-amantes. Todas elas dizem: *Aquele é Tichborne.* A própria mãe do sujeito vai lá e aponta: *Aquele é o meu filho*. A razão nos diz que o requerente tem sessenta quilos a mais que o homem que ele alega ser. A razão nos diz que o verdadeiro Tichborne falava francês. E ainda assim. E quando a ‘razão prevaleceu’, por que as pessoas se revoltaram nas ruas? Não tenha fé demais na razão. Olha, acho que Montaigne é mais cético. Acho que a questão pra ele não é que vocês, os advogados, são racionais, e eles, o povo, não são, ou mesmo que as leis a que o povo se submete não são racionais, mas que aqueles que se submetem a leis tradicionais têm pelo menos a defesa da ‘simplicidade, obediência e exemplo’ — estão vendo isso? Final da terceira página? Enquanto aqueles que tentam alterá-las, isto é, as leis, geralmente são terríveis de alguma forma, monstruosos. Nós nos vemos como perfeitas exceções”. Natalie Blake estava perdida. O rapaz assentiu lentamente em aprovação, o tipo de sinal que um homem faz para um igual. Sua confiança parecia injustificada, sem relação com nada que ele tivesse dito ou feito. Uma folha circulou pela sala. Pediu-se que os alunos escrevessem o nome completo e o departamento a que estavam ligados. Antes mesmo de escrever seu próprio Natalie Blake procurou o dele.

63. Averiguação

Francesco De Angelis. Segundo ano de economia. Universalmente conhecido como “Frank”. Concorrendo à

presidência do Grêmio Afro-Caribenho no mês seguinte. Grandes chances de ganhar. Frequentou um “internato de segunda categoria”. Isso segundo alguém que frequentou uma “escola clássica”. E mais: “Sua mãe é italiana ou algo assim. Seu pai provavelmente foi algum príncipe africano, geralmente é o caso”.

64. Parêntesis educacional

(Algumas escolas você “frequenta”. Pra Brayton você “vai”.)

65. 8 de março

Aconteceu que a terceira visita de Leah coincidiu com um jantar em comemoração ao Dia Internacional da Mulher. Uma útil desculpa para não encontrar Rodney. Leah pôs um vestido verde e Natalie um roxo, e elas se arrumaram juntas e foram caminhando até o salão de braços dados. O prazer evidente que sentiam por estar juntas, sua profunda intimidade e naturalidade na companhia uma da outra, as tornava mais atraentes como par do que jamais seriam se estivessem sozinhas, e perfeitamente cientes desse fato elas enfatizavam suas semelhanças em altura e constituição física e caminhavam com passos confiantes e sincronizados de suas longas pernas. Quando por fim chegaram à mesa, Natalie já estava bastante embevecida com o poder de ser jovem, quase livre de um homem que a entediava e prestes a embarcar numa refeição com mais de dois pratos.

66. Menu

Salada de camarão-tigre com melão
Peito de frango enrolado com pancetta com vagem e batata
Juliette
Brownie de chocolate quente com sorvete de baunilha
Queijos
Café, menta

67. Desejo

“Quem é aquela lá?”, perguntou Leah Hanwell.

“A coordenadora”, disse Natalie Blake, limpando o chocolate nos dentes com a língua. “Se ela parasse com os discursos a gente podia ir pro bar.”

“Não, a garota na ponta da mesa. De cartola.”

“Como?”

“Chinesa ou japonesa — ali.”

“Ah, eu não conheço.”

“Ela é tão linda!”

68. Valentino

Coreana. No bar ela pôs a cartola na mesa e, enquanto Natalie Blake falava com outra pessoa no reservado delas, ela, Natalie Blake, frequentemente estendia a mão para tocar no chapéu e acariciar sua aba de cetim. Às suas costas podia ouvir sua boa amiga Leah Hanwell conversando com a coreana, que se chamava Alice, fazendo-a rir, e quando Natalie foi até o bar para comprar bebidas ela teve uma visão clara de Leah como uma Don Juan das antigas — uma mão no encosto do assento, outra no joelho de Alice, respirando no adorável pescoço da garota. Natalie Blake já tinha visto Leah fazer isso diversas vezes, mas com garotos, e sempre pareceu haver algo um tanto chocante e perverso nisso, enquanto aqui a relação parecia natural. Esse pensamento deixou Natalie surpreendida consigo mesma e a levou a se questionar onde estava com Deus ultimamente, ou se ela sequer estava com ele. Incapaz de parar de encarar, ela forçou-se a ir até o jukebox e colocou “Electric Relaxation” de A Tribe Called Quest pra tocar, na esperança de que isso a fizesse relaxar.

69. A invenção do amor: parte um

Frank não estava no bar ou em nenhum outro lugar a vista.

70. Despedidas

No ônibus de volta para o terminal, depois do que tinha sido, sejamos sinceros, uma visita significativa, talvez quase no nível de um acontecimento dramático, Leah Hanwell disse, com bastante timidez até: “Espero que tudo bem eu ter sumido. Pelo menos você e Rodders tiveram o quarto de volta”, e isso foi tudo o que se disse naquele dia sobre a noite de Leah Hanwell com Alice Nho, e Natalie Blake também não mencionou o fato de que não tinha convidado Rodney para ir ao seu quarto naquela noite e de que jamais o faria novamente. O ônibus começou a subir o que pareceu ser uma ladeira vertical. Natalie Blake e Leah Hanwell foram jogadas para trás nos seus assentos e uma contra a outra. “Foi muito bom te ver”, disse Leah. “Você é a única pessoa com quem posso ser totalmente eu mesma.” Comentário este que fez Natalie começar a chorar, não tanto pelo sentimento, mas sim por uma terrível percepção de que se dissesse o mesmo a frase se tornaria praticamente vazia, a srta. Blake não tendo eu algum pra ser, nem com Leah, nem com ninguém.

71. Ajudando Leah a subir com sua pesada mochila os degraus do ônibus

Natalie Blake sentiu um impulso de contar à amiga sobre o irmão exótico que ela tinha visto na aula de Kirkwood. Não disse nada. Para além do fato de que as portas estavam se fechando, ela temia precisamente o que a monumental diferença socioeconômica entre Frank De Angelis e Rodney Banks poderia dizer à sua amiga Leah Hanwell sobre ela, Natalie Blake, psicologicamente, como pessoa.

72. Linguagens do romance

Muitos dos homens com quem Natalie Blake se envolveu depois de Rodney Banks eram tão diferentes socioeconômica e culturalmente dela quanto Frank, e eram bem menos atraentes, mas

ainda assim ela não tentou se aproximar de Frank, nem ele dela, apesar da forte consciência que ambos tinham um do outro. Uma forma poética de colocar isso seria dizer:

"Havia uma inevitabilidade nesse caminho na direção um do outro que encorajava meandros ao longo do percurso".

73. A única autora

Em termos mais prosaicos, Natalie Blake estava terrivelmente ocupada com sua autoinvenção. Ela perdeu Deus de forma tão tranquila e indolor que teve de se perguntar o que algum dia chegou a querer dizer com o termo. Encontrou a política e a literatura, a música, o cinema. "Encontrou" não é a palavra certa. Ela depositou sua fé nessas coisas e não conseguia entender por que — no exato momento em que as descobrira — seus colegas pareciam estar dando-as por mortas. Quando outros alunos lhe perguntavam sobre Frank De Angelis — ela não era a única pessoa que tinha percebido a compatibilidade fundamental deles —, ela dizia que ele era muito cheio de si e vaidoso e nariz empinado e confuso racialmente e nem de longe era o seu tipo, e, no entanto, a ligação silenciosa e invisível entre eles se fortalecia, pois quem mais além de Frank De Angelis — *ou alguém exatamente como Frank De Angelis* — ela poderia convidar para acompanhá-la na estranha jornada de vida que estava se preparando para realizar?

74. Uma visão

Cinco filas na frente na sessão da meia-noite de *Orfeu negro*, olhando para o seu sósia.

75. Ativismo

Natalie estava pedalando pela University Walk quando um rapaz com quem ela estava dormindo entrou na sua frente, bloqueando o caminho. Ele tinha um quê de desespero no olhar, e a princípio Natalie achou que ele estava se preparando para declarar seu amor

eterno. “Você tem meia hora?”, perguntou Imran. “Quero que você veja uma coisa.” Natalie foi empurrando a bicicleta até a Woodland Road, acorrentando-a do lado de fora do alojamento de Imran. No seu pequeno quarto, havia duas outras garotas do mesmo ano que eles e um estudante da pós que ela não conhecia. “Este é o grupo de ação”, disse Imran, pondo uma fita no videocassete. É claro, Natalie estava ciente do conflito na Bósnia, mas não seria errado dizer que a guerra não era o ponto alto dos seus pensamentos. Ela disse a si mesma que isso era porque ela não tinha televisão e passava a maior parte do tempo na biblioteca. Da mesma forma, dois anos antes, a existência de um país chamado “Ruanda” e a realidade do seu genocídio tinham chegado ao seu conhecimento ao mesmo tempo, num único artigo de jornal. Agora ela ficou sentada de pernas cruzadas e assistiu aos soldados marchando, ouvindo o discurso gravado do homem demente a gritar, lendo as legendas falando de pureza racial e de um lugar irreal chamado “Grande Sérvia”. Isso tinha acabado de acontecer? Agora há pouco? No fim da história? Ela pensou em todas as vezes que ela e Leah tinham se perguntado — em nome de um experimento mental — o que teriam feito se estivessem em Berlim em 1933. “Vamos levar uma ambulância com suprimentos até Sarajevo”, disse Imran. “Para ajudar na reconstrução. Você devia vir junto.” Tal ato significaria quebrar o primeiro mandamento da família de Natalie Blake: não colocarás a si mesmo em perigo físico desnecessário.

Ao longo das várias semanas seguintes, Natalie entrou de cabeça na organização dessa viagem, e fez amor com Imran, e pensou nesse período, anos depois, como uma representação de uma espécie de auge da possibilidade radical da juventude. De sexo, protesto e viagem, tudo junto. O fato de que ela nunca chegou a fazer tal viagem em alguma medida parecia, na lembrança, menos importante do que o fato de que ela tinha toda a intenção de ir. (Uma

briga com Imran, alguns dias antes. Ele não ligou, então ela não ligou.)

76. Abandono

Natalie Blake pegou um grande empréstimo estudantil e fez questão de gastá-lo apenas com coisas fúteis. Restaurantes e táxis e lingerie. Tentando ficar no nível “dessa gente”, ela logo se viu sem nada novamente, mas agora, quando colocava um cartão de débito na maquininha e torcia pra que cinco libras surgissem, ela não o fazia com a infinita ansiedade que outrora compartilhara com Rodney Banks. Cultivou um espírito de decadência. Já tendo a essa altura vislumbrado a possibilidade de um futuro, um saldo negativo não tinha o mesmo poder aterrorizante sobre ela. A opinião que Marcia Blake tinha dessas pessoas, e que transmitira para a filha, veio abaixo numa profusão de blasfêmia ocasional, maconha e cocaína, indolência. Eram realmente estas as pessoas diante de quem os Blake sempre se comportavam da melhor forma possível? No metrô, num parque, numa loja. Por quê? Marcia: “Para que eles não tenham nenhuma desculpa”.

77. Visão

Vestido de Frantz Fanon numa escadaria numa festa para a qual a própria Natalie tinha se vestido de Angela Davis. Sua fantasia consistia de um crachá e um jaleco branco emprestado de um aluno de medicina. Natalie tinha se esforçado mais: um dashiki e um afro solto que não ficou muito armado por causa de anos de estrago com uma prancha. A festa a fantasia acontecia numa casa dividida por quatro alunos de filosofia, e o tema era Os Pais do Discurso. A acompanhante dele veio de Safo.

78. Uma teoria sobre a trajetória de Michelle Holland

Talvez seja a forma profunda pela qual o capitalismo entra na mente e no corpo das mulheres que faz com que a “comparação

cruel” seja o modo básico de seu relacionamento umas com as outras. Certamente Natalie Blake acompanhou a trajetória de Michelle Holland com mais atenção do que a que dedicou à própria vida — sem nunca ter falado com ela. Além de Rodney, Michelle era a única outra pessoa de Brayton na universidade. Um prodígio na matemática. Ela não tinha o luxo da mediocridade. Criada nos brutais arranha-céus de South Kilburn, que não tinham nada a seu favor, nenhuma cultura fina de igreja, nenhuma das belas áreas verdes de Caldwell ou (Natalie supôs) os vizinhos íntimos. O que mais ela poderia ser senão excepcional? O pai na prisão, a mãe internada num sanatório. Ela morava com a avó. Era sensível e sincera, esquisita, na defensiva, solitária. Era a crença de Natalie de que ela, Natalie Blake, não precisava trocar uma palavra com Michelle Holland para saber tudo isso — de que ela podia olhar para o jeito com que Michelle andava e saber. Sou a única autora. Consequentemente, Natalie não ficou nem um pouco surpresa quando soube do declínio e da queda de Michelle, quase na metade do último ano. Nada de álcool ou drogas ou mau comportamento. Ela simplesmente parou. (Essa era a interpretação de Natalie.) Parou de ir às aulas, de estudar, de comer. Tinham-lhe pedido que passasse a totalidade do seu ser por um buraco que ia aceitar apenas uma parte. (Conclusão de Natalie.)

79. O fim da história

Quando Natalie agora pensava na vida adulta (ela quase nunca chegava a pensar nisso), imaginava um longo corredor, no qual havia muitas salas — cada uma com um amigo dentro —, uma cozinha comunitária, uma única cama gigante na qual todos dormiriam e transariam, um mundo governado pelos princípios da amizade. Tal visão é uma metáfora — mas é também uma representação básica e precisa do modo de pensar de Natalie na época. Pois como você poderia oprimir um amigo? Como poderia

trair um amigo? Como poderia pedir para um amigo sofrer enquanto você cresce na vida? Dessa forma simples — sem passeatas e slogans, sem política, sem nada da bagunça que se arranja arrancando paralelepípedos do calçamento —, a revolução tinha chegado. Atrasada para a festa, Natalie Blake agora aceitou com entusiasmo o conselho de sua boa amiga Leah Hanwell e começou a abraçar estranhos nas pistas de dança. Ela olhou para a pequena pílula branca na palma da mão. O que poderia dar errado, agora que eram todos amigos? Lembre-se de levar uma garrafa d'água. De todo modo, já estava tudo decidido. Não mastigue. Engula. Luzes estroboscópicas piscam. A batida continua. (Vou ser advogada e você vai ser médico e ele vai ser professor e ela vai ser banqueira e vamos ser artistas e eles vão ser soldados, e eu vou ser a primeira mulher negra e você vai ser o primeiro árabe e ela vai ser a primeira chinesa e todos vão ser amigos, todos vão se entender.) Amigos são amigáveis uns com os outros, amigos se ajudam. Ninguém precisa ser excepcional. Amigos sabem a diferença entre um advogado de instâncias inferiores e um de instâncias superiores, e o melhor lugar ao qual se candidatar, e a probabilidade de ser aceito, e os nomes dos financiamentos e das bolsas importantes. "Você *escolhe* os seus amigos, não escolhe a sua família." Quantas vezes Natalie Blake tinha ouvido essa frase?

80. Ideologia no entretenimento popular

Caso alguém corresse o risco de esquecer, o programa de televisão mais popular do mundo batia na mesma tecla, cinco vezes por semana.

81. O inconsolável (*sexta visita de Leah*)

"Ah meu Deus eu vi Rodney no Sainsbury's!", disse Leah, consternada, deixando cair duas sacolas de compras na mesa. "Olhei pra cestinha dele. Tinha uma torta de carne e duas latas de

cerveja sem álcool e um frasco daquele molho picante que você põe em tudo. Entrei na fila atrás dele, e ele fingiu que tinha esquecido alguma coisa e se mandou. Mas daí eu o vi alguns minutos depois lá numa outra fila da ponta e ele levava exatamente os mesmos quatro itens."

82. Recrutamento

Uma cena festiva e caótica, tão cheia de gente quanto na Feira dos Calouros, embora desta vez os banners não fossem feitos em casa, e em vez de sociedades de Tolkien e clubes de corais eles traziam impressos os nomes melódicos de firmas de advocacia e os nomes conhecidos de bancos. Garotas em uniformes de animadoras de torcida com o logo de uma empresa de consultoria saíram circulando pelo salão, entregando potinhos de sorvete e latas de energético. Natalie Blake virou a lata na mão para ler o rótulo colado em volta. *Agarre Seu Futuro*. Ela meteu uma pazinha de madeira no sorvete e ficou vendo os balões verdes de um banco alemão se soltarem de suas cordas e flutuarem lentamente até o teto. Ouviu a voz de Rodney vindo de algum lugar. Ele estava três mesas à frente, sentado com uma ansiedade monstruosa bem na pontinha de uma cadeira de plástico. À sua frente, um homem de terno e gravata com um olhar divertido fazia anotações numa prancheta.

83. Metáforas misturadas

Um ano e meio depois, quando todo mundo já tinha voltado ou então se mudado para Londres e Natalie estava estudando para o exame da ordem, Rodney Banks enviou uma carta aos cuidados de Marcia Blake que dizia: "Keisha, você fala sobre seguir seu coração, mas é estranho como seu coração parece sempre saber como manter as costas quentes." Frank De Angelis tomou essa carta de

Natalie Blake e beijou-a na cabeça. “Pobre Rodney. Ele não está tentando se tornar advogado ainda, está?”

84. Pensamento de grupo

Uma propaganda de televisão do Exército. Um grupo de soldados salta para o chão de um helicóptero voando baixo. Filmagem caótica: é pra entendermos que esses homens estão sob ataque. Eles correm por um cenário árido de vento e poeira, através de uma clareira, e vão parar à beira de um abismo. A ponte de madeira pela qual esperavam atravessar está semidestruída. As ripas quebradas despencam desfiladeiro abaixo. Os soldados olham para o desfiladeiro, trocam olhares entre si, olham para suas pesadas mochilas.

85. Lincoln’s Inn

Vários novatos com traje de gala estão sentados assistindo a essa propaganda, preguiçosamente acomodados em cadeiras e sofás, conversando animados. Natalie Blake também é novata, mas é mais tímida. Ela se deixa ficar nos fundos da sala de convivência, tentando se manter ocupada na mesa de aperitivos. Agora um texto apareceu, marcado a ferro quente na tela. Vem acompanhado pela voz de um sargento instrutor:

SE VOCÊ ESTÁ PENSANDO COMO *EU* FAÇO PARA ATRAVESSAR, O EXÉRCITO NÃO É PARA VOCÊ.

SE VOCÊ ESTÁ PENSANDO COMO *NÓS* FAZEMOS PARA ATRAVESSAR, LIGUE PRA GENTE.

“Estou pensando como é que *vocês* vão atravessar.”

Ele estava apontando para a televisão, e todos à sua volta riam. Ela reconheceu a voz dele na hora, seu traço provocativo de Milão.

86. Estilo

Os dreadlocks tinham sumido. Seu smoking era simples, elegante. Um lenço rosa-choque engomado saía do bolso do paletó,

e suas meias apareciam brilhando com diamantes. Seus Nikes eram ligeiramente escandalosos e vinham direto da caixa. Ele não parecia mais estranho. (Um monte de rappers se vestia assim agora. Dinheiro estava na moda.)

87. Primeiro Jantar dos Tutores do período Michaelmas

Natalie Blake era a “capitã” de sua seção. Ela não sabia bem o que isso queria dizer. Ficou de pé atrás da cadeira indicada na mesa e esperou seu tutor, um tal de dr. Singh. Ergueu os olhos para o teto abobadado. Uma garota branca com um vestido longo de cetim aproximou-se e postou-se ao seu lado. “Lindo, não é mesmo? Esse teto majestoso trabalhado com fogo dourado! Oi, sou a Polly. Estou na sua equipe.” Ao lado de Polly surgiu um rapaz chamado Jonathan, que disse que “capitão” significava apenas que a comida era servida à sua esquerda. Retratos dos mortos veneráveis. Pesada prataria. Garfos de peixe. Os advogados seniores entraram em fila no salão com as togas pretas a balançar e se curvaram. Uma oração em latim começou. Vozes entediadas e conformadas repetiam palavras estranhas.

88. A invenção do amor: parte dois

Natalie Blake esticou o grosso guardanapo de linho sobre o colo e viu Frank De Angelis chegando atrasado, indo na direção da mesa dela, avistando-a. Ele estava magnífico; mais parecido com Orfeu do que nunca. Ela ficou lisonjeada com sua reação: “Blake? Você está ótima! Bom te ver. Ó capitão! meu capitão…”. Ele fez uma pequena mesura e sentou-se extremamente perto, coxa com coxa, examinou o menu, fez uma careta. “Torta madalena. Que saudade da Itália.” “Ah, você vai sobreviver.” “Vocês dois já se conhecem?”, perguntou Polly. E de fato havia algo de íntimo no jeito como falavam, a cabeça próxima, olhando para o salão em volta. Natalie entrou tão facilmente no papel que teve de lembrar que essa

intimidade não tinha existido antes dessa noite. Estava sendo fabricada nesse exato momento, junto com sua história.

O vinho ruim circulou. Um juiz matusalêmico levantou-se para fazer um discurso. Ele arqueou as sobrancelhas, parecendo uma coruja, e não deixou de mencionar a primeira apresentação de *Noite de Reis* ou de pintar um cenário sanguinolento de camponeses saqueadores queimando livros de direito: "… e se olharmos para a tradução de Oman da *Anonimalle Chronicle*, encontramos, temo dizer, um retrato um tanto desanimador da profissão… Pois, ao serem encurralados na nossa própria Temple Church, nossos não tão nobres predecessores pouco fizeram para deter a multidão enfurecida. Se me permitirem citar: *Foi maravilhoso ver como até o mais idoso e débil deles entrou na luta, com a agilidade de ratos ou espíritos malignos…* Posso lhes garantir que hoje em dia a decapitação — em Londres, pelo menos! — felizmente é algo raro, e o abuso para com os advogados em geral está limitado a…". Natalie ficou encantada. A ideia de que sua própria existência pudesse estar ligada a pessoas que viveram seiscentos anos atrás! Não mais uma convidada acidental na mesa — como ela sempre tinha se visto —, mas uma anfitriã, com outros anfitriões, dando continuidade a uma tradição. "E então cabe a vocês", disse o juiz, e Frank olhou para Natalie, tentando chamar sua atenção e bocejando comicamente. Natalie cruzou os braços com mais firmeza sobre a mesa e voltou a olhar para o juiz. Assim que o fez, aquilo lhe pareceu uma traição. Mas quem era Frank De Angelis para ela? E ainda assim. Ela olhou de novo para ele e ergueu as sobrancelhas muito de leve. Ele piscou para ela.

89. O tempo desacelera

Uma garçonete polonesa se moveu discretamente ao redor da mesa, procurando os vegetarianos. Frank falou, um monte, e indiscriminadamente, passando bruscamente de um tópico para

outro. Onde outrora ela tinha visto apenas uma postura detestável de quem se acha cheio de direitos, Natalie agora via uma ansiedade perpassando abertamente tudo o que ele fazia. Será que era possível que ela o deixasse nervoso? E, no entanto, só o que ela estava fazendo era ficar sentada silenciosamente ali, olhando para o prato. “Seu cabelo está diferente. Sério? É isso que você faz da vida? Encontrou James Percy ultimamente? Já está associado a um escritório, agora. Na primeira tentativa. Você parece bem, Blake. Está ótima. De verdade, achei que você já não estaria mais aqui quando eu entrasse. O que andou fazendo nesse ano? Eis minha confissão barata: fiquei esquiando. Mas, escuta, também arranjei um tempo pra especialização em direito. Não sou o completo inútil que você acha que sou.” “Não acho que você é um inútil.” “Sim, você acha. Não, vou querer carne, por favor. Mas e aí, o que você andou fazendo?” Natalie não tinha ficado esquiando. Estivera trabalhado numa loja de calçados no shopping Brent Cross, economizando, morando com os pais em Caldwell e sonhando com ganhar a bolsa de Mansfield, que tinha na verdade…

Uma apologética dra. Singh se materializou, substituindo o senhor respeitável de turbante da imaginação de Natalie por uma mulher miúda com seus trinta anos e a cabeça raspada, uma blusa roxa de seda aparecendo por entre as pregas da toga. Ela se sentou. O juiz terminou. Os aplausos irromperam feito zurros.

90. Dificuldades com contexto

Natalie Blake passou de flertar com Francesco De Angelis a listar todas as suas realizações acadêmicas para a dra. Singh. A dra. Singh parecia cansada. Ela serviu um pouco de água no copo de Natalie: “E o que você faz para se divertir?”. Frank se inclinou para a frente: “Não dá tempo de se divertir — a irmã é uma escrava do salário”. Sem dúvida era para ser uma piada, ainda que ruinzinha, e Natalie tentou rir, mas ela viu como Polly corou e Jonathan baixou

os olhos para a mesa. Frank tentou se salvar com um argumento sociológico mais amplo: “Claro, somos uma espécie em extinção aqui”. Ele olhou para o salão em volta com uma mão na testa. “Espera. Estou vendo outro lá. Com isso somos seis no total. Estamos mal de números.” Ele estava bêbado e fazia papel de bobo. Ela sentiu muita pena dele. Aquele “nós” soava estranho na sua boca — nada natural. Ele não sabia nem como ser a coisa que ele era. E como poderia saber? Ela estava tão ocupada se congratulando por ser capaz de ter empatia com e analisar corretamente a curiosa situação de Francesco De Angelis que demorou um pouco para perceber que a dra. Singh estava franzindo o cenho para os dois.

“Temos um programa de inclusão muito eficaz aqui”, disse a dra. Singh, afetada, e virou-se para falar com a garota loira à sua esquerda.

91. Quarta-feira, 12h45: advocacia

Quatro alunos e uma instrutora tomaram seus lugares na parte da frente da sala. O apelante e o respondente receberam nomes de membros do Jogo das Sete Famílias: Sr. Sorte, o Lavador de Dinheiro, e Sr. Tocha, o Incendiário. Nesse momento, Natalie Blake foi obrigada a sair da sala e procurar o banheiro, para dar um jeito no cabelo. O tempo estava excepcionalmente quente, e ela não contava com isso. Suor escorria pelo alongamento no seu cabelo, arrepiando-o todo, e quanto mais ela pensava nisso mais acontecia. Mas ambiciosa ela era, ainda uma garota de NW no coração, e não podia ignorar a crise que se aproximava. Saiu correndo pelo corredor. No banheiro, encheu a pia de água fria, segurou o cabelo para trás e meteu a cara ali. Quando por fim voltou, o único lugar livre era do lado de Francesco De Angelis. Será que ele o guardara para ela? A invenção do amor: parte três. Assim que se sentou, ela

sentiu a mão dele no seu joelho. Por cima da mesa ele lhe passou um lápis.

“Desculpe pela outra noite, Blake. Às vezes eu sou um idiota. Muitas vezes.”

Este era um fenômeno até então desconhecido para Natalie Blake: um homem reconhecendo espontaneamente um erro e pedindo desculpas por isso. Muito tempo depois em sua vida a dois, ocorreu a Natalie Blake que a franqueza de seu marido poderia ser apenas outra consequência de seu privilégio incomum. Mas nessa tarde ela ficou simplesmente desarmada, e grata.

“Melhor ser rápida, você perdeu um montão de coisa.” Ele começou a sussurrar os Fatos Acordados no ouvido dela, excessivamente confiante e com tantos comentários inapropriados e irrelevantes que ela teve de editar sua fala em tempo real enquanto anotava as informações, destacando com marcadores o que poderia servir de base para a apelação. “E agora vem o Advogado Júnior. Ou seja — você sabe.” O Advogado Júnior se levantou. Natalie se virou para olhar Frank de perfil. Ele realmente era o homem mais bonito que ela já tinha visto. Grande, imponente. Os olhos num tom mais claro que a pele. Ela virou-se de volta para examinar o Advogado Júnior. Ele parecia um pré-adolescente. Sua apresentação foi estranha; ele mal tirou os olhos de uma grossa folha A4 e por duas vezes chamou a instrutora de “Vossa Senhoria”.

92. Pós-prandial

“Onde é que nós estamos? Por que estou aqui?”

“Marylebone. Londres não começa e termina na Kilburn High Road.”

“Já garanti meu lugar na hospedaria Lincoln.”

“Papo furado.”

“Frank, me leve de volta. Não sei onde estou.”

“É bom ficar na dúvida às vezes.”

“Temos simulação de audiência pela manhã. Cara, aquela comida era *muito* ruim. E vinho demais. Vá pra casa você também.”

“Estou em casa. Eu moro aqui.”

“Ninguém mora aqui.”

“Oh, mulher de pouca fé. É da minha avó. Por que você não tenta simplesmente se divertir pelo menos uma vez?”

93. Em sintonia

A única coisa na geladeira era uma grande caixa cor-de-rosa da Fortnum & Mason. Dentro havia quatro fileiras de macarons, em deliciosos tons pastéis. Natalie Blake os levou até onde Frank estava sentado, naufragado na “ilha” da cozinha. Espaços brancos em todas as direções. Ele pegou a caixa dela e pôs as mãos em seus ombros.

“Blake, tenta relaxar.”

“Não dá pra relaxar num jardim desses.”

“Esnobismo ao contrário.”

“Estou com tanta fome. Aquela comida era horrorosa. Me dê algo de comer.”

“Depois.”

Ele a carregou até o andar de cima, passando por pinturas e litografias, fotos de família e um sofá canapé no corredor. Entraram num pequeno quarto de sótão no topo do apartamento. A cama ficava exatamente debaixo do beiral do telhado; ela ficou o tempo todo batendo com o cotovelo numa estante de livros. Tomos de direito, Tolkien, um monte de brochuras de terror dos anos 1980, autobiografias de empresários e políticos. Ela reparou num conhecido seu perdido ali, *The Fire Next Time*.

“Você leu esse?”

“Acho que ele conheceu minha avó em Paris.”

“É um bom livro.”

“Acredito em você, Advogada Júnior.”

94. Os prazeres de nomear

Talvez o sexo realmente não seja uma questão de corpo. Talvez seja uma função da linguagem. Os gestos em si são limitados — só existem tantos lugares para tantas coisas entrarem —, e tecnicamente Rodney não era deficiente em nenhum aspecto. Ele era silencioso. Enquanto toda a falação boba, descontrolada, não autoconsciente e constrangedora de Frank encontrava sua razão de ser aqui, numa cama.

95. Pós-coito

"Ele era de Trinidad, morava em South London, trabalhava na ferrovia. Ela diz 'motorista' para dar mais efeito — mentira. Um vigia. Mais tarde ele trabalhou num escritório em algum lugar. Ela o conheceu num parque. Nunca o conheci. Harris. Eu deveria mesmo me chamar 'Frank Harris'. Ele morreu. É isso."

Mesmo nu ele fazia alarde. Natalie Blake se moveu até ficar por cima e olhar dentro dos olhos dele. Expressões infantis de vulnerabilidade, orgulho e medo continuavam perfeitamente visíveis no rosto adulto. Eram essas as qualidades que a atraíam, claro. "Voltou pra Milão grávida de mim. Era na década de 1970. Depois Apúlia. Depois Inglaterra pra estudar. Não é um problema, foi uma ótima forma de crescer. Eu adorava minha escola." Um filho único. Uma família renomada, rica embora não tão rica quanto outrora fora. "Houve um tempo em que todas as famílias decentes da Itália tinham um forno a gás De Angelis…" Ninguém sabia o que fazer com o cabelo dele. Ninguém falava inglês. Perigosamente bonito. Oito anos de idade.

96. O único autor

"Mas assim você faz eu parecer uma vítima, e a questão é que eu me diverti muito, essas coisas eram só detalhes, não sei nem por que a gente está falando disso. Todas as suas perguntas vão

induzindo. Raro negroide italiano tem infância feliz, aprende latim, fim. E então nada de muito interessante acontece entre 1987 e esta noite.” Ele a beijou de forma extravagante. Talvez ela sempre fosse cuidar dele, ajudá-lo a se tornar uma pessoa real. Afinal de contas, ela era forte! Mesmo uma relativa fraqueza em Caldwell se traduzia como força impressionante no mundo. O mundo pedia muito menos de uma pessoa e sua construção era mais simples.

97. Nota bene

Natalie não deixou de se perguntar se o internato de Frank não poderia ter feito a mesma coisa por ele.

98. Aniversário de seis meses

“Frank, vou descer, não consigo trabalhar com a televisão ligada. Posso levar o *Smith and Hogan*?”

“Sim, e então o queime.”

“Como é que você vai passar nesse exame?”

“Talento.”

“Mas o que é *isso*?”

“MTV Base. Videoclipes são a única forma alegre de arte moderna. Olha pra essa alegria.”

Ele se inclinou para a frente na cama e pôs o dedo numa B-girl dançando com um agasalho de náilon branco. “Eu estava em Apúlia quando ele morreu. Ninguém entendeu. *Algum gângster gordo? E daí?* Era essa a atitude. Até onde eu sei isso nem música é.”

Tudo o que ele dizia parecia maravilhoso. Só lhe faltava o que os italianos chamam de *forza*, a qual a própria Natalie Blake daria (ver acima).

99. Frank busca Leah

O sol entrava através das persianas em longas sombras. Natalie Blake estava postada na soleira da porta da sala de estar, nervosa, segurando um copo de vodca, pronta para amenizar qualquer

discórdia. Leah e Frank estavam sentados um do lado do outro no Chesterfield da avó dele. Natalie via o quanto Leah tinha se transformado. Não mais desengonçada: alta. Não mais cabelo de fogo: “ruiva”. O período experimental tinha terminado. Saia jeans, moletom com capuz, botas felpudas, uma grossa argola de ouro em cada orelha. De volta a suas origens. Natalie Blake ficou vendo seu namorado Frank De Angelis separar carreiras brancas tortas numa mesa com tampo de vidro, enquanto sua boa amiga Leah Hanwell enrolava uma nota de vinte, fazendo um fino tubinho. Ela viu como ele ouvia atentamente enquanto Leah falava de um homem chamado, na pronúncia dela, Me-shell. Eles tinham acabado de se conhecer em Ibiza. Frank estava levando a tarefa a sério. Ele entendia que não poderia haver uma Natalie Blake amorosa sem uma Leah Hanwell amorosa antes.

“Taí uma coisa que me interessa: vocês garotas — vocês gostam dos seus irmãos Eurolixo. Mas não é verdade? É uma estranha coincidência. Não há muitos de nós. É uma competição?”

“Escuta, cara: *você* é Eurolixo. Ele é de Guadalupe! O pai dele estava no lance do movimento de resistência — basicamente, ele teve de fugir, a família toda teve. O pai dele é zelador de escola em Marselha agora. A mãe dele é argelina. Ela não sabe nem ler nem escrever.”

Frank baixou a cabeça e contorceu a boca num esgar cômico.

“Ponto para Hanwell. Ele certamente parece o sal da terra. Filho de um defensor da liberdade. Sou obrigado a ceder no campo da superioridade moral. Eu definitivamente não sou o sal da terra.”

Leah riu: “Você é a cocaína no espelho. A cocaína mal separada”.

100. Natalie busca Elena

Um almoço em Mayfair. Uma bela mulher leva uma ostra à boca, engole-a. Seu celular é tão fininho e leve que se encaixa perfeitamente no bolso de seda de sua blusa. “E ele está

trabalhando duro?", ela pergunta. Elena De Angelis bateu um fino cigarro na toalha da mesa e deu a Natalie Blake um olhar de esguelha intensamente astuto. Antes que Natalie pudesse abrir a boca para gaguejar uma resposta, Elena riu. "Não se preocupe — não vou pedir pra você mentir. O direito não vai servir pra Cesco, claro que não. Mas minha esperança era que fosse uma coisa útil num sentido mais amplo, para seu caráter. Foi assim com o tio dele. Bem. Ele te conheceu. Você é a primeira mulher de verdade que ele chegou a me apresentar. Não é pouca coisa. Diga-me, é verdade que você precisa ir a jantares certa quantidade de vezes ao longo do ano senão não pode se tornar advogada?" Natalie ficou vendo Elena bater as cinzas no prato. Ela quis muito saber como essa mulher amou e perdeu um vigia de trem de Trinidad. "Sim", ela disse, "doze vezes. No salão principal. Costumavam ser trinta e seis." Elena soltou dois jatos de fumaça pelas narinas. "Que país curioso é este!" Um garçom aproximou-se e de alguma forma a conta foi paga sem nenhuma caça horrível a carteiras e dinheiro. "Cesco, por favor, ligue para o seu primo. Eu disse que você ia ligar duas semanas atrás, e eles não podem manter um cargo em aberto pra sempre. É constrangedor."

101. Adiante e além

Frank reprovou no exame da ordem de forma espetacular, chegando quarenta e cinco minutos atrasado, saindo dez minutos antes. Depois disso a primeira coisa que ele fez foi ligar para a mãe. Natalie viu o quanto essa conversa o animou. Elena era o tipo de mulher que prefere um desastre espetacular a uma derrota convencional.

Leah Hanwell encontrou um apartamento deprimente ao sul do rio, em New Cross, e Natalie Blake, em respeito à sua velha amizade, foi morar com ela. Ela lia peças processuais em suas longas viagens triangulares de metrô: New Cross, Lincoln's Inn,

Marylebone. Ela escapava para a cama de Frank. Levantava. Deitava de novo. “Que horas são?” “Onze e quinze.” “Tenho que ir nessa!” Ela tentava se forçar a levantar e pegar um ônibus noturno, na direção sul. “Seus princípios passam mais tempo naquela espelunca do que você”, comentava ele. Ela afundava de volta nos travesseiros.

Perspicaz em explosões súbitas e difíceis de prever.

Bobo e sempre carinhoso. Ele ligava muito.

Passando pela catraca, o celular que ele comprou para ela tocou: “Natalie Blake, você é literalmente a única pessoa no mundo que eu consigo suportar”.

Foi naquele ano que as pessoas começaram a falar “literalmente”.

Frank estava na sua escrivaninha na Investimentos Durham e Macaulay, apostando no preço futuro de coisas que ele era incapaz de descrever para ela. Mais símbolos, ela supôs, embora de um tipo que não podia decodificar.

102. Salve a si mesma

Para se explicar a si mesma, Natalie Blake recorria a uma imagem convencional. Rio largo. Águas turbulentas. Pedras para atravessar. Caldwell, testes, faculdade, exame da ordem — estágio. O espaço entre essa última pedra e a seguinte era quase grande demais para transpor. Não havia bolsas e nenhuma forma de ganhar algum dinheiro de verdade durante a primeira metade do ano de estágio. Teria de haver outro empréstimo, combinado com a poupança na cooperativa de crédito, intacta desde a infância. Essa cooperativa de crédito, uma preocupação local, não por acaso também operava no nível de imagens convencionais.

103. Porcos capitalistas

Ele se chamava Peter: tinha uma fenda em forma de moeda nas costas. Marcia Blake guardava o caderninho de bolso vermelho e

cuidava do caixa. Quando se alcançavam determinados valores importantes (vinte e cinco libras, cinquenta libras, cem), a criança ganhava primeiro Peter, e depois vários membros da família suína com a marca da cooperativa de crédito. Na casa dos Blake esses porcos eram considerados parte da decoração, e ficavam todos juntos numa prateleira da sala de estar. Às vezes Marcia dava um vislumbre da coluna do "crédito" com a extraordinária soma (intocável) de setenta e uma libras ou algo assim. Natalie nunca tocou nessa poupança, e agora, vinte anos depois, aquilo finalmente ia acrescentar algo. Ah, as lembranças! E talvez ela até se lembrasse de ter manuseado as antigas notas de uma libra. Difícil dizer: a nostalgia é uma força tão deformadora.

"Você tá nesta fila?"

Natalie olhou para a velhinha atrevida na altura do seu cotovelo, segurando seu pequeno caderninho vermelho. Ela ergueu seu próprio caderninho vermelho, distraída: "Acredito que sim".

Mas a fila era uma multidão amorfa de pessoas barulhentas de NW segurando caderninhos, falando alto e empurrando. Alguém disse: "Precisamos de alguma organização nessa fila, cara! Isso aqui tá sempre um caos!". Outro: "Essa gente não sabe o que é fila britânica".

Os organizadores de alumínio que deviam estar plantados em intervalos regulares no carpete sujo não tinham sido colocados. Natalie podia vê-los empilhados num canto perto das mesas dos atendentes.

"É você agora. Vá!", disse a velhinha, e Natalie Blake, sem saber ao certo se houvera justiça ou não, foi até a mesa indicada, teve uma conversa perturbadora com uma atendente chamada Doreen Bayles, deu um jeito de sair do bolo de gente e chegar à Kilburn High Road, escorou-se num ponto de ônibus e chorou.

104. Cento e dez por cento

“Estou tão chateada com o pastor”, disse Marcia, chorando. “É terrível demais, quando dei o dinheiro para ele de boa-fé, ele jurou de pés juntos que era cento e dez por cento de certeza que eu ia recebê-lo de volta — ele jurou pra mim com a mão no coração, porque é pra igreja, e é por pouco tempo! Estamos plantando uma igreja em Laos, levando a palavra para lá, onde as pessoas realmente precisam. Não consigo acreditar, porque eu ia só tirá-lo e colocá-lo de volta e você não ia nem perceber porque era por pouco tempo, era só pra servir como uma ponte, foi isso que ele disse, e eu acreditei nele, claro! Ele é um bom homem. Estou tão chateada com o pastor agora, Keisha! Quando descobri fiquei totalmente fora de mim. É que eu confio demais, é esse o problema, e isso é o pior de tudo, porque acho que as pessoas estão falando a verdade quando de fato estão enganando, mentindo. É muito difícil confiar depois disso. Muito difícil.”

105. Uma cena romântica em Green Park

Natalie tinha estabelecido uma regra de que as atividades românticas deveriam ser acessíveis para ambas as partes. Às vezes isso provocava uma briga. Hoje não havia do que reclamar. Jornal do fim de semana. Entrevistas com celebridades. Resenhas de filmes. Opinião. Lonely Hearts. Sol forte. Almoço trazido de casa. Red Stripes.

“Ah, e eu conversei com Elena — ela concorda.”

“Aí vem o guarda. Frank, vamos passar pra grama — não vou pagar dois paus por uma espreguiçadeira.”

“Você está me ouvindo? Falei com minha mãe. Queremos te dar o dinheiro.”

Natalie largou o caderno de sábado, virou-se para Francesco De Angelis e apoiou o rosto na lona da cadeira, esperando o choro chegar, ficar “tomada”. Em vez disso sua expressão era vazia, sua mente estando estranhamente ocupada.

106. Parklife

Indivíduo fêmea busca indivíduo macho para relacionamento amoroso. E vice-versa.

Pessoa da classe baixa com capital intelectual mas nenhuma riqueza excedente busca pessoa da classe alta com riqueza excedente substancial para aproveitamento de vantagens mútuas, incluindo maior expectativa de vida, melhor nutrição, menos horas de trabalho e aposentadoria antecipada, entre outros benefícios.

Animal humano precisando de comida e abrigo busca animal humano do sexo oposto para lhe dar prole e permanecer com ele até que a sobrevivência independente da referida prole seja provável.

Alguns genes, buscando sua própria sobrevivência, vão atrás do que quer que lhes dê a maior probabilidade de se replicar.

107. Não vamos brigar, benzinho

Ele continuava falando. Estava com sua cara de adulto, a que ele usava no dia a dia para trabalhar. Ela sabia que era uma farsa. O motivo de ele não conseguir explicar para ela o que fazia no trabalho não era o trabalho ser complicado demais para que ela entendesse (embora fosse), mas ele próprio não o entender realmente. Então ele ia blefando um dia depois do outro, passo a passo. Ela sempre soube que o ego dele era delicado e construído sobre certas bases, e ela considerava esse traço — universal entre os homens, até onde ia a experiência dela — um preço pequeno a se pagar pela supracitada honestidade e liberalidade sexual e beleza dele.

“… e então eu simplesmente disse a Elena: essa garota foi aprovada em segundo lugar no exame anual — mesmo se eu não a amasse, não faz *sentido* deixar que esse tipo de habilidade seja desperdiçado por falta de recursos, não faz sentido

economicamente. Sua família por algum motivo se recusa a te ajudar…”

“Eles não se recusam a me ajudar, Frank — eles não têm como!”, gritou Natalie Blake, engajando-se numa defesa apaixonada de sua família, embora o fato fosse que não estava falando com nenhum deles.

108. Política em ação

“Cheryl podia parar de ter filhos. Seu irmão podia arranjar um emprego. Eles podiam abandonar aquela religião que vive de arrancar dinheiro. Sua família faz más escolhas de vida — isso é apenas um fato.”

“Você devia parar de falar, porque você realmente não sabe do que está falando. Não quero falar sobre isso no maldito metrô.”

Parecia que Natalie Blake e Francesco De Angelis tinham entendimentos opostos da palavra “escolha”. Ambos acreditavam que sua própria interpretação fora objetivamente pensada e de forma nenhuma era o produto de sua criação contrastante.

109. John Donne, Lincoln’s Inn, 1592

Um alvoroço vinha da sala dos coordenadores jurídicos acima. Polly saiu-se com uma tirada espirituosa para descrevê-lo: “uma sinfonia cockney de imprecações”.

“Nat, que horas é o seu voo?”

“Amanhã às sete da manhã.”

“Olha, onde você prefere: Toscana ou West London Youth Court? Estou falando sério, suma daqui enquanto ainda pode.”

Elas eram as únicas que tinham ficado para trás na sala dos estagiários. Todo mundo ou estava no tribunal ou já no bar.

“Você pode até levar meu último cigarro. Considere parte do enxoval.”

Natalie vestiu o casaco enquanto Polly acendia o isqueiro, mas elas não foram rápidas o suficiente para evitar cruzar com um coordenador, Ian Cross, que surgiu no final da escada com um relatório.

“Ei. Apague isso aí. Concentrem-se. Quem quer isso?”

“O que é isso?”

Ian virou o relatório que segurava: “Viciados. Roubo. Incêndio criminoso leve. São as anotações do jovem sr. Hampton-Rowe na parte de trás — sobre as do Bridgestone. Ele recebeu uma ligação mais importante de última hora. Aquele filho da mãe do reverendo Marsden. Coisa grande.”

Natalie viu Polly corar e estender a mão para pegar o relatório, simulando um leve interesse: “Reverendo quem?”.

“Você está de brincadeira, né? O pastor fez uma puta em pedacinhos e a largou em Camden Lock. Só falam disso. Você não lê jornal?”

“Não esse tipo de jornal.”

“Você deveria entrar no século XXI, querida. Só existe um tipo de jornal hoje em dia.” Ao sorrir, a mancha de vinho do porto em volta do olho esquerdo dele enrugou de forma horrível. Outra das tiradas espirituosas de Polly: “toda uma personalidade construída em torno de uma mancha”.

“Dê pra mim. Ela não pode. Nat se casa no domingo.”

“Meus cumprimentos. Todo mundo deveria fazer isso. Nenhum homem é uma ilha, é o que eu sempre digo.”

“Ah, então foi você quem disso isso? Eu estava mesmo querendo saber quem tinha sido. Nat, querida, fuja daqui. Salve-se. Beba um por mim.”

110. Parêntesis de personalidade

(Às vezes, quando se divertia com as descrições capsulares da personalidade dos outros feitas por Pol, Natalie temia que, diante da

ausência da dela própria — da de Natalie —, sua própria personalidade — a de Natalie — também estivesse sendo encapsulada por Pol, embora ela não conseguisse temer realmente essa possibilidade porque no fundo não conseguia acreditar que alguma vez falariam dela — de Natalie — do jeito que ela — Natalie — falava de outras pessoas e ouvia outros falarem sobre outras pessoas. Mas em nome de um experimento mental: em torno do que a personalidade de Natalie Blake foi construída?)

111. Happy hour

Natalie Blake desceu as escadas e passou apressada pela sala dos coordenadores, para evitar qualquer outro relatório. Ela saiu para o cone de aspiração da Middle Temple Lane. Todos seguiam na mesma direção, rumo à Chancery Lane, e ela entrou no ritmo, encontrou dois amigos, depois mais dois. Quando chegaram a The Seven Stars, eles já formavam um grupo grande demais para pegar uma mesa lá dentro. A única outra mulher — Ameeta — ofereceu-se para buscar as bebidas e Natalie se ofereceu para ajudá-la. “Doses de vodca ou cerveja?” Elas tinham se esquecido de perguntar. Ameeta, outra garota da classe trabalhadora, mas de Lancashire, estava ansiosa por acertar — como estagiárias mulheres da classe trabalhadora, elas frequentemente ficavam ansiosas por acertar. Natalie Blake aconselhou levar as duas coisas. Alguns minutos depois elas voltaram com seus práticos terninhos com saia, carregando duas bandejas pouco firmes e melecadas de espuma. Os homens estavam um do lado do outro perto das grades da Royal Courts, fumando. Era um adorável fim de tarde de verão em Londres. Os homens assobiaram. As mulheres se aproximaram.

112. Sir Thomas More, Lincoln’s Inn, 1496

“Alguém jogue essa garota pra cima! Ela vai se casar. Ah, os bons morrem jovens. Qual é o nome dele mesmo? Francesco. Um

macarrone? Requisito a anulação. Metade Trini, na verdade. É A DITADURA DO POLITICAMENTE CORRETO. Mas falando sério, Nat. Toda a sorte do mundo pra você. Todos nós te desejamos toda a sorte do mundo. Não acredito em sorte. Cadê meu convite? É, cadê meu convite? Cuidado com esse copo aí! Ninguém foi convidado, nem a família. Queremos ficar sozinhos. Ahh, exclusivo! Alguém erga essa garota. Pol diz que ele é cheio da grana também. Durham e Macaulay. Rapidinha na prefeitura de Islington. Lua de mel em Positano. Classe executiva. Ah, a gente sabe bem como é. Ah, sim, a gente sabe. Blake não é boba. Ai! Sem bater. A questão é, você está passando pro outro lado. Campo inimigo. Seremos obrigados a continuar a caça ao amor na sua ausência. Este sujeito, Francesco: ele aprova sexo depois do casamento? Italianos tendem a aceitar. Católico, imaginamos. Ah, sim, imaginamos. Frank. Todo mundo o chama só de Frank. Ele é só metade italiano. Jake, pega a perna direita dela. Ezra, pega a esquerda. Ameeta, pega a bunda. Me põe no chão! Você ficou responsável pela bunda, Ameeta, querida. Protesto! Por que é que justo a Ameeta foi ficar com a melhor parte? Porque *sim*. Protesto indeferido. Por que um cavalheiro não pode mais se referir à parte posterior de uma dama hoje em dia? ESTOU DIZENDO QUE É A DITADURA DO POLITICAMENTE — ah, foda-se. Um dois três ERGUER."

Os advogados trainees carregaram Natalie Blake pela rua, gritando. O nariz dela ficou na altura dos arcos das portas do século XVI. Tão longe de casa!

"ELA VAI SE CASAR AMANHÃ DE MANHÃ."

"Depois de amanhã. De quem é aquela estátua, ali em cima?"

"Meu latim está enferrujado — não faço a menor ideia… Pra que lado a gente vai? North? West! Que linha você pega, Nat? A Jubilee?"

113. Miele di Luna (duas semanas)

Sol.
Prosecco.
Céu claro.
Andorinhas. Arco. Mergulho.
Pedregulhos azuis.
Pedregulhos vermelhos.
Elevador até a praia.

Praia vazia. Nascer do sol. Pôr do sol.
“Sabe o quanto isso é raro na Itália?
É por isso que você paga
— pelo silêncio!”
Ah.
Ele nada. Todos os dias.
“A água está perfeita!”
Onda.

Jornais ingleses. Duas cervejas. Arancini.

“Tudo bem se eu puser neste cartão? Estamos no quarto quinhentos e doze. Estou com meu passaporte.”

“Claro, senhora, você está na suíte nupcial. Posso te perguntar uma coisa? De onde você é?”

Onda.
O garçom usa luvas brancas.
Obituários. Resenhas. De capa a capa.
Rum e coca. Cheesecake.

“Posso pôr direto no quarto? O outro rapaz disse que não tinha problema. Quinhentos e doze.”

“Claro, senhora. Como vocês chamam isso, em inglês?”

“Binóculos. Meu marido gosta de aves. Estranho falar essa palavra.”

“Binóculos?”

“Marido.”

A praia pública fica na ponta da península. Quatro milhas daqui. Ops. Gritos. Risada. Música saindo de alto-falantes. Mais corpos que areia.

Queria estar aqui?
Vazia.
Exclusiva.
“Isso realmente é um paraíso!”
ah
onda

Única família. Guarda-sol vermelho. Mãe, pai, filho. Louis. LOOO-weee!
Shorts rosa. ONDA
Nenhum lugar e nada.
LOOO-WEEE!

Drinque com vodca.

“Você tem uma caneta? Sabe de onde eles são?”

“Paris, *signora*. Ela é uma modelo americana. Ele é da computação. Francês.”

Louis picado por uma água-viva.
Acontecimento dramático!

Drinque com rum. Camarão. Bolo de chocolate.

“Quinhentos e doze, por favor.”

“Senhora, juro que isso é impossível. Não há águas-vivas aqui. Este é um resort de luxo. É por isso que a senhora não nada?”

“Eu não nado porque não sei nadar.”

Linguine com vôngole, gim e tônica, drinque com rum.

"*Signora*, de onde é? Americana?"

"Quinhentos e doze."

"Aquele é seu namorado nadando?"

"Marido."

"Ele fala italiano muito bem."

"Ele é italiano."

"E a senhora? *Dove sei*?"

114. L'isola che non c'è

"Você devia pelo menos pôr o pé na água uma vez", disse Frank De Angelis, e Natalie Blake ergueu os olhos para o lindo torso moreno de seu marido, com água salgada escorrendo, e retomou sua leitura. "Você anda arrastando esses papéis de um lado pro outro desde o avião." Ele olhou por cima do ombro dela. "O que é tão interessante?" Ela mostrou-lhe a página amarrotada e danificada pela água com os anúncios pessoais. Ele suspirou e pôs os óculos de sol. "'Almas gêmeas.' *Che schifo*! Não sei por que você adora ler estas coisas. Elas me deprimem. Tantas pessoas solitárias."

115. O Old Bailey

A cabeça de Ian Cross surgiu pela porta dos estagiários. Uma sala cheia de estagiários olhou esperançosa. Cross olhou para Natalie Blake.

"Quer ver um júri grandinho chorar? Bridgestone precisa de um estagiário pra fazer número. Tribunal Um, Bailey. Com Johnnie Hampton-Bundão. Não se preocupe, você não vai ter que fazer nada, só ser bonita. Pegue sua peruca."

Ela ficou animada por ter sido escolhida. Aquilo provava a eficácia de sua estratégia, em comparação com, digamos, a de Polly. Não se envolva romanticamente com os associados estrelinhas dos escritórios da área criminal. Faça um bom trabalho. Espere seu bom

trabalho ser reconhecido. Essa inocência e esse orgulho se mantiveram até o momento em que ela tomou seu lugar e viu a família da vítima na galeria, inegavelmente jamaicana, os homens com brilhantes ternos cinza trespassados, as mulheres com seus chapéus de abas largas decorados com ramos de flores artificiais.

"Olhe e aprenda", sussurrou Johnnie, erguendo-se para as observações iniciais.

116. Voyeurismo

A defesa constitui-se ao longo dos mesmos princípios básicos da transubstanciação. Alguém tinha usado o apartamento do pastor para retalhar Viv. Alguém tinha deixado o corpo dela em Camden Lock, em vários sacos de lixo, a vinte metros da porta dos fundos da casa dele. Ele alegou que a chave circulava livremente entre seus paroquianos; muitas pessoas tinham uma cópia. O fato de que o esperma dele foi encontrado nela evidenciava apenas outra coincidência. (Os jornais tinham encontrado uma série de prostitutas locais suspeitosamente parecidas com ela, todas alegando terem conhecido o pastor no sentido bíblico do termo.) "Mas este não é um julgamento sobre raça", disse Johnnie, dirigindo a atenção do júri para Natalie Blake com um sutil movimento do braço, "e permitir que ele se torne isso é submeter o ônus da prova — sua primeira preocupação, como jurados num tribunal britânico — aos princípios de culpado-porque-sim da nossa lamentável imprensa marrom." Os do grupo amontoado e aflito da família de Viv não paravam de agarrar uns aos outros, mas Natalie não voltou a olhar para eles.

A acusação mostrou uma apresentação de PowerPoint. Cômodos de Camden com uma aparência imunda. Natalie Blake inclinou-se para a frente no assento. O foco eram as manchas de sangue, mas era todo o resto que a interessava. Quatro cadeiras brancas típicas dos anos 1960, bastante estranhas para um homem do clero. O piano grande demais na sala pequena demais. O sofá e a otomana

não combinando, uma TV de última geração. Cozinha sob medida e fora de moda com um piso de cortiça infeliz, absorvendo o sangue. Natalie sentiu uma cotovelada do advogado júnior e começou a rabiscar as falsas anotações que a instruíram a fazer.

117. Na sala das togas

Enquanto Natalie Blake se virava para tirar a toga, Johnnie Hampton-Rowe surgiu atrás dela, pôs a mão na sua blusa, arrancando-a com o sutiã. Ela demorou para reagir: ele já estava apertando seu mamilo antes que ela conseguisse perguntar que porra ele achava que estava fazendo. Com a mesma mágica que ela tinha acabado de ver no tribunal, ele transformou o fato de ela gritar em crime. Desistiu de imediato, suspirando: “Tá bem, tá bem, foi mal”. Atravessou a porta antes que ela se virasse. Quando por fim ela conseguiu se recompor e sair da sala, ele já estava na outra ponta do corredor, brincando com o resto da equipe, discutindo a estratégia do dia seguinte. O advogado júnior apontou para Natalie com uma caneta. “Bar. Seven Stars. Você vem?”

118. Consulta de emergência

Leah Hanwell marcou de encontrar Natalie Blake na Chancery Lane Station. Ela estava trabalhando ali perto, como recepcionista numa academia na Tottenham Court Road. Elas foram andando até o Hunterian Museum. Começou a chover. Leah ficou entre duas enormes colunas da arquitetura paládica e olhou para a inscrição em latim acima, gravada em granito.

“Não podemos ir para o bar?”

“Você vai gostar disso.”

Elas deixaram suas parcas doações no balcão.

“Hunter era um anatomista”, explicou Natalie Blake. “Esta era sua coleção particular.”

“Você contou a Frank?”

“Ele não vai ser de grande ajuda.”

Sem nenhum aviso, Natalie empurrou Leah para o primeiro salão, como Frank fizera com ela alguns meses antes. Leah não gritou ou ficou sem fôlego ou cobriu os olhos com as mãos. Ela passou sem titubear por todos os narizes e canelas e bundas boiando nos seus frascos de formaldeído. Foi direto até os ossos do Gigante O’ Brien. Pôs a mão espalmada contra o vidro e sorriu. Natalie Blake a seguiu, lendo um panfleto, explicando, sempre explicando.

119. Pintos

Grossos e curtos e um tanto cômicos, com um corte de alguns centímetros atrás da cabeça, ou talvez simplesmente encolhidos na morte. Alguns circuncidados, alguns aparentemente gangrenosos. “Não estou lá com muita inveja”, disse Leah. “Você?” Elas continuaram. Passaram por ossos do quadril e dedos do pé, mãos e pulmões, cérebros e vaginas, ratos e cachorros e um macaco com um tumor grotesco no queixo. Quando chegaram nos fetos em estágio final, elas já estavam um pouco histéricas. Testas enormes, queixos pequenos e estreitos, olhos fechados, bocas abertas. Natalie Blake e Leah Hanwell fizeram uma careta à la Munch uma para a outra. Leah se ajoelhou para ver uma parte doente de material humano que Natalie não conseguiu identificar.

“Você foi até o bar.”

“Fiquei sentada lá por vinte minutos olhando para a textura da mesa. Eles conversaram sobre o caso. Fui embora.”

“Você acha que ele fez a mesma coisa com essa Polly?”

“Eles tiveram um ‘rolo’. Talvez tenha começado do mesmo jeito. Talvez ele faça isso com todo mundo.”

“E a coisa complica. Odeio essas intrigas. Na academia é a mesma coisa, cheia de pintos fazendo drama. Me deixa doida.”

“O que é aquele pedacinho? Câncer?”

“Do intestino. O tipo do pai.” Leah se afastou do frasco e se sentou num banquinho no meio da sala. Natalie se juntou a ela e apertou sua mão.

“O que você vai fazer?”, perguntou Leah Hanwell.

“Nada”, disse Natalie Blake.

120. Intervenção

Algumas semanas se passaram. A dra. Singh encurralou Natalie Blake na sala dos estagiários. Estava claro que ela tinha sido enviada como uma espécie de emissária. Algumas pessoas do andar de cima — não nomeadas — estavam “preocupadas”. Por que ela tinha parado de participar da vida social do escritório? Ela se sentia isolada? Ajudaria conversar com alguém que já tinha “passado por isso”? Natalie pegou o cartãozinho. Sem perceber, ela deve ter revirado os olhos. A dra. Singh pareceu ofendida e passou o dedo por baixo de uma série de títulos: Conselheira da Rainha, Oficial da Ordem do Império Britânico, ph.D. “Theodora Lewis-Lane foi uma pioneira” — isso num tom de censura — “Não haveria nós sem ela.”

121. Modelos

Uma confeitaria chique na Gray’s Inn Road. Natalie estava quinze minutos atrasada, mas Theodora estava vinte, demonstrando que a “hora jamaicana” ainda não tinha realmente desaparecido em ambas. Ela ficou fascinada com o alongamento de celebridade de Theodora (tendo recentemente abandonado o seu, a pedido de Frank) e com as variantes sutis e glamorosas que ela incorporou ao uniforme feminino não oficial de advogada: uma blusa de cetim dourada por baixo do blazer; uma pedrinha de diamante nos sapatos pretos de tribunal. Ela tinha no mínimo cinquenta anos, com o dom usual da ilha de parecer vinte anos mais nova. Surpreendentemente — considerando sua temida reputação —, ela

não tinha mais do que um metro e cinquenta e sete. Quando Natalie levantou num salto da cadeira para cumprimentar Theodora, ela pareceu desconcertada. Ao se sentar, recuperou sua seriedade. Com um sotaque não encontrado na natureza — algo entre a Rainha e o relógio falante —, ela pediu uma enorme quantidade de doces antes de passar, sem nenhum encorajamento, a contar a história de sua infância na South London gótica e do seu improvável triunfo profissional. Quando essa história ainda não tinha terminado totalmente, Natalie Blake deu uma mordida meticulosamente pequena num croissant e murmurou: “Acho que eu só queria realmente que meu trabalho fosse considerado por seus próprios méritos…”.

Quando ela ergueu os olhos do prato, Theodora estava com as pequenas mãos cruzadas no colo.

“Você não quer realmente ter essa conversa comigo, quer, srta. Blake?”

“Como?”

“Deixa eu te falar uma coisa”, ela disse, com uma aspereza que desmentia o sorriso fixo no rosto, “sou a conselheira mais nova da minha geração. Isso não é um acidente, apesar do que você possa pensar. Conforme se aprende muito rapidamente nessa profissão, a sorte favorece os corajosos — mas também os pragmáticos. Suponho que você esteja interessada num escritório de direitos humanos de algum tipo. Violência policial? É esse o seu plano?”

“Não tenho certeza ainda”, disse Natalie, tentando soar confiante. Ela estava à beira das lágrimas.

“Não foi o meu. Na minha época, se você descesse por esse caminho as pessoas costumavam associar você aos seus clientes. Aceitei um conselho logo no início: ‘Evite trabalho no gueto’. Foi o juiz Whaley quem me deu. Ele sabia melhor que ninguém. A primeira geração faz o que a segunda não quer fazer. A terceira é livre para fazer o que quiser. Quanta sorte você tem. Se ao menos a

sorte viesse com um pouquinho de humildade educada. Bem, acredito que este lugar sirva vinho. Você tomaria um vinhozinho?"

"Não quis ser grosseira. Me desculpe."

"É uma boa dica para o tribunal: não pense que seu desprezo é invisível. Você vai descobrir ao amadurecer que a vida é um espelho de duas faces."

"Mas eu não *sinto* desprezo…"

"Acalme-se, irmã. Tome uma taça de vinho. Eu era igualzinha na sua idade. Odiava que me dissessem o que fazer."

122. O conselho de Theodora

"Quando comecei a me apresentar diante dos juízes, eu não parava de ser repreendida por eles. Estava perdendo todos os casos e não conseguia entender por quê. Então percebi o seguinte: quando algum cara de cabelo lisinho de Surrey comparece diante desses juízes, todos os seus argumentos apaixonados são interpretados como 'pura defesa'. Ele e o juiz se reconhecem. Eles se entendem. Muito provavelmente estudaram na mesma escola. Mas a paixão de Whaley, ou a minha, ou a sua, é interpretada como 'agressividade'. Pelo juiz. Aquela é a casa dele e você é um intruso ali. E deixa eu te falar uma coisa, com as mulheres é pior: 'histeria agressiva'. A primeira lição é: desça do pedestal. Um degrau. Dois. Porque isso não é neutro." Ela passou uma mão sobre seu ótimo corpo, da cabeça ao colo, como um escâner. "Isso nunca é neutro."

123. Tchauzinho

oi finalmente

não foi tao dificil assim foi

soh nao gosto de fazer download

eu nao gosto de pc

na internet do TRABALHO. Pcs fracos do governo. Um viruzinho

eu tenho medo do futuro

e eles jah eram neh

ah eh

cala a boca blake

ah é mesmo? Grande MERDA

Ola hanwell QUERIDA. O que te traz pras internets nesta otima tardr tarde

mulher do meu lado tah mandando ver tirando meleca do nariz

tentei te ligar mas ninguem atendeu

maravihloso.

nao posso receber ligacoes pessoais na sala dos estagiariod mas o que foi

tenho novidades

Pegou aids de gato?

tah livre dia seis de maio?

Vc vai pegar aids de gato dia seis de maio? Estou livre se nao estiver no tribunal. Sou uma sehnora advogada agora neh Senhoraa jesus

merda de teclado

senhora jesus eu vou me casar

!!!!!?????

em maio

mas isso eh otimo! como foi que isso aconteceu???

seis no papel mas dom convidados realmetne

estou muito feliz por vc serio

Convidados de verdade.

Eh pra mae na verdade.

aham

e tambem eu o amo muito.

tenho tesao por ele.

Eh importante pra ele e ele quer.

Eh o que as pessoas fazem neh.

desculpe coordenador soh um min.

motivos suficientes?
Acho que vou usar roxo
Tambem por Pauline
E dourado como um padre catolico
Oi?
Desculpe isso eh realmente otimo — parabens!
Isso signifiac
Significa procriacao?
VAH SE FODER MULHER
A
VAH SE FODER COM SEU SMILEY
mal posso acreditar que vc vai subir no altar
o que tah acontecendo com o
eu tambem
universo?
tamo velha
estamos velhas uma ova
pelo menos vc conquistou alguma coisa. Eu soh estou lentamente morrendo
este eh o meu 2º ano como estagiaria. Talvez eu seja estagiaria pelo resto da
morrendo de tedio
vida
nao sei o que iss significa
isso = ruim. A maioria das pessoas se associa depois de UM ANO
enfim uma chatice — posso te dizer uma coisa mesmo se vc nao for goztar
gostar desculpe
foda-se a maioria das pessoas
haha eu definitivamente nao vou gozar agora
posso?
quando vc casa vc precisa desistir de todas as outras pessoas de qualquer forma.
eh essa a ideia, nao?
Ideia besta.
haha
Entao eh soh mais gente de quem desistir.
Isso responde sua pergunta senhora jesus?

haha sim. Vc le mentes mesmo
e qdo todo o resto falha:
www.adultosvendoadultos.com
ajuda a passar o tempo
sabe do que eu to falando. Ah que eh isso garota!
Ei cara nao me deixa aqui falando sozinha!
Desculpe. Problemao no trabalho preciso ir te amo
tchauzinho
“tchauzinho”

124. Uma pergunta numa reunião de associação

Sra. Blake, a senhora estaria preparada para representar alguém do Partido Nacional Britânico?

125. Heroína de Harlesden (com parêntesis)

Natalie Blake não esperava que lhe oferecessem uma vaga de associada. Para converter um julgamento externo numa escolha pessoal, ela contou a si mesma uma história sobre ética legal, forte integridade moral e indiferença para com o dinheiro. Ela contou a mesma historinha para Frank e Leah, para sua família, para seus colegas advogados trainees e para quem quer que lhe perguntasse sobre seu futuro. Essa era uma forma de tornar o futuro seguro. (Toda a contação de história de Natalie tinha, no fim das contas, esse propósito em vista.) Quando, contrariando suas expectativas, de fato lhe ofereceram uma vaga de associada, Natalie Blake ficou numa posição desconfortável diante de sua ética pessoal e sua forte integridade moral e sua indiferença para com o dinheiro (ou, pelo menos, no que concernia à percepção pública dessas qualidades) e foi obrigada a recusar a oferta de se associar e aceitar o trabalho de técnica jurídica na R senb rg, Sl tte y & No ton, sobre o qual ela vinha falando há meses. Uma minúscula firma de advocacia em Harlesden cujo nome já tinha perdido metade de suas letras em estêncil.

126. Tonya busca Keisha

Os clientes de Natalie Blake ligavam em horários inoportunos. Eles mentiam. Geralmente chegavam atrasados ao tribunal, raramente vestiam o que tinham sido aconselhados a vestir e não aceitavam acordos bastante razoáveis. Às vezes eles a ameaçavam de morte. Nos seus primeiros meses na RSN, três dos clientes eram rapazes jovens que “foram pra Brayton”, embora eles fossem muito mais novos que Natalie Blake. Isso a levou a se perguntar se a escola tinha ido de mal a pior — a bem pior. Ela almoçava correndo na lanchonete jamaicana em frente ao McDonald’s, se sentava num banquinho alto e sofria pra conseguir salvar seu terninho do óleo. Empanado, bolinho de peixe e uma lata de cerveja sem álcool, na maior parte das vezes. Ela tentava variar esse cardápio, mas no balcão qualquer espírito de aventura se dissipava. Existia um plano de longo prazo de encontrar Marcia e a irmã de Marcia, Irene, que morava ali perto, para almoçar, mas esse encontro fantasioso, com suas duas horas de tempo ocioso e nenhuma necessidade de ler peças processuais, parecia nunca chegar, e não demorou muito para Natalie Blake entender que jamais chegaria. Com bastante frequência ela via sua prima Tonya na Harlesden High Street. Nessas ocasiões — apesar do seu novo status de senhora advogada —, ela tinha os mesmos sentimentos de insegurança e inadequação que Tonya tinha incutido nela quando eram crianças. Nesta tarde, Tonya usava uma calça de moletom com a palavra HONEY atravessando o traseiro e um colete jeans bem justo com um sutiã amarelo por baixo. Sua franja estava roxa, a argola do seu brinco roçava nos ombros. Seu salto plataforma era vermelho e tinha doze centímetros de altura. Apesar da criança e do bebê no carrinho duplo que ela empurrava, Tonya mantinha as proporções de uma super-heroína numa história em quadrinhos. Ao passo que Natalie era “margar”, como dizem os jamaicanos. Para as pessoas

brancas isso se traduz como “magrinha” ou “atlética”, e geralmente é considerada uma coisa boa. Para Natalie significava basicamente que ela era reta, sem sal. A pele de Tonya nunca ficava feia, estava sempre sedosa e maravilhosa, e ela não tinha tendência a ficar com as espinhas rosas e horrorosas que às vezes cobriam a testa de Natalie e que estavam presentes hoje. Enquanto os dentes de Natalie eram pequenos e cinza, os de Tonya eram bem grandes, brancos, regulares, e no momento estavam à mostra num enorme sorriso. Enquanto Tonya se aproximava, Natalie teve certeza de que ela, Natalie, tinha óleo do bolinho em volta da boca. Mas talvez todo esse deslocamento de ansiedade para o terreno físico fosse uma forma feminina de simplificar uma diferença muito mais profunda e insolúvel, pois Natalie acreditava que Tonya tinha um dom para viver, e a própria Natalie não parecia ter esse dom.

“Estas crianças estão tão lindas que chega a ser um crime.”

“Obrigada!”

“Olhe só pro André — está na cara que ele sabe disso.”

“Isso é coisa do pai dele. O pai comprou essa corrente pra ele.”

“Agora ele está tipo: sou um garanhão de três anos.”

“Sabe do que eu estou falando! Sério.”

Por trás do sorriso, Natalie viu que a prima estava desapontada com essa conversa, querendo, como de costume, estabelecer uma “ligação” mais profunda com Natalie, que desejava evitar precisamente essa intimidade e, portanto, mantinha uma postura superficial e simpática com a prima de forma a não abrir nenhuma brecha. Agora Natalie pôs André no chão e pegou Sasha. Para ela, essas crianças nunca pareceram reais, não importa quantas vezes Natalie tenha sentido o peso delas nos braços. Como Tonya poderia ser a mãe delas? Como Tonya poderia ter vinte e seis? Quando Tonya tinha deixado de ter doze? Quando sua própria vida adulta chegaria?

“Então, estou de volta a Stonebridge, com minha mãe. Elton e eu terminamos, não tem mais volta. Estou cansada de perder meu tempo. Mas está tudo bem. Voltei a estudar, lá em Dollis Hill. College of North West London. Turismo e hotelaria. Estudando sem parar. É difícil, mas estou amando. Você é minha inspiração!”

Tonya pôs a mão no ombro do feio terninho com saia azul-marinho de Natalie. Será que era pena nos olhos da prima? Natalie Blake não existia.

“Como está sua amiga? Aquela garota legal. A ruiva.”

“Leah. Ela está bem. Casou. Trabalhando na prefeitura.”

“Ah, é? Que legal. Filhos?”

“Não. Ainda não.”

“Sua turma tá demorando, né?”

Tonya tirou a mão do ombro da prima, levando-a à cabeça.

“O que você anda aprontando aqui em cima, Keisha?”

Natalie tocou no seu cabelo mal dividido, um coque seco, firmemente puxado pra trás, sem enfeites.

“Pouca coisa. Nunca tenho tempo.”

“Eu fiz tudo isso sozinha. Microtranças. Você devia passar lá em casa e me deixar fazer no seu. São só seis horas. Podíamos fazer à noite, bater um bom papo.”

127. A ligação entre caos e outras qualidades

Na RSN Associados, a lei irrompia de arquivos quebrados, forrava os corredores, o banheiro e a cozinha. Esse caos era inevitável, mas em alguma medida também era uma questão estética, levemente exagerada pelos associados, e pretendia transmitir abnegação, sinceridade. Natalie via o quanto seus clientes achavam o caos reconfortante, assim como os falsos sofás Queen Anne e as pinturas de foxhounds de Middle Temple tranquilizavam outro tipo de cliente. Se você trabalhasse aqui só podia ser por amor à lei.

Somente verdadeiros franciscanos poderiam ser assim tão pobres. Os clientes eram orientados a ir ao Armazém dos Ternos do Jimmy, em Criclewood, para se apresentar ao tribunal. As vitórias eram celebradas internamente, com vinho barato, pão pita e homus. Quando um advogado da RSN vinha te visitar na sua cela, ele chegava de ônibus.

128. "*Na linha de frente*"

Hora ou outra, no tribunal ou em delegacias de polícia, Natalie esbarrava com advogados corporativos que ela conhecia da universidade. Às vezes falava com eles por telefone. Eles geralmente faziam questão de tecer incontáveis elogios à ética legal dela, à sua forte integridade moral e à sua indiferença para com o dinheiro. Às vezes terminavam sua fala com uma bola fora, dando a entender que as ruas onde Natalie tinha sido criada, e aonde agora voltara para trabalhar, eram, na sua mente, uma espécie de lugar perdido, semelhante a uma zona de guerra.

129. Retorno

O trajeto diário a estava "matando". Às vezes uma simples escolha vocabular pode ganhar força no mundo. "Matar" se tornou a premissa para um retorno a NW. "E quanto ao meu trajeto diário?", protestou Frank De Angelis. "Linha Jubilee", disse sua esposa, Natalie Blake, "Kilburn para Canary Wharf". Cuidadosamente ela elaborou um contrato, negociou um empréstimo, dividiu a entrada em dois. Tudo por um apartamento em Kilburn que seu marido poderia ter comprado à vista, sem pestanejar. Quando o negócio foi aprovado, Natalie comprou uma garrafa de cava para comemorar. Ele ainda estava no trabalho, às seis, quando ela pegou as chaves, e continuava lá às oito — e então a inevitável ligação de nove e quarenta e cinco: "Desculpe — vou fazer serão. Pode ir sem mim,

se quiser”. O lema de um casamento. Natalie Blake ligou para Leah Hanwell: “Quer ver eu me arrastar pela porta da frente?”.

130. Retomada

Leah virou a chave na fechadura emperrada. Natalie entrou cautelosa atrás dela, para dentro da vida adulta. Notável por seu silêncio e sua privacidade. Ainda estava sem energia. Uma lua cheia iluminava as paredes brancas e nuas. Natalie ficou envergonhada por se perceber momentaneamente desapontada: depois de ter acampado na casa de Frank todos esses meses, o lugar parecia pequeno. Leah deu uma volta na sala de estar e assobiou. Ela estava se baseando numa escala de medidas mais antiga: duas vezes o tamanho de um apartamento grande em Caldwell.

“O que é aquilo lá fora?”

“Telhado de baixo. Não é uma sacada, o corretor disse que não dá pra…”

Leah passou pelas janelas guilhotina e sobre o peitoril coberto de hera. Natalie foi atrás. Elas fumaram um baseado. Na entrada da garagem abaixo, uma raposa gorda estava sentada tão à vontade quanto um gato, olhando para elas.

“Sua hera”, disse Leah, tocando-a, “seu tijolo, sua janela, sua parede, sua lâmpada, sua calha.”

“Eu divido com o banco.”

“Ainda assim. Aquela raposa está prenhe.”

Natalie sacou a rolha, que quicou na parede e caiu na escuridão abaixo. Tomou um gole lambuzado. Leah se inclinou para a frente e limpou o queixo da amiga: “Socialista de champanhe”. Agora veja como Natalie recalibra a conversa. É uma arte feminina. Ela se coloca no meio de uma ladeira que tem os amigos de Frank no topo, todos aqueles jovens rapazes solteiros com seus incompreensíveis bônus natalinos. Ela gostou de descrever esse mundo para Leah, que não conhecia quase nada dele. Chelsea, Earls Court, West

Hampstead. Lofts e apartamentos-mansões livres de crianças ou mulheres, sem nenhuma mobília, cercados por guetos.

“Correção: há sempre um enorme sofá de couro marrom, uma enorme geladeira e uma TV do tamanho desse apartamento. E um enorme sistema de som. Eles não chegam em casa antes das duas da manhã. ‘Entretendo clientes.’ Em clubes de striptease, geralmente. Fica tudo simplesmente vazio. Cinco quartos. Uma cama.”

Leah jogou um toco de baseado na direção da raposa: “Parasitas”.

Natalie foi subitamente tomada por algo que ela achou ser a “consciência”. “Muitos deles são gente fina”, ela disse, rápido. “Pessoas legais, quero dizer, individualmente. Eles são engraçados. E de fato trabalham duro. Da próxima vez que dermos um jantar você devia vir.”

“Ah, Nat. Todo mundo é legal. Todo mundo trabalha duro. Todo mundo é amigo do Frank. O que isso tem a ver?”

131. Revisitação

As pessoas estavam doentes.

“Lembra a sra. Iqbal? Mulher baixinha, sempre um pouco esnobe comigo. Câncer de mama.”

As pessoas morriam.

“Você deve se lembrar dele, ele morava em Locke. Na terça caiu morto. A ambulância levou meia hora.”

As pessoas não tinham vergonha na cara.

“O bebê nasceu faz duas semanas, e eles ainda não me receberam. Nem sabemos quantas crianças têm lá dentro. Eles não registram.”

As pessoas não sabiam que tinham nascido.

“Adivinha quanto custavam os ovos naquele mercado. Orgânico. Adivinha!”

As pessoas eram vistas.

“Vi Pauline esses dias. Leah está trabalhando na prefeitura agora. Ela sempre teve ambições grandiosas para aquela menina. Engraçado como são as coisas. De certa forma você se deu bem melhor que ela, realmente.”

As pessoas não eram vistas.

“Ele está lá em cima com Tommy. Passa o tempo todo com ele agora. Eles só saem daquele quarto para ir conquistar as moças. Jayden e Tommy gastam todo o tempo e o dinheiro deles conquistando moças. É só nisso que seu irmão pensa. Ele precisa arranjar um emprego, é o que eu sempre digo pra ele.”

As pessoas não eram pessoas, apenas um efeito da linguagem. Você podia evocá-las e então matá-las numa frase.

“Owen Cafferty.”

“Mãe, não me lembro dele.”

“Owen Cafferty. Owen Cafferty! Ele que fornecia todos os comes e bebes pra igreja. Bigode. Owen Cafferty!”

“Certo, vagamente, sim. Por quê?”

“Morreu.”

Tudo estava igual no apartamento, e, no entanto, havia uma nova sensação de falta. Uma nova consciência. E eis que eles perceberam que estavam nus e se envergonharam. Sobre a mesa Marcia colocou um leque de cartões de crédito. Enquanto Marcia narrava para a filha a história caótica de cada cartão, Natalie fazia anotações o melhor que podia. Ela tinha sido chamada para uma consulta de emergência. Não sabia realmente por que estava fazendo anotações. A única coisa útil seria assinar um cheque gordo. Isso ela não podia fazer, na sua atual circunstância. Não ousaria pedir a Frank. Que diferença faria ela transformar números em palavras?

“Vou te dizer do que eu realmente preciso”, disse Marcia, “preciso que Jayden saia já daqui e se case, pra que ele possa administrar

seu próprio lar e pra que os pequeninos da sua irmã não precisem dormir no mesmo quarto que a mãe. É disso que eu preciso.”

“Ah, mãe… Jayden nunca vai se… Jayden não está interessado em mulheres, ele…”

“Por favor não comece com esse absurdo de novo, Keisha. Jayden é o único de vocês que chega a cuidar de mim. É assim que a gente vive. Cheryl não pode ajudar ninguém. Ela mal consegue se ajudar. O terceiro está a caminho. Claro que eu amo essas crianças. Mas é assim que a gente está vivendo, Keisha, para falar a verdade. Só pra ter o que comer. É assim que é.”

As pessoas estavam vivendo assim. Vivendo daquele jeito. Vivendo assim.

132. Doméstico

“Não suporto eles vivendo daquele jeito!”, gritou Natalie Blake.

“Você está fazendo um drama desnecessário”, disse Frank.

133. E pluribus unum

Certamente era algo excepcional ser aceita de volta ao círculo de Middle Temple, mas Natalie Blake era em muitos aspectos uma candidata excepcional, e vários associados do escritório pensavam nela, informalmente, como sua própria protegida, apesar de só a conhecerem de vista. Alguma coisa em Natalie inspirava o patronado, como se ao ajudá-la você estivesse ajudando toda uma multidão invisível.

134. Paranoia

Um homem e uma mulher, um casal, sentados numa mesa de frente para Natalie e Frank, tomando café tarde numa manhã de sábado numa cafeteria de North West London.

“É orgânico”, disse Ameeta. Ela se referia ao ketchup.

“É ruim”, disse seu marido, Imran. Ele também estava se referindo ao ketchup.

“Não é ruim. Só não tem as catorze colheradas de açúcar com que você está acostumado”, disse Ameeta.

“O nome disso é sabor?”, disse Imran.

“Então coma de uma vez ou deixe de lado, merda”, disse Ameeta. “Ninguém dá a mínima.”

Em volta deles, em outras mesas, bebês de outras pessoas começaram a chorar.

“Eu não disse que alguém dava a mínima”, disse Imran.

“Índia versus Paquistão”, disse Frank — ele se referia, de forma jocosa, aos países de origem de seus amigos. “Melhor rezar pra que não vire uma guerra nuclear.”

“Haha”, disse Natalie Blake.

Eles continuaram tomando seu café. Café da manhã que virou brunch. Faziam isso uma ou duas vezes por mês. O brunch de hoje parecia, para Natalie, uma ocasião mais animada que de costume, e mais confortável, como se, ao retornar a um escritório comercial e agir, pelo menos em parte, no interesse corporativo, tivesse perdido os últimos resquícios de uma aura de encrenca que tinha incomodado seus amigos e os tornado cautelosos perto dela.

135. Desprezo

Os ovos demoraram para vir. Frank discutiu amigavelmente com o garçom até eles serem retirados da conta. Em dado momento empregou a frase: “Olha, nós dois somos irmãos instruídos”. Ocorreu a Natalie Blake que ela não tinha sido muito feliz no casamento. Bobo. Fazia piadas ruins, ofendia as pessoas. Ele estava constantemente bem-humorado, mas era teimoso. Não lia ou tinha qualquer interesse real por cultura, à parte a velha e nostálgica afeição pelo hip-hop dos anos 1990. A ideia do Caribe lhe era maçante. Quando pensava nas almas dos negros ele preferia pensar na África — “Etiópia, a Sombria, e Egito, a Esfinge” — onde as duas linhagens do seu DNA de fato batalharam nobremente em

histórias antigas. (Ele tinha só uma ideia vaga e bíblica dessas histórias.) Ele estava com a boca melecada de ketchup, e eles tinham se casado rapidamente, sem se conhecerem muito bem. “Eu até que gosto dela”, disse Ameeta, “só não confio muito nela.” Frank De Angelis jamais ia trair ou mentir para ou machucar Natalie Blake, de modo nenhum. Ele era um homem fisicamente bonito. Carinhoso. “Não se trata de elisão fiscal”, disse Imran. “Trata-se de planejamento tributário.” A felicidade não é um valor absoluto. É um estado de comparação. Será que eles chegavam a ser mais infelizes que Imran e Ameeta? Que aquelas pessoas ali? Que você? “Qualquer coisa com farinha me dá alergia”, disse Frank. Em cima da mesa havia uma enorme pilha de jornal. Em Caldwell, a escolha do jornal fora uma questão bastante importante. Era motivo de orgulho para Marcia o fato de que os Blake compravam o *Voice* e o *Daily Mirror* e nenhuma “porcaria”. Agora todo mundo vinha tomar café com seu jornal de “qualidade” e um acompanhamento lixo. Tetas e pastores e celebridades e assassinato. As crenças de sua mãe — e, por extensão, as da própria Natalie — pareciam antiquadas. “É uma revolta”, disse Ameeta. Natalie pressionou a faca contra o ovo e ficou vendo a gema escorrer sobre os feijões. “Outro troço de chá?”, disse Frank. Todos eles concordavam que a guerra não deveria estar acontecendo. Eram contra a guerra. Em meados dos anos 1990, quando Natalie Blake estava dormindo com Imran, os dois tinham planejado uma viagem para a Bósnia com um comboio de ambulâncias. “Mas Irie sempre seria esse tipo de mãe”, disse Ameeta, “eu já teria percebido isso de cara cinco anos atrás.” Agora só existia a esfera privada. Trabalho e casa. Casamento e filhos. Agora eles só queriam voltar para seus próprios apartamentos e viver a vida real de conversas domésticas e televisão e banhos e almoço e jantar. O brunch estava fora da esfera privada, por pouca coisa — estava logo do outro lado da fronteira. Mas até ele ficava longe demais de casa. O brunch não

existia realmente. “Posso te dar uma dica?”, disse Imran. “Comece no terceiro episódio da segunda temporada.” Será que era possível se sentir em pé de guerra, constantemente, até no brunch? “Ela tem um filho de cada raça agora. É como os Estados Unidos dos Idiotas”, disse Frank, pois a pessoa se coloca acima do interesse por “fofoca de celebridades” ao simplesmente fazer comentários irônicos sobre isso. “Uma ‘suruba’ com duas strippers”, leu Ameeta. “Por que sempre falam em ‘suruba’? Nunca fiz nenhuma maldita ‘suruba’ na minha vida.” A perversidade sexual também era antiquada: cheirava a uma época anterior. Era uma coisa suja, constrangedora, impraticável nessa economia. “Nunca sei qual é o valor aceitável”, disse Imran. “Dez por cento? Quinze? Vinte?” Consciência global. Consciência local. Consciência. E eis que eles perceberam que estavam nus e não se envergonharam. “Você está se iludindo”, disse Frank. “Não consegue nada no parque por menos de um milhão.” O erro era achar que o dinheiro significava precisamente — ou era equivalente a — dada combinação de tijolos e argamassa. O dinheiro não era pelas casas geminadas e apertadas com seus quintais estreitos. O dinheiro era pela distância que a casa colocava entre você e Caldwell. “Essa saia”, disse Natalie Blake, apontando para uma foto num suplemento, “mas em vermelho.”

Tendo o brunch virado almoço, Imran pediu panquecas feito um americano. Depois de décadas de decepção, o café era finalmente café de verdade. Não seria cruel demais ir embora, agora, tendo eles chegado até aqui? Todos os quatro estavam prestando um serviço para o resto das pessoas na cafeteria, só por estarem ali. Eles eram a “vibe local” a que os corretores se referiam. Por esse motivo, também, não precisavam se preocupar muito com política. Simplesmente *eram* fatos políticos, suas próprias pessoas. “Polly não vem?”, perguntou Frank. Todos os quatro conferiram seus celulares buscando notícias de sua última amiga ainda solteira. O

toque suave do celular contra a palma da mão. Um envelope piscando com a promessa de ligação externa, trabalho, compromisso. Natalie Blake tinha se tornado uma pessoa inadequada para a autorreflexão. Deixada à mercê de seus próprios dispositivos mentais, ela rapidamente acabava num autodesprezo. O trabalho lhe caía bem, e enquanto Frank ansiava os fins de semana, ela não conseguia esconder seu entusiasmo pelas segundas-feiras. Só conseguia se justificar para si mesma quando trabalhava. Se ao menos pudesse ir ao banheiro e passar a hora seguinte sozinha com seu e-mail. “Trabalhando no fim de semana. De novo”, disse Imran. Sua conexão era a mais rápida. “Que feio”, disse Natalie Blake. Mas será que era mesmo? Se Polly viesse, ela apenas ia sentar e falar de suas boas obras — inquéritos policiais e litígio civil e arbitragem internacional para as nações infelizes; opiniões recentemente publicadas sobre a legalidade da guerra. Procurada por um escritório novo, moderno e certinho, onde ela era ao mesmo tempo muito bem paga e moralmente irrepreensível. Vivendo o sonho. Era o ano em que as pessoas começaram a falar “vivendo o sonho”, às vezes com sinceridade, mas geralmente de forma irônica. Natalie Blake, que também era muito bem paga, achava que ter de escutar Polly nessas ocasiões era uma provocação quase insuportável.

136. Flor de maçã, 1º de março

Surpreendida pela beleza, no jardim da frente de uma casa na Hopefield Avenue. Já estava ali ontem? Olhando mais de perto, a nuvem branca se separava em milhares de minúsculas flores com miolos amarelos e pontinhos verdes e pintas rosas. Um animal da cidade, ela não sabia o nome apropriado para nenhuma coisa natural. Estendeu a mão para quebrar um raminho carregado de flores — pretendendo fazê-lo com um gesto simples e despreocupado —, mas o ramo era forte e verde por dentro e não

era frágil o suficiente para ser arrancado. Tendo começado, ela sentiu que não podia desistir (a rua não estava vazia, ela estava sendo observada). Deixou sua pasta no muro do jardim da frente de alguém, usou as duas mãos e lutou com o ramo. O que finalmente cedeu era mais um galho do que um ramo, estando ligado a vários outros ramos, todos carregados de flores, e a vândala Natalie Blake se afastou apressada e virou a esquina segurando aquilo. Estava a caminho do metrô. O que ia fazer com um galho?

137. Linha de raciocínio

O roteirista Dennis Potter foi entrevistado na televisão. Em algum momento no início dos anos 1990. Perguntaram-lhe como era ter algumas semanas para viver. Natalie Blake lembrava a resposta: “Olho para fora da minha janela e vejo a floração. E ela está mais florida do que nunca”. Assim que entrasse na internet ela poderia verificar o ano e se essas tinham ou não sido as palavras dele. Mas, daí também, talvez a forma como ela lembrava é que importasse. O galho jazia abandonado do lado de fora de uma cabine telefônica na Kilburn Station. Sentada no banco do metrô, Natalie Blake moveu sua pélvis muito sutilmente para a frente e para trás. A floração sempre foi intensamente florida para Natalie Blake. A beleza criava uma consciência especial nela. “A diferença entre um momento e um instante.” Não lembrava muita coisa sobre a importância filosófica dessa distinção, a não ser que sua boa amiga Leah Hanwell outrora tinha tentado entendê-la, e fazer Natalie Blake entendê-la, há muito tempo, quando eram estudantes, e bem mais inteligentes do que hoje. E por um curto período em 1995, talvez uma semana e pouco, ela tinha achado que entendera.

138. http://www.google.com/search?client=safari&rls=en&q=kierkegaard&ie=UTF-8&oe=UTF-8

Tal momento tem características peculiares. De fato ele é breve e temporal, como qualquer momento; é transitório, como são todos os momentos; é passado, como qualquer momento no momento seguinte. E, no entanto, é decisivo, e cheio do eterno. Tal momento precisa ter um nome diferente; chamemo-lo de *Plenitude do Tempo*.

139. Pensamento duplo

A advogada comercial Natalie Blake fazia trabalho *pro bono* com casos de pena de morte nas ilhas caribenhas dos seus ancestrais e instruiu um contador a separar dez por cento dos seus ganhos, a serem divididos entre contribuições de caridade e apoio à sua família. Ela supôs serem os resquícios de sua fé que a deixavam inquieta e desconfiada de que essas boas obras eram, na verdade, outro exemplo, dissimulado, de interesse pessoal, servindo apenas para desencargo de consciência. Reconhecer a raiz dessa suspeita não ajudou a dissipá-la. Tampouco encontrou algum alívio na pessoa do seu marido, Frank De Angelis, que se opôs a suas ações com base em premissas bastante diferentes: sentimentalismo, mente confusa.

140. Espetáculo

Os Blake-De Angelis começavam a trabalhar cedo e costumavam ir até tarde, e nos intervalos se tratavam com um carinho exagerado, como se a menor pressão exercida fosse fazer tudo explodir em pedacinhos. Às vezes pela manhã seus trajetos correspondiam, brevemente, até Natalie fazer baldeação na Finchley Road. Com mais frequência acontecia de Natalie sair entre meia e uma hora antes do marido. Ela gostava de se encontrar mais cedo com a estagiária com quem dividia uma sala, Melanie, para conseguir uma vantagem em relação a todos os negócios do dia. À noite o casal via televisão, ou entrava na internet para planejar futuros feriados, um exemplo por si só de má-fé, pois Natalie odiava feriados, preferindo

trabalhar. Eles só se aproximavam realmente nos fins de semana, na frente de amigos, para quem pareciam animados e vibrantes (eles tinham apenas trinta anos de idade) e cheios do velho bom humor, como uma dupla de atores que só se fala no palco.

141. Anúncios

Foi mais ou menos nessa época que Natalie Blake começou a entrar secretamente no site. Por que alguém começa a entrar num site? Curiosidade antropológica. A colocação “Ouvi dizer que as pessoas usam esse site” é logo seguida por “Não posso acreditar que as pessoas realmente visitem esse site!”. Depois vem: “Que tipo de gente visita esse site?”. Se o site é visitado inúmeras vezes a pergunta é respondida. O problema se torna circular.

142. Tecnologia

“Eu tenho por causa do trabalho.” “É do trabalho — não pago por ele.” “Preciso dele pro trabalho, e realmente facilita um monte de coisa.” “É meu celular do trabalho, do contrário eu nem teria um.”

143. O presente

Natalie Blake, que dizia às pessoas que tinha horror a aparelhos caros e detestava a internet, adorava seu celular e era inevitável, compulsiva e adverbialmente viciada em internet. Embora fosse incrivelmente rápido, ainda assim seu celular era lento demais. Ele ainda não tinha terminado de abrir a página do novo site do escritório quando as portas do elevador na Covent Garden Station se fecharam. Durante os vinte minutos da viagem de metrô, a tela na sua mão obstinadamente congelou na frase

> **os mais altos padrões de representação legal no mundo atual de rápida mutação.**

144. Velocidade

Em algum momento nos tornamos conscientes de que somos “modernos”, da rápida mutação. Do que vem logo depois do agora. John Donne também era moderno e certamente viu a mudança, mas nós sentimos que somos mais modernos e que a mudança é mais rápida. Até o imutável é mais rápido. Até a floração. Enquanto comprava uma chamuça na lanchonete imunda dentro da Chancery Lane Station (um resquício de sua criação era a disposição de comprar comida de qualquer pessoa, em qualquer lugar), Natalie Blake mais uma vez deu uma olhada nos anúncios. A essa altura ela estava conferindo-os duas ou três vezes por dia, embora ainda como voyeur, sem dar uma contribuição concreta.

145. Perfeição

Por algum motivo esse piquenique marcado era muito importante para Natalie Blake, e ela se pôs a planejá-lo meticulosamente. Cozinhou tudo sozinha. Decidiu-se por uma cesta com louça e copos de verdade. Mesmo enquanto estava comprando essas coisas na internet viu que aquilo realmente era “demais”, mas seu plano estava traçado e ela se sentiu incapaz de mudar de direção. No trabalho estava envolvida até o pescoço com uma disputa entre uma empresa de tecnologia chinesa e sua distribuidora britânica. Na primeira videoconferência, o diretor-geral chinês não conseguiu disfarçar a surpresa. Ela não deveria estar às voltas com um piquenique. Deveria estar no escritório procurando uma saída em meio às recentes revelações da outra parte. Natalie prosseguiu no seu caminho. Escolheu um traje. Sandálias com brilho, brincos de argola, pulseiras, uma saia longa ocre, uma blusa marrom e o cabelo num enorme afro longe do rosto e preso com a perna de uma meia-calça preta, cortada e amarrada na parte de trás da cabeça. Ela se sentiu africana neste traje, embora nada do que vestisse viesse da África, com exceção talvez dos brincos e das pulseiras, conceitualmente. Seu marido passou pela cozinha no momento em

que ela tentava enfiar três potes Tupperware extras na cesta forrada com um tecido xadrez que ela tinha comprado para a ocasião.

“Jesus. Isso é nosso?”

“Ela é minha amiga mais antiga, Frank.”

“Os dois vão estar de moletom.”

“Um piquenique é mais do que maconha e um sanduíche de supermercado. A gente quase não os vê mais. Está um lindo dia. Quero que seja legal.”

“TÁ.”

Ele desviou dela teatralmente. Um médico evitando um louco. Abriu a geladeira.

“Não coma. É um piquenique. Coma no piquenique.”

“Desde quando você assa alguma coisa?”

“Não toque nisso. É um bolo de gengibre. É uma receita jamaicana.”

“Você sabe que não posso comer nada com farinha.”

“Não é pra você!”

Ele saiu da cozinha em silêncio e não ficou muito claro se aquele era ou não o começo de uma briga. Provavelmente ele ia se decidir depois, dependendo de haver uma vantagem prática a se tirar da discórdia. Natalie Blake pôs as mãos no balcão e ficou um bom tempo olhando para os azulejos amarelos diante do rosto. Para quem aquilo era? Leah? Michel?

146. Cheryl (A.M.O.R.)

“Só tire isso.” Com Carly aos berros no seu quadril, Cheryl abaixou-se para jogar a Barbie e o lixo de propaganda no chão. Natalie encontrou algum tipo de anuário de capa dura e pôs as xícaras de chá em cima dele. “Deixa eu tentar dar de comer pra essa aqui e depois podemos ir pra sala de estar.” Elas se sentaram uma de frente para a outra em suas velhas camas de solteiro. Natalie acreditava ter uma lembrança de estar deitada ao lado da

irmã numa dessas camas, desenhando letras tortuosas nas suas costas nuas, as quais Cheryl tinha de adivinhar e com elas formar palavras. Cheryl deu a Carly sua mamadeira. Ela ficou sentada muito ereta com o terceiro filho nos braços. Uma adulta com preocupações de adulta. Natalie cruzou as pernas como uma criança e guardou para si suas doces recordações. Não havia algo de infantil na própria ideia de “doces recordações”?

“Keesh, me passa esse trapo aí. Ela está botando tudo pra fora.”

Pocahontas na persiana fechada. O sol a deixou dourada. O quarto não tinha mudado muito desde os velhos tempos, a não ser pelo fato de que agora estava grosseiramente dividido entre uma zona de menino e uma de menina; a primeira, vermelha, azul e do Homem-Aranha, a segunda, rosa, princesa com diamante incrustado. Natalie pegou um caminhão de brinquedo e o movimentou para cima e para baixo em sua coxa.

“Dois contra um.”

A cabeça de Cheryl ergueu-se pesadamente; o bebê estava agitado e não havia modo de fazê-lo parar quieto para comer.

“Só — a guerra entre rosa e azul. O pobre Ray não vai sobreviver agora com Cleo e Carly.”

“Sobreviver? O que você quer dizer?”

“Nada. Desculpe, continue.”

Em cada superfície se equilibravam coisas em cima de outras coisas com mais coisas penduradas e colocadas em volta e enfiadas no meio. Nenhum Blake era capaz de jogar qualquer coisa fora. Era igual na casa de Natalie, com exceção de que lá as enormes torres de porcarias baratas estavam empilhadas atrás de portas de armários, escondidas por um melhor armazenamento.

Cheryl tirou a mamadeira da boca da criança e suspirou: “Ela não está tomando. Vamos já pra lá, então”.

Natalie seguiu a irmã pelo estreito corredor tornado quase intransitável por causa dos fios com roupa pra secar, um em cada

parede.

“Posso fazer alguma coisa pra ajudar?”

“Sim, pegue ela um minuto enquanto vou mijar. Carly, vá com sua tia agora.”

Natalie não tinha medo de segurar bebês; ela tinha muita prática. Apoiou Carly frouxamente no quadril e com a outra mão ligou para Melanie para dar uma série de instruções desnecessárias que poderiam tranquilamente ter esperado até ambas estarem no escritório. Ficou andando de um lado para o outro na sala enquanto fazia isso, embalando o bebê, falando alto, totalmente competente, casual. O bebê, parecendo perceber essa competência extraordinária, ficou quieto e olhou para a tia com olhos cheios de admiração, nos quais Natalie enxergou até um toque de melancolia.

“Mas a questão é, sim”, disse Cheryl, entrando de volta na sala, “Jay foi embora, tem bastante espaço aqui. E eu não quero deixar a mãe sozinha passando aperto.”

“Uma hora Gus vai terminar a construção. Ela vai voltar para a Jamaica.”

Cheryl pôs as duas mãos na base das costas e empurrou a barriga para a frente naquele gesto maternal depressivo que Natalie tinha certeza de que jamais ia fazer, se e quando se tornasse mãe. “Isso está longe de acontecer”, disse Cheryl, bocejando enquanto se espreguiçava. “Ele mandou fotos. Não por e-mail — fotos num envelope. É uma caixa de papelão sem telhado. Tem uma palmeira crescendo dentro do banheiro.”

Essa lembrança da inocência do pai delas, do seu otimismo e da sua incompetência, fez as irmãs sorrirem e encorajou Natalie. Ela apertou a sobrinha contra o peito e beijou sua testa.

“É só que eu não suporto ver vocês vivendo desse jeito.”

Cheryl se sentou na velha cadeira do pai, balançou a cabeça para o chão e soltou um riso desagradável.

“Então é isso”, disse ela.

Natalie Blake, que mais do que tudo temia parecer ridícula — ou ser vista, mesmo que por um instante, do lado errado de uma questão moral —, fingiu não ter ouvido isso e sorriu para o bebê e o ergueu acima de sua cabeça para tentar fazê-lo sorrir, e quando isso não funcionou trouxe-o de volta para seu colo.

“Se você odeia Caldie tanto assim, por que se digna a vir aqui? Sério, cara. Ninguém te convidou. Volte para sua nova área. Estou ocupada — e também não tenho realmente tempo pra sentar e bater papo com você. Você me deixa puta da vida às vezes, Keisha. Sério, me deixa mesmo.”

“Quando eu estava na RSN”, disse Natalie, firme, com o tom de voz que usava no tribunal, “você sabe quantos clientes meus eram Caldies? Não há nada de errado em querer ver você e as crianças num bom lugar em algum outro local.”

“Este lugar é bom! Tem muitos bem piores. Você viveu aqui e se deu bem. Pra falar a verdade, Keisha, se eu quisesse sair daqui eu ia conseguir outro lugar fora do conjunto antes de ter que pedir qualquer coisa pra você.”

Natalie dirigiu seu comentário seguinte ao bebê de quatro meses.

“Não sei por que sua mãe fala assim comigo. Sou a única irmã que ela tem!”

Cheryl ocupou-se de uma mancha na sua calça legging. “Nunca nem fomos assim tão próximas Keisha, fala sério.”

Na bolsa de Natalie, perto da porta, havia três Ambien, no bolso interno junto de sua carteira.

“Temos quatro anos de diferença”, ela se ouviu dizer, baixinho, num tom de voz ridículo.

“Não, mas não era isso”, disse Cheryl, sem erguer os olhos.

Natalie levantou-se de um salto da cadeira. De pé, ela achou que segurar a pequena Carly limitava suas opções dramáticas. A criança tinha pegado no sono no seu ombro. Numa dinâmica inalterada desde a infância, Natalie ficou irada enquanto sua irmã se acalmava.

“Desculpe, eu esqueci: ninguém tem permissão de ter amigos nesta família de merda.”

“Família em primeiro lugar. É nisso que eu acredito. Deus vem primeiro, depois a família.”

“Ah, me poupe desse papo furado. Aí vem a Virgem Maria. Só porque você não consegue localizar os pais, não significa que as concepções sejam imaculadas.”

Cheryl ergueu-se e meteu o dedo na cara da irmã: “É melhor você tomar cuidado com o que fala, Keisha. E por que precisa ficar xingando o tempo todo, cara? Tenha um pouco de respeito”.

Natalie sentiu as lágrimas prestes a brotar e foi totalmente tomada por uma sensação infantil de autocomiseração.

“Por que estou sendo punida por fazer algo da minha vida?”

“Ah, por favor. Quem está te punindo, Keisha? Ninguém. Isso é coisa da sua cabeça. Você é paranoica, cara!”

Não havia quem segurasse Natalie Blake: “Eu trabalho duro. Entrei sem nenhuma reputação, sem nada. Construí uma prática séria — você faz alguma ideia de quão poucos…”.

“Você realmente veio aqui pra me dizer que grande mulher é hoje em dia?”

“Vim aqui pra tentar te ajudar.”

“Mas ninguém aqui está pedindo sua ajuda, Keisha! Entenda! Não estou pedindo, ponto final.”

E agora elas tinham de transferir Carly do ombro de Natalie para o da mãe, uma operação estranhamente delicada no meio do massacre.

Natalie Blake ficou desesperada à procura de uma última e derradeira frase de efeito. “Você precisa fazer alguma coisa sobre sua atitude, Cheryl. Sério. Você devia buscar ajuda, porque é realmente um problema.”

Assim que recebeu a criança nos braços Cheryl deu as costas para a irmã e começou a atravessar de volta o corredor até o quarto.

“É, bem, até ter filhos você realmente não tem nada a me dizer, Keisha, pra falar a verdade.”

147. Anúncios

No site ela era o que todo mundo procurava.

148. O futuro

Natalie Blake e Leah Hanwell tinham vinte e oito quando os primeiros e-mails começaram a chegar. Fotos anexadas de mulheres com um olhar atordoado, pulseiras de hospital, bebês contra o peito, o cabelo inexplicavelmente encharcado. Parecia que elas tinham atravessado um abismo e entrado em outro mundo. Era perfeitamente possível que sua própria mãe estivesse indo às casas dessas novas mães, com seu nome no crachá preso ao avental, espetando os pés dos bebês com uma agulha, ou verificando os pontos das novas mães enquanto elas deitavam de lado num sofá. Marcia deve ter visto uma ou duas delas, segundo a lei das médias locais. Elas eram recém-chegadas no bairro. Não eram o tipo de gente que apaga a luz e deita no chão. A mãe e o bebê bem, exaustos. Era como se ninguém nunca tivesse tido um bebê antes, na história da humanidade. E todo mundo dizia exatamente isso, era a nova frase da moda: “É como se ninguém nunca tivesse tido um bebê antes”. Natalie encaminhou os e-mails para Leah. *É como se ninguém nunca tivesse tido um bebê antes*.

149. A natureza se torna cultura

Muitas coisas que tinham parecido, para as próprias mães delas, elementos óbvios de um mundo de senso comum agora surgiam diante de Natalie e Leah como sendo surpreendentes ou ultrajantes. Dor física. A existência da doença. A diferença na idade reprodutiva entre homens e mulheres. A idade em si. A morte.

Sua própria materialidade era o escândalo. O fato da carne.

Natalie Blake, sendo forte, decidiu lutar. Ir para a guerra contra essas questões, como um soldado.

150. Anúncios

Depois de abrir um e-mail sobre um bebê, ela entrou no site e contribuiu com ele. Subiu até o quarto e foi para a cama.

151. Edição

“Vai aonde?”

Natalie Blake se livrou da mão do marido na sua canela e se ergueu da cama. Atravessou o corredor até o quarto de hóspedes e se sentou na frente do computador. Digitou o endereço do site no navegador tão habilmente quanto um pianista tocando uma escala. Retirou a contribuição.

152. O passado

“Nathan?”

Ele estava sentado no coreto do parque, fumando, com duas garotas e um garoto. Duas mulheres e um homem. Mas eles estavam vestidos como crianças. Natalie Blake estava vestida como uma advogada bem-sucedida com seus trinta e poucos anos. Sozinhos, ele e ela poderiam ter dado uma volta no parque e falado do passado, e talvez ela tivesse tirado seus feios saltos e eles tivessem se sentado na grama e Natalie tivesse fumado a maconha dele, e então dito para sair das drogas de um jeito meio maternal, e ele assentisse e sorrisse e prometesse que sim. Mas acompanhado como ele estava ela não fazia ideia de como agir.

Que calor, disse Nathan Bogle. É verdade, concordou Natalie Blake.

153. Brixton

Era um convite feito há tempos, mas ela não tinha ligado ou mandado uma mensagem para avisar que estava indo. Foi um impulso que teve na Victoria Station. Quinze minutos depois estava na Brixton High Street, exausta do tribunal, ainda de terninho, atrapalhando o caminho de pessoas alegres que estavam apenas começando sua noite de sexta. Comprou algumas flores numa loja de conveniência e pensou em todas as cenas de filmes em que as pessoas compram flores em lojas de conveniência, e no quanto é sempre melhor não levar nada. Encontrou a casa e tocou a campainha. Um cara bem bicha-louca com o afro tingido de loiro abriu a porta.

"Oi. Jayden está? Sou a irmã dele, Nat."

"Mas só pode ser mesmo. Você é a cara da Angela Bassett!"

A cozinha estava confusamente cheia. Será que era a bicha-louca? Ou um dos caras brancos? Ou o chinês, ou o outro cara?

"Ele está tomando banho. Vodca ou chá?"

"Vodca. Vocês estão de saída?"

"Acabamos de chegar. A única coisa que tem pra comer agora são essas bolachas."

154. Sobrenatural

Quando foi a última vez que ela ficou tão bêbada? Havia alguma coisa no fato de estar na companhia de tantos homens sem nenhuma intenção em relação a ela que encorajava o excesso. Estava aprendendo muitas coisas sobre seu irmão mais novo de que nunca tinha ficado sabendo. Ele era "famoso" por beber White Russians. Ele tinha tido uma queda por Nathan Bogle. Adorava

ficção fantástica. Podia fazer mais flexões com uma só mão do que qualquer outro homem na sala.

A vodca acabou. Eles tomaram doses de uma bebida azul que encontraram num armário. Natalie percebeu que não havia um homem especial ou escolhido nesta casa. Jayden tinha conseguido encontrar para si exatamente a condição de vida fluida e amigável com que ela mesma tinha sonhado tantos anos antes. Se não era totalmente possível ficar feliz por ele era porque tal condição era atemporal — ela não estava ligada às constrições do tempo —, e isso por sua vez era consequência de um detalhe crucial: nenhuma mulher fazia parte do esquema. As mulheres trazem o tempo. Natalie tinha trazido o tempo para esta casa. Ela não conseguia parar de falar nas horas, e de se preocupar por causa disso. Se ao menos conseguisse se livrar do seu corpo e se juntar a eles na Vauxhall Tavern para a segunda rodada. Na verdade, ela tinha recebido dez mensagens de Frank e estava na hora de ir para casa. O tempo urgia.

“E isso tudo na mesma semana”, disse Jayden. “Na mesma semana, ela falou pra esse garoto idiota do conjunto que não largava do meu pé se mandar, simplesmente o botou pra correr, logo depois de ter voltado daquele último exame. Só tirou A. A garota não é fraca. A irmã é sobrenatural, pode acreditar!”

A sala girava e girava. Natalie não reconheceu essa história. Ela não achava que essas duas coisas tinham acontecido, pelo menos não na mesma semana, talvez nem no mesmo ano. Certamente não tirou só A. Tinha acontecido várias vezes nessa noite, essas versões conflitantes, e no início tentara melhorá-las ou contestá-las, mas agora ela se recostou nos braços de um homem chamado Paul e ficou acariciando seu bíceps. Fazia alguma diferença o que era ou não verdade?

155. Algumas observações sobre a televisão

Ela estava vendo os pobres com Marcia. Um reality show ambientado num conjunto habitacional. O conjunto habitacional na televisão era um pouquinho pior do que o conjunto habitacional no qual ela estava sentada assistindo ao programa sobre um conjunto habitacional. De vez em quando Marcia fazia comentários sobre quão imundos eram os apartamentos das pessoas na televisão e o quanto ela cuidava escrupulosamente do dela, não obstante a bagunça de Cheryl. “Guinness. Às dez da manhã!”, disse Marcia. Natalie, que nunca tinha assistido ao programa antes, perguntou qual era a história de um dos participantes. Marcia agarrou os dois braços da cadeira e fechou os olhos. “Ela usa crack. Só quer saber de maquiagem e roupas. O irmão recebe auxílio-invalidez, mas não há nada de errado com ele. É uma desgraça. O pai está na prisão por roubo. A mãe é viciada.” No programa, a pobreza era entendida como um traço de personalidade. “Olha só isso! Olha esse banheiro. Que vergonha. Que tipo de gente vive desse jeito? Você viu aquilo?” Natalie alegou inocência. Ela estava verificando o celular. “Você não para de mexer nesse celular. Veio aqui pra me ver ou pra mexer nesse celular?”

Natalie ergueu os olhos. Um rapaz sem camisa com uma garrafa de cerveja na mão passou correndo por um gramado destruído entre dois prédios e atirou a garrafa na única janela que restara num carro queimado. Música acompanhou essa ação. Havia certa beleza naquilo.

“Odeio a forma como a câmera fica pulando desse jeito o tempo todo”, disse Marcia. “Você não pode esquecer um minuto a filmagem. Por que eles sempre fazem isso hoje em dia?”

A Natalie pareceu que aquela era uma questão profunda.

156. Melanie

Natalie Blake estava no escritório fazendo algumas anotações sobre um detalhe arcano do direito de propriedade no que concernia

a usucapião quando Melanie entrou, tentou falar e caiu em prantos. Natalie não sabia o que fazer com uma pessoa chorando. Pôs uma mão no ombro de Melanie.

“O que aconteceu?”

Melanie balançou a cabeça. Um líquido escorreu do seu nariz e uma bolha se formou no canto da sua boca.

“Problema em casa?”

Só o que Natalie sabia da vida privada de Melanie era que o namorado dela era policial e que havia uma filha chamada Rafaella. Nem o policial nem Melanie eram italianos.

“Pegue um lenço”, disse Natalie. Ela tinha fobia a ranho. Melanie deixou-se cair numa cadeira. Tirou um celular do bolso. Em meio a acessos ofegantes de choro parecia estar tentando encontrar alguma coisa ali. Natalie ficou vendo o dedo dela, movendo-se freneticamente sobre o botão de rolagem.

“Eu realmente preciso não estar aqui!” Esse problema parecia interessante, e bastante inesperado vindo da franca e confiável Melanie, que Natalie com frequência descrevia como sendo “sua rocha”. (Era o ano em que todo mundo estava dizendo que alguém era “sua rocha”.) Mas agora Melanie tornava-se aborrecidamente prática: “Não o tempo todo! A questão é que eu tenho a Rafa e eu a amo e não quero mais fingir que não tenho a Rafa! Olha só pra ela — ela está um gênio agora, vai fazer dois anos”.

Natalie se inclinou para a frente para ver uma imagem numa tela. Um grande senhor feudal recebendo um camponês assustado, com uma confissão sobre a colheita.

157. No parque

Natalie Blake estava ocupada com a disputa de fronteira na Caxemira, pelo menos no que se referia à importação de aparelhos de som para a Índia via Dubai em nome da indústria eletrônica japonesa gigante que era sua cliente. Seu marido Frank De Angelis

estava fora entretendo clientes. Eles estavam “sem tempo”. Nem tinham tempo para ir buscar sua última recompensa por todo aquele trabalho duro. Marcia gentilmente foi pegar a chave antes que a imobiliária fechasse, e Natalie encontrou a mãe e Leah na porta da frente. Elas sussurraram ao entrar. Não estava claro por quê. Não havia cortinas ainda, e suas sombras se estendiam por sobre a lareira e até o teto. Natalie as guiou, indicando onde sofás, cadeiras e mesas seriam colocados, o que seria derrubado e o que seria mantido, o que seria forrado com carpete ou arrancado ou polido. Natalie encorajou sua mãe e sua amiga a ficar diante do janelão frontal e admirar a vista do parque. Ela reconheceu em si mesma uma necessidade de submissão total.

Deu uma corridinha à frente para admirar um quarto. Olha essa cornija original. Aqui há uma lareira ativa. Esperou a mãe e Leah se juntarem a ela. Cutucou um pedaço de gesso solto com a unha. Na época em que ela era estagiária e ficava do lado “errado” de um processo penal, Marcia queria que “pensasse na família da vítima”. Agora, se ela representasse uma grande companhia multinacional, tinha de ouvir os sermões farisaicos e mal informados de Leah sobre os males da globalização. Só Frank a apoiava. Só ele parecia sempre orgulhoso dela. Quanto mais alto nível era o caso, mais satisfeito ele ficava. Cheryl, anos atrás: “Toda vez que tento voltar a estudar, Cole tenta me fazer pegar barriga”. Um livramento de Deus. Pensar em Cheryl sempre ajudava em momentos de ansiedade. Pelo menos Natalie Blake e Frank De Angelis não estavam trabalhando um contra o outro, ou competindo. Formavam uma sociedade. Uma propaganda deles mesmos. Deixem-me mostrar aqui essa propaganda de mim mesma. Aqui está a janela, aqui está a porta. E repetir, e repetir.

Natalie estava abrindo a porta para o que ela tinha decidido que seria seu escritório quando Marcia disse algo provavelmente bem inocente — “Tem bastante espaço pra uma família aqui” —, e

Natalie fez disso uma briga e não quis de jeito nenhum se desculpar. Ela ficou vendo a mãe atravessar o corredor de azulejos pretos e brancos até a porta, não mais a matrona indomável de sua infância, mas uma senhora pequena e grisalha com uma touca de lã surrada que certamente merecia um tratamento mais gentil do que o que ela tinha recebido.

"Você está bem?", disse Leah.

"Sim, sim", disse Natalie. "É só o de sempre."

Leah encontrou alguns saquinhos de chá num armário da cozinha e uma única xícara.

"As pessoas realmente acham que tenho grandes chances de virar Conselheira da Rainha. Não significa nada pra ela. Pra ela só o que você tem de fazer é se mudar de volta pra lá. Cheryl é a queridinha agora. Elas se dão tão bem que melhor impossível."

"É difícil para ela te entender."

"Por quê? O que há de difícil em mim?"

"Você tem o seu trabalho. Tem Frank. Tem todos aqueles amigos. Você está se tornando bem-sucedida. Nunca está só."

Natalie tentou imaginar a mulher sendo descrita. Leah se sentou na escada.

"Acredite, Pauline é igualzinha."

158. Conspiração

Natalie Blake e Leah Hanwell eram da opinião de que as pessoas queriam que elas se reproduzissem. Parentes, estranhos na rua, pessoas na televisão, todo mundo. De fato a conspiração era mais profunda do que Hanwell imaginara. Blake era uma agente dupla. Ela não tinha a menor intenção de passar por ridícula ao falhar no que quer que se esperasse dela. Para ela, era só uma questão de chegar a hora certa.

159. Pelo parque

Leah estava atrasada. Natalie ficou sentada no café do parque, ao ar livre, em uma das mesas de madeira, protegida da garoa por um grande guarda-sol verde. Os primeiros dez minutos ela passou no celular. Conferindo os anúncios, conferindo seu e-mail, conferindo as notícias. Pôs o celular no bolso. Durante outros dez minutos, ninguém falou com ela e ela não falou com ninguém. Esquilos e aves entraram e saíram do seu campo de visão. Quanto mais ficava sozinha, mais indistinta ela se tornava para si mesma. Um líquido decantado de um frasco. Viu-se escorregar do banco até o chão e tomar a forma de um animal. Andando de quatro, chegava ao final da calçada úmida e pisava na grama e no adubo orgânico. Continuando, mais rápido agora, pegando o jeito pra se locomover de quatro, movendo-se velozmente pelo gramado e pelos morrinhos artificiais, pelo Quiet Garden e pelos canteiros de flores, mato adentro, atravessando a rua e indo até os trilhos do trem, uivando.

“Desculpe, desculpe, desculpe. Linha central. Jesus, isso aqui está que é uma creche.”

Natalie olhou para as crianças e para o caos em todas as mesas e sorriu de forma neutra para a amiga, perguntando-se em que momento do almoço ela deveria dar a notícia a Leah.

160. O tempo acelera

Há um sistema de imagens operando no mundo. Ficamos à espera de uma experiência grandiosa ou brutal o suficiente para abalá-lo ou quebrá-lo completamente, mas esse momento nunca chega de fato. Talvez chegue bem no fim, quando tudo se quebra e nenhuma imagem é mais possível. Na África, presume-se, as imagens que dão forma e sentido à vida e em cujas dimensões a pessoa se projeta — a jornada de filho para chefe, de filha para protetora — provêm do mundo natural e do imaginário coletivo do povo. (Quando Natalie disse “na África”, o que ela quis dizer foi “em um momento anterior do tempo.”) Nessa circunstância,

provavelmente haveria algo de belo no alinhamento entre o uno e o múltiplo.

A gravidez trouxe a Natalie apenas mais imagens quebradas da grande massa de detritos culturais que ela absorvia diariamente em uma série de dispositivos diferentes, alguns portáteis, outros não. Comportar-se de acordo com essas imagens a entediava. Desviar delas trazia de volta a velha preocupação. Ela foi ficando cada vez mais preocupada por não estar preocupada com as coisas com que uma pessoa deveria se preocupar. Sua própria tranquilidade a preocupava. Tal estado de espírito parecia não se encaixar no sistema de imagens. Ela bebia e comia como antes e fumava de vez em quando. Recebeu de bom grado, finalmente, a chegada de alguma forma às suas monótonas linhas retas.

Sobre o parto por vir, sua velha amiga Layla, que já tinha três filhos, disse: “É como encontrar a si mesma no final de um beco escuro”.

Não seria esse o caso de Natalie Blake. As drogas que ela solicitou eram surpreendentes, transcendentes; não tão boas quanto ecstasy, mas ainda assim com alguma vaga lembrança da lucidez e da alegria daqueles dias felizes. Ela se sentiu eufórica, como se tivesse saído pra dançar e continuado na discoteca em vez de ir pra casa quando alguém mais sensato sugeria o ônibus noturno. Ela pôs os fones de ouvido e dançou em volta da cama de hospital ao som de Big Pun. Não foi um acontecimento muito dramático. As horas viraram minutos. No momento crucial ela foi capaz de dizer para si mesma, com bastante calma: “Ah, olha, estou dando à luz”.

Isso para dizer que a consciência brutal do real por que ela tinha tanto esperado e que tanto desejara — com a qual ela nem se deu conta de que estava contando — não chegou.

161. Alteridade

Houve, porém, um momento — alguns minutos depois do acontecimento, quando já tinham lavado a gosma da criança e a devolvido a ela — em que quase achou que possivelmente sentiu. Olhou para dentro dos olhos escuros e fugidios de um ser que em nenhum aspecto era idêntico ao ente Natalie Blake, um ser que era, em alguma medida, a prova de que tal ente distinto de forma nenhuma existia. E, no entanto, esse ser não era também um atributo de Natalie Blake? Uma extensão? Naquele momento ela chorou e sentiu uma humildade maravilhosa.

Pouco tempo depois houve flores e cartões e fotos e amigos e familiares que chegaram para visitá-la com presentes que demonstravam diferentes graus de gosto e perspectiva, e o misterioso outro de olhos escuros foi substituído por um meigo bebê com pouco mais de três quilos chamado Naomi. As pessoas vieram com conselhos. Os de Caldwell achavam que ia ficar tudo bem desde que você não chegasse a jogar realmente a criança escada abaixo. Os que não eram de Caldwell achavam que nada ia ficar bem a não ser que tudo fosse feito com perfeição e ainda assim não havia nenhuma garantia. Ela nunca tinha ficado tão feliz em ver os de Caldwell. Não conseguiu situar Leah Hanwell neste quadro com precisão, pois é mais difícil caricaturar as pessoas que você mais amou na vida. Leah veio visitá-la com um coelho branco e macio e olhou para Natalie como se ela tivesse atravessado um abismo e entrado em outro mundo.

162. Evidência

Catorze meses depois do nascimento de seu primeiro filho, Natalie Blake teve um segundo. Ele deveria se chamar Benjamin, mas chegou com um pequeno tufo de cabelo no topo da cabeça, como uma espiga, e eles o chamaram Spike durante três dias, e então se lembraram de uma tarde romântica e sem filhos, anos

antes, passada assistindo a uma reapresentação de matinê de *She's Gotta Have It*.

Frank estava alegre e esquecido de questões práticas, e por um tempo Natalie achou que tinha de tratá-lo como um terceiro filho, um quarto filho — contando com a babá —, a ser controlado e conduzido junto com o resto deles para que o tempo fosse maximizado e todos chegassem aonde precisavam estar. Apenas à própria Natalie era permitido perder tempo, sentada na sua escrivaninha, olhando imagens digitais da sua ninhada. Essa ação, considerada objetivamente, era idêntica às situações em que lhe haviam pedido para examinar fotos de uma cena de crime. Certa manhã, Melanie a pegou no meio desse devaneio e não conseguiu disfarçar sua satisfação. Escondida atrás da imagem de Spike estava outra janela, com anúncios. Natalie se submeteu, irritada, a um abraço.

163. A arquitetura como destino

Para Leah era *sala de estar*, para Natalie, *living*, para Marcia, *sala de descanso*. A iluminação era sempre agradável. E Natalie continuava gostando de ficar diante do janelão e admirar sua vista do parque. Olhando ao redor para as coisas que ela e Frank tinham comprado e colocado nessa casa, Natalie gostava de pensar que elas contavam uma história da vida deles, na qual a realidade da casa em si era secundária, mas claro que também era bastante provável que a casa fosse a realidade incontestável e Natalie, Frank e sua filha fossem apenas personagens de um teatro de sombras humano na parede. Sombras passavam pelas paredes dessa casa desde 1888, estando, vivendo, descansando. Num bom dia Natalie se orgulhava de pequenas diferenças, entre os antigos moradores, os atuais vizinhos e ela própria. Olhe só essas máscaras africanas. Essa arte abstrata de um beco de Kingston. Essa mesa minimalista com quatro cadeiras tipo tronos. Em outras ocasiões —

especialmente quando a babá saía com Naomi e ela ficava sozinha na sala amamentando o bebê —, ela tinha a sensação de derrota de que sua própria sombra era idêntica a todas as outras, e a da casa vizinha, e a da casa ao lado dessa.

Ao longo de toda a rua naquele outono, o som de bebês chorando manteve as luzes acesas até tarde da noite. Na casa de Natalie, no parque, o choque da quebra tirou um pouco do reboco da parede, deixando um buraco em forma de punho, e interrompeu os planos de uma ampliação para o porão. Sem trabalhar e ansiosa por se sentir útil, Natalie Blake esperou até a soneca de Spike, abriu um documento do Word e com um grande senso de propósito digitou o título:

No rastro do dinheiro: O relato de uma esposa

Ela tinha um dom profissional para se expressar, e ouvir os ataques no rádio e na televisão ao que ela considerava ser o bom caráter de seu marido a enfurecia. Como se o pobre Frank — cujo bônus era, proporcionalmente falando, insignificante — não fosse em nada diferente de todos esses bandidos e trapaceiros épicos.

Estava ansiosa para abordar o assunto com ele quando voltasse para casa. Ele ergueu os olhos da marmita.

“Você nunca me perguntou nada sobre meu trabalho, nunca.”

Natalie negou isso, embora no fundo fosse verdade. Em nome do jornalismo, ela insistiu no ponto.

“Não deveria ser uma questão de moralidade individual, não é mesmo? Deveria ser uma questão legal de regulação.”

Frank pôs os pauzinhos na mesa: “Por que estamos falando disso?”.

“É a história. Você é parte dela.”

Frank negou ser parte da história. Voltou ao seu *chow mein*. Mas não havia quem segurasse Natalie Blake.

“Muitos dos nossos associados escrevem artigos on-line hoje em dia para os jornais. Ensaios. Eu deveria fazer mais coisas desse tipo. Pelo menos é algo que posso fazer em casa.”

Frank assentiu para o controle remoto. “Podemos ver TV agora? Estou morto de cansaço.”

Não havia alívio disponível na televisão.

“Desligue”, disse Frank, depois de cinco minutos de noticiário. Natalie desligou.

“Se a City fechasse amanhã”, disse Frank, sem olhar para a esposa, “este país entraria em colapso. Fim da história.”

No andar de cima o bebê começou a chorar.

Ao longo dos dias que se seguiram, Natalie conseguiu acrescentar apenas mais duas linhas à sua tentativa de crítica social:

Tenho plena ciência de que não sou o que a maioria das pessoas imagina quando pensa na “esposa de um banqueiro”. Sou uma mulher negra altamente instruída. Sou uma advogada bem-sucedida.

Ela pôs a culpa do seu lento progresso em Spike, mas na verdade a criança dormia bem e Natalie tinha a polonesa, Anna. Ela tinha tempo de sobra. Uma semana depois, enquanto se ocupava com seu e-mail, reparou no documento no desktop e silenciosamente o transferiu para uma parte do computador onde não ia facilmente topar com ele de novo. Ela viu televisão na sala de estar e amamentou o filho. Estava escurecendo cada vez mais cedo. As folhas ficavam marrons, laranjas e douradas. As raposas gritavam. Às vezes ela conferia os anúncios. Os rapazes na televisão limpavam suas escrivaninhas. Saíam segurando suas caixas na frente do corpo como se fossem escudos.

164. Geminada

Toda vez que ela voltava ao trabalho, o desafio se mostrava perfeitamente claro: fazer acontecer de forma a parecer que aquilo nunca tinha acontecido. Muito se falava sobre esse fenômeno no suplemento dominical “Mulher”, e Natalie lia esse material com interesse. A chave para tudo era a administração do tempo. Por sorte, administrar o tempo era o dom de Natalie. Ela descobriu que se poupava uma grande quantidade de tempo por simples ambivalência. Não tinha opiniões fortes sobre o que crianças pequenas comiam, vestiam, viam, ouviam, ou que tipo de recipiente utilizavam para tomar leite ou alguma coisa diferente de leite.

Em outras ocasiões, ela se surpreendia ao encontrar a si mesma no final de um beco escuro. Enchia-a de pânico e raiva encontrar os filhos mimados sentados no chão, vendo imagens do passado, movendo imagens, deles mesmos, no celular do pai, uma experiência de autoconsciência literalmente desconhecida na história da existência humana — afora o sonho e o milagre — até pouquíssimo tempo atrás. Até pouco antes do agora.

165. Marcações cênicas

Interior. Noite. Luz artificial.

À esquerda e à direita, no fundo, uma janela pequena e alta. Cortina fechada.

Na frente, à direita, uma porta, entreaberta. Estantes de livros à esquerda e à direita.

Escrivaninha simples. Cadeira dobrável. Livros sobre a cadeira.

Nat entra pela porta. Olha para a janela. Vai até a janela.

Abre a cortina. Fecha a cortina. Sai. Volta. Sai.

Uma pausa.

Retorna com urgência, abre a cortina. Tira os livros da cadeira. Senta. Levanta.

Vai até a porta. Volta. Senta. Abre o laptop. Fecha. Abre.

Digita.

FRANK: [voz mecânica, fora de vista] Cama. Vem? [pausa] Vem?
NAT: Sim. [digita rapidamente] Não. Sim.

166. O tempo acelera

Agora que havia tanto trabalho a fazer — agora que toda a vida dela tinha se tornado essencialmente trabalho —, Natalie Blake sentia uma calma e uma satisfação que só tinha experimentado antes durante a bateria de exames para a universidade ou um prejulgamento. Se ao menos pudesse desacelerar a coisa toda! Ela tivera oito por uns cem anos. Teve trinta e quatro por sete minutos. Com muita frequência se lembrava de um diagrama em giz desenhado num quadro-negro, muito tempo atrás, quando as coisas se moviam num ritmo razoável. Um mostrador de relógio, simbolizando a história do universo num intervalo de doze horas. O big bang aconteceu ao meio-dia. Os dinossauros chegaram em algum momento no meio da tarde. Tudo o que estava relacionado ao homem entrava nos cinco minutos antes da meia-noite.

167. Dúvida

Spike começou a falar. O que ele mais gostava de dizer era: “Esta é minha mamãe”. A ênfase variava. “Esta é *minha* mamãe. Esta é minha *mamãe*. *Esta* é minha mamãe.”

168. Fim de partida no mercadinho africano

Ela sentia um novo desejo por algo diferente do mero impulso para a frente. Queria conservá-lo. Para tanto, começou a sair em busca da comida de sua infância. Nas manhãs de sábado, logo depois de passar no enorme supermercado britânico, subia a avenida aos trancos e barrancos com duas crianças num carrinho duplo e nenhuma ajuda para ir até o pequeno mercadinho africano e comprar coisas como inhame, bacalhau e banana-da-terra. Chovia. Chuva horizontal. Ambas as crianças berravam. Poderia haver miséria maior que a dela?

Naomi jogava coisas no carrinho do supermercado. Natalie tirava. Naomi jogava de volta. Spike fazia cocô na calça. As pessoas olhavam para Natalie. Ela olhava para as pessoas. Olhares de paranoia e desprezo iam e voltavam. Estava um gelo lá fora, um gelo aqui dentro. Conseguiram entrar numa fila. Mal e mal. Mal e mal conseguiram isso.

"Eu te conto uma história, Nom-Nom, se você parar com isso, eu te conto uma história. Você quer ouvir minha história?", perguntou Natalie Blake.

"Não", disse Naomi De Angelis.

Natalie limpou o suor frio da testa com o cachecol e ergueu os olhos para ver se alguém estava admirando sua calma maternal diante de uma provocação tão insuportável. A mulher à sua frente na fila entrou no seu campo de visão. Ela estava esvaziando os bolsos no caixa, disposta a abrir mão deste e daquele item. Seus filhos, quatro crianças, encolhiam-se em volta de suas pernas.

Natalie Blake tinha esquecido completamente como era ser pobre. Era uma linguagem que perdera a capacidade de falar, ou até de entender.

169. Almoço com Layla

Sua velha amiga Layla Thompson agora se chamava Layla Dean. Ela tinha saído da igreja muitos anos atrás. Trabalhava numa emissora de rádio negra e asiática como diretora da programação musical. Estava casada com um homem que era dono e gerente de dois cibercafés/copiadoras em Harlesden. Damien. Três filhos. Toda vez que Natalie Blake entrava numa discussão sobre educação (ela com frequência tinha esse tipo de discussão), mencionava sua velha amiga Layla como um exemplo positivo de tudo o que estava tentando dizer.

Quando usava Layla como um exemplo positivo nesse sentido, geralmente deixava de dizer que não via Layla havia uns dois anos.

Layla estivera tendo filhos e Natalie não estivera tendo filhos, e durante esse período Natalie tinha achado difícil almoçar com Layla, as preocupações da amiga parecendo tão míopes, tão estreitamente focadas. Agora que Natalie tinha seus próprios filhos, ocorreu-lhe que ela realmente ia adorar voltar a almoçar com Layla de vez em quando. Havia tantas coisas que poderia dizer a Layla e que não tinha podido dizer a mais ninguém. O almoço foi marcado. E agora ela se via falando muito rápido e aproveitando ao máximo a hospitalidade da amiga neste belo restaurante de culinária afro-americana na Camden High Street. Havia a sensação de que ela não conseguia falar rápido o suficiente para pôr pra fora todas as coisas que queria dizer.

"'*É um alívio tão grande não precisar fingir que estou interessada no noticiário*'", disse Natalie Blake, citando outra mulher e comendo uma pequena concha de porcelana cheia de camarões com leite de coco. "E eu simplesmente fiquei sentada num círculo com aqueles doidos pensando: não pertenço a este lugar. Me mostrem a saída. Preciso de pessoas com quem eu possa sair pra dançar." Do lado de fora, um carro passou tocando "Billie Jean".

"Eu saio para dançar com você, Natalie."

"Obrigada! Tem uma noite de hip-hop da velha guarda em algum lugar de Farringdon, meu irmão que me disse. Podemos ir no próximo sábado. Posso chamar minha amiga Ameeta. É melhor do que cantar 'Old Macdonald'."

"Eu gosto desses cursos para crianças. Costumava ir sempre."

"Deste não dá pra gostar. É todo chique. Mas o que eu realmente não suporto é quando todos eles…", começou Natalie, e continuou assim durante a maior parte do prato principal. Homens traziam ponche, eles traziam ponche. O copo dela nunca estava meio vazio ou meio cheio, mas sempre enchendo. Homens traziam ponche. Do lado de fora, um carro passou tocando "Don't Stop 'Til You Get Enough".

“Como?”, perguntou Natalie Blake. Ela realmente estava bêbada demais para voltar ao escritório. Sua amiga Layla sorria, com um quê de tristeza. Ela olhava para a toalha da mesa.

“Nada. Você não mudou nada.”

Natalie estava no meio de uma mensagem para Melanie para avisá-la que só retornaria na manhã seguinte.

“Certo. Não é como se você tivesse de se tornar outra pessoa só porque…”

“Você sempre quis deixar claro que não era como o resto de nós. E continua fazendo isso.”

Um garçom se aproximou para oferecer sobremesa. Natalie Blake, embora ávida por uma, achou que não poderia realmente pedir agora. Ela estava apavorada. Seu coração batia freneticamente. Sentiu um impulso escolar de dedurar Layla Dean nascida Thompson ao garçom. Layla está me tratando muito mal! Ela me odeia! Do lado de fora, um carro passou tocando “Wanna Be Startin’ Somethin’”.

Layla não olhou para o garçom e depois de um momento ele se afastou. Ela segurava um grosso guardanapo branco que torcia com as duas mãos.

“Mesmo quando costumávamos fazer aquelas músicas você estava comigo e ao mesmo tempo definitivamente não estava comigo. Se mostrando. Falsa. Fingida. Sinalizando para os garotos na plateia, ou fazendo sei lá o quê.”

“Layla, do que você está falando?”

“E continua fazendo isso.”

170. Fantasiada

Fantasia de filha. Fantasia de irmã. Fantasia de mãe. Fantasia de esposa. Fantasia de advogada. Fantasia de rica. Fantasia de pobre. Fantasia de britânica. Fantasia de jamaicana. Cada uma exigia um guarda-roupa diferente. Mas, quando considerava essas atitudes

diversas, ela se esforçava para pensar em qual seria a mais autêntica, ou talvez a menos falsa.

171. Eu, eu mesma e euzinha

Natalie pôs Naomi no bebê conforto e apertou o cinto. Natalie pôs Spike no bebê conforto e apertou o cinto. Natalie subiu no carro gigante. Natalie fechou todas as janelas. Natalie ligou o ar-condicionado. Natalie pôs *Reasonable Doubt* pra tocar. Natalie instruiu Frank a pôr no mudo blasfêmias explícitas quando e se elas surgissem.

172. Coletâneas

Descendo pela Kilburn High Road, Natalie Blake sentiu um forte desejo de entrar na vida de outras pessoas. Era difícil saber como esse desejo poderia ser satisfeito de forma prática ou o que, pelo menos, realmente significava. “Entrar” é um pensamento impreciso. Seguir a criança somali até em casa? Sentar com a velhinha russa no ponto de ônibus em frente à Poundland? Juntar-se ao gângster ucraniano na sua mesa na confeitaria? Uma dica local: o ponto de ônibus em frente à Poundland de Kilburn é o local onde se pode ouvir muitas das conversas mais interessantes na cidade de Londres. De nada.

Ouvir não era suficiente. Natalie Blake queria conhecer as pessoas. Estar intimamente envolvida com elas.

Enquanto isso:

Todo mundo tanto no trabalho de Natalie quanto no de Frank estava intimamente envolvido com a vida de um grupo de afro-americanos, a maioria homens, que jogaram tubos de crack de vinte dólares no matagal entre uma série de prédios horrivelmente projetados numa cidade triste e esquecida e com uma das maiores taxas de homicídio dos Estados Unidos. O fato de todo mundo estar tão intimamente envolvido com as vidas desses rapazes

incomodava Frank, embora ele não conseguisse realmente dizer o porquê disso, e em protesto ele eximiu a si mesmo e sua esposa do que era, segundo diziam, uma experiência de êxtase popular televisiva.

Enquanto isso:

Natalie Blake conferia seu anúncio. Respondia às respostas.

173. No parquinho

Você não pode fumar num parquinho. É uma coisa óbvia. Qualquer pessoa semicivilizada sabe disso.

Sim, concordou Natalie. Sim, claro.

Ele continua fumando?, perguntou a velhinha branca.

Natalie se inclinou para a frente no banco. Ele continuava fumando. Cerca de dezoito anos de idade. Estava com outros dois garotos: um garoto branco com um problema terrível de acne e uma garota muito bonita num conjunto de moletom cinza e um Nike amarelo neon. A garota estava fazendo o que Natalie e seus amigos costumavam chamar de “relaxar” ou “ficar de boa” — isto é, ela estava sentada entre as pernas do garoto branco com os cotovelos apoiados nos joelhos dele, num abraço preguiçoso de verão. E eles ficavam bem juntos, relaxando no gira-gira. Mas não dava para negar: o garoto fumante estava no gira-gira. Fumando.

Vou dar uma boa bronca neles, disse a velhinha branca. Eles são todos daquele maldito conjunto habitacional.

A velhinha foi até lá e na mesma hora Naomi saiu correndo da piscina infantil, jogando-se nos braços da mãe e gritando TOALHA TOALHA TOALHA. Caso você esteja se perguntando, esta era de fato a mesma piscina onde o acontecimento dramático tinha ocorrido, muitos anos antes. Natalie Blake enrolou uma toalha em volta da filha e pôs chinelos nos pés dela.

A velhinha voltou.

Ele continua fumando? Foi muito grosso comigo.

Sim. Disse Natalie Blake. Continua fumando.

APAGUE ISSO, gritou a velhinha.

Natalie pegou Naomi no colo e foi andando na direção do gira-gira. Enquanto se aproximava, uma mulher de meia-idade, uma rasta incrível com um enorme chapéu zulu, juntou-se a ela. As duas pararam diante do gira-gira. A rasta cruzou os braços sobre o peito.

Você precisa apagar isso. Estamos num parquinho, disse Natalie.

AGORA. Disse a rasta. Você nem deveria estar aqui. Ouvi o jeito como falou com aquela senhora. É uma mulher de idade que deve ser respeitada. Você deveria se envergonhar.

Apague isso e pronto, disse Natalie. Minha filha está aqui, disse Natalie, embora ela realmente não tivesse fortes convicções sobre fumantes passivos, principalmente quando num espaço aberto.

Olha, se alguém me desrespeita, disse o garoto, eu vou é mandar a pessoa parar de encher a porra do meu saco. E ela por acaso me tratou com respeito? Não minta, porque eles todos te ouviram e não, você não fez isso.

VOCÊ NÃO PODE FUMAR NUM PARQUINHO, gritou a velhinha. Do banco.

Mas por que ela fica me tratando desse jeito?, quis saber o garoto.

Ela tem razão!, insistiu a Rasta.

Apague isso e pronto, disse Natalie. Estamos num parquinho.

Olha, eu não tenho a educação de vocês daqui. Esta não é a minha área. A gente não tem a educação de vocês daqui. Do Queen's Park. Vocês na verdade nem podem conversar comigo. Sou de Hackney, então.

Esta foi uma jogada insensata, retoricamente falando. Até a garota relaxando soltou um gemido.

Ah, NÃO. Disse a rasta. Não, você não disse isso. Não não não. Está tirando com a minha cara? *Sou de Hackney*? Então? ENTÃO? Olha, você pode até tentar zoar com essas pessoas, mas não pode zoar comigo, querido. Eu te conheço. Profundamente. Não sou de

Queen's Park, meu bem, sou de HARLESDEN. Por que você falaria de você mesmo desse jeito? Por que falaria da sua área desse jeito? Ah, agora você me tirou do sério, garoto. Eu sou de Harlesden — educadora certificada. Vinte anos. Sinto vergonha de você. Você é o motivo de nós estarmos onde estamos agora. Que vergonha. Que vergonha!

Tá tá tá tá tá tá tá. Disse o garoto. A garota riu.

Você acha isso engraçado? Disse a rasta. Continue rindo, minha irmã. Aonde você acha que isso vai dar? Disse a rasta para a garota.

Eu? Mas nem estou envolvida! Por acaso eu tenho alguma coisa a ver com isso?

Não, disse Natalie. Não. Não. NÃO.

Mamãe não grita!, disse Naomi.

Natalie não sabia por que estava gritando. Ela começou a temer que estivesse fazendo um papel ridículo.

Sinto pena de vocês, na verdade. Disse um indiano que até então não estava envolvido e que se juntou ao círculo do julgamento. Obviamente são jovens muito infelizes e insatisfeitos.

Ah, não acredito, nem comece com essa merda!, gritou a garota.

O garoto branco com quem ela estava relaxando olhou para toda aquela gente reunida e arregalou os olhos. Ele começou a rir.

Vocês me fazem rir, ele disse.

Como é que as coisas chegaram a este ponto?, perguntou a garota, rindo. Eu só estou sentada aqui, de boa! O que é que eu tenho a ver com isso? Marcus, cara, você atrai essas coisas. Agora é contigo. Quando eu menos esperar vou estar no maldito *Jeremy Kyle*.

Por que vocês estão rindo?, perguntou a velhinha branca, que agora tinha se juntado ao resto do grupo, perto do gira-gira. Não vejo nenhuma graça nisso.

Ah, cara, isso não acaba nunca, disse a garota. Essa aí voltou agora. A velha coroca não larga o osso de jeito nenhum. Que loucura!

Tudo isso?, perguntou Marcus. Por um cigarro? Mas será que realmente vale a pena? Voltem pros seus lugares e se acalmem. Vão cuidar das suas vidas. Vai sentar, cara.

Idiotas, disse a garota.

Apague isso e pronto, cara, disse Natalie. Ela não terminava uma frase com “cara” há um bom tempo.

Ei, Marcus, disse a garota. Apaga esse cigarro, por favor, faz essa mulher calar a boca. Isso já está ficando ridículo.

Você deveria se envergonhar, disse a velhinha branca.

Eu estava disposta a conversar com você, viu?, disse a rasta. De adulto para adulto e tentar entender seu ponto de vista. Mas pra mim aquela baboseira toda foi a gota d’água. Que vergonha, irmão. E o triste é que eu sei aonde isso vai dar.

Não se preocupe comigo, disse Marcus. Tenho meu ganha-pão. Vivo bem.

Marcus ergueu o colarinho da camisa. O gesto não foi convincente.

Tenho meu ganha-pão, vivo bem, repetiu Natalie. Seus lábios se arreganhavam num rosnado. Tenho meu ganha-pão, vivo bem, ela repetiu. Ah, sim, tenho certeza de que é o caso. Sou advogada, irmão. Isso é ter um ganha-pão. Isso é ter um ganha-pão de verdade.

Estas pessoas são doentes da cabeça, disse a garota.

Se ela viesse e me pedisse com respeito, tá? Eu simplesmente teria apagado, argumentou Marcus. Na verdade eu sou um cara inteligente. Mas quando alguém não me respeita então eles estão me desrespeitando e então eu vou mais é meter o pau.

Se você tivesse qualquer respeito próprio ou autoestima, argumentou Natalie, uma pessoa te pedindo para apagar um cigarro

num maldito parquinho não soaria como um ataque ao seu precioso ego.

Uma pequena multidão tinha se formado, de outros pais, cidadãos preocupados. Esse último argumento de Natalie foi um enorme sucesso, e ela sentiu que sua vitória era tão garantida quanto se um júri tivesse engasgado diante de um arquivo de fotos na sua mão. Tranquilizando-se com o triunfo, ela acidentalmente trocou um olhar longo demais com Marcus — o que por um breve momento a fez gaguejar —, mas logo encontrou um vazio acima do ombro direito dele e dirigiu todos os seus comentários seguintes para esse ponto de fuga. Em torno deles, a discussão se dividiu em bate-bocas menores. A garota discutia com a velhinha. Seu namorado discutia com a rasta. Várias pessoas se juntaram a Natalie para continuar gritando com o pobre Marcus, que a essa altura tinha terminado seu cigarro e parecia absolutamente exausto.

174. Pêssego, peônias

Ela não estava conseguindo encontrar o endereço e passou direto várias vezes. Era uma porta discreta com um painel de vidro duplo, espremida entre a Habitat e a Waitrose na Finchley Road. Caindo aos pedaços, um prédio da década de 1930. Ela apertou o botão e na hora abriram a porta. Parou para examinar algumas flores de plástico no hall, extraordinárias na sua verossimilhança. Quatro andares, nenhum elevador. Natalie Blake ficou parada diante da porta do apartamento por um bom tempo. Para conseguir tocar a campainha, teve de executar uma ação que mais tarde descreveu para si mesma como “sair do próprio corpo”. Através do vidro ela podia ver um carpete e paredes cor de pêssego, além de um canto da sala de estar onde havia um sofá branco e macio de couro, com pernas e braços de nogueira. De frente para o sofá avistou uma cadeira e um pufe gigante combinando, ambos no mesmo estilo. Sobre uma mesinha havia um jornal. Apertou os olhos para ver qual

era e concluiu que se tratava de uma cópia do *Daily Express*, parcialmente escondida por um telefone antigo com disco giratório, num tom creme e com um fone de latão. Pensou no anúncio, que descrevia esse casal como sendo “de alto nível”. Dois corpos se aproximaram da porta. Ela os viu claramente através do vidro. Muito mais velhos do que tinham dito. Na casa dos sessenta. Pele horrorosa, branca e enrugada, com veias azuis. Todo mundo procura uma MN 18—35. Por quê? O que eles acham que a gente pode fazer? O que é que a gente tem que eles querem? Ela os ouviu chamando: Volte aqui!

175. Golders Green Crematorium

Não era difícil para Natalie Blake se vestir para um funeral. A maior parte de suas roupas tinha um aspecto fúnebre. Era mais difícil vestir as crianças, e ela fez com que isso fosse o foco de sua ansiedade, batendo portas de armário e jogando no chão o que quer que ficasse no caminho.

No carro, seu marido Frank De Angelis perguntou: “Ele era um bom homem?”.

“Não sei o que isso quer dizer”, respondeu Natalie Blake.

Ao entrarem no estacionamento, não havia um único rosto no retrovisor que ela não reconhecesse, ainda que tivesse esquecido os nomes. Gente de Caldwell, gente de Brayton, gente de Kilburn, gente de Willesden. Cada um marcando uma época específica. Certamente ela, também, não era mais do que uma forma narcisista de relógio para eles. E ainda assim. Desceu do carro para o pátio. Uma amiga de sua mãe tocou-lhe no braço. Ela foi na direção do jardim memorial. Um homem que dirigia a Associação de Moradores de Caldwell pôs sua enorme mão no pescoço dela e o apertou. Seria possível não sentir apenas desprezo pelas pessoas que marcavam o tempo para você? Seria possível amá-las também? “Você está bem, Keisha?” “Natalie, bom te ver.” “Tudo bem,

querida?” “Srta. Blake, quanto tempo.” O estranho cumprimento em reconhecimento que as pessoas trocam em funerais. Não só Colin Hanwell estava morto, mas uma centena de pessoas que tinham compartilhado os mesmos quilômetros quadrados de ruas com o homem agora reconheciam essa relação, que era ao mesmo tempo íntima e acidental, próxima e distante. Natalie não tinha realmente conhecido Colin (não era possível ter realmente conhecido Colin), mas ela soube o que era conhecer Colin. Ter Colin como um objeto apresentado à sua consciência. Assim como todas essas pessoas.

Pessoas falavam. Pessoas cantavam. *And did those feet, in ancient times*. Natalie foi obrigada a ficar indo e voltando conforme cada um dos filhos se metia em alguma confusão. Finalmente a cortina abriu e o caixão desapareceu. Dusty Springfield. Há coisas que você só tem como ficar sabendo sobre as pessoas depois que elas morrem. Enquanto a congregação saía, Leah ficou postada na porta com a mãe. Ela vestia um conjunto de saia longa e blusa preta horrível que alguém provavelmente lhe emprestara. Natalie podia ouvir estranhos bem-intencionados incomodando Leah com lembranças longas e irrelevantes. Contando histórias. “Obrigada por ter vindo”, dizia Leah, mecanicamente, para cada pessoa que passava. Ela parecia muito pálida. Nenhum irmão. Nenhum primo. Apenas Michel para ajudar.

“Ah, Leeh”, exclamou Natalie quando chegou a sua vez, chorando e abraçando com força sua boa amiga Leah Hanwell. Se ao menos alguém tivesse forçado Natalie Blake a ir a um funeral todos os dias da sua vida!

176. Alheamento

O Conjunto Habitacional Cranley, Camden. Mais N do que NW. Um homem magricela que se autodenominava “JJ” e que era muito parecido com o tio Jeffrey. E uma garota iraniana, com um apelido igualmente improvável: “Docinho”. Eles tinham pouco mais de vinte

anos, desastres. Natalie Blake imaginou crack, mas poderia facilmente ser metanfetamina ou alguma outra coisa também. Docinho tinha um dente faltando. A sala de estar deles mal e mal merecia o nome. Futon asqueroso e imundo, TV ligada o tempo todo. O lugar fedia a erva. Eles estavam sentados em pufes, quase inconscientes, assistindo a *Topa ou não topa*. Eles não pareciam nervosos. JJ disse: Senta aí e relaxa um pouco. Acabei de chegar e estou um caco. Ele não apontou uma cadeira. Sempre afável, Natalie Blake encontrou um lugar no chão entre os dois.

Ela tentou se concentrar no programa de televisão, sem nunca tê-lo visto antes. Seu celular não parava de tocar com mensagens do trabalho. JJ tinha uma teoria da conspiração elaborada sobre a ordem das caixas. A única coisa a fazer era aceitar o baseado e se deixar levar pela maconha. Rapidamente ela perdeu a noção do tempo. Em algum momento eles pararam de ver TV e JJ começou a jogar videogame: trasgos e espadas e elfos falando bobagens. Natalie pediu licença para ir ao banheiro. Ela abriu a porta errada, viu uma perna, ouviu um grito. Esse aí é o Kelvin, disse JJ, ele está ficando aqui por uns dias. Ele trabalha à noite.

O assento do vaso era de acrílico translúcido com um desenho de peixinho dourado. A água da torneira era marrom. Head & Shoulders. Radox. Ambos vazios.

Natalie voltou devagar. JJ estava ocupado falando para a tela. Me diga onde está o armazém de grãos do maldito. Uma camponesa enigmática sorriu de volta para ele. Natalie tentou entabular conversa. Ele já tinha feito algo assim antes? Algumas vezes, ele disse, quando não há porra nenhuma pra fazer. Mas geralmente as pessoas são feias pra cacete e eu expulso elas antes que cheguem na porta. Ah, disse Natalie. Ela esperou. Nada. Docinho, entediada, voltou-se para sua hóspede. O que você faz da vida, Keisha? Você parece uma boa garota. Sou cabeleireira, disse Natalie Blake. Ah! Escuta, ela corta cabelo. Que legal. Eu sou do Irã. JJ fez uma careta:

Eixo do Mal! Docinho deu um tapa nele, mas com carinho. Ela acariciou o rosto de Natalie: você acredita em aura, Keisha?

Mais maconha foi enrolada e fumada. Em algum momento Natalie lembrou que Frank também ia trabalhar até tarde. Ela mandou uma mensagem para Anna e a subornou com o pagamento de um período e meio para ficar até as onze e pôr as crianças pra dormir. JJ chegou a um castelo onde recebeu uma nova lista de tarefas. Docinho começou a se perguntar em voz alta sobre um pó de MDMA que ela tinha deixado num papel de chiclete em algum lugar. Natalie disse: acho que não vai rolar realmente, né? JJ disse: provavelmente não, pra ser sincero.

177. Inveja

Leah queria que Natalie Blake falasse a uma associação de jovens negras num leilão beneficente que Leah tinha ajudado a financiar. Não parava de falar nisso. Mas o salão que eles tinham conseguido alugar para o evento ficava ao sul do rio.

“Eu não vou pro sul”, protestou Natalie Blake.

“É por uma causa realmente boa”, insistiu Leah Hanwell.

Natalie Blake agradeceu Leah pela apresentação e postou-se na frente do pódio. Ela fez um discurso sobre administração do tempo, identificar objetivos, trabalhar duro, respeitar a si mesma e ao parceiro e sobre a importância de uma boa educação. “Qualquer coisa baseada puramente na materialidade está fadada ao fracasso”, ela leu. “Para sobreviverem, suas ambições precisam estar focadas na mesma direção.” Algum dia ela provavelmente se veria tendo de dizer algo assim para Leah. Não nesse exato momento, mas algum dia. Ela ia amenizar, claro. Pobre Leah.

Entre o início da página dois e o começo da página três, ela deve ter lido em voz alta e falado coisa com coisa, deve ter parecido haver alguma linearidade ininterrupta — ninguém na plateia olhava para ela como se fosse doida —, e no entanto ela se pegou com a

mente vagando para quadros obscenos. Ficou se perguntando o que Leah e Michel, que pareciam estar sempre se tocando, faziam na privacidade do quarto. Orifícios, posições, clímaces. “E foi por ter recusado estabelecer para mim mesma limites artificiais”, explicou Natalie Blake para a associação de jovens negras, “que fui capaz de alcançar todo o meu potencial.”

178. Colmeia

A agradável voz saiu pelos alto-falantes no café do parque. Natalie Blake e sua amiga Leah Hanwell já há muito tempo tinham concordado que essa voz tinha o som de Londres — especialmente de suas áreas ao Norte e ao Noroeste —, como se a dona dessa voz fosse a santa padroeira dos bairros daquela região. A voz é algo que você pode possuir? A filha de Natalie e várias outras crianças saltavam e dançavam ao som da música enquanto seus pais discretamente balançavam a cabeça. Fazia sol. Infelizmente Leah Hanwell estava, como de costume, atrasada, e logo a música acabou e Naomi estava gritando alguma coisa e Spike tinha acordado e Leah tinha perdido uma demonstração perfeitamente encenada da alegria da vida — da vida familiar em particular. “Ela está muito deprimida”, disse Natalie para Frank enquanto eles esperavam. “Ela acha que eu não percebo. Eu percebo. Completamente presa. Estagnada. Parece que não consegue sair desse buraco no qual está presa.” Mas assim que disse isso ela foi confrontada com a possibilidade de que esse juízo tinha meramente surgido a partir da música, era no fundo apenas um verso final que a própria Natalie tinha acrescentado no calor do momento, e que ao dizer aquilo em voz alta ela tinha feito um papel ridículo. Frank ergueu os olhos do jornal e encontrou o rosto de Natalie naquele estado de calamidade. “Leah e Michel são as pessoas mais felizes do mundo”, ele disse.

Algum tempo depois, Natalie viu a cantora sendo entrevistada na televisão: “Quando eu era criança, nem de longe achava que tinha algo especial. Achava que todo mundo podia cantar”. Sua voz era o mesmo milagre que Natalie tinha ouvido uma vez, pela janela de um bar, em Camden. Mas a mulher que possuía ou não aquela voz tinha praticamente desaparecido. Natalie ficou olhando para a garotinha de pernas tortas, mal e mal estando ali, quase nada.

179. Aforismo

Como o dom é uma coisa difícil para uma mulher! Ela vai se punir por tê-lo recebido.

180. Todos os confortos modernos

O encantador Primrose Hill. Depois de muita negociação por e-mail, foi marcado um encontro durante o dia: três horas. A mulher abriu a porta da frente e disse: Ufa! Alongamento, robe, saltos, bonita, inegavelmente africana. Seu principal objetivo era passar um braço em volta de Natalie Blake e fazê-la entrar na gigantesca casa antes que alguém visse. Elegantemente, Natalie seguia o mesmo tema: argolas douradas, saia jeans, botas de camurça com franja, o elástico no cabelo com dados em preto e branco, e suas roupas de trabalho numa mochila nas costas. Vendo-se de relance num enorme espelho com moldura dourada no hall, ela se achou convincente. A essa altura estava determinada. Pelo menos elas eram atraentes. Natalie Blake ainda acreditava que o que importava era a atração.

Verde Utopia (fosco) da Farrow & Ball no hall. Escultura africana de parede. Obras minimalistas modernas. Um disco dourado emoldurado. Uma foto de Marley emoldurada. A capa de um jornal emoldurada. Uma espécie de “bom gosto” horrível por todo o lugar. Natalie Blake olhou para cima e viu o marido ou namorado no topo da escada. Ele era especialmente bonito, a cabeça raspada, o corpo

benfeito. Um casal bem-apessoado, os dois se pareciam. Como algo saindo de uma propaganda americana de seguro de vida. Ele sorriu para Natalie revelando um monte de dentes, branquíssimos e perfeitamente alinhados. Roupão de seda. Cafona. Estamos tão felizes por ter você aqui, Keisha, não tínhamos certeza de que você era real. Dá para acreditar que ela é real? É bom demais para ser verdade. Suba aqui, irmã, pra que eu possa dar uma boa olhada em você. Música soul tocando no andar de cima. Cadeira Bloom de bebê, alta, edição limitada de 2009, levitando na cozinha feito uma estação especial. MacBook Air aberto na mesa da cozinha. Um Mac mais antigo fechado na escada. Ele estendeu a mão. Sua casa é linda, disse Natalie Blake. Você é linda, disse ele. Natalie sentiu a mão da esposa ou namorada na sua bunda.

No andar de cima ela foi apresentada a uma cama-trenó, do tipo que estava na moda há uns cinco anos. A sapateira estava aberta. Solas vermelhas do teto ao chão. Acima da cama eles tinham aquele mapa de metrô mais do que conhecido com as paradas substituídas por ícones do milênio passado, apresentados em cliques e movimentos. Natalie procurou Kilburn: Pelé. Sobre a cama um iPad no qual passava pornografia, sexo a três, e essa foi a primeira vez na vida que Natalie viu tal aparelho. Duas garotas se fodiam enquanto um homem estava sentado numa escrivaninha com o pau na mão. Eram todos alemães.

A bela mulher africana não parava de falar. De onde você é? Está na faculdade? O que você quer ser na vida? Não desista nunca. O segredo é sonhar grande. Ter ambições. Trabalhar duro. Não aceitar não como resposta. Ser exatamente quem você quer ser.

Quanto mais Natalie Blake ficava ali parada, totalmente vestida e sem responder, mais nervosos eles ficavam, e mais eles falavam. Finalmente Natalie pediu para usar o banheiro da suíte. Ela entrou numa banheira vitoriana recuperada, revestida em bronze e porcelana, da Water Monopoly. Sabia que não havia mais o que

fazer ali. Recostou-se. Acqua di Parma. Chanel. Molton Brown. Marc Jacobs. Tommy Hilfiger. Prada. Gucci.

181. Feriado de Páscoa

Anna tinha ido à Polônia por alguns dias para visitar a família, mas agora o vulcão significava que ela não poderia voltar. Natalie pesquisou no Google. Ela ficou olhando para a enorme nuvem de fumaça.

“Você é mais flexível do que eu”, argumentou Frank, e saiu de casa. O porão estava de volta à ativa. Empreiteiros tomavam conta do lugar. Frank tinha trabalhado duro para pôr as coisas de volta nos trilhos. Ambos tinham. Eles mereciam tudo o que estavam recebendo.

Tem mais chá, querida? Melhor manter essas crianças longe, elas podem acabar se machucando. Por acaso não tem um biscoitinho sobrando aí?

Por volta das dez da manhã ela se viu presa numa caixa pintada de branco com duas pessoas misteriosas de olhos escuros que pareciam querer alguma coisa dela que ela não fazia ideia de como descobrir o que era e como lhes dar. Homens de colete laranja entravam e saíam. Acabou o leite, querida. Tem um pouco de geleia? Ela pegou as duas crianças nos braços e saiu desse canteiro de obras, sua cozinha. Levou-as para o apartamento de sua mãe. Para o parque. Para o zoológico. Para o mercado de Kilburn. Para o mercadinho africano. Para a Toys R Us de Cricklewood. Para casa.

Naomi relatou essa odisseia para o pai delas com muito mais detalhes quando ele voltou para casa.

“Você é maravilhosa”, disse Frank, dando um beijo na bochecha de Natalie Blake. “Eu teria só ficado sentado aí matando o tempo, jogando com eles o dia todo.”

182. Amor nas ruínas

Eles eram bons rapazes e estavam claramente atônitos com o fato de alguém ter respondido a um anúncio com aquela premissa. Natalie tinha certeza de que eles deviam ter postado quando estavam chapados. Primos? Irmãos? Uma casa geminada da década de 1950, em Wembley, de frente para a North Circular, com vidro duplo em praticamente todas as janelas. Era uma casa de família sem uma família. O que a garotada de Brayton costumava chamar de “casa de tio de mercearia”. Natalie Blake não conseguia explicar por que ela sabia que eles não iam matá-la. Ela tinha de reconhecer em si mesma uma crença totalmente irracional de que a questão de alguém ter ou não intenções assassinas em relação a você é uma daquelas coisas que você “simplesmente sabe” sobre as pessoas. Com certeza ajudava o fato de que quando eles abriram a porta pareciam mais assustados que ela. Minha nossa. Eu te disse, Dinesh. Eu te disse. Eu te disse que não era um cara. Entre, meu bem. Entre, Keisha. Minha nossa. Você é magrinha e coisa e tal. Por que você tá falando isso! Por que não? Ela sabe e a gente sabe. Ela sabe e a gente sabe. Nenhuma novidade. Minha nossa! Vá por ali, isso, que lindo. A gente num vai te machucar, não, somos bons garotos. Ah meu pai, ninguém vai acreditar nisso, cara. Eu mesmo mal posso acreditar. Entra ali. A gente vai se revezar ou o quê? Quê? Eu não quero te ver pelado, cara! Que doideira mais gay. Sim, mas ela quer em dose dupla, né! Então não é um depois o outro! São os dois simultania — simultanea — simu — ao mesmo tempo. Você não sabe o que é dose dupla, cara? Dose dupla. Você nem sabe do que tá falando. Dose dupla! Cala a boca, palhaço. Natalie escutou os dois brigando no hall. Ela ficou sentada esperando na cozinha. Uma grande poça de água cercava o freezer. Em todas as portas estava escrito PORTA CORTA-FOGO. Os dois voltaram pra cozinha. Timidamente sugeriram que todos se

dirigissem a um quarto. A timidez deles era estranha, dadas as circunstâncias. O tempo todo batendo boca. Ali. Você é retardado? Eu não vou fazer ali, não. Bibi dorme ali! Ali, cara. Besta. Siga-me, Keisha, sinta-se à vontade, viu? Dinesh, cara, não tem nem lençol aqui! Vai pegar um lençol! Para de falar meu nome! Nada de nomes. A gente vai pegar um lençol, espere aqui, não se mova.

Natalie Blake deitou no colchão. Em cima do guarda-roupa havia um monte de coisas encaixotadas. Coisas que ninguém voltaria para buscar. Coisas descartáveis. Havia alguma coisa de terrivelmente triste em todo aquele lugar. Ela desejou poder tirar as caixas dali e examiná-las e salvar o que precisasse ser salvo.

A porta abriu e os rapazes reapareceram apenas de Calvin Klein, uma preta, uma branca, como dois pesos-pena num ringue de boxe. Não tinham mais que vinte. Eles pegaram um laptop. A ideia parecia ser como a de uma roleta. Você clica e um ser humano aparece, em tempo real. Clica de novo. Clica de novo. Oitenta por cento das vezes eles conseguiam um pênis. O restante eram garotas silenciosas mexendo no cabelo, grupos de estudantes que queriam conversar, capangas de cabeça raspada diante da bandeira dos seus países. Nas raras vezes em que aparecia uma garota, eles na hora começavam a digitar: MOSTRA OS PEITOS AÍ. Natalie perguntou a eles: rapazes, rapazes, por que estamos fazendo isso? Vocês têm a coisa real aqui. Mas eles continuaram na internet. Parecia a Natalie que estavam tentando ganhar tempo. Ou talvez não conseguissem fazer sem que a internet de alguma forma estivesse no meio. Tenta você, Keisha, tenta você, veja o que consegue. Natalie se sentou diante do laptop. Ela conseguiu um garoto solitário em Israel que digitou VOCE EH BOA e pôs o pênis pra fora. Você gosta de ser vista, Keisha? Você gosta? Vamos deixar ali, em cima da cômoda. Como você vai querer, Keisha? É só falar que a gente faz. Qualquer coisa. E ainda assim Natalie Blake sabia que não estava correndo perigo. Apenas façam o que quiserem, disse Natalie Blake.

Mas nenhum dos dois nem de longe conseguia dar conta do recado, e logo um passou a culpar o outro. É ele! É porque eu acabo olhando pra ele, cara. Com ele ali eu perco todo o clima. Não dê bola pra ele, ele nem sabe o que é clima.

Para eles era suficiente ficar brincando feito adolescentes. Natalie foi perdendo a paciência. Ela não era mais adolescente. Ela sabia o que estava fazendo. Não achava que tinha de ficar esperando até que a penetrassem. Sabia envolver. Sabia agarrar. Sabia soltar.

Ela sentou o rapaz com a Calvin Klein preta na ponta da cama, puxou o prepúcio dele para baixo, montou nele, advertiu-o a não tocá-la ou se mover a não ser que ela mandasse. Um pau estreito, mas não feio. Ele disse: você é bem determinada, né, Keisha? Sabe o que quer e tal. Dizem que as irmãs são assim, não dizem? Ao que Natalie Blake respondeu: estou pouco me fodendo para o que dizem. Ela via que o rapaz não tinha nenhum ritmo útil — era melhor para ambos que ele simplesmente ficasse parado. Ela forçou-se para baixo. Balançou-se. Terminou muito rapidamente, embora não tão rapidamente quanto o amigo circuncidado do outro lado da cama, que soltou um pequeno gemido, gozou num pinga-pinga na própria mão e desapareceu banheiro adentro. Dinesh, seu besta. Volta aqui. Hum. Isso é um pouco constrangedor. Pra onde é que ele foi? Somos só nós dois. Você já gozou, né? Tá certo. Quer saber, acho que não vai rolar pra mim nesse exato momento, Keisha. Pra falar a verdade, estou com um pouco de calor e meio incomodado nesse exato momento.

Ela o soltou. O garoto despencou dela, bastante reduzido. Ela o enfiou de volta na cueca. Começou a se vestir. O outro rapaz voltou do banheiro parecendo acanhado. Ela ainda tinha um beck que sobrara de Camden, e eles o fumaram juntos. Tentou fazer os dois contarem alguma coisa, qualquer coisa, sobre as pessoas que viviam naquela casa, mas eles se recusavam a parar de, nas palavras deles, “passar uma conversa” nela. A gente deveria

idolatrar essa garota, cara. Irmã, está preparada para ser idolatrada? Você é uma deusa aos meus olhos. A noite toda, meu bem. Até você implorar pra eu parar. Até as seis da matina. Dinesh, cara, eu tenho de estar no trabalho às oito.

183. Colocando em dia

Natalie Blake despediu Anna e contratou Maria, que era brasileira. O porão foi terminado. Maria mudou-se para lá. Um novo campo de horas extras pagas se abriu. Natalie e Leah foram ao irlandês.

“O que você anda fazendo?”, perguntou Leah Hanwell.

“Nada de mais”, disse Natalie Blake. “E você?”

“O de sempre.”

Natalie contou uma história sobre um rapaz fumando no parque, enfatizando sua própria oposição heroica à incivilidade persistente. Ela contou uma história sobre quão mesquinha e infeliz a conhecida delas Layla Dean tinha se tornado, de um jeito que pretendia sutilmente engrandecer a própria Natalie Blake. Contou uma história relacionada aos preparativos das crianças para o carnaval, o que dificilmente poderia evitar que se demonstrasse a plenitude feliz de sua vida.

“Mas Cheryl quer todos ‘os primos’ num carro alegórico da igreja. Não quero ir num carro da igreja!”

Leah defendeu o direito de Natalie de não aceitar religião disfarçada de diversão carnavalesca. Leah contou uma história sobre sua mãe estar impossível. Natalie defendeu o direito de Leah de ficar indignada com o mau comportamento de sua mãe, por mais insignificante que fosse. Leah contou uma história engraçada sobre Ned do andar de cima. Contou uma história engraçada sobre os hábitos de Michel no banheiro. Natalie notou com preocupação que as histórias de Leah não tinham nenhuma ênfase ou intenção especial.

“Você alguma vez viu aquela garota de novo?”, perguntou Natalie Blake. “Aquela que te enganou — que bateu na sua porta?”

“O tempo todo”, disse Leah Hanwell. “Eu a vejo o tempo todo.”

Elas beberam sozinhas duas garrafas de vinho branco.

184. Pega

“O que é isso? KeishaNW@gmail.com. Que porra é essa? Ficção?”

Eles estavam parados um de frente para o outro no corredor. Ele balançou uma folha de papel na frente dela. A dois metros deles, os filhos com os primos mais Cheryl e Jayden estavam treinando coreografias a serem executadas num carro alegórico na manhã seguinte. Marcia estava ajudando a costurar lantejoulas e penas nas malhas fluorescentes. Ao escutarem vozes exaltadas, os muitos membros da família de Natalie Blake pararam o que estavam fazendo e olharam para o corredor.

“Por favor, vamos subir”, disse Natalie Blake.

Eles subiram um lance de escadas e foram até o quarto de hóspedes, decorado com um charmoso tema marroquino. O marido de Natalie Blake segurou-a com força pelo pulso.

“Quem *é* você?”

Natalie Blake tentou soltar seu pulso.

“Você tem dois filhos lá embaixo. Deveria ser uma porra de uma adulta. Quem é você? Essa porra é real? Quem é *selvagememwembley*? O que é aquilo no seu computador?”

“Por que você está mexendo no meu computador?”, perguntou Natalie Blake, baixinho, num tom de voz ridículo.

185. Avante

Frank ficou sentado na cama de costas para ela, uma mão sobre os olhos. Natalie Blake ergueu-se, saiu do quarto de hóspedes e fechou a porta. Uma estranha sensação de calma a seguiu até o

andar de baixo. No térreo, no hall, ela esbarrou com a garota brasileira, Maria, que olhou para ela com a mesma confusão obtusa da semana anterior, quando ela chegou e descobriu que sua patroa era vários tons mais escuros que ela própria.

Passou pelo hall, onde o laptop dela ainda estava sobre uma mesinha de canto, a tela ainda aberta para quem quisesse ler. Passou por sua família, que a chamou. Ela ouviu Frank correndo escada abaixo. Viu seu casaco pendurado sobre o corrimão, chaves e celular no bolso. Na porta teve outra oportunidade de levar algo consigo (ela podia ver, na mesa do corredor, sua bolsa, um cartão de metrô, outro molho de chaves). Saiu de casa sem nada e fechou a porta da frente atrás de si. Pelo janelão, Frank De Angelis perguntou à sua esposa Natalie Blake aonde ela estava indo. Aonde ela pensava que estava indo. Aonde ela na sua cara de pau pensava que estava indo. “A lugar nenhum”, disse Natalie Blake.

TRAVESSIA

De Willesden Lane para Kilburn High Road

Ela virou à esquerda. Andou até o final da sua rua e da rua seguinte. Afastou-se rapidamente do Queen's Park. Passou pelo ponto onde Willesden e Kilburn se encontram. Passou pela casa de Leah, depois por Caldwell. No antigo apartamento, a janela da cozinha estava aberta. Um edredom — decorado com o distintivo de um time de futebol — estava pendurado na sacada para secar. Sem olhar para onde ia, começou a subir a colina que vai de Willesden a Highgate. Fazia um som agudo esquisito, como uma raposa. Enquanto atravessava a rua, um ônibus noventa e oito passou bastante inclinado por ela — como se estivesse prestes a virar —, e a princípio parecia ser ele a fonte da estranha luz vermelha e azul colorindo as listras brancas da faixa de pedestres. Agora ela viu a viatura policial escondida pelo ônibus, as luzes no teto girando em silêncio. Uma fila de viaturas, estacionadas perpendicularmente, impedindo o trânsito na Albert Road. Do lado público dessa barreira, um grupo de pessoas tinha se juntado, e um alto policial de turbante estava parado no meio delas, respondendo perguntas. Mas eu moro na Albert!, disse uma jovem. Ela carregava um número excessivo de sacolas de compras em cada mão, algumas penduradas nos pulsos e entrando na carne. Qual número?, perguntou o policial. A mulher

lhe disse. Você vai ter que dar a volta. Você vai encontrar policiais na outra ponta que vão te acompanhar até a sua casa. Pelo amor de Deus, disse a mulher, mas passado um instante ela foi na direção indicada. Não posso passar por aqui?, perguntou Natalie. Ocorrência, disse o policial. Ele olhou para ela. Uma grande camiseta, calça legging e um par de pantufas vermelhas imundas, como uma viciada. Ele olhou para o relógio. São oito agora. Esta rua vai ficar bloqueada por mais ou menos uma hora ainda. Ela tentou ficar na ponta dos pés para ver por cima do ombro dele. Só o que podia ver eram outros policiais e uma tenda de lona branca à esquerda, na calçada em frente ao ponto de ônibus. Que tipo de ocorrência? Ele não respondeu. Ela não era ninguém. Não merecia uma resposta. Um garoto numa bicicleta BMX disse: passaram a faca nele, né não?

Ela se virou e foi andando de volta na direção de Caldwell. Andar era o que ela fazia agora, andar era o que ela era. Ela não era nada mais, nada menos que o fenômeno andar. Não tinha nome, biografia, características. Essas coisas todas tinham caído num paradoxo. Certas lembranças físicas permaneciam. Podia sentir o inchaço da pele abaixo dos olhos e o fato de que sua garganta estava dolorida de gritar e gemer. Tinha uma marca no pulso onde fora segurada com força. Pôs a mão no cabelo, sabendo que ele estava bagunçado e espetado e que no meio da briga ela tinha arrancado um tantinho na têmpora direita. Chegou ao muro que cercava Caldwell. Caminhou ao longo do muro dos fundos, olhando para o matagal que subia pela depressão do terreno até o nível da rua. Caminhou ao longo do muro de uma ponta a outra e depois voltou. Parecia estar procurando algum sinal de perfuração nos tijolos. Continuou refazendo o mesmo caminho. Estava erguendo um joelho para subir no muro quando uma voz de homem a chamou.

Keisha Blake.

Do outro lado da rua e à esquerda dela. Ele estava parado sob um castanheiro-da-índia com as mãos enfiadas nos bolsos do seu moletom com capuz.

Keisha Blake. Espera.

Ele atravessou a rua meio correndo, todo inquieto: as mãos no nariz, nas orelhas, na nuca.

Nathan.

Você tá tentando invadir o conjunto?

Ele saltou pra cima do muro.

Não sei o que eu estou fazendo.

E não vai nem me perguntar como eu estou? Quanta frieza.

Ele se curvou e perscrutou o rosto dela.

Você não parece bem, Keisha. Eu te ajudo.

Natalie cruzou os pulsos. Nathan olhou para as mãos tremendo dela. Ele a puxou. Os dois pularam para o outro lado juntos, caindo suavemente nos arbustos. Enquanto se endireitava, ele olhou para a rua por cima do ombro.

Venha então.

Ele foi descendo pelo mato até chegar à pequena área verde onde os moradores estacionavam. Recostou-se contra um carro velho. Natalie foi mais devagar, agarrando-se às partes mais firmes dos arbustos, escorregando nas pantufas.

Você definitivamente não parece muito bem.

Não sei o que estou fazendo aqui.

Brigou com seu homem, né?

Sim. Como é…

Você não parece estar assim por pouca coisa. Venha comigo. Estou fugindo.

Agora ela reparou nas pupilas dele, enormes e sem vida, e então tentou se colocar no velho papel. Já seria alguma coisa substituir essa ausência de sensações, esse nada. Ela pôs uma mão no ombro dele. O tecido do moletom estava duro, sujo.

Você está fugindo?

Ele soltou um som do fundo da garganta como se fosse um grito sufocado. O grito ficou preso em algum catarro, e ele tossiu por um bom tempo.

O negócio é fugir ou desistir esta noite. Você tá indo pra casa da sua mãe?

Não. Norte.

Norte?

Tentei pegar o metrô na Kilburn. A rua está bloqueada.

Ah, é. Venha, vamos andar. Este não é o lugar em que eu quero estar agora. Já passei tempo suficiente neste lugar.

Eles estavam no centro da bacia de Caldwell. Cinco prédios ligados por passarelas e pontes e escadas e elevadores a serem evitados tão logo foram colocados. Smith, Hobbes, Bentham, Locke, Russell. Aqui está a porta, aqui está a janela. E repetir, e repetir. Alguns dos moradores tinham colocado belos vasos de gerânios e violetas-africanas nas sacadas. Outros tinham janelas consertadas com fita adesiva marrom, cortinas de filó sujas, nenhum número na porta, nenhuma campainha. À sua frente, na longa sacada de concreto que atravessa toda a extensão de Bentham, um garoto branco e gordo estava com um telescópio montado, apontado para baixo, para o estacionamento e não para a lua. Nathan olhou para ele e continuou encarando. O garoto recolheu o telescópio, enfiou o suporte debaixo do braço e correu para dentro de casa. O cheiro de maconha tomava conta do lugar.

Quanto tempo, Keisha.

Quanto tempo.

Você tem um cigarro?

Natalie pôs as mãos no corpo para demonstrar a falta de bolsos. Nathan parou onde estava e pegou um cigarro do bolso de trás de sua calça. Ele o dividiu ao meio com a comprida unha do polegar, amarela e grossa, rachada da metade para a frente. Tabaco caiu em

suas mãos. Vincos pretos e secos atravessavam ambas as palmas. Ele meteu a mão no bolso e voltou com um pacote de Rizlas laranjas e um saquinho, que segurou entre os dentes.

Qual era o seu mesmo?

Locke. E o seu?

Ele apontou com a cabeça na direção de Russell.

Fique aqui.

Nathan pegou Natalie pelos ombros e a moveu até ela ficar bem na sua frente. Havia algum alívio em se tornar um objeto. Sem cometer nenhum erro, ela podia servir como uma útil barreira entre a brisa e estes dois Rizlas sendo cuidadosamente preparados em L.

Espera só mais um minuto. Ei. Você tá chorando?

Uma luz passou por cima deles com um rugido mecânico; um helicóptero voando baixo.

Sim. Desculpe.

Ah, que é isso, Keisha? Seu homem não é tão ruim assim. Ele vai te aceitar de volta.

Ele não deveria.

As pessoas não deveriam fazer um monte de coisas que fazem. Certo, terminei.

Ele estendeu o baseado, o rosto voltado para o céu noturno.

Não. Eu preciso ficar com a cabeça no lugar.

Não finja ser uma boa garota, Keisha. Eu te conheço há tempos. Conheço sua família. Cheryl. Sirva-se.

Ele pôs o baseado atrás da orelha.

Não coloquei só maconha nele, sabe. Tem umas surpresinhas. Experimente. A gente vai e fuma num lugar tranquilo. É isso aí.

Ele começou a andar. Natalie o seguiu. Andar era o que ela fazia agora. Enquanto andava, ela tentou colocar as outras pessoas, em casa, no atual fluxo do seu pensamento. Mas sua relação com cada pessoa agora lhe era irreconhecível, e sua imaginação — devido a um longo processo de negligência, quase tão longo quanto a vida

dela — não tinha o poder gerador de encarar um futuro alternativo para si. Só o que ela conseguia imaginar era a vergonha suburbana, sufocando tudo. Ela pensou para a esquerda e pensou para a direita, mas não havia saída. Embora talvez Jayden. Novamente ela empacou. Embora talvez Jayden o quê?

Que horas são, Keisha?

Não sei.

Já devia ter me mandado há um tempão. Às vezes eu não me entendo. Quem está me prendendo? Ninguém. Devia ter ido pra Dalston. Tarde demais agora.

De trás de um táxi preto estacionado surgiu um garoto com mais ou menos nove anos, andando de bicicleta sem as mãos com grande lentidão e habilidade. Atrás dele vinham dois outros garotos com no máximo seis e uma garota com cerca de quatro anos. Eles tinham o rosto alongado e os olhos amendoados que Natalie acreditava próprio de somalis, e o tédio deles não lhe era estranho, ela se lembrava dele. A garota chutava uma lata amassada de novo e de novo. Um dos garotos segurava frouxamente um galho comprido que deixava colidir com o que quer que ficasse no caminho. Eles olharam fixamente enquanto passavam, falando na sua língua. O galho entrou no caminho de Nathan. Ele só teve de olhar para o galho para que o garoto lentamente o erguesse acima da cabeça deles e o afastasse.

O que estamos fazendo? Nathan? O que estamos fazendo?

Vagueando. Para o Norte.

Ah.

É pra lá que você quer ir, certo?

Sim.

Há uma ligação entre o tédio e o desejo por caos. Apesar dos muitos disfarces e blefes, talvez ela nunca tenha parado de querer o caos.

Tem alguma música, Keisha?

Quê?

A gente devia voltar pro seu pátio, pegar umas músicas. LOCKE!

Ele gritou e apontou para lá, como se ao nomeá-lo desse vida ao prédio.

Keisha, diga o nome de algumas pessoas de Locke.

Leah Hanwell. John-Michael. Tina Haynes. Rodney Banks.

O esforço de nomear fez com que Natalie se sentasse exatamente onde estava. Ela se deitou e pôs a cabeça no chão até que a lua fosse a única coisa que via e a única coisa em que pensava.

Encontrei Rodney — faz um tempo, em Wembley. Tem uma lavanderia lá agora. Se deu bem. Mas ele é gente boa, o Rodney, continua humilde. Conversou comigo. Algumas pessoas agem como se não te conhecessem. Levanta, Keisha.

Natalie se apoiou nos cotovelos para olhar para ele. Ela não deitava no calçamento fazia décadas.

Vamos, levanta. Conversa comigo. Como de costume. Vamos lá, cara.

Pela segunda vez naquela noite ela cruzou os pulsos e sentiu que era erguida como se mal e mal estivesse ali, quase nada.

Leah. Ela era obcecada por você. Obcecada.

Encontrei com ela. Mas outras coisas. Bom com números.

Leah?

Eu era, cara! Eu era bom! Você lembra. A maioria das pessoas não me conhece daquela época. Você lembra. Conseguia as estrelas douradas toda vez.

Você era bom em tudo. É essa a lembrança que eu tenho. Você fez um teste.

Justamente. Queen’s Park Rangers. Todo mundo diz que fez um teste. Eu fiz um teste de verdade.

Eu sei. Sua mãe contou pra minha mãe.

Tendões ruins. Continuei jogando. Ninguém me disse nada. Um monte de coisa seria diferente, Keisha. Um monte de coisa. É isso mesmo. Se é. Eu não gosto de pensar naquela época, pra falar a verdade. No fim das contas eu estou é aqui na rua, na miséria. Ralando, todo santo dia. Tentando um ganha-pão. Fiz umas coisas ruins, Keisha, não vou mentir. Mas você sabe que esse não sou eu realmente. Você me conhece dos velhos tempos.

Ele chutou três latas de cerveja, mandando-as ruidosamente para o gramado. Eles tinham chegado ao final da nostalgia. Nesse ponto o muro fora parcialmente destruído — parecia que alguém o partira com as mãos, tijolo por tijolo. Eles atravessaram a rua, passaram pela quadra de basquete. Quatro figuras encobertas por sombras estavam paradas na outra esquina, a ponta dos cigarros brilhando no escuro. Nathan ergueu uma mão para os homens. Eles ergueram uma mão em resposta.

Pare aqui. Vou fumar isso.

Certo, eu também.

Ele se inclinou para dentro dos altos portões de ferro do cemitério, olhando. Tirou o baseado pré-preparado de trás da orelha e eles o ficaram passando um pro outro, soprando fumaça através das grades. A outra coisa misturada com o tabaco tinha um gosto amargo. O lábio inferior de Natalie ficou dormente. A cabeça se desligou do corpo. Sua boca ficou rígida e lenta. Ficou difícil traduzir pensamento em som ou saber que pensamentos podiam ser transformados em sons.

Volta volta volta. Keisha, volta.

Quê?

Se mexe.

Natalie se viu sendo gentilmente empurrada alguns metros pelo ombro dele, até eles ficarem no ponto mais afastado entre dois postes de luz. Do outro lado da grade um fino poste vitoriano lançava uma luz fraca sobre os canteiros de flores. Quando Naomi

era pequena, Natalie tinha amarrado a filha contra o peito e ficado andando em oito nesse cemitério, na esperança de que a criança tirasse seu cochilo da tarde. As pessoas da região diziam que Arthur Orton estava enterrado aqui em algum lugar. Em todas as suas andanças em oito ela nunca o encontrou.

Vamos entrar. Quero escalar.

Calma lá. Keisha pirou de vez.

Vamos entrar. Vamos. Não tenho medo. Do que você tem medo? Dos mortos?

Sei não quanto aos espíritos, Keisha. Não quero nada com eles.

Natalie tentou devolver o baseado, mas Nathan o pôs de volta na boca dela.

Por que você tá aqui, Keisha? Você devia é estar em casa.

Não vou pra casa.

Fique à vontade.

Você tem filhos, Nathan?

Eu? Não.

Ouviu-se um zumbido suave, cada vez mais alto, e então um guincho. Uma bicicleta freou com tudo na frente deles. Um rapaz com tranças nagôs bagunçadas, uma perna da calça enrolada até o joelho, inclinou a bicicleta para um lado, esticou-se e sussurrou no ouvido de Nathan. Nathan escutou por um momento, balançou a cabeça, deu um passo pra trás.

Me deixa em paz, cara. Tarde demais.

O garoto deu de ombros e pôs o pé no pedal. Natalie ficou vendo a bicicleta pegar velocidade e desaparecer atrás do antigo cinema.

É só uma sentença de morte.

Quê?

Filhos. Se eles nascem, vão morrer. Então é isso que você dá pra eles no fim das contas. Tá vendo, é por isso que eu gosto de conversar contigo, Keisha, você é sincera. A gente sempre tem umas conversas profundas, você e eu.

Quem me dera a gente tivesse conversado mais vezes.

Estou na rua, Keisha. Tive uma má sorte e tanto. Novlene não diz a verdade pras pessoas. Mas não vou mentir. Você está vendo. Aqui estou eu. A verdade está diante dos seus olhos.

Natalie continuou olhando na direção do garoto da bicicleta. Ela tinha adquirido o hábito de se envergonhar da má sorte dos outros.

Topei com Novlene na avenida já faz um tempo.

A esperta Keisha.

Quê?

Ela te disse que não me deixa mais entrar em casa? Aposto que não. Fala mais, esperta Keisha. Me diga algo inteligente. Você é advogada agora, né?

Sim. De tribunal. Não importa.

Você usa uma peruca. Segura um martelo na mão.

Não. Não importa.

Não, mas você se deu bem. Minha mãe adora me falar de você. A esperta Keisha. Ei, olha aquela raposa! Se esgueirando ali.

Ele tinha uma pequena lanterna no celular que usou para iluminar o bicho pela grade. A ponta de um rabo feio — feito um pincel velho e curvo — desapareceu atrás de um carvalho.

Animais danados. As raposas estão por toda a parte. Se quer saber a minha opinião, elas estão tomando conta de tudo.

A raposa era esquelética e parecia estar correndo de lado sobre as lápides. A lanterna de Nathan a acompanhou até onde podia, até o animal saltar para o nada e desaparecer.

Como é que você entrou nesse negócio?

No direito?

É. Como é que você entrou nisso aí?

Não sei. Simplesmente aconteceu.

Você sempre foi esperta. Você merece.

Não necessariamente.

Aí está ela de novo! Elas são rápidas, essas raposas!

Preciso ir.

A força se esvaiu das pernas de Nathan. Ele foi esmorecendo. Primeiro contra a grade e depois pro lado, pra cima de Natalie. Ela não estava contando com servir de suporte para alguém. Juntos os dois foram escorregando pela grade até o chão.

Jesus — você precisa parar de fumar.

Keisha, fica e conversa comigo um pouco. Conversa comigo, Keisha.

Eles esticaram as pernas na calçada.

As pessoas não conversam mais comigo. Olham pra mim como se não me conhecessem. Pessoas que eu conhecia, pessoas que viviam comigo.

Ele pôs a mão espalmada sobre o peito.

Muita velocidade nesta coisa. O coração está a toda. Aquele besta. Não sei por que gasto meu tempo com ele. Isso é coisa dele. Sempre indo longe demais nessa merda. Mas como é que posso impedir Tyler? Tyler deveria impedir Tyler. Eu nem deveria estar falando com você, eu deveria estar em Dalston, porque isso não é nem comigo, é com ele. Mas eu olho pra mim mesmo e me pergunto: Nathan, por que você ainda tá aqui? Por que você ainda tá aqui? E eu nem sei por quê. Nem brincando estou. Eu devia simplesmente fugir de mim mesmo.

Se acalme. Respire fundo.

Deixa eu me recompor, Keisha. Continua andando comigo.

Ele puxou o capuz pra trás, tirou o boné. Na sua nuca havia uma mancha de pele branca do tamanho de uma moeda.

Vem, vamos nessa.

Num instante ele estava de pé. Uma luz vermelha e azul passou por cima do muro do cemitério.

E isso aqui?

Joga aí no chão e pronto. Vem. Seja rápida.

De Shoot Up Hill para Fortune Green

Eles pararam no ponto onde a Shoot Up Hill encontra a Kilburn High Road, na entrada da estação de metrô.

Espere aqui.

Nathan deixou Natalie perto das máquinas de autoatendimento e foi andando na direção da floricultura. Ela esperou até ele desaparecer e depois o seguiu, parando à beira do toldo. Ele estava na soleira da porta do restaurante de marmita chinesa, conversando com duas garotas, cochichando com elas. Uma delas vestia uma saia de lycra curta e um moletom com capuz, a outra era uma garota pequena com um conjunto de moletom e um lenço caído bem para trás na cabeça. Os três estavam amontoados. Algo mudou de mãos. Natalie ficou vendo-o colocar uma mão na cabeça da garota menor.

O que foi que eu acabei de dizer? Não me obrigue a ficar repetindo as coisas.

Não estou dizendo nada.

Bom. Continue assim.

Nathan afastou-se da porta, avistou Natalie, resmungou. As garotas foram na direção oposta.

Quem eram aquelas garotas?

Ninguém.

Eu sei das coisas. Costumava passar lá nas celas da Bow Street toda noite.

Fechadas agora. Eles te levam pra Horseferry agora.

É verdade, eles levam.

Eu também sei certas coisas, Keisha. Altas coisas. Você não é a única espertinha aqui.

Estou sabendo. Quem eram aquelas garotas?

Vamos pra Shoot Up Hill, daí a gente atravessa.

A rua estava mais comprida e mais larga do que nunca. As casas e os apartamentos ficam bem afastados naquela rua, parecem esconderijos, como se as pessoas que vivem aqui ainda temessem os ladrões de estradas que deram nome ao lugar. Para Natalie parecia que eles nunca chegariam ao final dela.

Você tem dinheiro com você?

Não.

Podíamos comprar duas latinhas.

Não tenho nada comigo, Nathan.

Eles caminharam por um tempo sem falar nada. Nathan se mantinha próximo dos muros, sem nunca chegar ao meio da calçada. Ocorreu a Natalie que ela não estava mais chorando ou tremendo, e que o medo era a emoção mais difícil do mundo a que se agarrar por mais do que um momento. Ela não podia resistir a essa exposição das texturas do mundo: pedra branca, grama verde, ferrugem vermelha, ardósia cinza, merda marrom. Era quase agradável, caminhar para lugar nenhum. Eles atravessaram, Natalie Blake e Nathan Bogle, e continuaram subindo, passando pelos estreitos apartamentos-mansões vermelhos, dinheiro acima. O mundo de conjuntos habitacionais ficara bem para trás deles, na base da colina. Casas vitorianas começavam a aparecer, apenas

algumas a princípio, depois se multiplicando. Cascalho fresco na entrada, persiana branca de madeira na janela. Placa de imobiliária pendurada no portão da frente.

Algumas destas casas valem vinte vezes mais do que valiam há uma década. Trinta vezes.

Ah, é.

Eles continuaram andando. Em intervalos na calçada, a prefeitura tinha plantado uma fileira otimista de plátanos, pequenas mudas protegidas por um rolo de plástico em volta do tronco. Uma já tinha sido arrancada pela raiz e outra, rachada ao meio.

De Hampstead para Archway

Aquele pedacinho do Heath que é cortado pela estrada principal e onde a calçada desaparece. Estava escuro e chuviscando. Eles foram andando pelo asfalto em fila indiana. Natalie sentia os carros muito perto à sua direita e à esquerda amoreiras e arbustos. Nathan vestia o capuz e o boné para se proteger. A própria trança embutida e semidestruída dela estava encharcada até a raiz. De vez em quando ele dava algum aviso por cima do ombro. Mantenha-se à esquerda. Cocô de cachorro. Escorregadio. Ela não podia ter desejado uma companhia melhor.

If I ruled the world!
(Imagine that.)

I'd free all my sons.

Black diamonds and pearls.
If I ruled the world!

Era a música que ele estava cantando.

A chuva engrossou. Pararam na soleira da porta de um bar, Jack Straw's Castle.

Estes sapatos aí são uma isca.

Não são sapatos, são pantufas.

São uma isca.

O que há de errado com elas?

Por que são tão vermelhas?

Não sei. Acho que gosto de vermelho.

Sim, mas por que têm que ser tão brilhantes? Não dá pra fugir, não dá pra se esconder.

Não estou tentando me esconder. Não acho que estou me escondendo. Por que a gente está se escondendo?

Não me pergunte.

Ele se sentou no degrau de pedra molhado. Esfregou os olhos, suspirou.

Aposto que tem gente que mora lá no mato, cara.

No Heath?

É. Bem lá pra dentro.

Talvez. Realmente não faço ideia.

Simplesmente vivendo como animais lá. Já cansei dessa cidade. Estou de saco cheio dela agora, de verdade. A má sorte me persegue, Keisha. É esse o lance. Não corro atrás da má sorte. A má sorte que me persegue.

Não acredito em sorte.

Deveria. Ela governa o mundo.

Ele começou a cantar novamente. A cantar e a declamar um rap, embora o fizesse tão baixinho e os dois fossem tão melancólicos e parecidos no som que Natalie mal podia diferenciá-los.

Aí está essa porra de helicóptero de novo.

Enquanto falava, ele tirou um pacote de Golden Virginia do bolso e esticou um Rizla no joelho. Natalie olhou para cima. Nathan tentou se esconder na sombra da soleira da porta. Juntos eles ficaram vendo as hélices cortarem uma colcha de nuvens. Eles fumaram e fumaram. Ela estava chapada como nunca estivera na vida.

Essa chuva também não vai parar.

Eu podia te mostrar um diário. Seu nome. A cada três linhas — seu nome. Minha amiga Leah, o diário dela. Minha infância foi basicamente isso — escutá-la falar de você! Ela nunca ia admitir isso, mas o homem com quem acabou se casando — ele se parece com você.

Ah, é.

É só que é estranho pra mim o fato de que você pode ser tão importante para outra pessoa e nunca ficar sabendo. Você era tão… amado. Por que está fazendo isso? Você não acredita em mim?

Não, é só que. Taí uma verdade que minha mãe realmente me disse. Todo mundo ama o camarada quando ele tem dez. Com sua carequinha. Todo fofo e alegre. Todo mundo ama o camarada quando ele tem dez. Depois disso ele é um problema. Não dá pra ter dez anos pra sempre.

Que coisa horrível pra se dizer a uma criança.

É, mas é assim que você vê — eu não vejo assim. Pra mim é simplesmente a verdade. Ela estava tentando me dizer uma verdade. Mas você não quer ouvir isso. Você quer ouvir alguma outra merda. Ah, Nathan, eu me lembro de quando era assim e assado e você era todo doce e aquela porra toda, tá me entendendo? Boas lembranças. A última vez que eu estive no pátio da sua casa eu tinha dez, cara. Sua mãe não me deixou passar do portão depois disso, acredite.

Isso não é verdade!

Depois, quando estou com catorze, ela atravessa a rua agindo como se nem tivesse me visto. É assim que eu vejo as coisas. É impossível viver neste país depois que você cresce. Totalmente impossível. Eles não querem você, sua própria gente não quer você, ninguém quer você. Não é assim com as garotas, é uma coisa de homens. No fundo essa é a verdade.

Mas você não lembra…

Ah, Nathan, lembra isso, lembra aquilo — sinceramente, Keisha, eu não lembro. Apaguei esse negócio todo do meu cérebro. Outra vida. Não me serve de nada. Não moro mais lá nos prédios, eu vivo nas ruas agora, outra atitude. Sobrevivência. É isso aí. Sobrevivência. É só o que é. Você fica falando "a gente foi pra mesma escola". E daí? O que você sabe da minha vida? Quando é que esteve na minha pele? O que é que você sabe sobre viver do jeito que eu vivo, acabar do jeito que acabei? Senta no seu banco e fica me julgando. Me perguntando "quem são aquelas garotas?". Fica na sua, meu bem. Você e sua maldita amiga lésbica. Traga ela aqui que eu digo pra ela também. "Você jogava futebol tão bem, todo mundo adorava você." O que é que eu vou fazer com isso? E você vai pra casa pra sua grana e pra sua vida e cadê a minha grana e a minha vida? Senta no seu banco. Fica falando de mim pelos cotovelos. "Como você se sente sendo um problema?" O que é que você sabe sobre isso? O que é que você sabe sobre mim? Nada. Quem é você, pra falar comigo? Ninguém. Nada.

Logo à frente deles um passarinho encharcado pousou numa folha e se sacudiu. Um carro passando fez uma curva fechada, espirrando um lençol de água.

Por que você tá chorando agora? Você não tem nenhuma merda de motivo pra chorar.

Me deixa em paz. Eu sei pra onde estou indo. Não preciso que me guie até lá.

Drama. Você é daquele tipo. Adora um drama.

Só quero que você vá embora. VÁ!

Mas eu não vou pra lugar nenhum. Não dá pra fugir, não dá pra se esconder. Olha, não precisa ficar toda mal-humorada só porque eu te digo umas verdades.

Quero ficar sozinha!

Quer sentir pena de si mesma. Teve uma briguinha com seu homem. Mestiço, o seu homem. Já vi ele chegando na Kilburn com

sua pasta. Olhe só pra você, toda com pena de si mesma. Você sabe que se deu bem quando fica chorando por essas merdas. Você me faz rir.

Não sinto pena de mim mesma. Não sinto nada por mim mesma. Só quero ficar sozinha.

É, bem, mas você nem sempre consegue o que quer.

Natalie se ergueu e tentou sair correndo. Mal se levantou, uma pantufa encharcada ficou presa num buraco da estrada e ela caiu de joelhos.

Pra onde é que você tá indo? Desista, cara! Desista! Quantas vezes mais?

Chovia mais forte que antes. Ela viu a mão dele estendida para ela. Ela a ignorou, pôs as mãos no joelho direito e pegou impulso. Esticou os braços e as pernas feito uma ginasta. Ergueu-se e começou a caminhar o mais rápido que podia, mas quando olhou por cima do ombro viu que ele continuava atrás dela.

Hampstead Heath

Já vi que você tá tentando me dar uma canseira.

Não estou tentando nada. Olha pra frente!

Terminou? Você demora.

Há mais coisas em jogo para uma mulher.

Melhor se apressar. Tem um cara vindo aí com seu cachorro.

Quê?!

Não. Relaxa.

Quem me dera você me deixasse em paz.

Não estou falando nada.

Mas você está falando algo.

Hora do pique-er-nique. Vamos todos fazer um pique-er-nique.

E? Eu costumava fazer piqueniques aqui. Piqueniques. Alguma vez você já fez um piquenique? Estou tentando descrever pra você uma vida normal.

É. Você adora explicar.

Eu costumava vir aqui com a minha igreja.

Lá vamos nós.

Lá vamos nós o quê? Você nunca veio aqui?

Não.

Nunca? Você nunca esteve em Hampstead Heath? Quando éramos crianças? Você nunca veio aqui?

E por que eu viria aqui?

Não sei — porque é de graça, porque é bonito. Árvores, ar fresco, lagos, gramado.

Não era a minha praia.

Como assim não era a sua praia? É a praia de todo mundo! É a natureza!

Se acalma. Coloca sua calcinha.

Esquina da Hornsey Lane

Para de me seguir. Você fica o tempo todo falando comigo. Não consigo escutar meus próprios pensamentos. Preciso ficar sozinha agora.

Mas eu não estou no seu sonho, Keisha. Você é que está no meu.

Estou falando sério. Preciso que você me deixe agora.

Não, mas você não tá entendendo. Escuta: o meu sonho é o meu sonho. Tá me entendendo? O seu sonho é o seu sonho. Você não pode sonhar o meu sonho. O que você come não me faz cagar. Tá me entendendo? Este é o meu sonho — você não pode entrar nele.

Jesus amado, você fala como se fosse o Negro Mágico.

Eu sou pura mágica.

Vá pra casa de uma vez por todas!

Eu não vou pra lugar nenhum.

Se você vai me machucar, não faz nenhum sentido. Chegou tarde demais.

Olha, por que você sequer falaria uma coisa dessas pra mim? Estamos caminhando numa boa como amigos. Não sou uma pessoa má, Keisha. Por que você tá agindo como se eu fosse uma espécie de homem mau? Você se lembra de mim. Sabe quem eu sou.

Eu não sei quem você é. Não sei nada de ninguém. Para de me seguir.

Por que você está sendo fria comigo agora? O que foi que eu te fiz? Não fiz nada pra você.

Quem era aquela garota, a menor, com o lenço na cabeça?

Hã? Por que você está preocupada com ela?

Você mora com ela?

Este é o seu problema: você quer entrar no sonho de todo mundo. Nós estamos — nós estávamos caminhando numa boa como amigos. Por que é que você está sendo grossa comigo agora?

Ela não foi pra Brayton? Ela não me era estranha. O nome dela é Shar?

Não conhecia ela na época. Esse não é o nome dela comigo.

Qual é o nome dela com você?

Estamos no tribunal? Eu chamo minhas garotas de tudo que é tipo de coisa.

O que você faz com suas garotas? Você manda elas roubarem? Você é cafetão delas? Você faz ligações pra mulheres? Você as ameaça?

Ei, ei, calma lá, cara. Você me deixou confuso. Escuta, eu e minhas garotas somos unidos. Isso é tudo que você precisa saber. Elas cuidam de mim. Eu cuido delas. Somos muitos, mas somos um. Dedos numa mão.

Você está se escondendo de alguém, Nathan? De quem você está se escondendo?

Não estou me escondendo de ninguém! Quem disse que estou me escondendo?

Quem é aquela garota, Nathan? O que você faz com as suas garotas?

Você não está batendo bem da cabeça. O que está falando agora é pura maluquice.

Responda a pergunta! Seja responsável por você mesmo! Você é livre!

Não, cara, é aí que você se engana. Eu num sou livre. Nunca fui livre.

Todos somos livres!

Mas eu não vivo como você.

Quê?

Eu não vivo como você. Você não sabe nada sobre mim. Não sabe nada sobre as minhas garotas. Somos uma família.

Uma estranha família.

A única possível.

Hornsey Lane

Hornsey Lane, disse Natalie Blake. Era pra cá que eu estava vindo.

Era verdade. Embora se possa dizer que isso não tinha realmente se tornado verdade até o momento em que ela viu a ponte. Nathan olhou em volta. Coçou a ferida no pescoço.

Ninguém mora aqui. Quem você está querendo ver aqui? Estamos no meio do nada aqui.

Vá pra casa, Nathan.

Natalie foi na direção da ponte. Os postes de luz em cada ponta eram de ferro fundido, com peixes com a boca escancarada esculpidos na base. Eles tinham cauda de dragão, enrolando-se pelo poste, e cada lâmpada ficava dentro de uma esfera de vidro alaranjada. Elas brilhavam, eram do tamanho de bolas de futebol. Natalie tinha esquecido que a ponte não era puramente funcional. Ela fez o máximo que podia, mas não conseguiu ignorar totalmente sua beleza.

Keisha, volte aqui, cara. Estou falando com você. Não seja assim.

Natalie pisou na primeira borda, pequena, apenas alguns centímetros acima do chão. Ela se lembrava de apenas um nível de obstáculo, mas a barreira de um metro e oitenta à sua frente era encimada por ferrões, como uma fortaleza medieval: ferrões em

cima e embaixo, uma imitação em ferro de arame farpado. Deve ter sido assim que eles impediram as pessoas de ir pra lugar nenhum.

Keisha?

A vista estava hachurada. A St. Paul numa caixinha. O Gherkin em outra. Meia árvore. Meio carro. Cúpulas, pináculos. Quadrados, retângulos, meias-luas, estrelas. Era impossível ter qualquer visão do todo. Daqui de cima a faixa de ônibus era uma ferida vermelha atravessando a cidade. Os prédios do conjunto eram a única coisa que ela podia ver que faziam algum sentido, separados uns dos outros e, no entanto, se comunicando. Desta distância eles tinham uma lógica, pilares de pedra enfiados num terreno antiquíssimo, esperando que algo seja colocado sobre eles, uma estátua, talvez, ou uma plataforma. Um homem e uma mulher se aproximaram e se postaram ao lado de Natalie, diante da grade. Uma bela vista, disse a mulher. Ela tinha um sotaque francês. Não parecia nem um pouco convencida do que dissera. Depois de um minuto o casal caminhou de volta colina abaixo.

Keisha?

Natalie Blake olhou em volta e para baixo. Tentou localizar a casa, em algum lugar mais ao pé daquela colina, a oeste daqui. Fileiras de chaminés vermelhas e de tijolos idênticas, estendendo-se para os subúrbios. O vento ficou mais forte, balançando as árvores abaixo. Ela tinha a sensação de estar no campo. No campo, se uma mulher não pudesse encarar os filhos, ou os amigos, ou a família — se ela estivesse coberta de vergonha —, ela provavelmente só precisaria deitar num campo e partir fundindo-se, primeiro com a grama abaixo, depois com a terra embaixo da grama. Uma criança da cidade, Natalie Blake sempre tinha sido ingênua em relação às questões do campo. No entanto, tratando-se da cidade, ela não tinha ilusões. Aqui nada menos do que um rompimento — um rompimento súbito e total — serviria. Ela podia ver o ato perfeita e claramente, ele aparecia diante dela como um objeto em sua mão

— e então o vento balançou as árvores mais uma vez e os pés dela tocaram a calçada. O ato permaneceu apenas isto: um ato, uma perspectiva, sempre possível. Certamente alguém logo viria a esta ponte e o reclamaria, tanto a possibilidade quanto o ato em si, como vinham fazendo com uma sombria regularidade desde que a ponte fora construída. Mas neste exato momento não restara ninguém para fazê-lo.

Keisha, tá ficando frio aqui em cima. Preciso me esquentar. Venha, cara. Keisha, não seja chata. Converse mais um pouco comigo. Desça.

Ela se curvou e pôs as mãos nos joelhos. Tremia de tanto rir. Ergueu os olhos e viu Nathan com o cenho franzido para ela.

Escuta, estou fora. Não posso ficar parado. Você é um maldito de um peso. Você vem ou não?, perguntou Nathan Bogle.

Tchau, Nathan, disse Natalie Blake.

Ela viu um ônibus noturno subindo a rua e desejou ter algum dinheiro. Não sabia o que exatamente tinha sido poupado, nem por quem.

VISITAÇÃO

A mulher estava nua, o homem, vestido. A mulher não tinha percebido que o homem ia a algum lugar. Do lado de fora da janela deles veio o barulho de um carro alegórico de carnaval testando o sistema de som, em algum lugar a oeste, em Kensal Rise. *Out in the street they call it murda*. Depois de alguns compassos a música parou e foi substituída pelo tilintar de um carro de sorvete passando. Brilha, brilha estrelinha. A mulher sentou e olhou em volta procurando a carta que tinha deixado no lado do marido na cama, nas primeiras horas da manhã. Ela tinha levado um dia inteiro e quase uma noite para “organizar seus pensamentos”. Finalmente, no início da segunda-feira, tinha lambido a cola do envelope branco e o colocado sobre o travesseiro dele. Ele o deixara numa cadeira, fechado. Agora ela via seu marido colocar os pés em elegantes mocassins italianos com franja e enfiar um boné de beisebol sobre os cachos. “Você não vai abrir?”, perguntou Natalie. “Estou de saída”, disse Frank. A mulher se ajoelhou numa posição de súplica. Ela mal podia acreditar que tinha acordado para se encontrar na mesma situação de ontem, e de anteontem, que o sono não conseguira apagá-la. Que ela estaria na mesma situação amanhã. Que essa era a sua vida agora. Dois inimigos silenciosos levando os

filhos aos seus compromissos sociais. “Vou ficar fora por algumas horas”, disse o homem. “Quando eu voltar eu tomo conta das crianças até as sete. Você deveria arranjar algum outro lugar para ficar.” A mulher pegou o envelope e o estendeu ao homem. “Frank, leve com você.” O homem tirou um fino volume de uma prateleira de livros — ela estava lenta demais para identificá-lo — e o guardou no bolso de trás. “Confissões são interesseiras”, disse ele. Saiu do quarto. Ela o ouviu descer as escadas, fazendo uma breve pausa no segundo piso. Alguns minutos depois a porta da frente bateu.

Havia uma escolha por estagnação ou propulsão. Ela se vestiu rapidamente, dramaticamente, de azul-claro e branco e desceu correndo um lance de escadas. Seus filhos a encontraram no corredor. Naomi estava de pé sobre uma caixa virada. Spike estava estendido no chão de barriga para baixo. Ambos estavam prateados. Rostos prateados, roupas borrifadas com prata, chapéus de papel-alumínio. Natalie não sabia ao certo se isso era consequência de um acontecimento dramático, uma espécie de jogo ou ainda alguma outra coisa.

“Cadê a Maria?”, ela perguntou, mas logo respondeu sua própria pergunta: “Segunda é feriado. Por que vocês estão usando isso?”

“Carnaval!”

“De novo? Quem falou em dois dias?”

“Sou um robô. Há um concurso. Maria que fez. Usamos todo o papel-alumínio.”

“Os dois são robôs.”

“Não! Spike é um robô-cachorro. Eu sou o robô principal. Começa às duas. Custa cinco libras.”

Se ela continuasse recebendo esse tipo de descrição clara e útil dos fenômenos por parte dos filhos era possível que todos eles

conseguissem sobreviver às poucas horas que tinham pela frente. Aos poucos anos que tinham pela frente.

“Que horas são agora?” Os filhos de Natalie esperaram ela conferir seu celular. “Não podemos ficar aqui. Está um lindo dia. Precisamos sair.”

Cada criança tinha seu próprio quarto — havia espaço suficiente na casa para que todos dormissem sozinhos —, mas, alheias à lógica do capital, as crianças insistiam em dormir juntas, e no menor quarto, num beliche, cercadas por uma montanha de roupas. Natalie escavou em meio a essa bagunça à procura de algo adequado.

“Eu não quero me trocar”, disse Naomi.

“Eu não quero!”, disse Spike.

“Mas vocês estão ridículos”, argumentou Natalie.

Nos olhos da filha Natalie viu sua própria determinação, tão celebrada, refletida de volta para ela, com o dobro de intensidade. No andar de baixo, no hall, ela pôs o robô-cachorro no carrinho e teve uma discussão com o robô sobre se ele deveria ou não ter autorização para levar o patinete. Ela perdeu essa também. Fechou a porta da frente e olhou para a cara pilha de tijolos e argamassa. Certamente logo seria dividida, teria todo o seu conteúdo encaixotado e redistribuído, seus ocupantes separados, reinstalados. Finalmente uma nova combinação de almas otimistas, com a intenção de “construir uma vida” para si, atravessariam seu limiar. E em certo sentido não era difícil se projetar no futuro dessa forma, contanto que se fiasse em abstrações.

Dois minutos descendo a rua, a filha de Natalie cansou do patinete e pediu para subir nas costas da mãe. Natalie prendeu o patinete no carrinho e deixou a filha subir. Naomi esticou a cabeça para a frente de forma que sua bochecha macia ficasse pressionada

contra o rosto da mãe e seu cabelo selvagem voasse para dentro da boca da mãe.

“Por que você insiste em trazer o patinete se sabe que não vai querer usá-lo?”

A criança falou com os lábios molhados roçando na orelha da mãe: “Não sei o que eu vou querer até eu querer”.

A mãe olhou para as cestinhas dos filhos.

Naomi: pasta de dente, bola de borracha, adesivos, forcado grande e vermelho, livro.

Spike: bola de borracha, bola de borracha, pato de plástico que brilha, pacote de Bombril, espada de plástico.

Cinco libras pra cada um, cinco itens. Poundland. Natalie se lembrava de fazer isso com Marcia em Woolworths, antigamente, mas na época era uma libra, e o seu dinheiro valia muito mais, e tudo tinha de ser “útil”.

“Estou interessada no processo de escolha aqui.”

“Ajudei Spike a escolher. Mas ele escolheu isso.”

“Você não vai querer um Bombril, querido.”

“MAS EU QUERO.”

Natalie pegou o ancinho.

“É pro Halloween.”

“Nom, estamos em agosto.”

“MAS EU QUERO!”

“Falando sério”, disse Naomi, com um olhar muito sério, “é uma pechincha.”

No balcão eles estavam vendendo o *Kilburn Times* por vinte e cinco pence.

Num sofá esfarrapado, um senhor rastafári está sentado mostrando uma foto do filho adulto. Atrás do pai está sentada uma bela jovem, segurando com força a mão esquerda do pai entre as suas. Havia uma profunda miséria no rosto de ambos que Natalie descobriu não ser capaz de encarar de nenhuma forma. Virou a cópia de cima e dobrou o jornal ao meio.

“E um daqueles”, disse ela.

Eles tinham tempo para matar. Natalie não fazia ideia do que ia acontecer com todos eles depois que matassem o tempo. Foram até o pet shop. Natalie alforriou o robô-cachorro. Ela ficou vendo o robô e o robô-cachorro descerem correndo a rampa de entrada, para a liberdade. Desdobrou o jornal e tentou caminhar e ler e empurrar o carrinho e ficar de olho nas duas belas crianças enquanto passeavam pela loja cavernosa, conversando com lagartos ou discutindo a diferença entre um hamster e um gerbo. Ela ficou tentada a ligar para Frank — ele tinha um dom mais forte para a realidade que ela, especialmente para a cronologia —, mas ligar para Frank implicava explicar coisas para as quais ela não tinha explicação. Duas noites atrás. Seis da tarde. Albert Road. Seus olhos não paravam de voltar para o mesmo bloco de texto, tentando extrair um tantinho mais de significado dele. Ela não sabia ao certo se estava tentando se inserir no drama de outra pessoa — como Frank com frequência dizia que ela costumava fazer — ou se ela realmente sabia algo sobre o que tinha acontecido àquela hora naquela rua. Agora tentou enxergar a palavra “Felix” na fotografia dentro da fotografia. As covinhas e a expressão alegre e machona. A blusa preta e amarela impecável, com capuz. Era fácil fazer isso. Ele era local, e ela o reconheceu, sem ser capaz de dizer mais nada de definitivo sobre ele. Exceto talvez que ele era igualzinho a um Felix.

Tirou os olhos do jornal. Chamou. Nada. Foi até os peixes, os lagartos, os cachorros e os gatos. Nenhum lugar. Ela lembrou a si mesma de que não era do tipo histérico. Voltou num passo apenas ligeiramente mais rápido pela rota que tinha acabado de completar, chamando-os pelo nome num tom mais do que razoável. Nada, nenhum lugar. Ela abandonou o carrinho e dirigiu-se rapidamente para o balcão. Fez a duas pessoas uma pergunta muito simples, a qual elas responderam com uma falta de urgência exasperadora. Voltou para os peixes, e para os lagartos, gritando. Ela entendia que os filhos não tinham sido sequestrados ou assassinados e que provavelmente não estavam a mais de quinze metros do ponto onde ela estava parada no momento, mas passar por essa série lógica de afirmações não ajudou em nada no sentido de impedir a explosão de tudo o que agora acontecia dentro dela. Teve uma visão do fosso que separa as pessoas que já experimentaram uma dor insuportável das que não experimentaram. Na mesma hora começou a suar por todos os poros. Um homem de avental se aproximou para pedir que se acalmasse. Ela passou por ele de supetão e saiu correndo para a rua. E foi nesse fosso que ela quase tinha colocado Frank, seus filhos, sua mãe, Leah. Todos os que algum dia se importaram com ela.

Ela deu um passo para a esquerda, então parou de repente: era um instinto de direção por algum motivo rejeitado. Mudou o rumo e correu para o armazém ao lado, descendo por outra rampa para outra caverna, cheia de manequins sem rosto de *hijab* e enormes faixas de seda preta dobradas e dispostas em inúmeras pilhas quadradas por longas prateleiras. Ela correu sem nenhum plano em torno das prateleiras com tecidos, lenços e vestidos bordados e depois de volta para a rua e de volta rampa abaixo para o pet shop, onde de imediato avistou os dois, sentados no chão nos fundos da loja diante de gaiolas de coelhos.

Caiu de joelhos e os agarrou com as duas mãos. Beijou o rosto deles de cima a baixo, uma oferta que eles aceitaram sem fazer comentários.

“Você comeria um coelho?”, perguntou Naomi.

“Como?”

“Você já comeu coelho alguma vez na vida?”

“Não… quero dizer, as pessoas comem. Eu não. Espera — é o meu celular. Vocês não deveriam sumir desse jeito. Me deram o maior susto.”

“Por que você não come coelhos?”

“Querida, eu não sei, só nunca quis comer. Deixa eu atender isso aqui. Alô?”

“Você come porco, galinha, carneiro. E peixe.”

“Você tem razão — realmente não faz sentido. Alô? Quem é?”

Michel. Ela pôde perceber na hora que ele estava muito angustiado. Ela se ergueu e se afastou alguns passos das crianças, erguendo um dedo para dizer aos dois que deveriam ficar onde estavam.

“Ela está deitada lá fora no sol”, disse Michel. “Se recusa a falar. Não sei mais o que fazer. Por que ela me odeia?”

Natalie tentou acalmá-lo. Ela se colocou no papel de Frank: estabelecer uma cronologia. Mas nada fazia sentido. Alguma coisa sobre a farmácia. Fotografias.

“Não estou entendendo”, disse Natalie Blake, um pouco impaciente.

“Então eu perguntei pra ela: qual é o problema? Qual é o problema realmente? Ela disse: ‘Olhe a caixa na gaveta’. Então eu olhei.”

“E o que era?”, perguntou Natalie, sentindo que na verdade estava se extraindo até a última gota de drama desnecessário da história. Ela estava ansiosa para voltar aos filhos.

“Pílulas. A gente está tentando já faz um ano! Não sei se ela esteve tomando esse tempo todo. As caixas estão no seu nome. Você deu as pílulas pra ela, Natalie? Por que você faria isso comigo? Mas que porra, cara!”

Os filhos de Natalie agora ficaram do seu lado e cada um pegou uma perna e começou a puxar, enquanto Natalie se defendia da imputação de colaboração. Normalmente todas as suas energias estariam voltadas para a defesa — ela fora treinada nisso —, mas enquanto falava sua mente viajou para o que pareceu ser um campo aberto, onde foi capaz de quase imaginar algo parecido com a dor de seu amigo e, ao imaginá-la, recriar uma versão dela em si mesma.

“Eu realmente sinto muito.”

“Por que ela mente pra mim? Ela não é mais a mesma. Ela me disse que começou a orar. Ela não é mais a mesma. Desde que Olive morreu ela não é mais a mesma.”

“Não, ela é. Ela ainda é Leah.”

“Por que ela me odeia?”

“Mãe — vamos, mãe. Agora! Vamos!”

“Leah te ama. Ela sempre amou. Só não quer ter um bebê.” Lucidez. Brilhante, ofuscante, livre de juízo, impossível de contemplar por mais do que um momento, e logo transfigurada em alguma outra coisa. Ainda assim, por um momento ela esteve lá.

“Venha, por favor.”

Os três estavam sentados no ponto de ônibus em frente à Poundland, esperando o noventa e oito. Uma senhora na casa dos setenta, com uma atraente faixa branca em seu cabelo preto, explicava como tinha escapado da revolução com um Yorkshire terrier na bolsa de mão, num avião fretado pelo próprio xá. Não este terrier, mas o antepenúltimo. Mas em certo sentido só fui me tornar

uma boa muçulmana de fato quando vim para Kilburn. Foi aqui que eu realmente me tornei muito santa. Eu achava que cachorros fosse *haraam*, disse Natalie. Não o meu. Mindy-Lou é um presente de Deus. Deixe ela dar uma lambida nos seus filhos. É uma benção disfarçada.

Chegou o ônibus. Natalie ficou sentada com a testa batendo contra o vidro. A Cock Tavern. McDonald's. A velha Woolworths. A casa de apostas. O State Empire. Willesden Lane. O cemitério. Quem foi que disse que estas eram coordenadas fixas às quais ela tinha de ser eternamente fiel? Como poderia ludibriá-las? A liberdade era absoluta e estava por toda parte, constantemente mudando de lugar. Você não podia esperar encontrá-la apenas nos velhos e conhecidos lugares. Assim como não podia forçar outras pessoas a tirar a roupa e dá-la a você como um presente. Lucidez! E quando percebi que Mindy-Lou podia na verdade falar comigo através da minha mente, bem, então eu realmente tive um momento, como num livro de histórias ou num filme, e eu soube que sempre seria cuidada e amada por todos que conhecesse até o fim. Certo, disse Natalie, erguendo Naomi e manobrando o carrinho até a porta. Bom falar com você. A gente salta aqui.

Na porta, Michel pegou a mão de Natalie e a guiou pelo corredor, pela cozinha e através do gramado, como se aquilo fosse uma expedição e ela não fosse conseguir encontrar o caminho sem ele. "Talvez eu deva arranjar outro cachorro. Não sei o que ela quer." Ele estava desolado. Que homem querido. Natalie pôs uma mão na testa para se proteger do sol de agosto. Ela avistou Leah deitada na rede do jardim, totalmente exposta. Aqui ela tinha ficado por várias horas, recusando-se a falar. Natalie tinha sido trazida para uma consulta de emergência. Ela tentou se aproximar silenciosamente com os filhos, mas eles estavam se arrastando pendurados nela,

ambos com muito calor e aos berros, atrasando-a. Michel ofereceu-se para levá-los à cozinha. Eles se agarraram a ela. “Talvez se você encher estes aqui”, disse Natalie, estendendo a Michel dois recipientes de plástico. “Crianças, vão. Vão com Michel.” Ela se sentou num banco de frente para a rede e falou o nome de sua boa amiga. Nada. Perguntou a Leah qual era o problema. Nada. Ela tirou as sandálias e pôs os pés nus na grama. Com o que restara da lucidez, ofereceu à sua amiga uma seleção de aforismos, axiomas e provérbios cujo verdadeiro sentido só podia supor com base em sua circulação comum, do jeito que uma pessoa coloca sua fé no valor de notas de dinheiro. A honestidade é sempre o melhor caminho. O amor vence tudo. Cada louco com sua mania.

Ela falou e Leah não a impediu, mas Natalie estava perdendo tempo. Estava violando aquela lei feminina que afirma que nenhuma fraqueza pode ser demonstrada por uma mulher a outra mulher sem que um sacrifício de igual valor seja feito em troca. Até que Natalie pagasse, na forma de uma história recém-criada, de preferência íntima, com sorte secreta, nada lhe seria dito em troca, nem sua boa amiga Leah Hanwell daria ouvidos a qualquer conselho.

“Leah”, gritou Natalie Blake, “Leah. Estou falando com você! Leah!”

Ela ouviu Spike chorando; ele estava correndo na direção dela, tinta prata escorrendo pelo rosto, e logo ele estava em cima dela, e ela o pegou e tentou escutar e entender a injustiça que ele acreditava ter sido cometida com ele. Leah virou a cabeça para Natalie muito lentamente. Spike estava deitado no colo da mãe. O nariz de Leah estava queimado e descascando.

“Olhe só pra você”, disse Leah. “Mãe e filho. Olhe só pra você. Você parece a porra da Madona.”

Um filho. Filhos. Não bebês, não uma coisa a ser meramente administrada por um tempo. Lindos, incompreensíveis, e não seus braços ou suas pernas ou qualquer outra extensão dela. Natalie apertou Spike contra si com tanta força que ele começou a reclamar. Era o conhecimento como uma espécie sublime de presente, inadvertidamente dado. Ela queria dar à sua amiga algo de igual valor em troca. Se a franqueza fosse uma coisa no mundo que uma pessoa pudesse possuir e reter, se ela fosse um objeto, talvez Natalie Blake tivesse percebido que o presente perfeito neste momento era uma descrição honesta de suas próprias dificuldades e ambivalências, claramente apresentadas, sem disfarces, enfeites ou floreios. Mas o instinto de autodefesa de Natalie, de autopreservação, era simplesmente forte demais.

"Não vou me desculpar pelas minhas escolhas", disse ela.

"Ah, meu Deus, Nat, quem está pedindo isso de você? Vamos deixar pra lá. Não quero discutir com você."

"Ninguém está discutindo. Estou tentando entender o que realmente há de errado com você. Não acredito que esteja sentada aqui flertando com câncer de pele porque não quer ter um bebê."

Leah se virou na rede e ficou de costas para Natalie.

"Eu só não entendo por que tenho esta vida", ela disse, baixinho.

"Como?"

"Você, eu, todos nós. Por que aquela garota e não nós. Por que aquele pobre coitado na Albert Road. Não faz sentido para mim."

Natalie franziu a testa e cruzou os braços sobre o corpo. Ela estava esperando uma pergunta mais difícil.

"Porque nós trabalhamos mais duro", disse ela, apoiando a cabeça no encosto do banco para contemplar o céu aberto. "Éramos mais espertas e sabíamos que não queríamos acabar mendigando na porta de outras pessoas. Queríamos sair. Pessoas como Bogle — elas não quiseram o suficiente. Me desculpe se você acha essa resposta feia, Lee, mas é a verdade. Esta é uma das coisas que

você aprende num tribunal: as pessoas geralmente recebem o que merecem. Sabe, uma das vantagens de ter filhos é que não sobra muito tempo pra deitar em redes se deprimindo com esse tipo de pergunta abstrata. Na minha visão você está bem. Você tem um marido que você ama e que te ama — e ele não vai parar de fazer isso se você simplesmente lhe disser a verdade sobre o que está sentindo. Você tem um emprego, amigos, família, um lugar para", disse Natalie, continuando com sua brilhante lista, mas a essa altura ela tinha se tornado automática, autorreferencial, e o seu único pensamento verdadeiro estava em Frank e no quanto ela queria falar com ele.

"Vamos falar sobre outra coisa", disse Leah Hanwell.

Michel atravessou o gramado com Naomi, trazendo uma bandeja de bebidas, dois copos com tampa e uma garrafa de vinho branco com taças.

"Ela fala?", perguntou ele.

"Ela fala", disse Leah.

Michel serviu o vinho para os adultos.

"Por favor", disse Leah, aceitando uma taça, "não quero fazer isso na frente das crianças. Vamos falar sobre outra coisa."

"Acho que eu sei o que aconteceu na Albert Road", disse Natalie Blake.

Primeiro eles mandaram um e-mail. Um site da polícia para denúncias anônimas. Mas isso foi anticlímax, pouco satisfatório, e depois de o fazerem ficaram encarando a tela, sentindo-se desapontados. Decidiram fazer a ligação para a delegacia de polícia de Kilburn.

"No mínimo", disse Leah Hanwell, que parecia cheia de uma nova energia, "Nathan Bogle é uma pessoa de interesse. Com base no

que você disse. E considerando o que a gente já sabia. Sobre o caráter dele. No mínimo ele é uma pessoa de interesse."

Certamente uma pessoa de interesse.

"Você tem razão", disse Natalie Blake. "É a coisa certa a fazer", e alguns minutos depois, enquanto eles mais uma vez repassavam as partes discrepantes da história, Leah disse a mesma coisa para Natalie.

Pelas portas de vidro eles observaram as crianças girando no gramado. Leah encontrou o número on-line. Natalie ligou. Foi Keisha quem falou tudo. Com exceção do fato de ela ter tirado o celular do próprio bolso, todo o processo a lembrou muito daquelas ligações que as duas boas amigas costumavam fazer para os garotos de que gostavam, no passado, e sempre num estado de espírito ligeiramente histérico, duas cabeças pressionadas contra um fone.

"Tenho uma coisa para te dizer", disse Keisha Blake, disfarçando a voz com sua própria voz.

Agradecimentos

Por criarem o tempo: Mariya Shopova, Sharon Singh, Seeta Oosman, Liberdade©, Autocontrole©.

Por criar a autora: Yvonne Bailey-Smith.

Por lerem o livro: Simon Prosser, Georgia Garrett, Ann Godoff, Sarah Manguso, Gemma Sieff, Hilton Als, Tamara Barnett-Herrin, Devorah Baum, Sarah Kellas, Darryl Pinckney, Sarah Woolley, Daniel Kehlmann, Anelise Chen, Josh Appignanesi.

Por serem locais: Jim Ford, Len Snow.

Por conhecerem a lei: Alison Macdonald, Matthew Ryder.

Por inspiração: *The Black House*, de Colin Jones, um modelo para a “Casa Garvey”.

Por ser uma amiga ideal: Sarah Kellas.

Por tudo isso e muito mais, por tudo: Nick Laird. Obrigada.

Autorizações

O editor agradece a autorização para reproduzir os seguintes trechos:

“Welcome to Jamrock”, letra e música de Ini Kamoze, Damian Marley & Stephen Marley © Copyright 2005 Ixat Music Incorporated/Universal Songs of Polygram Incorporated/Biddah Muzik Inc./Universal Music Publishing Limited/EMI Music Publishing Limited/Universal Music Publishing MGB Limited. Todos os direitos reservados. Protegida pelas leis internacionais de copyright. Usada com permissão de Music Sales Limited.

“You Really Got Me”, letras e música de Ray Davies © 1964 Edward Kassner Music Co. Ltd. For the World. Usada com permissão. Todos os direitos reservados.

“Village Green Preservation Society”, letra e música de Ray Davies © Davray Music Ltd. & Carlin Music Corp. Londres NW I 8BD. Todos os direitos reservados.

“Willesden Green”, letra e música de Raymond Douglas Davies © 1971. Reproduzida com permissão de EMI Music Publishing Ltda, Londres W8 5SW.

“If I Ruled the World (Imagine That)”, de Nas, Allan Felder, David Reeves, Kurt Walker, Jean Olivier, Jean O’Bryant, Samuel Barnes, Normal Harris © Universal Music Publishing Limited/Warner

Chappel/Chrysalis One Pub/International Music Network. Usada com permissão de Music Sales Limited.

Todos os esforços foram feitos para identificar os detentores de direitos autorais e obter sua autorização para o uso de material protegido. O editor pede desculpas por quaisquer erros ou omissões e agradece se for notificado por eventuais correções que devam ser incorporadas a futuras edições deste livro.



DOMINIQUE NABOKOV

ZADIE SMITH é considerada uma das escritoras mais talentosas de sua geração. Aos 24 anos lançou seu primeiro livro, *Dentes brancos*, enorme sucesso de público e crítica, que vendeu mais de 1,5 milhão de exemplares nos países de língua inglesa. Seu terceiro romance, *Sobre a beleza*, foi indicado em 2005 ao The Man Booker Prize, um dos maiores prêmios literários do mundo, e venceu o Orange Prize de ficção de 2006.

Copyright © 2012 by Zadie Smith
Proibida a venda em Portugal

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
NW

Capa
Marcos Kotlhar

Preparação
Lígia Azevedo

Revisão
Angela das Neves
Luciana Baraldi

ISBN 978-85-8086-989-7

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Capa
Rosto
Visitação
Hóspede
Anfitriã
Travessia
Visitação
Agradecimentos
Autorizações
Sobre a autora
Créditos